UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
HELENA IRACY CERQUIZ SANTOS NETO

ANÁLISE DO DISCURSO RADIOFÔNICO:
O ACONTECIMENTO APAGÃO EM FLORIANÓPOLIS

Palhoça
2015

HELENA IRACY CERQUIZ SANTOS NETO

ANÁLISE DO DISCURSO RADIOFÔNICO: O ACONTECIMENTO APAGÃO EM FLORIANÓPOLIS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Solange Leda Gallo.

Palhoça

2015

S23 Santos Neto, Helena Iracy Cerquiz, 1977-
Análise do discurso radiofônico : o acontecimento apagão em Florianópolis / Helena Iracy Cerquiz Santos Neto. – 2015. 292 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós- graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Profa. Dra. Solange Leda Gallo

1. Análise do discurso. 2. Rádio. 3. Serviços de eletricidade - Florianópolis (SC). I. Gallo, Solange Leda, 1957-. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

HELENA IRACY CERQUIZ SANTOS NETO

ANÁLISE DO DISCURSO RADIOFÔNICO:
O ACONTECIMENTO APAGÃO EM FLORIANÓPOLIS

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 29 de maio de 2015.

Professora e orientadora Solange Maria Leda Gallo, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Freda Indursky, Doutora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Doutor
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Giovanna Gertrudes Benedetto Flores, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Andréia da Silva Daltoé, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Aos meus pais, Laudelino e Maria Julieta e à minha irmã, Carolina, *in memorian*.

O sentido será sempre o de falta para explicar o tamanho do nosso amor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a quem nos ajudou a elaborar esta tese... Momento delicado, muitas imagens de pessoas queridas me vêm à mente... Presentificar, a partir deste singelo texto, o quanto vocês são importantes para mim, um agradecer espontâneo, involuntário, que acolhe meu coração...

Um querer bem enorme, manifestado àqueles que possuem e demonstram diariamente seu amor por mim...

Muito obrigada aos meus pais, Laudelino e Maria Julieta: amor incondicional demonstrado de muitas maneiras cotidianamente. Além disso, vocês foram os principais inspiradores e incentivadores a desvendar novos universos com a pesquisa científica, a me inscrever no mestrado e posteriormente doutorado em Ciências da Linguagem. E foi assim durante minha vida... É muito bom poder ter uma família em que a vida intelectual é uma constante.

À minha orientadora de longa data, a quem me apresentou a Análise do Discurso... Solange Gallo, que a todos ilumina... Seu sorriso encantador, sua delicadeza com as palavras, o olhar atento, zeloso e minucioso de orientadora... Obrigada por esses anos de estrada juntas, é um presente poder conviver e ser sua orientanda!

O meu muito obrigada aos amigos os quais conquistei no PPGCL e durante a longa jornada como professora na Unisul... E aos meus amigos de toda a vida, por compreenderem a ausência e continuarem grandes incentivadores, por acreditarem nos meus projetos. Vocês estão nominados no meu coração, numa marca indelével...

Aos professores que prontamente aceitaram participar de minha banca de tese, que acolheram com afetuosidade o convite... Serei sempre grata pelos comentários, sugestões e, saibam, recebo-os com grande alegria e orgulho de poder tê-los neste momento tão importante de minha vida, que arduamente sonhei e batalhei por isso...

A memória é sempre com um sorriso nos lábios, os olhos cintilantes e um coração repleto de gratidão a todos vocês...

"Nós vos pedimos com insistência:
Nunca digam - Isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia,
Numa época em que corre o sangue
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza
Não digam nunca: Isso é natural
A fim de que nada passe por imutável."
(Bertold Brecht)

RESUMO

O blecaute elétrico mais importante da história florianopolitana, o Apagão, repercutiu também no fornecimento de água à grande parte dos bairros insulares. O acontecimento social foi um marco midiático à história catarinense pela intensa cobertura jornalística das emissoras radiofônicas CBN Diário e Guararema, ambas de amplitude modulada – AM. O acontecimento social discursiviza-se quando as emissoras passam a fazer a cobertura praticamente ininterrupta por cinquenta e cinco horas. A situação também foi de apagão midiático porque somente as duas emissoras mantiveram-se no ar. Com base nos estudos pecheutianos da análise do discurso, no entremeio com o Jornalismo, buscamos nesta tese compreender como os sentidos movimentaram-se durante o Apagão florianopolitano. A partir da escuta discursiva da cobertura jornalística do evento, nosso recorte pauta-se na relações de interlocução e autoria como forma de procurar entender o funcionamento discursivo do rádio informativo. Para tal, mobilizamos os conceitos de memória, reversibilidade, interação e interlocução, em confronto com os acontecimentos jornalístico, discursivo e enunciativo. O movimento teórico-analítico propicia algo novo, pois o evento Apagão resulta em acontecimentos discursivos e enunciativos, mas que se mantém em latência na interdiscursividade até estabelecer uma nova discursividade na década posterior à cobertura jornalística da pane elétrica ilhoa.

Palavras-chave: Apagão em Florianópolis. Análise do Discurso. Rádio.

ABSTRACT

The most important electric blackout in the history of Florianópolis, the *Apagão*, also affected the normal water supply in many insular neighborhoods. The social event was a media framework to the Catarinense history by the intense journalistic covering of the following AM radio stations: CBN and Guararema. There was a discursive social occurrence when radio stations started covering the issue for 55 hours in a row. There was also a media blackout because only two radio stations were working live. Based on Pêcheux studies of discourse analysis in the journalistic environment, the present thesis aims at understanding how senses behave during the blackout. Starting from the discursive hearing of the media, the research is related to interlocution relations and informative radio authorship as a way to understand how they work. Thus, it is necessary to use the concepts of memory, reversibility, interaction and interlocution in opposition to enunciative, discursive and journalistic facts. The analytical-theoretical movement offers something new since the event *Apagão* results in discursive and enunciative occurrences. However, they are latent in the interdiscursivity until establishing a new discursivity one decade after the journalistic coverage on the island's blackout.

Keywords: Florianópolis blackout. Discursive analysis. Radio.

RÉSUMÉ

La panne d'électricité la plus importante dans l'histoire de Florianópolis, le Black-out, a aussi eu un impact significatif dans la fourniture d'eau à une grande partie des quartiers environnants de l'île. L'évènement social a été un point de repère médiatique pour l'histoire catarinense, compte tenu de l'intense couverture journalistique des stations radiophoniques CBN Journalière e Guararema, à la fois en amplitude modulée -AM. Des discussions surgirent autour de l'évènement quand les radiodiffusions ont passé pratiquement cinquante cinq heures de couverture sans interruption. La situation a été également d'un black-out médiatique puisque seul les deux stations arrivaient à émettre pendant l'évènement. Sur la base des études pecheutianos d'analise de discours, de concert avec le journalisme, nous cherchons a comprendre dans cette thèse comment se manifestait la désinformation durant le black-out florianopolitain. A partir de l'écoute discursive de la couverture journalistique de l'évènement, notre coupure a été résolue à travers des échanges au sein de la radiodifusion; comme un moyen d'essayer de comprendre le fonctionnement discursif de la radiodifusion. Pour cela, nous mobilisons les concepts de mémoire, réversibilité, interaction, et de dialogue, en confrontation avec les évènements médiatiques, discursifs et énonciatifs. Le mouvement théorique et analytique offre quelque chose de nouveau, parce que le Black-out resulte en évenements discursifs et énonciatifs; mais qui reste en veille dans l'interdiscursivité jusqu'à établir un nouveau discours dans la décenie après la couverture journalistique de la panne électrique de l'île.

Mots-clés : Black-out à Florianópolis. Analyse de discours. Radio.

SUMÁRIO

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO – A ILHA DOS CASOS E OCASOS: O APAGÃO..12
1.1 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....16
1.1.1 A constituição do *corpus*.....20
1.1.2 Recortes *em curso*.....21
2 DISCURSO, JORNALISMO E MEMÓRIA . ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
2.1 EFEITOS IDEOLÓGICOS .....**ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.**
2.2 CENSURA INSTITUCIONALIZADA *VERSUS* LIBERDADE DE EXPRESSÃO 36
2.3 MEMÓRIA DO/NO DISCURSO 46
2.4 ACONTECIMENTO NO JORNALISMO.....53
2.5 A INSCRIÇÃO DO SUJEITO 55
3 TEXTUALIDADE ÀS ESCURAS 61
3.1 DESLIZE DE SENTIDOS 67
3.2 À BASE DE PILHAS.....70
3.3 ACONTECIMENTO(S)? .....**ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.**
4 MATERIALIDADE DISCURSIVA 78
4.1 TOMADAS DE POSIÇÃO.....81
4.1.1 Tipo 1: identificação.....82
4.1.1.1 O início de tudo... 83
4.1.2 Tipo 2: contra-identificação 101
4.1.2.1 Mau jornalismo? 103
4.1.2.1.1 Da ordem da raridade 108
4.1.3 Tipo 3: desidentificação 114
4.1.3.1 No limiar da FD.....115
4.2. UM EFEITO DE FECHO 128
4.2.1 Movimento I.....129
4.2.2 Movimento II.....131
4.2.3 Movimento III 132
4.2.4 Quadros comparativos.....133
4.2.5 Silêncio.....139
4.2.6 Autoria.....141
5 CONCLUSÃO.....144
6 REFERÊNCIAS.....152

ANEXOS **159**
ANEXO A TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS ANALISADOS **160**
ANEXO B RÁDIO CBN DIÁRIO **272**
ANEXO C RÁDIO GUARAREMA **279**
ANEXO D APAGÕES PELO MUNDO **282**
ANEXO E APAGÃO EM FLORIANÓPOLIS **288**

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO – A ILHA DOS CASOS E OCASOS: O APAGÃO

O Apagão, como assim ficou conhecida a pane elétrica na região insular da capital catarinense, teve início às 13h17min da quarta-feira de 29 de outubro de 2003. Ao todo foram cinquenta e cinco horas sem energia elétrica. Em função de fortes ventos, no sábado, primeiro de novembro, faltou novamente energia elétrica, das 19h até por volta das 23h. No domingo, para manutenção técnica do cabeamento paliativo, a Ilha ficou sem energia das 6h às 9h, quando a situação foi normalizada. Além disso, a ponte Colombo Salles ficou fechada para circulação de veículos entre a noite da sexta-feira 31 de outubro até por volta das seis horas da manhã da segunda-feira dois de novembro, sem esquecer de que grande parte da população insular moradora ficou sem fornecimento de água pela CASAN[1] durante todo o episódio, chegando a até setenta duas horas após o retorno da energia elétrica. Apenas os moradores do Centro e aqueles que não dependiam do abastecimento pela Casan não foram prejudicados.

O blecaute ocorreu na parte insular florianopolitana a partir de uma explosão no início da tarde de 29 de outubro de 2003. O acidente aconteceu numa das galerias da Ponte Colombo Salles, que liga Florianópolis ao continente, quando técnicos da CELESC[2], ao fazerem a manutenção da rede elétrica foram surpreendidos pela explosão de um "liquinho", um pequeno fogareiro a gás que estava sendo usado para iluminar a obra. A consequência do acidente que, por sorte não foi fatal ao grupo, apesar de um dos técnicos ter caído ao mar após a explosão, foi o rompimento de um cabo de transmissão deixando a Ilha sem energia elétrica por quase três dias.

O caos se estabeleceu aliado à indignação em razão da precariedade e da vulnerabilidade da transmissão de energia elétrica à capital catarinense, somente via cabo pela ponte Colombo Salles, e ao imponderável de acontecer justamente quando a capital sediava dois eventos internacionais de grande porte, a etapa brasileira do Circuito Mundial de Surf, conhecido como WCT – *World Championship Tour* – e o *Futurecom*. O primeiro, é o principal campeonato de surf mundial, em que os melhores atletas do meio disputam o título mundial; o segundo, considerado "[...] o maior e mais qualificado evento do setor de comunicações da América Latina, e tem como objetivo

[1] CASAN é a sigla para a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.

[2] Por sua vez, CELESC é a sigla das Centrais Elétricas de Santa Catarina.

reunir as forças de mercado, proporcionando às empresas e aos profissionais participantes um ambiente adequado e estimulante para o desenvolvimento de negócios, de relacionamentos e de conhecimentos" (FUTURECOM, 2011). Ainda de acordo com os dados fornecidos pelo saite do evento, cerca de quinze mil pessoas, oriundas de quarenta países, circulavam pelos estandes do *Futurecom* em 2003.

O acontecimento discursivizou-se quando o meio radiofônico local passou a cobrir o episódio. As rádios CBN Diário e Guararema ficaram no ar, ao vivo, praticamente durante todo o episódio. Elas atingiram o mais alto índice de audiência entre as AM's e FM's, destacando-se em meio à nova configuração que tomou o urbano em Florianópolis nesses três dias de blecaute. As emissoras prestaram papel essencial como meio de comunicação social. O meio radiofônico é, segundo Barbosa Filho (2003, p. 135), o gênero de serviço, "[...] caracterizado como informativo de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população, devendo acompanhar a dinâmica dos acontecimentos e sua transitoriedade".

Mesmo sem ter a noção da gravidade do problema nas primeiras horas de queda de energia, o improviso num primeiro momento e a intensa pesquisa jornalística deram o tom ao acontecimento que seguiu em uma cobertura de cinquenta e cinco horas ininterruptas, conforme relatam Denardi e Medeiros (2007). Neste contexto, a Análise do Discurso[3] faz-se pertinente como justificativa teórica, pois ela permite entender a discursividade que permeia as relações sociais, a partir do estudo das condições de produção, das marcas textuais e, sobretudo, dos gestos de leitura (inclusive do analista) e de como os sentidos se formam, movimentam-se e transformam-se para que se possa compreender melhor a sociedade na qual estamos inseridos como sujeitos discursivos que somos.

O gesto de análise permitirá compreender o funcionamento discursivo das relações de interlocução e a autoria presente no meio rádio em uma situação limite de um acontecimento social. Esta tese é uma investigação do funcionamento discursivo dos meios de comunicação eletrônicos, notadamente o rádio. Para tal, o ancoradouro teórico e analítico é baseado nos estudos de linguagem, particularmente da AD no entremeio com o Jornalismo.

No que se refere à teoria da AD, ela, por constituição, inscreve-se no entremeio entre o marxismo, a psicanálise e a linguística. É uma teoria crítica da

[3] Doravante AD.

linguagem, no questionamento que faz no entremeio entre as ciências sociais e humanas.

Interessa à AD de que forma as relações entre a história, a sociedade, a linguagem e a ideologia resultam na produção de sentidos ao sujeito, este um ser assujeitado ao domínio da própria linguagem, como discutiremos adiante no referencial teórico. Alicerçada nestas três áreas do conhecimento científico, mas sem ser nenhuma delas, com dispositivo teórico e analítico próprio, a AD é uma área que se volta ao confronto da ideologia no histórico com o linguístico, em que o analista busca aquilo que falha, que escapa, o furo de linguagem, que será amplamente discutido ao longo desta tese.

O entremeio com as ciências sociais também se dá a partir dos estudos voltados ao funcionamento do jornalismo, especificamente pelo suporte teórico ao entendimento discursivo do rádio informativo[4]. O jornalista opera, segundo a postura crítica de Bourdieu (1997), sempre com óculos. Não lentes comuns, mas óculos especiais com as quais enxerga coisas em detrimento de outras e de uma foma própria, operando a seleção e a edição do que virá a público. Buscamos um ponto entre o jornalismo e o discurso, por isso nossa reflexão é pautada em pensadores de ambas as áreas, a fim de enriquecer nosso dispositivo analítico.

Nesse entremeio, esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Texto e Discurso, do PPGCL da UNISUL, e tem como interesse entender os sentidos outros produzidos, sua opacidade em virtude do inusitado, por ter sido o primeiro – e único – apagão na Ilha. Este constitui-se em um acontecimento relevante para se compreender a memória mobilizada durante a cobertura jornalística e o próprio funcionamento discursivo do meio rádio.

O Apagão, por si só, nos seus quase três dias de pane elétrica, foi um acontecimento legítimo, daqueles "[...] que emergem com força própria, obrigando uma investigação a respeito de suas causas e consequências" (PONTES e SILVA, 2010, p.

[4] Iremos utilizar o termo rádio informativo proposto por Meditsch (2001) à produção jornalística no rádio como meio de comunicação de massa, ao invés de radiojornalismo. "Na língua portuguesa, o jornalismo produzido e veiculado pelo rádio tem sido designado geralmente como radiojornalismo. O termo jornalismo, originalmente, remete à palavra impressa e embora historicamente a tenha superado, com a transposição da atividade aos meios eletrônicos, essa mudança não se fez sem que trouxesse em sua esteira uma série de tradições, normas, hábitos e técnicas daquele outro tipo de suporte material. […] O rádio informativo fala de coisas que, anteriomente, não eram notícia (a hora certa, por exemplo) e revoluciona a ideia da reportagem com as transmissões ao vivo. Aprofunda e contrapõe ideias e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como o cão de um cego. Põe em contato os mais remotos pontos do interior e concede espaço para o receptor se manifestar como nenhum outro meio" (IDEM, p. 30-31).

55). Para Berger e Tavares (2010, p. 131), no jornalismo, o acontecimento "[...] mais claramente reconhecido é o que diz da cobertura do imprevisível", porque "é a ação acidental aquela que 'melhor' corresponde aos critérios de noticiabilidade tão exaustivamente apontados pelos manuais de produção noticiosa".

O apagão ilhéu foi um acontecimento social importante não somente pela atuação pioneira mundialmente na área de engenharia elétrica. A obra de cabeamento aéreo paliativo (enquanto os cabos da ponte não cessavam de queimar e posteriormente seriam consertados), era algo que levaria ao menos 120 dias para ser concluído em condições normais, sem contar o tempo necessário para licitação, contratação de empresas etc. Essa obra foi realizada em menos de três dias, com a projeção e execução simultânea, *in loco*, com cerca de duzentos operários trabalhando praticamente de forma ininterrupta. O apagão também foi um acontecimento social porque levou a um apagamento discursivo e midiático, oficializado historicamente a partir dos relatos sobre o episódio, na publicação de Denardi e Medeiros (2007).

Por acontecimento social, consideramos que

> [...] os acontecimentos exigem produção de sentido, são espaço de exploração, de interpretação, interação e não contém um 'em si': eles sempre surgem a alguém, são fundamentalmente relacionais, se constituem, [...] a partir de um processo de individuação marcado pela busca de uma inteligibilidade assentada em quatro etapas: a escolha de uma descrição/nomeação; a ordenação em uma narrativa; a normalização, que torna manifesta sua tipicidade e permite comparações; a recepção no quadro de uma experiência (QUÉRÉ, 1995; SIMÕES, 2010 apud LEAL; ANTUNES, 2011, p. 27-28).

O foco desta pesquisa, que também se constitui pelo relato histórico dos fatos a partir da cobertura radiojornalística das emissoras CBN Diário e Guararema durante o acontecimento, perfaz as condições de produção do *corpus* de análise, ultrapassa a questão histórica ao estabelecer-se no entremeio do Jornalismo com a AD.

A história, na perspectiva discursiva, é da ordem do discurso. Nesta inscrição discursiva, mobilizando os conceitos de memória, reversibilidade, interação e interlocução, em confronto com os acontecimentos jornalístico, discursivo e enunciativo, buscamos compreender os processos de produção de sentido do funcionamento discursivo do rádio informativo, numa tentativa de trazer à tona as tramas de sentidos outros que são já estabelecidas e evidentes.

1.1 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A Análise do Discurso a qual nos inserimos como pesquisadora é a de filiação francesa pecheutiana, que possui dispositivo teórico e analítico próprio, calcada na tríade do marxismo, da linguística e da psicanálise. Michel Pêcheux liderou um grupo de intelectuais integrado primordialmente por Michel Plon, Denise Maldidier, Jacqueline Authier-Revuz e Jean-Jacques Courtine. "O livro inaugural da história da AD é o 'provocativo', como afirma Maldidier (2003), *Análise Automática do Discurso*, em que um assunto totalmente novo é abordado, o discurso" (SANTOS NETO, 2008, p. 14). O livro foi lançado na França, em 1969, e inaugurou esta teoria materialista histórica.

> Assim, se, de um lado, na análise de discurso, a linguística ocupa um lugar crítico, também as ciências socais são questionadas: a análise de discurso mostra que o sujeito e a significação não são transparentes e aponta para uma relação problemática das ciências sociais com o político, na medida em que estas supõem essa transparência da linguagem (ORLANDI, 2008, p. 32).

Essa visão materialista não estuda o homem, mas um sujeito constituído e atravessado pela linguagem. Maldidier (2003, p. 38) aponta que Pêcheux, no artigo *Análise de discurso, língua e ideologias*, do número 37 da revista *Langages*, postula o "quadro epistemológico" da AD:

> [...] o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; a linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso como teoria da determinação dos processos semânticos. Intervêm uma quarta referência de "uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)". É apontado o que vai estar no centro da proposta: a questão da leitura, na sua ligação com a do sujeito.

Por isso, a AD é mais do que interdisciplinar, é uma disciplina de entremeio: ela se inspira na psicanálise (tomando o conceito de inconsciente lacaniano e o trabalhando discursivamente como o interdiscursivo e os esquecimentos n°.1 e n°.2[5]), no marxismo (tendo o conceito de ideologia althusseriano[6] como algo fundante para a AD)

[5] Estes conceitos serão discutidos no item 2.5 - A inscrição do sujeito.

[6] Vide página 28.

e na linguística, atribuindo uma concepção discursiva de língua, (buscando justamente o furo, aquilo que falha) para se constituir enquanto campo de pesquisa.

> [...] Nessa relação crítica, a análise de discurso inclui – como não o faz a linguística – o sujeito, ao mesmo tempo em que o des-centra, isto é, não o considera fonte e responsável do sentido que produz, embora considere como do processo de produção. Tampouco o sentido se apresente como transparente" (ORLANDI, 2008, p. 35).

O entremeio entre a linguística e outras ciências estabelece-se no espaço do contraditório, provocando, segundo Mariani (1998, p. 23), uma ruptura em meio às ciências porque desloca de forma crítica

> [...] as seguintes noções: 1) linguagem vista como instrumento de comunicação de informações; 2) sujeito como indivíduo (do modo como a sociologia e/ou a psicologia descrevem); 3) ideologia como ocultação ou máscara (que seria responsável pela perpetuação da dominação de uma classe sobre a outra, de acordo com uma certa leitura de Althusser); e 4) sentido ligado às condições de verdade (conforme a semântica lógica sempre prescreveu).

Desta forma, a AD está entre várias disciplinas sem ser exatamente nenhuma delas em virtude da ressignificação dada a elas, da sua reinscrição constante a cada nova análise, sendo eminentemente um método científico de interpretação, um dispositivo teórico e analítico que está permanentemente se construindo.

Esse permanente construir justifica-se pelo fato de que esta teoria discute e define a linguagem na relação com a exteriodade com o interesse de analisar e se aprofundar nos processos de determinação histórica da produção de sentidos, sob o viés de uma semântica de cunho materialista. Orlandi (2008, p. 28) afirma que "[...] a análise de discurso – que se propõe uma relação conflituosa com os sentidos – procura desatar os sentidos contidos". Por isso, não estamos alheios à determinação histórica e ideológica que incide na interpretação.

Um dos pontos diferenciais da AD se dá pela "[...] rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou de descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social" (GILL, 2002, p. 244). Para a autora, a análise de discurso envolve uma mudança epistemológica radical porque os analistas discursivos

> [...] não veem os textos como veículos para descobrir alguma realidade pensada como jazendo além, ou debaixo da linguagem. Ao invés disso, eles

> estão interessados no texto em si mesmo, e por isso fazem perguntas diferentes [...] das convencionais perguntas sociocientíficas (IBIDEM).

Isso porque a AD visa estudar a relação entre o imaginário e o simbólico, como eles produzem sentido, silenciando e ao mesmo tempo cristalizando dizeres nos processos discursivos do jogo de linguagem, gerando memória, seja ela oficial ou não. Cabe ao analista discursivo não se ater somente à descrição dos processos de linguagem, mas considerar as condições sócio-históricas e ideológicas que confluem no funcionamento discursivo, destacando os sentidos que podem ser filiados às diferentes formações discursivas[7]. Tomamos aqui, conforme Orlandi (2006b), o conceito de FD como o espaço da inscrição do sujeito, da constituição do sentido. Sendo assim, a relação que se estabelece entre as FDs leva em conta uma memória, que faz com que certos sentidos emerjam e sejam tomados como *naturais*, ao invés de outros, que são silenciados.

Sendo assim, a AD não é um método de interpretação no viés de dar sentido a um determinado texto[8]. A textualidade interfere nos efeitos de sentido, pois há a relação com a memória e com as condições de produção, que diferem de acordo com a materialidade significante[9]. Em outras palavras, tudo é texto: imagem, áudio etc. porque o simbólico é constituinte da linguagem independentemente de sua forma material, gerando sempre efeitos de sentido no contato entre o ideológico e o linguístico. Partindo dessa premissa, a AD visa a

> [...] problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação (ORLANDI, 2006b, p. 118).

Por isso, a Análise de Discurso integra uma área da ciência em que não há procedimentos estanques previamente definidos – ao contrário dos métodos clássicos quantitativos ou qualitativos de análise. A teoria impõe-se a partir do *corpus* porque o

---

[7] Formação discursiva, doravante FD.

[8] Aqui tomamos texto no sentido dado por Orlandi (2010), em que é considerado "[…] uma unidade de significação em relação à situação."

[9] Por sua vez, o conceito de materialidade significante, elaborado por Lagazzi (2010, p. 173), traz à tona o materialismo em relação ao simbólico sobre o significante, de forma a "[...] reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significante, na história, compreendendo a materialidade como o modo significante pelo qual o sentido se formula".

analista busca marcas discursivas que emitem pistas de acordo com o gesto de leitura, ao contrário das metodologias experimentais. A AD é fluida, renovada a cada análise, está sujeita a constantes reelaborações porque leva em consideração as condições de produção do texto. Isto não quer dizer que seja um nível diferente de análise, mas um olhar diferente da linguística imanente, mais focada ao nível enunciativo.

Como a base de estudo para a construção desta tese é a análise de discurso de filiação francesa pecheutiana, o objeto de pesquisa é a própria linguagem. Esta postura analítica em que, segundo Courtine (2009, p. 235), "[...] é o mesmo que reconhecer no discurso, como objeto, a imbricação de dois reais: o da língua, em sua autonomia relativa, e o da história, apreendido a partir da contradição das forças materiais que nele se afrontam".

Uma das marcas da AD na passagem do século XX ao XXI é o fim da dicotomia entre a linguagem verbal e a não-verbal. Nesta primeira década do novo milênio, a análise discursiva passa a contemplar textos das mais diversas materialidades significantes, mostrando que o sentido é produzido na ordem do discurso, e não somente da língua. Para compreender os gestos de interpretação materializados nos textos, a análise discursiva movimenta a memória, ressignificando aspectos sedimentados, possibilitando outras interpretações que não as mais parafrásticas, mas aquelas em que são levadas em conta os deslocamentos nas condições de produção históricas, sociais e ideológicas de um determinado *corpus*.

Dentro desta conjuntura, buscamos trabalhar a textualidade radiofônica, em sua especificidade material, tanto de natureza simbólica como histórica[10]. Assim, propomo-nos a movimentar a memória do Apagão em Florianópolis, que passou a ser tomado como um grande acontecimento jornalístico, a partir da cobertura radiofônica que recebeu, como um caso exemplar para, a partir desse *corpus* que será apresentado no tópico a seguir, analisar o funcionamento discursivo radiofônico.

[10] Partimos aos estudos discursivos da ordem do midiático, mas à época a respeito da divulgação científica, ainda no Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Solange Gallo, com a dissertação instituída Análise discursiva da construção do sujeito-leitor do programa Ondas da Ciência, do sistema UDESC de Rádio Educativa, defendida em 2008.

1.1.1 **A constituição do *corpus***

Para estudar esses efeitos de sentido do discurso jornalístico produzido no meio radiofônico, partimos de um *corpus* empírico, em que o campo discursivo de referência é formado pelo rádio informativo da Região Metropolitana da Capital de Santa Catarina. O interesse de pesquisa discursiva é o de

> [...] trabalhar para além dos efeitos imaginários, isto é, com o funcionamento da linguagem, implica compreender uma leitura analítica que se faz através de um *dispositivo teórico*, como coloca Orlandi (1996). Esta leitura permite que *compreendamos* o funcionamento da interpretação na linguagem. O trabalho da interpretação se encontra onde se dá o deslize dos sentidos, onde língua e história se ligam pelo equívoco. Cabe ao analista *compreender* o gesto da interpretação do sujeito: de que *modo* sujeito e sentidos se fazem sentido (PFEIFFER, 2003, p. 34)

De modo a compreender esse deslize dos sentidos e de formar a estrutura da nossa análise, tomamos o conceito de *corpus*, de Courtine (2009, p. 57), como princípio teórico, em que ele é constituído por uma ou várias sequências discursivas "[...] produzidas a partir de posições ideológicas homogêneas/heterogêneas". Assim, o atual *corpus* de análise é composto pelas gravações em áudio da cobertura jornalística produzida pelas rádios CBN/Diário e Guararema[11], totalizando dois *corpora*, durante o acontecimento social Apagão, na região insular de Florianópolis, assistida pelos ouvintes ilhéus a partir de rádios à base de pilha. Ao contrário da Rádio CDB Diário, que é uma emissora *all news* (que toca notícias, como realça o *slogan* da emissora), a Rádio Guararema, posteriormente Rádio Record e desde abril de 2015 fora de funcionamento, era uma rádio com jornalismo, mas essencialmente de música, entretenimento. Consideramos nesta pesquisa a Guararema como dentro do conceito de rádio informativo pela ênfase no caráter jornalístico pela qual a emissora optou durante a cobertura do Apagão.

A falta de luz elétrica iniciou-se às 13h17 do dia 29 de outubro e seguiu até por volta das 10h30 do dia 31 de outubro de 2003, no Centro de Florianópolis. Nos demais bairros a energia elétrica retornou aos poucos, ao longo do dia 31 de outubro, após mais de cinquenta horas de espera. Das 16h45 até 17h45 da mesma sexta-feira 31

[11] A emissoras possuem suas sedes, respectivamente, em Florianópolis e São José, município da Região Metropolitana da Capital e que faz divisa com esta.

de outubro a energia elétrica foi desligada no Centro para que pudesse ser feita a ligação à toda a Ilha. Por volta das 20h – 20h03 – toda a população insular teve o retorno da luz elétrica. Todavia, no dia seguinte, sábado primeiro de novembro, em função das fortes rajadas de vento a mais de 120Km/h na altura da ponte Colombo Salles, houve nova queda de energia por volta das 19h até perto das 23h – entre 22h45 e 23h –. O último blecaute foi no domingo pela manhã, em dois de novembro, programado para manutenção técnica entre às 6h e às 9h.

Para compreender essas influências externas, temos o gesto de interpretação, mais propriamente, uma *escuta discursiva*, como afirma Ferreira (2008) para que a opacidade do texto seja desvelada, traga-se à tona o ausente e se desnaturalize o aplainamento dos sentidos tão amplamente arraigados e insistentemente apresentados pelos meios de comunicação em seus diversos suportes midiáticos.

Ao escutarmos e analisarmos discursivamente essas coberturas jornalísticas que englobam ao todo cinquenta e cinco horas de programação praticamente ininterrupta de cada emissora, será possível interpretarmos parte do funcionamento de uma época. O início do século XXI, em que o cidadãos insulares da capital catarinense depararam-se com um acontecimento social próprio de séculos anteriores, perfazem aí efeitos de sentido a serem analisados, bem como os efeitos de sentidos gerados pela produção jornalística resultante desse acontecimento e a memória desencadeada a partir dessas condições de produção que significaram e significam historicamente na sociedade.

1.1.2 **Recortes *em curso***

A noção de recorte é definida por Orlandi (1984, p. 14) como uma unidade discursiva, "[...] fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva". A situação discursiva advém de processos discursivos, foco de interesse do analista discursivo, ao invés de se pautar exclusivamente pelo produto. Este, na perspectiva discursiva, caracteriza-se por ser efeito de sentido. Os sentidos, por sua vez, produzem gestos de interpretação.

De acordo com Orlandi (1999), o início de uma análise se dá pelo estabelecimento do *corpus* e à pergunta que define o recorte de análise. Portanto, a teoria segue num vai e vem próprio do dispositivo teórico, dando suporte ao dispositivo analítico, à medida que se desenrola o movimento de interpretação. Por sua vez, uma definição do *corpus* discursivo pode ser o "[...] conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido com referência a um certo estado das condições de produção do discurso" (COURTINE, 2009, p. 114).

A fim de interpretar as sequências discursivas delimitadas pelo *corpus*, o recorte, pode, por analogia, ser comparado à passagem da frase ao texto: "[...] consequentemente, deixamos o domínio da distribuição de segmentos e passamos para a relação de partes com o todo, complicada relação de unidades, onde a noção de diferença ganha outras atribuições" (ORLANDI, 1984, p. 14). A autora explica que o recorte não pode ser pensado como segmento (assim como o texto não é frase porque ele é uma unidade da frase).

No gesto de análise, não se tem uma visão mecanicista de hierarquização, mas uma análise a partir do recorte baseada nas condições de produção, nas formações discursivas e ainda no objetivo o qual se pretende alcançar com a análise. Recorta-se porque "[...] o texto é o todo em que se organizam os recortes. Esse todo tem compromisso com as tais condições de produção, com a situação discursiva" (IDEM, p. 14). Courtine (2009, p. 50) define que as condições de produção de um discurso "[...] designam o que a Linguística conhece como *sujeito da enunciação e situação de enunciação*". Portanto, o analista deve "[...] identificar os protagonistas [...] decompondo os "movimentos", mostrando os "alvos" e determinando a "estratégia" [...] de cada um deles" (IDEM, p. 53). Mais detidamente, Courtine (2009, p. 108) explica que

> [...] sujeito de enunciação e situação de enunciação podem ser referidos a um lugar determinado, tomado em uma relação de lugares no interior de um aparelho: isso equivale a atribuir ao ato de enunciação de uma SDr [sequência discursiva de referência] a *regularidade de uma prática*, assim como caracterizar os *rituais* que a regulam. Essas relações de lugar remetem a relações de classe, isto é, a um dado estado das contradições ideológicas de classe em uma conjuntura histórica. Escolher uma sequência discursiva de referência equivale assim a determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na *circulação* de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam..., a descrever, enfim, o âmbito institucional e as circunstâncias enunciativas dessa produção. A escolha de uma sequência discursiva como SDr deverá ser efetuada a partir dos elementos supramencionados, que designaremos

> doravante como *as condições de produção da sequência discursiva de referência.*

Para tal, necessita-se, ao definir o recorte de análise, selecionar o conjunto das sequências discursivas que serão submetidas ao estudo, ou seja, "[...] a constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa"(IDEM, p. 54).

De acordo com as sequências discursivas que serão submetidas à análise, temos as condições de produção para a existência delas. As condições de produção e de interpretação, ou seja, as "[...] formações discursivas diversas, às quais o discurso pode ser relacionado para produzir o sentido (HENRY, 1975, p. 95, *apud* COURTINE, 2009, p. 175-176).

Se há condições de produção, temos então a possibilidade de polissemia, porque há sempre um novo efeito de sentido a cada análise. Desta forma, não se busca uma matriz da linguagem, a paráfrase, busca-se recortar "[...] na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia" (IBIDEM).

Ou ainda, o mote desta pesquisa discursiva é estabecer de que forma a memória determina a ordem do enunciável (COURTINE, 2009), tomando-se então como norte de pesquisa as seguintes questões:

- A cobertura jornalística do Apagão em Florianópolis foi um acontecimento discursivo e/ou enunciativo?
- Como se estabeleceu a relação de interlocução entre o meio rádio e a população local?

Estas questões são possíveis porque, apoiando-se em Gallo (2012b, p. 55),

> […] A análise do discurso, portanto, tem como um de seus objetivos compreender, na linguagem, de onde vem a voz que estamos ouvindo. Não no que se refere ao lugar físico, mas ao lugar discursivo. Então, quando sabemos de que lugar discursivo vem a voz que estamos ouvindo/lendo, começamos a poder analisar o discurso. Esse lugar de onde se diz, a forma com a qual se diz, e como esse dizer é possível, são perguntas pertinentes à análise do discurso.

Podemos afirmar que o Apagão em Florianópolis foi um acontecimento social que teve ampla repercussão também como acontecimento jornalístico: houve um deslocamento notório, tão comentado à época no meio jornalístico a ponto de se chegar a produzir um livro a respeito dessa cobertura jornalística e, dez anos depois, o fato vir à tona nas manchetes de capa da imprensa local. Tendo esse ouvido aberto à discursividade, ainda não sabemos se o deslocamento chegou a se constituir em um acontecimento discursivo, haverá o gesto de leitura para tal. A partir dos gestos de leitura que serão realizados, os efeitos de sentidos tendem a ficar mais expostos aos vários níveis de significação, principalmente o enunciativo. A análise desses vestígios que serão encontrados possibilitará a pesquisa dos processos discursivos existentes nessa cobertura jornalística.

A princípio, sabemos que há posições-sujeito diferentes nessa discursividade, temos o interesse de analisar como isso se deu, já que em uma situação limite como foi o Apagão em Florianópolis em que o caos se estabeleceu na cidade, o rádio informativo foi o único meio de comunicação capaz de unir a população local da região insular até mesmo com a região continental. Partimos da proposição de Pêcheux (2009), para quem o discurso é sempre efeito de sentidos entre os interlocutores.

Será que teremos uma nova relação de interlocução estabelecida? O rádio informativo alcançou nesse acontecimento o tão propalado sonho brechtiano de um diálogo com os ouvintes, estabelecendo-se uma comunicação de sentido aberto?

Tomamos nesta tese o conceito de interlocução pelo viés discursivo, considerado um "[...] processo de tensão constante da linguagem com o que ela poderia ser" (ORLANDI, 1984, p. 11). Os conhecimentos não são partilhados entre os agentes do discurso, como se julga na teoria funcionalista, em que um locutor completa o outro, mas "[...] esses conhecimentos são *socialmente distribuídos* pois os agentes do discurso podem ocupar posições diferentes, e mesmo polêmicas, dentro de formações discursivas distintas" (IDEM, p. 12).

Em outras palavras, o sentido está imbricado numa questão semântica, ao invés de lexical, porque não se quer saber o que o autor quis dizer, as coisas e referências internas do texto, mas, compreender a relação delas com sua exterioridade histórica e ideológica. Por isso, numa mesma formação discursiva, os sentidos variam de acordo com a tomada de posição do sujeito, que também determinará como a memória discursiva, ou seja, o interdiscurso, será mobilizado. "[...] É o sujeito que ao

ocupar uma posição faz a língua entrar em funcionamento e esse funcionamento é afetado pela memória do dizer (o interdiscurso)" (MARIANI, 1998, p.31).

Assim, discursivamente, interlocução não é um diálogo entre sujeitos que dominam o próprio dizer, pois o sentido não pertence a um interlocutor, mas é uma prática social dentro do ritual de linguagem, mediada pelo imaginário e pelo simbólico, "[...] é o jogo de imagens constituído em torno dos lugares de onde se fala que precisa ser observado no processo histórico da produção de enunciados e de sentidos" (IBIDEM).

Partindo-se do pressuposto filosófico de que a língua é opaca, não há verdades ocultas por detrás de um texto e tampouco domínio total da linguagem, mas gestos de interpretação os quais o analista deve compreender, pois a incompletude é imanente, é condição à linguagem. Essa opacidade garante a instabilidade da língua, há sempre a possibilidade de deslocamento dos sentidos no emaranhado histórico, social e ideologia no qual se insere o jogo de linguagem. Além disso, da mesma forma que a autora explica o recorte metodológico, esclarecemos que as perguntas, o recorte, são de responsabilidade nossa, responsabilidade "[...] que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de 'seu' dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou daqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão" (IBIDEM).

Por sua vez, Achard (2007) explica que a distinção do analista discursivo ao sujeito empírico é um deslocamento. Para ele (p. 17), o trabalho do analista é o de tentar

> [...] dar conta do fato de que a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso. Entre outras consequências desta concepção, levaremos em conta o fato de que um texto dado trabalha através de sua circulação social, o que supõe que sua estruturação é uma questão social, e que ela se diferencia seguindo uma diferenciação das produções de sentido a partir das restrições de uma forma única.

Na análise da textualidade discursiva da cobertura jornalística do Apagão em Florianópolis, o foco está em compreender o funcionamento discursivo do rádio informativo a partir desse acontecimento social.

> [...] Em resumo, devemos lembrar que, para a AD, teoria (da linguagem, do sujeito, da produção de sentidos, dos processos sócio-históricos) e análise (dos monumentos textuais, engendrados na história que produzem um imaginário de sujeito e de língua) são inseparáveis, não há um modelo

> metodológico apriorístico e universal que dê conta de qualquer discurso. Como se trata muito mais de um modo de reflexão sobre a linguagem do que de um modelo de trabalho, na AD as discussões sobre sentido, sujeito, formação discursiva, interdiscurso e intradiscurso, dentre tantos outros conceitos, já remetem o pesquisador para uma leitura-interpretativa do seu arquivo (MARIANI, 1998, p. 58).

Portanto, no intuito de produzir práticas de leitura a partir de um texto, organizando gestos de interpretação que trazem à tona sentidos outros, especificamente, objetivamos:

- Estabelecer uma relação entre o funcionamento discursivo do rádio informativo e o caso Apagão em Florianópolis.
- Analisar a produção de sentidos nessa discursividade de modo a compreender se o acontecimento social teve a dimensão de um acontecimento discursivo e/ou de um acontecimento enunciativo.
- Desenvolver conhecimento sobre o funcionamento discursivo do rádio informativo.

As rádios CBN Diário e Guararema foram, para a história do jornalismo local, as emissoras que cobriram o Apagão. A CBN Diário foi oficializada a partir da obra de Denardi e Medeiros (2007) como a heroína do episódio por sua intensa cobertura jornalística. Porém, como declara Mariani (2003, p. 43), "[...] também pudemos perceber que o discurso jornalístico não é uma totalidade absolutamente encerrada em si mesma. Ele apresenta fissuras, espaços de resistência onde outros sentidos podem emergir". Porque, segundo Orlandi (2003b, p. 14), "são os fatos que reclamam sentidos, daí sua historicidade". Na perspectiva discursiva não há um dizer homogêneo, nem um dizer hegemônico, senão enquanto efeito de sentido.

Para materializar este estudo, organizamos, como primeira parte desta tese, sob o título *Discurso, jornalismo e memória*, o referencial teórico a respeito das condições de produção da formação discursiva jornalística brasileira, primeiro item deste capítulo. A fim de dar continuidade ao tema, destacamos, na sequência, o funcionamento discursivo do jornalismo brasileiro sob o aspecto da censura e da liberdade de expressão, os conceitos de memória e acontecimento no jornalismo, bem como a constituição do sujeito no discurso.

No capítulo seguinte, *Textualidade às* escuras, adentramos no acontecimento Apagão, discutindo o deslizamento de sentidos desse termo apagão no primeiro subitem, seguindo com a discussão dos conceitos primordiais à nossa tese, quais sejam os de interação, interlocução e os acontecimentos discursivo e enunciativo. Este também será aprofundado, bem como a noção de reversibilidade, a qual nos pautamos para a análise, no último capítulo desta tese, *Materialidade Discursiva.* Nele iremos sintonizar na textualidade do rádio informativo a partir do movimento de análise dos *corpora*. Por fim, para apresentar um efeito de fecho, esta tese encerra-se com as considerações finais e a apresentação das referências e dos anexos.

2 DISCURSO, JORNALISMO E MEMÓRIA

Neste capítulo discutiremos noções fundamentais sobre o discurso jornalístico no Brasil. Abarcaremos desde as origens, com a imprensa régia, suas características e a relação com a censura como algo fundante. O intuito é o de fornecer os alicerces teóricos do dispositivo analítico, pesquisando as condições de produção do discurso jornalístico atual e suas influências no que tange especificamente nesta tese ao rádio informativo. Como bem assinala Meditsch (2001), a linguagem do jornalismo informativo tem origem na imprensa, origina-se no discurso de escrita.

Após este primeiro levantamento teórico, faremos a relação com as noções de acontecimento, memória e a inscrição do sujeito no discurso, temas caros à análise discursiva.

2.1 EFEITOS IDEOLÓGICOS

Dentre as várias teorias do jornalismo, a do espelho predomina no Brasil, produzindo um efeito de objetividade a favor da política da empresa. Ser um jornalista objetivo e imparcial ainda é a orientação básica dos manuais de redação como o da Folha de São Paulo, por exemplo. Vizeu (2003, p. 5) explica que

> [...] O *ethos* dominante, os valores e as normas identificadas, que situam o jornalista como uma espécie de *juiz da realidade*, os procedimentos identificados com o profissionalismo, fazem com que os profissionais rejeitem qualquer ataque à *teoria do espelho* porque, em última análise, ela colocaria em xeque a legitimidade e a credibilidade de, no desempenho da profissão, serem fiéis reprodutores da realidade.

O jornalista, ao acreditar ser um produtor da notícia a partir dos fatos relatados, de lidar no cotidiano da profissão com a busca da "verdade", ao mesmo tempo, é um sujeito discursivo, assujeitado à linguagem. Desta forma, fica exposto ao equívoco da língua. Segundo Pêcheux (2008, p. 53),

> [...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um

> outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Os estudos atuais de jornalismo rejeitam a teoria do espelho, já à época amplamente criticada pela Escola de Frankfurt[12]. A teoria do *newsmaking*, que aborda a produção da notícia em uma escala industrial, em que há uma empresa por detrás da notícia e um editor para selecionar o que será publicado, o que virá a ser notícia, confronta a teoria do espelho em que o jornalista é um ser imparcial e comprometido com a verdade que ele espelharia. Mesmo assim, verdade de quem?

Nas teorias da comunicação, a teoria do espelho e do *newsmaking* integram a corrente estadunidense de estudos, conhecida como Escola Funcionalista, numa vertente mecanicista. Do ponto de vista europeu, para a principal opositora, a Escola de Frankfurt, com seu viés marxista, voltada à teoria crítica, não existem verdades, mas ideologias. Enquanto para uma os fatos correspondem à verdade, para outra, os fatos integram ideologias. Aos frankfurtianos há uma sociedade dos espetáculos, não existem verdades senão interesses dos detentores do poder que manipulam as massas com fins políticos. Esta manipulação se dá a partir de simulacros. O que antes eram mapas e maquetes, próprios do universo artístico, no mundo contemporâneo após a Segunda Guerra Mundial, os simulacros transformaram-se em signos do cotidiano, extensamente difundidos pelos meios de comunicação social e seu principal produto, a indústria cultural. Esta indústria da cultura, que serializa a arte, retira sua aura, transformando a arte em objeto mercadológico vulgar, também gera o consumismo de forma suntuosa e sedutora, num constante interesse de convencimento de que se está à beira da felicidade, sem, contudo, jamais a alcançar. É desta forma que se vive o simulacro de liberdade, que semiforma o homem, como denunciam Adorno e Horkheimer (1985) no clássico livro Dialética do Esclarecimento.

Importante ter-se em mente as condições de produção dos frankurtianos, que viveram os horrores da Segunda Guerra Mundial. Para eles, a teoria crítica e a educação eram fundamentais, "[…] deve-se educar para que a barbárie se dissipe, para que ninguém passe fome ou para que Auschwitz jamais se repita" (SANTOS NETO, 2001,

[12] A cidade de Frankfurt, um dos maiores centros financeiros e editoriais da Alemanha e mesmo da Europa no início do século passado, com sua requintada burguesia judaica, foi sede do primeiro instituto marxista independente europeu, inaugurado em 1923 (SANTOS NETO, 2001).

p. 90). Na visão frankfurtiana, não há saída à toda manipulação midiática, seria necessário o apocalipse para tal. O grande problema dos frankfurtianos, apesar da teoria crítica ainda ser extremamente pertinente, é que eles acreditavam que os meios de comunicação social de massa manipulam a todos, o tempo todo, sem escapatória. É uma visão polêmica, que ainda divide estudiosos da comunicação, pois a Escola de Frankfurt também é tida como uma teoria radical em virtude disso, de que não há saída, apenas fuga pelos simulacros de liberdade.

Um dos pontos de encontro da teoria frankfurtiana com a análise discursiva, é o fato de que, para a AD, os sentidos estão em constante movimento, entendendo que a desordem faz parte da constituição do sentido e do sujeito. O também marxista Althusser (1985, p. 19) afirma que "[...] só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito". O sujeito, na produção da linguagem, esquece-se de que está inserido na história e pensa ser a fonte do seu discurso, quando retoma sentidos para produzir e também compreender os textos. Isto porque a ideologia naturaliza os sentidos, produzindo o efeito de evidência, o *já-lá*, apagando todo o processo, ou seja, as condições de produção. O sujeito depara-se com a ideologia de forma naturalizada, sem a perceber conscientemente, porque ela se utiliza do mecanismo imaginário a partir do qual, de acordo com as tomadas de posição no interior da FD dominante e seus atravessamentos, o sujeito acredita ser a fonte do seu dizer, apagando todo o percurso discursivo pelo qual ele passou até chegar a essa tomada de posição e a esse consequente poder dizer.

Sob a ótica frankfurtiana, o sujeito, que é tomado como indivíduo alienado pelos meios de comunicação de massa[13], é refém do modo de produção capitalista, que

[13] O termo cultura de massa, que, para os frankfurtianos é em consequência da lógica capitalista, difundida pelos meios de comunicação de massa, é própria de uma sociedade dos espetáculos, a partir do século XX, mas já com suas raízes em meados do século XIX. É também considerada uma camada de sociedade que possui hábitos de consumo e de comportamento semelhante, consumista e com parca reflexão crítica. "A cultura de massa evoluiu e se consagrou como resultado concreto de alguns fatores objetivos, entre eles: a) uma economia política de predominância liberal e capitalista; b) a possibilidade de mercantilizar todo e qualquer bem, seja ele material ou espiritual; c) a instauração de suportes técnicos ou tecnológicos de produção e reprodução de ideias, informações e imagens, captadas, criadas e transmitidas pelos meios de comunicação; d) a progressiva formação de uma 'sociedade de massa' (e de 'homens de massa'), na qual diversas camadas populacionais tornaram-se relativamente afluentes, em decorrência das novas forças produtivas e das conquistas sociais vinculadas ao mundo do trabalho; e) a progressiva eliminação de exigências, de pré-requisitos ou de códigos vinculados à alta cultura, como o domínio de métricas literárias ou de informações em rede ou mosaico; f) simultaneamente, um aumento vertiginoso de experiências sensitivo-visuais e imediatas, comparadas então às experiências reflexivas cognitivas; g) uma crescente disponibilidade de tempo livre e de atividades de lazer, a partir da primeira metade do século, submetida a uma 'moralidade do prazer'; h) consequentemente, uma sociedade de consumo generalizado, que integrou o campo à cidade, o rural ao urbano, a fantasia à realidade, promovendo uma razoável identidade mundial nos estilos de vida – tendência à globalização" (CUNHA, 2003, p. 191).

utiliza a comunicação social como uma ferramenta de manipulação e embotamento dos sentidos, transformando o homem num ser passivo e apassivador (SANTOS NETO, 2001). Enquanto para os frankfurtianos a ideologia é alienante, opressora por parte dos detentores de produção, para Pechêxux, a ideologia é uma questão de inscrição do sujeito à linguagem, pois este é fadado a interpretar.

> [...] É a ideologia que, através do 'hábito' e do 'uso', está designando, ao mesmo tempo, *o que é* e *o que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de 'desvios' linguisticamente marcados entre a constatação e a norma que funcionam como um dispositivo de 'retomada de jogo' (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

Se por um lado a ideologia faz com que certos sentidos sejam naturalizados como únicos e permitidos no discurso em geral, e no discurso jornalístico em particular, também é possível que outros sentidos sejam silenciados e interditados quando se tem a ilusão de espelhar a realidade a partir da notícia. Para Wolf (1985), na teoria do *newsmaking* o repórter ajuda a construir a realidade porque está incorporado à produção industrial da notícia, de acordo com a seleção previamente já determinada pelas agências de notícia, servindo aos interesses do capital dominante, ponto de crítica dos frankfurtianos. Ou seja, na teoria do *newsmaking,* admite-se que o que se veicula sempre silencia outros dizeres, fatos e/ou acontecimentos que poderiam ter sido notícia.

Sob a ótica discursiva pecheutiana, "[...] É a ideologia que fornece as evidências [...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascaram, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados" (PÊCHEUX, 2009, p. 146). Esse caráter material do sentido, de acordo com Pêcheux (IBIDEM), caracteriza a dependência constitutiva do que consideramos como formações ideológicas, em que não existe literalidade do significante, mas posições ideológicas de acordo com a conjuntura dada que sustentam a formação discursiva. Esta, a partir de uma determinada formação ideológica, define *o que pode e o que deve ser dito,* delimitando uma fronteira de sentido à essa formação discursiva. Este poder dizer segue ao encontro da "necessária referência do que *eu* digo àquilo que *um outro* pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo *não está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer*" (PÊCHEUX, 1997, p. 173). Em outras palavras, a formação discursiva é, segundo Orlandi (2006b, p. 58), "o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito".

É na formação discursiva que o sujeito se encontra socialmente, na relação consigo e com os demais, formulando a sua identidade, onde "o sentido adquire sua unidade" (IBIDEM). Genro Filho (2012, p. 194) cita que "[...] o jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir 'seus fatos'". Para o autor, a existência dos fatos independe do sujeito, mas, "[...] o conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos" (IDEM, p. 195).

Essa maneira própria de perceber os fatos é bem explicada por Bourdieu. Durante sua jornada acadêmica, o filósofo e sociólogo francês criticou, nos anos 60, o conceito de cultura de massa trabalhados pela Escola de Frankurt (que iremos discutir adiante, ainda nesta seção), considerando o termo muito abstrato, dando preferência à pesquisa empírica e experimental. Nas duas décadas seguintes, Bourdieu discutirá o jornalismo como uma área estratégica à banalização da política e da ciência, sendo um produto cultural de reprodução e distinção, o que, de certa forma, o reaproxima dos marxistas frankfurtianos. Na década seguinte, nos anos 90 do século passado, ele deteve-se à crítica da subordinação do jornalismo à economia e à política, resultando na homogeneização da cultura e da política. Ele utiliza a metáfora dos óculos para discutir o modo de funcionamento do jornalismo a partir dos jornais impressos e da TV. Nessa analogia, os jornalistas estão submersos em estruturas invisíveis que organizam o percebido, determinando o que se vê e o que não se vê. "Os jornalistas têm 'óculos' especiais a partir dos quais se vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado" (BOURDIEU, 1997, p. 25). Esta busca é sempre em torno do furo, ou seja, do sensacional, do espetacular.

O problema, segundo ele, é que o modo de produção dá-se em suportes diários, meios de comunicação que noticiam cotidianamente. O desafio é transformar o cotidiano em algo espetacular. Por isso, para o autor, os jornalistas estão mais preocupados com o domínio dos instrumentos de produção do que sobre a reflexão a cerca do que é produzido, mas é necessário, mesmo com todas as restrições as quais sofre esta área profissional, de refletir como forma de "[...] superar em comum as ameças de instrumentalização" (IDEM, p. 17). E a grande consequência disto é que, ao se buscar o extraodiornário a partir de lentes de óculos que selecionam o que virá a público como notícia, temos "[...] o perigo da TV [...] que faz ver e crer no que faz ver, dando o efeito de real" (IDEM, p. 28). E o pior, todos os meios operam de forma

semelhante, e a análise em relação à TV pode ser muito bem dirigida aos meios de comunicação social, o que dá certa homogeneidade ao que é divulgado. Não estamos tratando de conteúdos que são aproveitados – ou até mesmo comprados – de agências de notícias, mas naquela característica *déjà vu* que temos quando estamos sintonizando entre várias emissoras de rádio, zapeando entre os canais de TV ou entre os portais de notícias da internet, por exemplo. Isto porque, além das emissoras de rádio e TV dependerem de concessões do Governo Federal para que possam continuar a operar, o que já define sempre um caráter institucional ao que será dito, os jornalistas, na sua busca incessante pelo furo, falam sempre a partir do outro, pautam-se sempre no que é assunto na concorrência, dando também outra característica do modo de funcionamento do jornalismo, que é a circularidade da notícia no sentido de que é produzida, divulgada e lida, em grande parte, para os seus pares, ou seja, aos próprios jornalistas. "[...] A simples narração, o fato de relatar, *to record*, como repórter, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização)" (IDEM, p. 28).

Os meios de comunicação, como denuncia Bourdieu (1997), silenciam o que poderia ser válido à discussão democrática e expõem conteúdos de variedades, por vezes fúteis, para poder silenciar o que interessa de fato. "[...] Se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas", lamenta Bourdieu (1997, p. 23).

Pelo viés discursivo da AD, as condições de produção da imprensa brasileira também favorecem esse efeito de *objetividade*, tão arraigado na mídia nacional. Os jornalistas brasileiros também estão submetidos a essa intricada relação ideológica, porque, independente do país ou das condições de produção, a ideologia constitui o sujeito, escamotea sentidos, silencia... Para a AD, o silêncio é um conceito fundante aos estudos de linguagem. O silêncio fundador indica que o sentido das palavras sempre pode ser outro, expondo a incompletude da linguagem, porque

> [...] todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer". Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do "um" (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento (ORLANDI, 2007, p. 12).

Em relação aos nossos *corpora* de análise, o que nos interessa é o *jogo* de linguagem nas diferentes formações discursivas, ao que o silêncio denuncia, ao que ele grita quando se põe mudo, no jogo de linguagem com o outro, no contato entre a língua e a ideologia, entre o simbólico e o imaginário. O silêncio fundador pode, conforme determina Orlandi (2007), ser considerado como o não-dito, na necessária relação entre língua e ideologia. "[...] Fundador não significa aqui "originário", nem o lugar do sentido absoluto. Nem tampouco que haveria, no silêncio, um sentido independente, auto-suficiente, preexistente. Significa que silêncio é garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio" (IDEM, p. 23). A esse silêncio podemos somar outro, o silêncio local, no qual certos dizeres são proibidos e *censurados*, e ainda na forma mais radical, o silêncio constitutivo em que para dizer é preciso silenciar.

> [...] Por isso, distinguimos entre: a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as "outras" palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (IDEM, p. 24).

No entanto, todos os conceitos tão bem trabalhados por Orlandi a respeito do silêncio fundador e da política do silêncio, estão voltados à relação entre formações discursivas diferentes. Mas, e quando a formação discursiva indica o que pode, mas não deve ser dito? Indursky (1992) amplia o conceito de silêncio ao tratar desta situação, mas vai além porque discute o silenciamento na mesma formação discursiva. A autora aponta que a formação discursiva indica o que pode ou não ser dito, tema já amplamente discutido por Pêcheux. No entanto, ela amplia ao estudar o que pode e não deve ser dito nessa FD. Indursky diferencia-se de Orlandi porque ela não está focada na política do silêncio, numa discussão dos limites do dizer entre formações discursivas, mas no interior de uma única formação discursiva.

> […] Para Orlandi, não-dito é necessariamente excluído, para nós, o *não-dito* é *necessariamente recalcado* pelo viés da determinação interdiscursiva. Diríamos mais: para Orlandi, a política do silêncio é da ordem do funcionamento da negação polêmica, por envolver duas FD em delimitação recíproca, enquanto o não-dito, na perspectiva em que o trabalhamos na determinação interdiscursiva, é da ordem do funcionamento da denegação. Ou seja, o recalcado e autorizado pelo domínio de saber em que se inscreve o sujeito do discurso, mas não é atualizado por seu dizer, pois o efeito de sentido que produziria é indesejável (INDURSKY, 1992, p. 273).

Desta forma, enquanto Orlandi volta-se à política de silenciamento e seu consequente apagamento da exterioridade linguística, Indursky direciona-se ao interior da FD, na interdiscursividade, quando o silêncio "[…] determina internamente o recalcamento de um dizer autorizado, mas não desejável: *o que pode mas não deve ser dito"* (IBIDEM). Em outras palavras, o sujeito imagina ser dono do seu dizer e que o diz na íntegra, mas, interdiscursivamente, há um não-dito recalcado, um espaço não preenchido, ocioso. "[…] A determinação intradiscursiva desencadeia efeitos de sentido admitidos e recalca outros, que podem, mas que, na conjuntura dada, não devem ser ditos. Nesse sentido, o dito funciona como o elemento visível do não-dito" (IDEM, p. 276).

Essa estreita relação entre o silêncio, censurando a autoria abruptamente, marca as condições de produção do discurso jornalístico porque, desde o início da imprensa no Brasil, o discurso jornalístico esteve atrelado ao discurso institucional, quer seja no período da Imprensa Régia ou na atualidade, com a empresa comunicacional. A forma de se institucionalizar do discurso jornalístico, no qual o rádio informativo também se inscreve, é operada pelo próprio funcionamento interno de ser voltado aos fatos do cotidiano. A censura perdura como uma característica institucional, marcando também o funcionamento discursivo do meio radiofônico, que atua num efeito de liberdade, mas é uma espontaneidade controlada, só há espaço para o mesmo.

Há um grupo, que funciona como um grupo de proteção, atento ao que é dito ou não e quem o faz (ou não), gerenciando o conteúdo, num viés profissional que atravessa os meios de comunicação social, a empresa jornalística como um todo. Desta forma, o discurso é circular, não há voz diferente, o que é próprio do discurso autoritário, ou seja, a posição-sujeito é altamente alinhada com a forma-sujeito dominante, fazendo com que seja sempre o mesmo. Assim, se não há variança, a "[...] reversibilidade tende a zero (não se dá a palavra), há um agente único (aquele que tem o poder de dizer), a polissemia é contida (se coloca o sentido único), o dizer recobre o ser (o referente está obscurecido)" (ORLANDI, 2006c, p. 85). Sem reversibilidade, evita-se a possibilidade de novas tomadas de posição, garantindo o *status quo* dominante em que não há espaço para a contradição.

Ao narrar diariamente esses fatos, o sujeito-jornalista vai tecendo e determinando os sentidos, construindo um já-lá interdiscursivo, oficializando uma memória discursiva, num forte controle social, "[...] elas servem para modelar as práticas sociais existentes, embora, [...] esta imposição nunca se processe de forma

absoluta. [...] Sem dúvida, o lugar de onde se fala constitui o dizer" (MARIANI, 1998, p. 68).

No entanto, a fim de compreender essa discursividade institucional, o analista prescinde da "[...] historicidade do processo de constituição da própria instituição, ou seja, o modo como a instituição, ao se constituir como tal, discursivizou-se" (MARIANI, 1999, p. 47). E o levantamento dessa historicidade é o tema da próxima seção, que aborda a constituição do jornalismo no Brasil.

2.2 CENSURA INSTITUCIONALIZADA *VERSUS* LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A legitimação da imprensa como instituição aconteceu contemporaneamente ao período em que foi formalizado um sujeito jurídico ocidental e foi firmada a concepção predominante de linguagem verbal como instrumento de comunicação. É principalmente durante o século XIX que se firma no Brasil, tal qual no restante do mundo ocidental, com o desenvolvimento da sociedade industrial, uma identidade para a imprensa enquanto instituição, estabelecida a partir da formulação do discurso jurídico.

Mais tarde, o pós-guerra também serviu para rever a circulação de notícias, sobretudo após a teoria da bala mágica. A teoria foi muito criticada à época, sobretudo pelos frankfurtianos, que trouxeram à tona em suas análises o poder manipulador da propaganda durante a Segunda Guerra Mundial como parte dos esforços para arregimentar soldados à frente de batalha.

A teoria da bala mágica, também conhecida como teoria da agulha hipodérmica e chamada por alguns como teoria da correia de transmissão, é basicamente postulada em cima do estímulo-resposta, como explica DeFleur e Ball-Rocheach (1993). Após quase sessenta milhões de vítimas e muita manipulação de informações, seja pela publicidade ou pelo jornalismo, que é atravessado fortemente pelo discurso publicitário, a Organização das Nações Unidas também serviu como instituição legitimadora à imprensa, quando, em 1948, sancionou o direito à informação, destacado na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Contudo, o processo de legitimação da imprensa tem início bem antes do século XX. Esse processo teve início no século XVI. A história da imprensa está diretamente relacionada com a história da tipografia. A expansão da imprensa deveu-se ao auxílio daquela. De acordo com Mariani (1999), a partir da primeira metade do século XVI, os tipógrafos passaram a ser vistos como ameaças ao Rei e à Igreja em virtude de que leis e atos podiam ser contestados e difundidos pela tipografia. Consequentemente, a censura é instituída, o que tornou o trabalho dos tipógrafos limitado: tudo o que produziam era previamente analisado pelos tribunais censórios e, caso encontrassem algo contrário às leis vigentes, as tipografias eram proibidas de funcionar.

O discurso jurídico foi consolidando-se aos poucos em torno do funcionamento das tipografias. As leis deixaram de pertencer apenas ao domínio da Igreja, pois passaram a ser publicadas na forma de alvarás. Desta maneira, as tipografias serviram tanto aos autores como aos censores. O discurso jurídico funcionou como se fosse uma garantia para a imparcialidade na prática jornalística ao impor regras e punições aos envolvidos. Apresenta-se, então, uma contradição. Ao mesmo tempo em que a lei pertence e institui a imprensa, também funciona contra ela, porque regula a liberdade que a fundamenta. As leis de censura regulavam o que podia ser dito. Assim, a "atividade jornalística foi, ao longo dos séculos, formando uma jurisprudência própria, na qual o poder (de) dizer algo – entendido como comunicar, informar, mas não opinar – ficou inevitavelmente ligado à censura" (IDEM, p. 54), assim foi consolidada uma política de silêncio. Isto demonstra como as práticas sociais de fixação da memória agem para garantir que as possíveis ameaças à desestabilização da homogeneidade sejam silenciadas, evitando um novo sentido, apagando os possíveis deslocamentos de sentidos para manter o *status quo*.

A historicidade das instituições pode ser vista como resultante de processos discursivos que se tornam aparentes através de práticas e/ou rituais sociais, por meio da circulação de seus produtos e dos sistemas de normas e leis que se estabelecem de acordo com o discurso institucional, moldando-se e transformando-se, o que provoca um efeito *universalizante* de reconhecimento: em uma dada formação social as pessoas sabem ou deveriam saber o que é um jornal e uma igreja, entre outras instituições. Esse processo histórico de naturalização das instituições e dos sentidos funciona de modo a torná-las evidentes, legítimas e necessárias. A ideologia garante esse funcionamento porque silencia as condições de produção, ou seja, o processo histórico-ideológico e

social (IDEM). Devido às exigências do poder religioso, político e jurídico de manter preservado o *status quo* dominante, temos o assujeitamento da instituição jornalística:

> [...] Estabelecendo um paralelo com a noção de assujeitamento do sujeito a um já-dito, consideramos que houve um processo histórico de assujeitamento da instituição jornalística a um já-dito constituído juridicamente [...] e não uma vontade de neutralidade, resultado do uso de técnicas que adequam uma exterioridade factual colada a sentidos literais (MARIANI, 1999, p. 55).

Mariani (1999) propõe que o funcionamento do discurso jornalístico é regido por relações sociais jurídico-ideológicas responsáveis por conservar certas informações em circulação, colaborando assim na manutenção dessas mesmas relações. Em outras palavras, a imprensa constituiu-se por uma *norma identificadora*, resultante da aplicação da lei, porém, esse discurso jurídico-político apaga-se na história da imprensa e passa a ser internalizado (autocensura), representado sob a evidência, como se fosse, desde a sua constituição, assim.

Em 1821 foi criada a primeira Lei de Imprensa de Portugal, acabando com a censura prévia e institucionalizando a *liberdade* do dizer. A partir desse momento, as pessoas podiam escrever o que quisessem, mas precisavam assinar, identificar o escrito, com local, data da impressão e nome do impressor para que se houvesse algum abuso contra a religião, o Estado, os bons costumes ou particulares, as pessoas responsáveis fossem localizadas, individualizadas e responsabilizadas juridicamente. “A explicitação de local, data e nome do editor era, e ainda é, uma forma de tornar visível o autor de um texto que se desviasse do que a norma jurídica prescrevia" (IDEM, p. 56).

No Brasil, a atividade da imprensa começa tardiamente. Só no início do século XIX, em 10 de setembro de 1808, é impresso o primeiro jornal, A Gazeta do Rio de Janeiro, com notícias de Portugal, que circulou até 1821. Antes da Gazeta, porém, o Correio Braziliense (também conhecido por Armazém Literário) foi o primeiro a circular no Brasil, inaugurado em primeiro de junho de 1808, mas editado em Londres, sendo que circulou até 1822. Foi com a vinda da família real portuguesa e a consequente chegada de cerca de quinze mil portugueses na nossa sede do reino de Portugal, que as relações de linguagem irão se alterar no Brasil. Em 1808, junto com a bagagem real, veio a prensa oficial e, por ordem de D. João VI, a imprensa régia passa a funcionar. Antes desse período era inibida e proibida a atividade jornalística no Brasil.

Enquanto a Gazeta do Rio de Janeiro era voltada à imprensa oficial, o Correio Braziliense satirizava a corte. Porém, ambos eram focados no Velho Mundo.

"[...] Nos raros momentos em que se tematizava o Brasil, tratava-se mais de um discurso *sobre* o Brasil e não de um discurso jornalístico brasileiro propriamente dito. Por ser assim, esse discurso jornalístico se insere no fluxo de um imaginário europeu que vem se organizando desde a descoberta do Novo Mundo" (MARIANI, 2003, p. 32). A autora (1999, p. 54) caracteriza esse início da imprensa brasileira:

> [...] Nesse gesto político-institucional de fundação da imprensa no Brasil, depreende-se o que virá a ser a marca registrada da maioria dos jornais brasileiros até bem recentemente: a submissão ao poder vigente bem como a preocupação em atender às ideias e interesses do dono. Assim, no processo de formação da imprensa brasileira, a censura sempre atuou da mesma forma ou com a mesma intensidade fosse através de mesas censórias, fosse através de leis.

A vinda da imprensa régia ao Brasil, país que à época era na sua maioria de iletrados, gera um efeito de unidade, todavia, conforme declara Flores (2011, p. 21)

> [...] Se a vinda da Corte não produziu automaticamente um discurso brasileiro jornalístico, mas sim a presença de uma imprensa brasileira, o que nossas análises foram nos mostrando é que justo nos periódicos que se editam na passagem de 1821 para 1822, há um movimento em que se materializa a fundação de uma posição-sujeito jornalista brasileiro. […] As análises apontaram então para a fundação de uma discursividade brasileira no jornalismo do início da década de 20, do século XIX.

Conforme relata Flores (2011), com a suspensão da censura prévia e a regulamentação da liberdade de imprensa, no Decreto de 2 de março de 1821, à véspera de D. João VI deixar o Brasil, vários periódicos foram criados no Brasil. Especialmente, no Rio de Janeiro, onde a Corte estava instalada. Para Flores (2011, p. 67), "[…] Esse Decreto é um acontecimento histórico-político que pode ser compreendido como um *acontecimento discursivo*[14] na medida em que […] configura a possibilidade de uma nova discursividade para o jornalismo nascente no Brasil". A autora complementa:

> [...] O Decreto de 2 de março de 1821 foi o resultado das agitações de 26 de fevereiro daquele ano, quando D. Pedro prometeu, entre outros direitos, também a liberdade de imprensa aos revoltosos, fato que aconteceu mesmo a partir de 9 de março, quando foram promulgadas as bases da Constituição, reconhecendo a liberdade de pensamento como *"*um dos mais preciosos direitos do homem*"*. Pelo Decreto, que começou a vigorar em julho daquele ano, todo cidadão podia, sem depender da censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, desde que respondesse pelo abuso dessa liberdade. Antes, todos os escritos passavam pelo Desembargo do Paço e pela Mesa Censória, que examinavam a publicação. O Decreto, assinado por D.

[14] Este conceito será aprofundado adiante, ainda neste capítulo.

> João VI, transferia a censura de lugar, ou seja, deixava para impressores a responsabilidade sobre os escritos nos jornais. Dito de outra forma, a censura continuava, mas deixava de ser prévia e passava a ser aplicada não somente aos autores dos textos, mas também aos responsáveis pelas tipografias, quando os escritos não tinham autoria. […] Ou seja, apesar de poder vir a ser censurado – ressalta-se aqui que o Decreto proibia explicitamente escritos contra a religião, a moral e os bons costumes, a Constituição, a pessoa do soberano e a tranquilidade pública – os periódicos "podiam" dizer/publicar. Esse deslocamento da censura faz muita diferença e, de nosso ponto de vista, é uma das condições de produção de um discurso jornalístico brasileiro que vai se materializando, inclusive pela grande proliferação de jornais naquele período (IDEM, p. 67-69).

Dois anos após a *independência* do Brasil, em 1824, surgiu a primeira lei brasileira de imprensa. Na prática, era uma réplica da lei portuguesa. Era proibida a circulação de impressos anônimos e que atentassem ao Estado, à Igreja e aos bons costumes. Pouco tempo depois, D. Pedro aprovou outra legislação, ainda mais rigorosa, que atrelava a ideia de liberdade com responsabilidade e essa responsabilidade aumentava conforme o abuso praticado. Todavia, essa lei durou pouco, apenas três meses, sendo substituída pelo Código Criminal do Império. Em protesto, começam a circular os pasquins, pequenos jornais de resistência sem periodicidade regular e sem autoria marcada. O objetivo desses pasquins era o de criticar a política do Império, invariavelmente, de forma sarcástica (MARIANI, 1999).

Quase um século depois, na Era Vargas, nos anos de 1930, portanto, em paralelo aos primórdios do rádio[15] no Brasil, tem-se as condições de produção para uma nova imprensa, intitulada de *imprensa empresarial*, voltada à comercialização. A empresa jornalística passou a ser vista como um investimento atraente, fazendo do jornalismo uma atividade-meio. É uma mudança nas instâncias de poder e na forma de construção da notícia jornalística. Contudo, essa mudança não altera totalmente o caráter de doutrinação política exercido pelos jornais pequenos que circulavam no mesmo período. A consolidação desse sistema de massificação dos meios comunicação veio nos anos oitenta do século passado, ainda durante o período do golpe militar, ensejando as indústrias jornalísticas, como é o caso do Grupo Abril, da Rede Globo etc. Em Florianópolis, A rádio CBN Diário é uma empresa do grupo RBS (Rede Brasil Sul), afiliado à Rede Globo de Comunicações. A emissora mantém seu padrão de jornalismo aos moldes da Rede Globo, ao contrário da Rádio Guararema, de cunho popular, mas igualmente dependente da consessão do Estado para a exploração desse serviço público

[15] O rádio como meio de comunicação de massa teve sua primeira transmissão no Brasil durante as comemorações do centenário da independência, em sete de setembro de 1922, no Rio de Janeiro.

de comunicação, mesmo que com fins particulares. Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que o discurso institucional se consolida através da historicidade e essa é resultante de processos discursivos que geram sentidos determinados.

> [...] As instituições, na maneira como as estamos concebendo, constituem parte do processo ideológico geral de edificação de práticas discursivas e não-discursivas, processo esse que apaga para o sujeito seu assujeitamento às formas discursivas, produzindo o efeito de literalidade, de objetividade do real etc. O que chamamos de instituição é fruto de longos processos históricos durante os quais ocorre a sedimentação de determinados sentidos concomitantemente à legitimação de práticas ou condutas sociais. São práticas discursivas que se legitimaram e institucionalizaram, ao mesmo tempo em que organizaram direções de sentidos e formas de agir no todo social (MARIANI, 1999, p. 51).

As instituições exercem um certo controle social, servem para modelar as práticas sociais e é com base nos lugares sociais nos quais os sujeitos posicionam-se que as instituições são definidas. Ao constituir-se, a instituição é regulada por uma formação discursiva dominante e a produção de sentidos é sempre móvel. Mariani (1998, p. 70) sugere que "[...] para uma análise crítica das práticas discursivas institucionais é necessário considerar também a sua constituição por diferentes formações discursivas, que tanto afetam como são afetadas pela memória e pela ideologia, uma vez que são produtos da linguagem" (MARIANI, 1998, p. 70).

Em outras palavras, tomando-se também as considerações de Bourdieu (1997), o controle se dá pelo medo de perder o emprego, o que acarreta em conformismo político, numa forma insconciente de autocensura, que nada mais é do que o silêncio local, em que a opera a política do silenciamento, como explica Orlandi (2007).

Essas condições de produção garantem com que os detentores do poder possam manipular as massas para fins políticos, conforme os autores da Escola de Frankfurt amplamente discutiram ao longo do século passado. Por isso, a imparcialidade existe como um efeito, como uma ilusão a qual tanto querem fazer acreditar os proprietários dos meios de comunicação. Isto é parte do discurso institucional, no qual se detém a Escola Funcionalista, que é uma escola eminentemente mecanista, voltada à teorização a respeito dos aparatos tecnológicos, em detrimento dos sujeitos. A teoria da notícia, advém da Escola Funcionalista. Nesta teoria, objetividade e imparcialidade fazem parte do cotidiano do jornalista, são as metas a serem alcançadas. Existe o *dever* de se produzir um determinado sentido como *informação*, de maneira imparcial, sem

julgamento de valor. Para resolver a questão da autoria e manter a política de silenciamento, teoricamente, a opinião sobre determinado assunto fica para certos profissionais dentro da área de jornalismo, que são os articulistas, os comentaristas, os editores, enfim, profissionais já legitimados para tal, em locais ou quadros específicos dentro do jornal ou da programação dos meios eletrônicos, como rádio e TV. Por outro lado, cada posição assumida por sujeitos, seja ela qual for, está determinada pelo/no discurso. Isto deixa claro que a imprensa como instituição controladora e formadora de opinião,

> [...] "esquece" que foi obrigada a fundar-se com uma interpretação do mundo juridicamente segura. Ou melhor, que assegura, juridicamente, a fronteira entre o que pode e deve ser dito. O resultado deste processo é a ilusão do jornalismo-verdade, ou seja, a ilusão de que os jornais são apenas testemunhas, meios de comunicação ou veículos informativos (MARIANI, 1999, p. 59).

A imprensa, como instituição, produz um efeito de verdade, que se materializa por outro efeito, o de imparcialidade. O problema é que, por princípio, ao selecionar as fontes e determinar o que virá a noticiado, temos tomadas de posição a partir de uma determinada inscrição numa formação discursiva, o que inviabiliza a objetividade e a imparcialidade como algo imaculado.

Ao discutir a *objetividade jornalística,* Genro Filho (2012, p. 197), admite que a ideologia está contida ali,

> [...] cuja função é reproduzir e confirmar as relações capitalistas. Essa objetividade implica uma compreensão do mundo como um agregado de "fatos" prontos e acabados, cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Caberia ao jornalista, simplesmente, recolhê-los escrupulosamente como se fossem pedrinhas coloridas. [...] A apreensão do senso comum, que corresponde à experiência cotidiana dos indivíduos, é dada pela significação meramente "funcional" no universo social vivido. Logo, em termos epistemológicos, a base na qual o fato será assentado e contextualizado tende a reproduzir de maneira latente a universalidade social tal como é vivida imediatamente.

O resultado desse trabalho do discurso jornalístico é a própria definição do que é notícia para a imprensa. A concepção de notícia como um relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público, faz acreditar que a linguagem permite ter uma relação direta com a realidade-sentido literal. Ou seja, o *relato* de fatos ou acontecimentos,

características próprias da teoria do espelho retratada no início deste subitem e que ainda é praticada ao longo do país, produz a ilusão de se ter uma via de comunicação que vai sempre se concretizar, porque será *capaz de ser compreendida* pelo público.

Essa forma de agir e de produzir notícia é própria do funcionamento de discursos *sobre*. Mariani (1998, p. 60) define os discursos *sobre* – e o jornalismo inclui-se aí –,

> [...] é tornar o objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com a relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se 'envolveu' com a questão.

Assim, *falar sobre* um discurso de origem é um efeito de homogeneidade da memória (MARIANI, 1998), colaborando para que se tenha um dizer legitimado, próprio de discursos institucionalizados porque "[...] representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, [...] estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor" (IDEM, p. 60). Os discursos *sobre* são, conforme a autora, discursos intermediários entre o discurso de origem e o interlocutor. É um funcionamento perfeito ao jornalismo, que existe a partir da mediação do conhecimento entre o discurso de origem (ou a fonte) e o destino final, ou seja, o receptor. Segundo Orlandi (2006c), toda mediação atua no processo de apagamento, anulando a interlocução e a interação[16] e substituindo a reflexão crítica por um automatismo em que o mais importante é manipular, o que é uma velha discussão no meio jornalístico, entre a produção e a reflexão acerca do conteúdo.

Por isso, para Mariani (1998, p. 44), a mídia opera "[...] como um elemento fundamental na representação e re-produção dos 'consensos de significação'". Isto porque o tempo é um elemento crucial ao meio, numa área em que passado e presente e projeções do futuro entrecruzam-se a todo instante, num perpétuo tecer da história e da política do cotidiano "[...] na tentativa de explicar/didatizar os acontecimentos, ou seja, construindo um sentido 'natural' para a instabilidade do presente" (IDEM, p. 45).

Esse funcionamento do discurso jornalístico *assemelha*-se também ao discurso pedagógico. Isto porque ambos são discursos *sobre.* O professor é autoritário ao deter (e por vezes reter) o conhecimento, tornando-o *dono do dizer*, incontestável

[16] Do ponto de vista discursivo, os conceitos de interação e interlocução serão melhor discutidos na seção Textualidade às escuras.

porque o que ele diz é verdade absoluta, impossibilitando o discurso polêmico, ou seja, impossibilitando contestações, sobretudo porque se houver contestações, o professor faz uso de suas *estratégias didático-pedagógicas*, comumente as temidas *provas*, em que o aluno deve provar que sabe o que o professor quer ouvir ou ler, ao invés de ser avaliado pelo processo de ensino-aprendizagem e pela capacidade de arguir e discernir o conteúdo em questão.

Courtine (2009, p. 232) vai direto ao ponto quando discute a presença do efeito pedagógico em uma dada formação discursiva:

> [...] Na sequência pergunta/resposta, como na reformulação em O QUE P É X, estamos em presença, nesse tipo de reformulação pelo qual um elemento de saber está apresentado como anulado, vazio, objeto de interrogação, para ser imediatamente "preenchido" por um retorno do saber, de um mecanismo fundamental do *efeito pedagógico*; desse efeito que, na anulação que ele produz de um saber que preexiste e domina a produção do efeito, coloca o outro, o interlocutor, na posição *de não saber*, isto é, *de ter de aprender*; que situa o alocutário no não saber, na ignorância; que simula sua ingenuidade, ou muitas vezes apenas pressupõe sua imbecilidade.

No discurso autoritário, no qual se inscreve o jornalista – e que se assemelha à formação discursiva pedagógica –, o sujeito acredita ser o *dono da verdade*, o *dono do dizer* equivocadamente. Apesar de sabermos que, com isso, consegue controlar os sentidos, a polissemia, e evitar contestações ao *naturalizar* os sentidos. Dizemos equivocadamente, porque, como afirma Maldidier (2003, p.96), o percurso de Michel Pêcheux trouxe à tona "[...] algumas ideias tão simples quanto insuportáveis": o sujeito não é a fonte do sentido, há sempre a possibilidade de um deslize, de um furo, pois o sentido se constitui historicamente, na eterna retomada da memória, do retorno do/ao mesmo, de um sempre já-lá parafrástico.

Nesse funcionamento altamente institucionalizado, a mídia também desempenha o papel de *tradutora* de uma *cultura erudita*, "[...] e isso no Brasil tem ainda um significado determinado, pois aqui funciona o imaginário de uma Escola em falta" (SILVA, 2002, p. 132). No entanto, o que há é um duplo movimento de interpretação, entre duas (ou mais) formas discursivas, o que caracteriza a informação, como explica Gallo (2012a)[17]. Este duplo movimento causa um efeito de informação e pode vir a se confundir com tradução. Mas, tradução é próprio de uma língua para outra (ORLANDI, 2005). O jornalista interpreta e media, sendo um discurso intermediário.

[17] O conceito de informação será melhor discutido adiante.

Porém, próprio do funcionamento das formas discursivas autoritárias e institucionais, para não colocar em risco toda a estabilidade dos sentidos tão arduamente operacionalizada historicamente a partir do termo *objetividade*, o jornalista não declara que produz interpretações. Ele busca ser imparcial e objetivo, forma de garantir a homogeneização dos sentidos, propiciando um efeito de veracidade. O risco de abertamente admitir a interpretação dos fatos, é o de por terra abaixo a instituição imprensa, trazendo à tona o fato de que há uma agenda de notícias impostas pela mídia, que a seleção das notícias também é algo próprio do ponto de vista empresarial – portanto também político. Colocar-se como testemunha/mediador é uma forma de doutrinação da imprensa, para que o jornalista siga um protocolo empresarial e jurídico, ao invés de assumidamente narrar o que interpreta. A interpretação é de "[....] uma ordem do discurso que deve, ao produzir um lugar de interpretação em outra ordem de discurso, constituir efeitos de sentidos" (ORLANDI, 2005, p. 151), que irão propulsionar novas interpretações.

A questão é que o sujeito afetado pela tecnologia naturaliza essa mediação eletrônica, silenciando o fato de que "[...] toda locução já carrega em si um gesto de interpretação" (ORLANDI, 2003a, p. 20). O sentido é um efeito sócio-histórico e ideológico, suscetível à falha, ao equívoco da língua. "[...] Diremos, então, que a possibilidade da "falha" é constitutiva da base linguística, afetando, desse modo, os processos discursivos em curso" (MARIANI, 1998, p. 30). Na complexa relação em que se insere o sujeito contemporâneo atual, afetado pelas tecnologias digitais, há a dimensão histórica do sujeito, que é o próprio acontecimento simbólico a ele, conforme explica Orlandi (2005). Para a autora, não há sentido sem história. E é nesta relação a qual o equívoco atua. O sujeito, no equívoco de significar, cria a ilusão da literalidade. No entanto, o sentido é sempre na relação. Por isso, ao se pensar discursivamente, não há tradução ou literalidade. O que temos é o texto, nas suas marcas textuais, algo incompleto – mas, que o equívoco dá a ilusão de linearidade.

Por sua vez, a imprensa, porta-se como mediadora. O conhecimento, ao invés da via científica, da escola, da universidade, vem pela mídia. Resultado disso é o *compromisso assumido com o leitor*, um certo pacto com o público/mercado, num apagamento ideológico, em que o jornalismo assume o papel de informar, partindo da suposição de que ele (público) não sabe dos "fatos" e, sobretudo, não os sabe interpretar.

Nessa relação mercadológica, a imprensa não informa primordialmente o que interessa ao leitor, mas sim o que traz retorno financeiro, próprio da teoria organizacional, em que o fator econômico é preponderante. Vizeu (2003, p. 8) diz que a produção das notícias é influenciada por fatores econômicos, "[...] são incluídos fatos no jornal que *teoricamente* devem atrair uma maior audiência". A partir desse conhecimento divulgado pela mídia, *você sabe que x, mas não sabe X,* o que caracteriza a marca do discurso jornalístico, que é de tratar *sobre* determinados assuntos, sem propiciar ao leitor o conhecimento em profundidade, conforme teoriza Mariani (1999). Ela vai mais além, afirmando que no discurso jornalístico "[...] já se tem uma memória da própria instituição da imprensa agindo na produção das notícias. Memória que atua como um 'filtro' na significação das notícias e, consequentemente, no modo como o mundo é significado" (MARIANI, 1998, p. 67). Por isso, há a didatização desse discurso, explicando o que o leitor *deve saber*, construindo o presente, oficializando uma memória. Por vezes, vem a ser desestabilizada num acontecimento que *rebeldemente* irrompe nessa estrutura, tema da seção a seguir.

2.3 MEMÓRIA DO/NO DISCURSO

Indo às origens da AD, encontramos a premissa de que o sentido é sempre outro, porque o sentido existe na transferência, ou seja, na metáfora, no lugar provisório da formação discursiva (PÊCHEUX, 2008). Se toda palavra leva a outra, há pontos de deriva, de deslize, ao furo de linguagem. Conforme Pêcheux (2009) o lapso e o ato falho são as falhas, o furo no ritual de linguagem, na ordem pré-estabelecida ideologicamente no interior de uma formação discursiva, colocando em cheque, mesmo que de forma fugaz, essa mesma ordem ideológica, desestabilizando-a de alguma forma, num ato de resistência discursiva, havendo sempre espaço à interpretação – espaço do gesto de leitura da AD. Neste gesto de leitura, o analista traz à tona a opacidade da língua a partir das marcas do texto. Estamos invariavelmente expostos

> [...] ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar- se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação

> própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53).

A mídia corresponde a essa demanda, justamente com as *coisas-a-saber*. Pêcheux (2008, p. 37) postula, ao discutir o marxismo, que as *coisas-a-saber* são "[...] suscetíveis de se organizar em um espaço científico coerente, integrado em uma montagem sistemática de conceitos", de forma que venham a ser conhecimentos a serem disponibilizados à sociedade, que se deva tomar conhecimento. Ao seu modo, a mídia produz um efeito de que se *deve* saber, mas ela naturaliza os sentidos, atuando junto à memória discursiva, no fio do discurso, "institucionalizando esses dizeres possíveis" (MARIANI, 1998, p. 97).

Na busca pelo controle dos sentidos, há dois modos de se construir uma notícia utilizados pelo *fazer jornalístico,* de acordo com Mariani (1999). Esses dois modos são devidos a duas situações específicas: o que é inusitado, portanto, sobre o que ainda não há memória; e o possível, previsível, que remete a algo que já aconteceu com certa semelhança, logo, já formou uma memória. Por sua vez, sobre a memória "[...] é sempre bom ter presente que *lembrar é o reverso de esquecer* e ambas as operações estão juntas no mesmo eixo de funcionamento", como salienta Ferreira (2008, p. 13). Ela destaca que é a memória que nos torna únicos, ao mesmo tempo que aproxima, tornando-nos múltiplos. Isto porque, para cada tipo de memória, há um efeito de sentido e, consequentemente, um efeito-leitor. A memória é constituída de esquecimentos e silêncios, sentidos construídos com limites e vice-versa. Sempre que lemos, o sentido pode ser outro. É o que afirma Orlandi em vários de seus textos, baseada na obra pecheutiana. E a leitura a partir de formas diferentes de memória produzem sentidos outros em virtude da interpretação imbricada, carregada de ideologia. Portanto,

> [...] é possível concluir que o mencionado "trabalho de memória" é um dos mecanismos que possibilita a constante reconfiguração do arquivo enquanto repositório dos sentidos, alternando um movimento necessário que vai oscilar entre presença e ausência, entre lembrança e esquecimento. [...] No lugar de articulação entre os dois eixos – o da *lembrança* e o do *esquecimento* – vai situar-se o discurso da mídia, ao provocar a ativação de certos fatos tornados acontecimentos, ou promover o esvaziamento de outros tantos, relegados ao apagamento (FERREIRA, 2008, p. 22).

O discurso jornalístico, que integra o discurso de mídia apresentado acima por Ferreira, tem seu trabalho contínuo e uniforme realizando uma seleção imaginária

que faz com que as pessoas desenvolvam modelos de compreensão da realidade, fazendo com que isso resulte na construção individual de uma memória que permitirá o *manuseio* com as demais situações das quais ainda não há memória (MARIANI, 1999). Para construir o discurso jornalístico, pode-se buscar na memória discursiva um já-dito, ou quando o acontecimento não remete à memória é necessário que se crie uma a partir de tal.

Isso acontece porque o jornalismo atua, simultaneamente, em situações temporais, as quais "[...] *capta*, *transforma* e *divulga* [...] o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, *legitima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro" (MARIANI, 2003, p. 33). A autora enfatiza que não se trata de um jogo de palavras, mas que o discurso jornalístico integra o processo histórico do que será lembrado no futuro. Isto porque, ao analisar discursivisamente a produção jornalística, temos o funcionamento imaginário de uma época, "[...] o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário" (IBIDEM).

Para Courtine (2009, p. 105), a existência histórica constitui a noção de memória discursiva:

> [...] Em outras palavras: como o trabalho de uma memória coletiva permite, no interior de uma FD [formação discursiva], a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento desses elementos de saber que são os enunciados? Enfim, sobre que modo material existe uma memória discursiva?

Ele mesmo responde que a memória discursiva "[...] constrói aqui a ficção de uma história imóvel, funciona como *cristalização do tempo histórico*, no qual se forma a discursividade". Mariani (1998, p. 40) afirma que "[...] para se pensar a memória discursiva é necessário considerar os "subterrâneos" constitutivos deste "mundo semanticamente normal". Desta forma, antes do dizer, para se fazer inteligível, para fazer sentido ao outro (ou ao Outro também), é imprescindível que os sentidos estejam já-lá, fixados, numa memória da linguagem, que é a memória discursiva. Memória esta que é não-linear, repleta de faltas, das lacunas as quais a ideologia busca se apoderar para preencher de sentido, repercutindo ao sujeito no efeito de completude.

Enfim, ao categorizar os tipos de memória existentes nos processos de linguagem, Orlandi (2011) sintetiza que memória de arquivo é aquela institucionalizada; a memória discursiva ou interdiscurso, é histórica, aquela do tempo, do esquecimento, há inscrição histórica; a metálica, por sua vez, é a memória numérica, que soma, própria da mídia.

Por sua vez, ao seu modo tecnicista, a produção jornalística mobiliza uma memória de sujeito-leitor a partir da própria mídia, obedecendo uma pauta genérica da grande mídia, de forma superficial, sem historicização. Esta forma de trabalho mobiliza a memória metálica, que, segundo Orlandi (2011), é a memória numérica, serial, própria da mídia, por não produzir redes em profundidade.

Orlandi (2005), ao analisar o processo discursivo da TV, elaborou o conceito de memória metálica que abrange os meios eletrônicos massivos e adequa-se também à discursividade radiofônica já atualizada tecnologicamente, operando em rede (seja via satélite ou internet). Ou seja, não estamos tratando de emissoras radiofônicas que operam de forma isolada, por exemplo, tais como no interior da zona rural ou ainda em meio à floresta amazônica. Para a autora, a televisão provoca uma situação paradoxal porque, ao invés de termos a possibilidade da transferência, ou seja, da metáfora, a TV, no oposto, historiciza a si e des-historiciza o espectador. O olhar des-historicizado aplaina os sentidos, promove uma relação entre o mesmo, ao invés de produzir história, ou seja, de haver a constituição de sentidos, a metáfora.

A autora (2010) rememora que o comum, ao se falar em digital, é falar em redes, próprio do movimento da cibercultura. Própria do meio digital e eletrônico, a memória metálica, é "[…] técnica, não produz redes em profundidade, mas serialização na/de superfície. Repetição e quantidade, em sua forma binômica" (IDEM, p. 9). Importante frizar, conforme anuncia Gallo (2011a) que na memória metálica não há equívoco: ela se organiza por significantes; não há falha, não há esquecimento (tudo o que já foi postado, está lá), é balizada pela organização ao invés de o ser pela ordem. Por isso, nada é esquecido, ou seja, a memória metálica é uma memória de pura matemática, o sentido é outro; não chega a se inscrever discursivamente porque não possui elementos históricos, ao contrário da memória de arquivo, em que há inscrição histórica, há inserção ideológica.

Quando voltamos nosso gesto de leitura ao discurso eletrônico, temos a memória da máquina, produzida pela mídia, pelo constructo técnico. Esta memória, a metálica, de acordo com Orlandi (2005), apresenta sempre mais do mesmo numa

produção serial, ou seja, não produz ruptura; a produção é industrial de quantidade, mas com o efeito de diferença, de variado. A autora (2006a, p. 5) define que, na memória metálica,

> […] Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade. […] Qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação (e, consequentemente, com a ideologia.). Aliada a questão da memória está o fato de que a forma material que é o texto mexe com a natureza da informação, produz efeitos sob o modo como ela funciona. A natureza do significante (diferentes linguagens) intervém na produção do objeto e este objeto, por sua vez, constitui o modo de significação deste gesto simbólico. […] Como tenho dito, há uma abertura do simbólico e as diferentes linguagens, as diferentes materialidades significantes atestam esta abertura pela suas distintas formas de significar produzindo seus efeitos particulares. […] Da perspectiva discursiva, o que há na relação dessas formas materiais significantes distintas certamente não é simples adição. É uma relação muito mais complexa e que aguarda explicitação.

Trazendo o conceito de Orlandi sobre memória metálica para uma crítica à televisão, podemos afirmar que ela homogeneiza seus fins, destacando a diferença primordial entre produtividade e criatividade. Nos estudos de linguagem, a criatividade, mesmo contendo em si o interdiscurso em que há sempre um já-lá próprio do funcionamento discursivo, desloca, há a transferência, o deslize de sentidos, enfim, a ruptura. O processo produtivo dá-se pelo oposto: tem-se múltiplas formas, há variedade, porém, do mesmo. Resultado disto é não sair do mesmo espaço do dizível. Por isto comentamos acima a questão da produção serial da indústria.

> [...] Enquanto instrumento marcado pela produtividade – múltiplos meios e homogeneização dos fins – a Tevê é um lugar de interpretação extremamente eficaz. Porque *anula* a memória, a reduz a uma sucessão de fatos com sentidos (dados) quando, na realidade, o que se tem são fatos que reclamam sentidos. É este reclamar de sentido que permitiria a historicização, a inscrição do acontecimento na história. A Tevê produz acontecimento *sem* história. A Tevê produz repetição sem memória (IDEM, p. 180).

Podemos afirmar que as reflexões de Orlandi a respeito da TV são válidas também para a mídia rádio e, particularmente, ao rádio informativo contemporâneo, conectando os grandes centros urbanos. Consideramos a memória metálica como característica do radio informativo atrelado de alguma forma aos grandes centros urbanos porque acreditamos que ainda no interior do Brasil, a memória do rádio seja de

arquivo sem ter seu viés eletrônico, ou seja, num arquivo catalogado à mão. Em outras palavras, ao invés de transmissão e arquivamento de dados de modo eletrônico, por um *software*, essas emissoras compilam o áudio e o arquivam conforme um critério discursivo e não técnico.

Durante o Apagão, mesmo desconectada dos demais suportes midiáticos, a informação de rede, da internet, estava presente. Podemos considerar que foi um apagão midiático ao povo ilhéu, que somente teve acesso às informações a partir do rádio automotivo ou pelo velho radinho companheiro dos campos de futebol, aquele à base de pilhas. Mesmo assim, os repórteres da CBN, inclusive na sua logística operacional, trabalharam conectados com os demais profissionais e meios de comunicação do Grupo RBS, tais como a TV COM e o Diário Catarinense. A emissora gera seu sinal a partir Morro da Cruz, em conjunto com a equipe da RBS e, por ter conseguido operacionalizar a estrutura com geradores, não houve falta de acesso aos computadores e à internet. Por sua vez, a Rádio Guararema tem sua sede na região continental, no município vizinho de São José. O transmissor da emissora está estabelecido no Beira Mar Norte de Florianópolis e o acesso da equipe da Guararema a outros meios de informação foi ainda mais direta, pois a transmissão de energia elétrica (e consequentemente o acesso à internet, à televisão e a outros meios de comunicação) permaneceu intacta a partir da metade da Ponte Governador Colombo Salles, no sentido Ilha-Continente.

Para preservar esse status através da circulação de determinadas informações, o discurso jornalístico, aqui especificamente o rádio informativo, produz a ilusão de ser neutro, imparcial onde só se mostram fatos que *falam por si*, porque, na sua origem, a fim de proteger o *status quo* da elite dominante, o jornalismo no Brasil institucionaliza-se a partir das "[...] exigências do poder religioso, político e jurídico" (MARIANI, 1999, p. 55).

O jornalismo tradicional é calcado pela mediação, faz parte de seu funcionamento haver um repórter que sirva de ponte entre o público e aquilo que venha a ser relevante a ponto de se tornar algo a ser noticiado e, consequentemente, que se inscreva na memória. "[...] É, portanto, por intermédio da mídia de massa que o acontecimento marca a presença, já não sendo primordial que o fato histórico tenha acontecido, é preciso que ele circule na mídia. Assim, a mídia inscreve-se como um lugar de memória" (SARGENTINI, 2008, p. 134). No caso midiático, de memória metálica.

Enquanto a memória de arquivo é constituída pela ordem, a metálica faz-se pela organização. Esta organização se dá por um conjunto de caracteres, próprio do mundo eletrônico, do *bit*, do 0 ou 1. Não temos uma organização dada por ordem enunciativa ou discursiva, como no caso da memória de arquivo.

Na prática, conforme explicam Gallo e Neckel (2012, p. 13), a memória discursiva, que é histórico-social, "materializa-se em diferentes ordens discursivas (seja a ordem jurídica, a religiosa, a pedagógica etc.), enquanto a memória metálica organiza-se segundo parâmetros não materiais, ou seja, trata-se de uma organização formal (algoritmos, gigas etc.)." Metálica, mas sem jamais esquecer que ela é um *sempre-já*, inscrevendo-se também na memória discursiva. Isto porque, a partir do momento em que ela se materializa, passa a integrar um arquivo, constituindo esse *sempre-já*, ou seja, também é memória discursiva.

O discurso jornalístico também se apresenta de forma autoritária, cabendo a ele a função de "transmitir dizeres", tal qual o discurso pedagógico, conforme discutido anteriormente. Assim, o discurso jornalístico no Brasil, ao qual o rádio informativo também se integra, com suas formas autoritárias, pode ser considerado de poder, que esse poder se dá em um processo hierárquico que faz com que os sujeitos não questionem essa ou aquela "notícia", pois a forma de construção do sujeito-leitor nesse discurso não prevê reversibilidade[18]. Justamente por ser autoritário, dá ênfase ao mesmo, não prevendo a voz diferente, num discurso circular. Mas, o efeito da empresa midiática é de uma instituição discursivamente *"livre* e *independente"*. Porém, como se trata de um efeito e trata-se de um discurso *sobre*, o jornalismo no Brasil acaba por silenciar outros modos de relatar os fatos, estabelecendo um sentido único, dominante. Nesse tipo de discurso, a posição do sujeito-autor, pré-determinada, resultado da hierarquia existente, faz com que, ao receber *informação,* automaticamente elege-se o que de fato é necessário e de utilidade, enquanto que, ao sujeito-leitor, cabe a tarefa de não questionar as *verdades,* ocupando assim a posição de ouvinte passivo e não de um interlocutor, ou seja, numa posição-sujeito fortemente alinhada à forma-sujeito do conhecimento interno da formação discursiva dominante.

[18] O conceito de reversibilidade é que o norteia nosso dispositivo analítico e será melhor discutido no capítulo Materialidade Discursiva.

2.4 ACONTECIMENTO NO JORNALISMO

No discurso jornalístico, em nome de fatos que falam por si, finge-se a mediação com o desaparecimento da interlocução (MARIANI, 1999). Segundo Courtine (2009, p. 104). "[...] Toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura, movimenta – *faz circular* – formulações anteriores, já enunciadas, [...] como um efeito de *memória* na atualidade de uma acontecimento, sob a forma de um retorno da contradição nas formas do diálogo".

O jornalista busca o *furo*, não o furo discursivo, da falha, do equívoco, mas o furo jornalístico, ser o primeiro a noticiar o *acontecimento jornalístico*, que pode ser considerado como "[...] a noticiabilidade no seu nível enunciativo-jornalístico, que apresenta um fato/evento/sujeito como novidade conteudística", como explica Pimentel (2011, p. 6). E se, além de ser o primeiro, sua matéria chegar a ser um acontecimento histórico, vale muito à pena veiculá-la, porque não e fácil trazer diariamente o diferente. Pontes e Silva (2010, p. 51-52) explicam que,

> [...] em geral, o acontecimento costuma ser compreendido como uma ruptura, uma descontinuidade que redireciona uma data história, seja ela fictícia ou referenciada no real. No caso do jornalismo, a noção mais utilizada de acontecimento está intrinsecamente ligada aos fatos que acontecem na *realidade*. O acontecimento, como usualmente compreendido no pensamento jornalístico, estaria fora do texto, ficando, portanto, na relação entre os fatos e suas consequências diretas sobre a vida em determinada sociedade. O jornalismo coloca-se como mediador que possui a tarefa de trazer esse acontecimento exterior para a interioridade do texto, dando-lhe o destaque pertinente à importância que esses fatos tomam para o público em geral. O jornalismo mostra-se como o próprio lugar em que o acontecimento transforma-se em texto. Um texto que se julga constantemente transparente, submetido a uma ética que lhe seria inerente.

O jornalista, ao tratar do cotidiano, busca sempre encontrar algum fato novo que possa ser considerado extraordinário, que possa vir a ser considerado como um acontecimento jornalístico. Mas, ao garimpar diariamente o que poderá vir a público, há um critério de relevância, que, como aponta Bourdieu (1997, p. 25-27), esse "[...] princípio da seleção é a busca pelo espetacular. [...] É uma limitação terrível".

O que não se pode esquecer é que os jornais trabalham construindo modelos de compreensão/explicação da realidade, colocando sentidos onde interessa. Gomes (2000, p. 19) complementa:

> [...] se ao jornalismo é vetado o falar em primeira pessoa, este fato se dá não tanto em nome da objetividade, largamente comprometida se seguirmos a lógica do signo até seu limite, mas porque esse poder que se funda na língua-mãe, e organiza o campo do social em nome de todos, não pode falar nem ser reiterado ou lembrado como *individuação*, uma vez que é a reafirmação/rememoração da palavra consignada por *todos*. É pela mesma razão que se notará a presença constante de sujeitos coletivos no jornalismo, por exemplo, a faculdade de medicina, a sociedade dos moradores de bairro, o conselho técnico de tal e tal entidade etc.

O discurso jornalístico é moldado e marcado por decisões de inclusão, exclusão e hierarquização de informações. Dessa maneira, além do que é dito, existe também o implícito, o não dito e o esquecido que compõem as notícias também de acordo com as ideologias do veículo de comunicação que compõem o perfil editorial de cada empresa. Além dessas ideologias explícitas, há as influências pessoais do sujeito discursivo, portanto, afetado pela ideologia. Por isso, além de toda a questão do equívoco da língua, há que se ponderar também a respeito das escolhas conscientes, em que "[...] há acontecimentos que nunca chegam a ser notícia, problemáticas que nunca surgem nas páginas dos jornais. As próprias notícias publicadas podem dizer muitas coisas, mas ignoram muitas mais" (SOUSA, 2004, p. 106). Ao encontro disso, Leal e Antunes (2011, p. 27), dizem que "[...] a relação jornalismo/acontecimento certamente não se resume a fórmulas como a do inusual, do que 'irrompe' inesperadamente no cotidiano", mas é o oposto, em que "[...] os acontecimentos surgem no cotidiano já imbricados, em maior ou menor grau, à ação dos *media*, sendo os jornalistas promotores de eventos, especialmente para os seus públicos".

Por sua vez, discursivamente, Moirand (2012, p. 2) declara que um acontecimento "[...] não surge com um sentido determinado: ele só existe, enquanto acontecimento, através de uma inteligibilidade compartilhada, uma inteligibilidade cultural, história e discursivamente compartilhada". Para a autora (IDEM, p. 10), o início de um acontecimento se dá pelos fatos, que podem ser físicos ou humanos, "[...] que são colocados em palavras e em discurso pelos locutores diversos, atores ou espectadores do que se produz na realidade". Ela defende que os fatos são relatados na mídia, categorizados pelos jornalistas a partir da percepção desses fatos, mas "[...] para designar esses atos e seus atores, não dispomos de denominações 'estabilizadas'. Usamos designações já encontradas em situações anteriores, eventos do mesmo tipo que aconteceram aqui ou em outro lugar e estão registrados na memória" (IDEM, p. 11), ou

seja, contrariando a ilusão primeira de estar na origem do dizer e, neste caso, de acreditar na própria imparcialidade ao divulgar a notícia.

2.5 A INSCRIÇÃO DO SUJEITO

A relação do sujeito com o(s) sentido(s) é fundante para a AD, crucial ao analista de discurso. É algo indissociável porque o sujeito se produz produzindo sentido. Sob o viés discursivo, a linguagem articulada é um dos alicerces fundadores do sujeito e do sentido. O sujeito discursivo é constituído por uma pluralidade de vozes, inscreve-se em diferentes formações ideológicas e discursivas, em que seus gestos de interpretação refletem essa heterogeneidade, dando a sua dimensão histórica e simbólica.

Com esse caráter materializado na língua, a ideologia está imbricada em relações sociais, políticas e históricas, ao formularem-se os sentidos. Ela, a ideologia, encontra-se intrincada às projeções que o sujeito faz das condições de sua própria existência, ou seja, na relação com a exterioridade, na forma que sustenta os sentidos, apesar desses estarem sempre além das vontades e intenções humanas. Nesta perspectiva, a formulação de sentidos é estreitamente ligada à historicidade, que faz com que os sentidos tenham uma pluralidade de possiblidades.

Contradição, entrega, resistência...

Para Orlandi (2003c, p. 17), o sujeito constrói-se a partir de entrega e de resistência, está em um "[...] movimento do sujeito para uma posição que não o submete inteiramente à coerção. [...] O processo de resistência é justamente isso: estabelecer um outro lugar de discurso onde se possa (re) significar o que ficou 'fora'". Por isso, o sujeito do discurso não pode ser analisado como um sujeito único e específico, porque os sentidos estão sempre sujeitos ao deslize, a uma nova ressignificação, de acordo com as suas condições de produção.

Desde as origens da AD pecheutiana, nos idos dos anos 1960 na França e a partir dos anos 1980 no Brasil com Eni Orlandi, a noção de sujeito é ponto fulcral à teoria discursiva. Para compreender essa significação de sujeito dentro da análise do discurso é preciso compreendê-lo como parte integrante de um complexo sistema sócio-histórico-ideológico, no qual o sujeito não atua de forma individualizada e suas reações

são reflexos de todo um contexto que o cerca. Ele enuncia como se a língua fosse transparente, mas há sempre algo que poderia ter sido dito e que não o foi, aquilo que foi mascarado pela transparência da linguagem, ou seja, como afirma Pêcheux (2009), o caráter material da linguagem que é constituído das formações ideológicas, por conseguinte, das formações discursivas que o atravessam e que definem o que pode e deve ser dito.

O fato de o sujeito ser afetado pela ideologia e pela historicidade "[...] resulta no deslocamento da centralidade do sujeito" (ORLANDI, 2006c, p. 188), em virtude de que o sujeito se apropria da linguagem ao nascer. Por isso, "[...] O sujeito seria puro efeito e não origem, fonte de si mesmo", resume a autora (2003c, p. 18). Além disso, Pêcheux (2009, p. 142) enfatiza que esse efeito de memória atua "[...] como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é 'sempre já-sujeito'".

Esse sujeito é interpelado em sujeito discursivo de acordo com a formação discursiva que o representa, como se fosse uma matriz de sentido dissimulada pela ideologia dominante nessa formação discursiva. Em virtude disso, o sujeito na posição de autor insere-se em uma rede de paráfrases de determinada formação discursiva em que o sentido é passível de interpretação porque possui um já dito, há uma legitimação do dizer. A seleção e mixagem de todo esse material é realizada pelo autor que produz o efeito de textualização de conteúdos relacionados à memória da formação discursiva, para alcançar o *novo* resultado. Dizemos *novo* em relação ao efeito-autor, conceito proposto por Gallo (2001). Para a autora, há gradações de inovação, sendo que o efeito-autor está relacionado à contradição discursiva e ao surgimento de uma nova formação discursiva dominante:

> […] Caracterizei o efeito-autor, como sendo o efeito do confronto de formações discursivas, cuja resultante é uma nova formação dominante. […] A autoria tem relação com uma função de todo sujeito, a função-autor. […] A função-autor, portanto, tem relação com a dimensão enunciativa do sujeito do discurso, ou seja, tem a ver com a heterogeneidade interna a uma formação discursiva dominante, que ganha aí seu movimento e sua unidade sem perder, com isso, sua dominância. […] O sujeito se identifica com uma formação discursiva "já-lá". […] Esses são os elementos que caracterizam a autoria: a singularidade e o fechamento, o primeiro garantido pela diferença, e o segundo pelo repetível. […] Primeiramente, em um nível enunciativo-discursivo, que é o caso da função-autor, que tem relação com a heterogeneidade enunciativa e que é condição de todo sujeito e, portanto, de todo acontecimento discursivo. E em segundo lugar, em um nível discursivo por excelência, que é o caso do efeito-autor, e que diz respeito ao confronto de formações discursivas com nova dominante, verificável em alguns

> acontecimentos discursivos, mas não em todos. Sendo a função-autor condição de todo sujeito, esse nível de autoria é pouco operante para uma prática de produção de texto (IDEM, p. 67-69).

A função autor é possível porque o sujeito é sempre sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, sendo um ser essencialmente histórico. Mas, a possibilidade do furo, do confronto, permite o efeito autor porque, antes de tudo, temos o atravessamento fundador que é o da linguagem, constituída pela ideologia, de modo que o sujeito já nasce assujeitado por toda uma gama de conhecimentos e contextos históricos.

Sendo interpelado pela ideologia, o sujeito não se dá conta de que é assujeitado, vive sob o efeito de ser a origem do seu dizer. A ideologia apresenta-se como algo transparente, no entanto, disto resulta um efeito de verdade, que escamotea a sua própria existência ideológica porque ela silencia a historicidade do dizer, criando a permanente ilusão do sentido absoluto. É desta forma que o sujeito se constitui em sujeito do discurso, por acreditar-se livre, apesar de interpelado pela ideologia, condicionado aos esquecimentos n.º 1 e n.º 2. Este é decorrente da forma de organização que o sujeito revela no discurso, estando no nível do pré-consciente. Já o esquecimento nº 1 tem relação com a presença do Outro, ou seja, o interdiscurso, estando no nível do inconsciente. Este nível de heterogeneidade é incontornável.

> [...] Compreende-se, pois, que aquilo que continuaremos chamando o esquecimento nº2 *cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí, precisamente, que se apoia sua "liberdade" de sujeito-falante.* [...] O efeito da forma-sujeito do discurso é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº 1, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº2. Assim, o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal) (PÊCHEUX, 1997, p. 175-177).

Se a função autor é inerente ao sujeito em função do esquecimento n. 1, o efeito-autor só é possível na produção de texto, porque, segundo Gallo (2008, p. 84), ele "[…] é produzido a partir de uma posição de sujeito do discurso (o discurso em questão), que produzirá, simultaneamente, o efeito-autor (efeito de realidade de 'um' sujeito responsável) efeito de realidade de um outro que assim o vê (lê)". Portanto, ao contrário de outros olhares teóricos, a escuta discursiva necessita que a análise seja também externa ao texto, não se restringindo somente ao interior dele porque a partir da

análise do momento histórico em que o sujeito se encontra, é possível interpretar os sentidos das palavras, frases e do discurso em si, compreendendo assim o sentido material que o sujeito autor produz, não se baseando somente em códigos linguísticos.

Ao mesmo tempo, o analista também é sujeito, e essa inscrição do sujeito no discurso depende do assujeitamento à língua, mesmo que ele tenha o efeito de ser a origem de si, como no efeito Münchhausen, instituído por Pêcheux (2009, p. 144) como um "[...] efeito *fantástico* – pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito – o nome de 'efeito Münchhausen', em memória do imortal barão que *se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos*". Esse efeito de ser a origem de si é motivado pela forma-sujeito presente em cada formação discursiva, no entanto, "[...] assujeitar-se é condição indispensável para ser sujeito.

Ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito. Concomitantemente, a interpelação em sujeito pela língua, a identificação com a ideologia e consequente produção de sentido resulta nesse complexo que é o sujeito discursivo. Enfim, como explica Pêcheux (1997, p. 266) "[...] Estamos lidando com uma determinação que se apaga no efeito necessário que ela produz sob a forma da relação entre sujeito, centro e sentido, o que, de uma forma condensada, chamamos 'efeito Münchhausen'". Como o próprio autor (2009, p. 147) afirma, "[...] os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes", garantindo o assujeitamento. O poder dizer, ou seja, o dizível, é definido na relação entre as formações discursivas, dependendo do lugar social ocupado, as significações de suas palavras podem ser diferentemente interpretadas, e do mesmo modo o seu posicionamento, ou seja, a posição-sujeito interfere no efeito de sentido.

As palavras, por si só, seriam vazias de sentido, é porque estão inscritas em algum discurso, em alguma formação discursiva que ganham sentido. De acordo com a posição/lugar que o sujeito ocupa, ele - sujeito - tem o seu dizer ligado a uma memória, pois "recorre" aos discursos disponíveis. Essa disponibilidade encontra-se no pré-construído, que "[...] remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é "construído" pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático" (PÊCHEUX, 2009, p. 89).

Há sempre posições-sujeito diversas constituindo formações discursivas que atravessam uma formação dominante. O sujeito reconhece-se na formação discursiva,

constituindo-se, identificando-se nela e mudando a cada nova leitura, nas quais novas formações ideológicas atravessam e trazem novos efeitos de sentidos. Não há textos que não sejam inter-relacionados a outros textos. Todo texto teve pelo menos uma fonte distinta para se filiar. Pode-se afirmar que o sentido produzido pelo sujeito jamais terá um fecho definitivo já que a cada leitura, a cada análise, a cada modificação no texto, serão encontradas novas formas ideológicas e históricas e, consequentemente, também de sentidos. Por isso, o sujeito é assujeitado. Não quer dizer que este sujeito aceita aquilo que está dito completamente e sim que o sujeito tem condições de produzir e interpretar sentidos, a partir de todo o sentido sempre já-lá, ou seja, a partir do interdiscurso.

Em função dos atravessamentos pelas formações discursivas, pode-se afirmar que o texto é uma dispersão do sujeito, em virtude deste sujeito poder aparecer em várias posições no discurso, porque está afetado pela ideologia e pela historicidade. E é na linguagem que a ideologia se materializa, como objeto concreto, referência empírica de estudos, linguagem esta que para significar, é constituída pelo complexo sistema da língua que é diretamente afetada pela história em sua construção e estruturação. Assim, é possível compreender o motivo pelo qual tal enunciado (e não outro) está presente nesse exato instante e momento.

> [...] A tese principal é a de que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência do sujeito e, simultaneamente, o sujeito é "produzido como causa de si". [...] Em suma, "o sujeito" se produz *nesse* "não-sujeito" constituído por um amontoado de representações "desprovidas de sentido", e essa produção é acompanhada precisamente por uma *imposição de sentidos às representações* (PÊCHEUX, 2009, p. 238).

O sujeito é sempre a causa de si, ele não duvida em nenhum momento de sua situação porque ele integra uma determinada posição-sujeito numa formação discursiva dominante. Enfim, o sujeito não aprende a interpretar, o que acontece é uma injunção à interpretação: não podemos não interpretar, conforme declara Orlandi ao longo de sua vasta bibliografia. O sujeito é atravessado por diferentes vozes sociais que se contrapõem e se completam enquanto indivíduo constituído em sujeito, pela linguagem. Há vários discursos compondo o discurso do sujeito, justamente porque a língua e o sujeito não são homogêneos, no entanto, há uma permanente busca do efeito de unidade. A análise de discurso busca compreender a heterogeneidade presente apesar

da evidência de um sujeito uno, homogêneo. Procura-se compreender como no discurso o sujeito divide o espaço discursivo com o *outro*. Esse outro com "o" minúsculo representa aquele interlocutor que compartilha o discurso do sujeito. Em outras palavras,

> [...] se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com um *S maiúsculo* – sujeito absoluto e universal - , é precisamente o que J. Lacan designa como o Outro (Autro, com *A* maiúsculo), e, de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan, "o inconsciente é o discurso do Outro", podemos discernir de que o *recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar *como o processo do Significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (Pêcheux, 1997, p. 133-134).

Todo discurso é composto por um conjunto de diferentes vozes, que se misturam nos limites de uma construção linguística. As inúmeras vozes que compõem o sujeito se contradizem e se completam, constituindo a AD como uma "[...] teoria não-subjetivista da subjetividade", na célebre formulação pecheutiana. Disso resulta a complexa relação entre inconsciente, ideologia e a língua[19]. Portanto, o sujeito constitui-se como sujeito de linguagem (na sua relação com inconsciente) e à linguagem (na relação com a ideologia).

> [...] Com relação à *sistematicidade da língua*, o sujeito encontra nela o suporte e o espelho. Por suporte, estamos entendendo a base material em que o sujeito se apoia no enfrentamento da língua; lidando com suas regras, driblando suas normas, trabalhando em sua engrenagem e tentando se impor nessa relação mutuamente constitutiva. E é por ela e nela também que falha nesse controle e deixa irromper o que lhe é mais próprio, mais íntimo, mais sinistro, o que provoca, por vezes, um efeito de estranhamento ("unheimlich") hostil e incômodo. Por espelho, estamos tomando, então, a noção de inconsciente que se mostra nesses tropeços do sujeito com a própria língua (a língua do inconsciente), o real da língua) e o faz revelar-se no seu real (o real do sujeito) (FERREIRA, 2008, p. 16).

Nesta intrincada relação de entremeio entre a materialidade da língua, a ideologia e o inconsciente, que o sujeito se constitui – e discursiviza-se. Espaço que tende à falha, à ruptura, ao deslize de sentidos...

[19] Língua aqui é pensada no viés discursivo de Courtine (2009, p. 32), "[...] como uma instância relativamente autônoma, é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido".

3 TEXTUALIDADE ÀS ESCURAS

O rádio, fazendo parte do rol das mídias tradicionais, como o jornal e a televisão, funciona em geral a partir de um âncora[20] que se posta como um mediador – o que não foi diferente no acontecimento Apagão em Florianópolis, em que as emissoras seguiram os rituais da estrutura informacional radiofônica. Todas as emissoras que permaneceram no ar durante o episódio, as rádios CBN Diário e Guararema, mantiveram a estrutura de uma equipe de produção, apresentador(es) e repórter(es), com programas informativos baseados em entrevistas, notícias e apresentação ao vivo das informações, *in loco.*

Como afirma Lévy (1999), a comunicação de massa é sobrepujante no dispositivo um-todos, em que um jornalista apresenta as notícias a um público passivo; o telefone engloba o dispositivo de ponto a ponto, ou seja, um-um; por sua vez, a cibercultura funciona a partir do todos-todos*,* em que há comunicação em rede.

Vale ressaltar que a convergência, como postula Jenkins (2009) não é a união de múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos, ou seja, é mais do que afirmar que os meios estão todos unidos e sendo retransmitidos na/pela internet. O autor (2009, p. 27-28) discute que a "[…] convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos diversos". Isto perfaz um novo sistema de mídia.

No entanto, em 2003, convergência ainda era uma tendência, *smartphones*[21] e a própria internet não eram acessíveis à grande parte da população como o é nesta segunda década do século XXI.

Mesmo estando em um sistema fechado, em que há um suposto público passivo, como apontado por Lévy (1999), o grande diferencial durante o Apagão em Florianópolis foi o fato de as emissoras terem aberto espaço para a participação ao vivo dos ouvintes, via telefone, para discutir o que quisessem a respeito do Apagão, desde dúvidas, críticas, sugestões, denúncias as até mesmo um *simples alô*. Esta interlocução integra o recorte de nosso *corpus*, o que nos instiga à pesquisa e integra o foco de

[20] O termo âncora é oriundo do telejornalismo e designa o apresentador do programa jornalístico.

[21] *Smartphones* são os telefones celulares considerados inteligentes por haver a convergência midiática, servem como se fossem pequenos computadores portáteis com o serviço de telefonia acoplada.

análise que se volta à possibilidade dessa interlocução ter se apresentado de forma a romper o ritual do rádio informativo e constituir um acontecimento discursivo. Courtine (2009, p. 132) aponta que há rituais de enunciação em cada formação discursiva, perfazendo "[...] um conjunto de *rituais* determinados que fazem parte das circunstâncias enunciativas dessa produção, no sentido de que esse conjunto produz a *representação imaginária*, a partir da qual se concebe a fala para os sujeitos concretos que veem a situação".

A formação discursiva radiofônica estruturou-se dessa forma, em que, conforme elenca Prado (1989, p. 17-18), as potencialidades do rádio informativo não foram postas em prática: "[...] a estrutura de atuação, pelo contrário, limitou ao máximo os canais de participação, despersonalização da audiência, individualizando e ilhando ao máximo cada ouvinte, até criar uma relação ilusória interpessoal entre o emissor e o receptor, exercendo influência através da persuasão". O rádio, em razão de sua própria estrutura operacional em que um repórter pode transmitir as informações a partir de um simples celular, ao vivo do local em que se coletam os dados, é um meio de comunicação de massa que pode garantir a simultaneidade, a instantaneidade e a rapidez no repasse das informações.

Além disso, ainda em pleno século XXI o meio rádio possui maior alcance e abrangência em função da simplicidade para a captação das ondas hertzianas, fato demonstrado durante o Apagão em Florianópolis, quando a população acompanhou a transmissão radiofônica a partir de radinhos à base de pilhas ou no próprio aparelho de som do carro. Essas características garantem ao rádio público amplo[22], com transmissão tecnológica barata. No entanto, em sua estrutura enunciativa, essa persuasão dá-se de modo unidirecional porque o rádio baseia-se aos moldes do clássico modelo emissor – meio e mensagem – receptor. Este modelo possui sentido fechado, unidirecional. Prado (1989, p. 18) denuncia que "[...] um meio organizado sob este esquema não é um meio de comunicação, mas um canal de distribuição de mensagens-mercadoria".

O rádio origina-se justamente no século XX como uma extensão do meio impresso. Os jornalistas radiofônicos, aos moldes dos jornais, compunham toda a sua matéria de forma escrita para, somente após isto, divulgá-la oralmente. Com o decorrer das décadas, a linguagem foi se especializando e se distanciando do meio impresso, mas

[22] De acordo com o IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o aparelho rádio está presente em 80% dos domícios no país, sendo que a pesquisa não considerou os aparelhos de celular que sintonizam as rádios FMs, tampouco o acesso pelos veículos ou a transmissão via computador através da retransmissão na internet (TUDORÁDIO.COM, 2013).

esse discurso de escrita continua sendo uma marca do discurso radiofônico. Em seu fluxo contínuo de informação, apesar de ser o meio de comunicação eletrônico com o maior potencial de diálogo com o ouvinte, o rádio informativo mantém o seu cotidiano em sentido fechado. Isto porque a oralidade do rádio mascara esse sentido fechado, autoritário. Para Meditsch (2001), a aparente oralidade do rádio é própria da sociedade industrial do século XX. Desta forma, "[...] o discurso do rádio e o discurso oral têm muitas semelhanças e pontos de contato. As diferenças entre os dois discursos não são evidentes ao observador desatento e teoricamente desarmado" (IDEM, p. 69).

O sentido fechado do rádio informativo é constitutivo de seu modo de produção eletrônico, mas não chega a ser um problema: "[…] pelo contrário, é diretamente proporcional à capacidade de produzir sentido. O fechamento é uma das conquistas da escrita que a tecnologia eletrônica incorpora, e o que lhe permite superar as limitações intelectuais da oralidade" (IDEM, p. 218). No entanto, o rádio aberto, próprio da comunicação de massa, e com seu respectivo sentido fechado, circular, que o diferencia do modo de comunicação um-um direta, do telefone, faz com que seja impossível

> […] qualquer forma de cristalização do enunciado, o caráter movediço e evanescente do som e a precariedade do meio auditivo para retratar a realidade limitam a possibilidade do rádio informativo de cumprir o ideal jornalístico de reproduzir esta realidade, limitação esta que se torna mais evidente diante da *impressão de realidade* produzida nos meios audiovisuais e que o rádio não é capaz de equiparar (MEDITSCH, 2001, p. 219).

A obra de Gallo discute essa questão do ponto de vista da autoria, criando os conceitos de discurso de escrita e de oralidade e, mais recentemente, de escritoralidade[23]. De acordo com a obra da autora, a oralidade típica dos meios eletrônicos rádio e TV inscrevem-se no discurso de escrita, mas oralizado. O discurso de escrita garante o poder dizer. Para tal, precisa ser legitimado, precisa de uma fonte oficial, de uma publicação. Sua versão no rádio informativo pode ser facilmente reconhecida quando um apresentador lê um texto interpretando-o como se fosse uma fala ao vivo, espontânea. Temos aí o discurso de escrita oralizado, em que o sentido é fechado, apesar de aparentar o oposto. Contudo, marca do meio rádio é também o

[23] O conceito de escritoralidade é próprio da internet e possui os sentidos ora abertos (discurso de oralidade), ora fechados (discurso de escrita), em que há uma nova posição-sujeito e em que se evidencia o efeito autor e se instaura um acontecimento discursivo (GALLO, 2012b).

sentido provisório, não fechado, não legitimado, próprio do discurso de oralidade. Conforme explica Gallo (2012b, p. 55),

> [...] Ecoa nos textos que se inscrevem no Discurso de Escrita (DE), o efeito de sentido de FECHO, de unidade, de legitimidade, de prestígio. Ao contrário, no Discurso de Oralidade (DO) os sentidos são inacabados, provisórios, sempre passíveis de serem corrigidos, alterados, ou seja, sem efeito-autor.

No entanto, ao abrir os microfones aos ouvintes durante o Apagão, as emissoras radiofônicas abriram também a possibilidade de uma predominância do discurso de oralidade e, consequentemente, da ausência do efeito autor e de novas posições sujeito nessa discursividade jornalística que tem, de forma geral, a predominância do discurso autoritário. Mesmo assim, essa abertura pode trazer à tona deslizes de sentido, apesar da barreira simbólica ser mais espessa do que a barreira física. Segundo Gallo (2012b, p. 53),

> Transpor uma barreira física pode não ser tão difícil quanto transpor uma fronteira simbólica, mudar de lugar simbólico: essa é que é prática difícil, porque as fronteiras sociais estão materializadas na linguagem. Por essa razão, essas são mais difíceis de transpor, uma vez que os sentidos se naturalizam na língua.

Todavia, diante do caos que se estabeleceu durante o acontecimento Apagão em Florianópolis e da abertura de sentidos propiciada pelas emissoras locais de rádio, há a real possibilidade de novas posições sujeito. Por isto, nossa pesquisa pretende comprender o funcionamento dessa discursividade nas condições de produção aqui descritas, com o objetivo de responder sobre a instauração ou não de uma nova discursividade. Esta nova discursividade teria a ver com a materialização da *utopia brechteriana*.

Bertold Brecht (2005, p. 42), em seu clássico texto *Teoria do rádio*, declara:

> E para agora ser positivo, quer dizer, para descobrir o positivo da radiodifusão, uma proposta para mudar o funcionamento do rádio: é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber: portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, consequentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores. Portanto, todos os esforços de radiodifusão em realmente conferir, aos

> assuntos públicos, o caráter de coisa pública são totalmente positivos.

O meio rádio passou por diversas transformações tecnológicas nos seus mais de cem anos de existência e mantém-se, sobretudo no interior, como uma importante – e muitas vezes a única – fonte oficial de informação jornalística. Podemos acrescentar que o meio se perpetua, mesmo com o grande avanço tecnológico e do deslizamento de sentidos provocados pela comunicação em rede, com o advento da internet. O rádio "[…] se mantém como uma das grandes armas para a sociedade democratizar a comunicação, a informação" (ZUCULOTO, 2005, p. 58). Essa "arma" é bem aproveitada no radioamador[24], muito comum entre caminhoneiros.

Ao fazer uso das ondas curtas, o radioamador cumpre esse papel por ser uma transmissão radiofônica direta, como se fosse um telefone, há interação e, ao mesmo tempo, interlocução.

Gallo e Griggoletto (2013) explicam que o conceito de interação exige do sujeito uma ação, pré-programada pela relação homem-máquina e o conceito de interlocução constitui "o movimento dos/entre os sujeitos (não apenas dois) que se dá na ordem do intersubjetivo". As autoras, ao analisarem o sujeito-máquina na relação com a memória metálica, consideram a interação como constitutiva da interlocução. "[...] Assim, a inscrição do sujeito no processo discursivo se dá pela/na máquina e isso já se constitui em historicidade, já que "não existe memória metálica em uso por sujeitos, que não seja desde sempre memória discursiva" (GALLO; NECKEL, 2012)"(IBIDEM). Ou seja, retornando ao radioamador, há diferença.

Ao contrário do discurso institucionalizado da escrita do rádio comercial aberto, no discurso provisório, de oralidade, do radioamador, há espaço para novas tomadas de posição, existe abertura à reversibilidade, à autoria. O radioamador, em seu funcionamento, ao contrário do rádio informativo, tende à reversibilidade, deixando de ser um discurso circular, autoritário. Em sua própria relação com o meio o radioamador, ao contrário do rádio informativo, opera em forma de interlocução e interação discursiva. E podemos acrescentar também que ele não deixa de ser uma máquina eletrônica e de funcionar em rede, mesmo que esta não seja virtual na ideia de bits, mas, assim como a internet, o rádio se dá por radiodifusão, por ondas e frequências sonoras.

[24] De acordo com o saite da Agência Nacional de Telecomunicações, "O Radioamador é o serviço de telecomunicações de interesse restrito, destinado ao treinamento próprio, intercomunicação e investigações técnicas, levadas a efeito por amadores, devidamente autorizados, interessados na radiotécnica unicamente a título pessoal e que não visem qualquer objetivo pecuniário ou comercial." (ANATEL, 2014).

No entanto, as emissoras comerciais que operam em AM (amplitude modulada) e FM (frequência modulada), ou seja em ondas médias e longas, estão no oposto da interação e da interlocução de sentido aberto das ondas curtas. Por isto, Bertold Brecht tem seu espaço garantido nesta discussão, quando ele declara que o meio rádio é subaproveitado, que o rádio precisa deixar de um meramente um canal de distribuição para, de fato, comunicar, havendo retroalimentação do ouvinte. Discursivamente, consideramos a interação o relacionar-se com o meio de comunicação, no caso o rádio, de forma a retroalimentar o meio, deixando somente de ser ouvinte passivo.

Contudo, podemos ter interação sem, de fato, haver interlocução. Inclusive este é o dia-a-dia do rádio comercial, quando o ouvinte solicita uma música ou responde ao que é esperado pelo locutor, sem sair do mesmo. Como explicam Gallo e Grigoletto (2013), a interlocução é da ordem da intersubjetividade. É mais do que simplesmente responder ao locutor radiofônico qual o nome, de qual bairro fala etc.

A interlocução envolve historicidade, na sua imbricação com o imaginário e o simbólico. Em outras palavras, somente podemos ter abertura à interlocução quando temos reversibilidade. Discursos fechados em si, não permitem a voz diferente. Portanto, como bem lembra Zuculotto (2005, p. 58), continuaremos no mesmo "[...] enquanto não se conquistar completamente o rádio para fazê-lo falar de modo adequado a sua forma e conteúdo próprios, devido as suas especificidades, mas em especial de acordo com sua função social".

Tendo-se isso em mente, podemos afirmar que o Apagão em Florianópolis foi um acontecimento ímpar, em que o jornalismo informativo foi colocado numa situação limite diante do inusitado da situação de pane elétrica e tudo o que decorreu a partir disso, tendo um grande potencial para ser colocada à prova a teoria brechtiana e, finalmente, do ponto de vista discursivo, termos voz diferente no rádio.

Como bem afirma Meditsch (2001, p. 111),

> [...] os desastres, sejam provocados por forças naturais ou humanas, constituem grandes momentos do jornalismo de rádio, pela operacionalidade tática do veículo. Nenhum outro meio tem a mesma versatilidade para anular a sua própria estratégia, em função dos ditames de um acontecimento fora do comum. O rádio opera, então, como um guerrilheiro da informação, moldando-se em tempo real, em função dos acontecimentos extraordinários, num nível inatingível pelos meios que, paradoxalmente, contam com uma estrutura maior. Os imperativos táticos podem reestruturar totalmente desde a rede de captação de notícias até a programação.

Essa capacidade de adaptação do meio rádio foi colocada em prática desde as primeiras horas, quando as emissoras transformaram a programação rotineira em cobertura jornalística do acontecimento. O que fez esse acontecimento ser ímpar foi, também, porque "[...] pensa-se, equivocadamente, no veículo jornalístico como a sempre presente testemunha ocular dos fatos, e seu relato como puro testemunho da realidade, testemunho com valor de prova legal" (ROMÃO, FERRAREZI, 2008, p. 26).

Ao conclamar *o nosso ouvinte repórter* ao longo da cobertura radiofônica como o fez a Rádio Guararema ou ainda como a Rádio CBN Diário que abriu os microfones ao ouvinte durante a noite, sem a mediação direta costumeira da equipe de produção, as emissoras deslocaram o sentido legitimado jornalisticamente de testemunha ocular, conceito que abriu teoricamente esta tese, para pedir o auxílio ao outro, no caso o ouvinte radiofônico. Isto abre historicamente uma interação e, ao mesmo tempo, uma interlocução, uma co-participação midiática.

O meio rádio discursivizou-se ao iniciar essa cobertura jornalística em que houve uma gradação maior do discurso de oralidade quando se estabeleceu a interlocução direta com o outro, num possível deslizamento de sentidos. É esta discussão que nos interessa na escuta discursiva, a ser discutida no próximo item.

3.1 DESLIZE DE SENTIDOS

O enunciado apagão evoca

> Ausência de luz noturna, geralmente, ocasionada por uma interrupção no fornecimento de energia em determinado local (bairro, cidade, região etc); blecaute. P.ext. Diminuição brusca da eficácia de um serviço ou atividade que, ocasionada por uma falha, provoca outras falhas, em determinado sistema de fornecimento, compartilhamento e/ou controle: apagão televisivo. pl. apagões. (Etm. do espanhol: apagón) (SETEGRAUS, 2014).

Ou ainda, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), "[...] interrupção no funcionamento da eletricidade ou falta de energia elétrica frequentes, como "blecautes". A origem latina *apagón* apresentada por Setegraus remonta, de acordo com Martins (2001), ao termo ainda mais antigo, também de origem latina, *ad pacare.* Por sua vez, *pacare*, em latim, designa extinguir o fogo ou a luz. Ou ainda, "[...] À luz da

morfologia, observo que o verbo apagar, por derivação regressiva, produziu a forma apago (em desuso no Brasil) e a partir dessa construção produziu, por derivação sufixal, a atual palavra apagão" (IDEM).

Dito de outra forma, apagão originou-se na arcaica *apago*, que por sua vez teve origem em apagar e este, por último, do latim *ad pacare.* O artigo de Martins é uma discussão *on line* de um período em que o termo apagão estava em voga na imprensa brasileira, quando teve início a crise energética na Região Sudeste do Brasil, na última metade do governo de Fernando Henrique Cardoso, nos idos de 2001 e 2002, época em que o termo apagão teve o deslizamento de sentidos à crise energética, de acordo com Sargentini (2008).

Por sua vez, Martins (2001) alerta que "[...] a palavra apagão, portanto, não é tão original como nos parece à primeira vista" por se tratar de uma derivação regressiva do verbo apagar, sendo considerada então uma palavra deverbal ou pós-verbal pela "[…] redução da palavra apagar, que perdeu a vogal temática –a e a desinência verbal –r" (IDEM). Além disso, o sufixo *ão*, linguisticamente, costuma ser criador de palavras de negação e de rejeição no Brasil:

> […] assim como apagão, boa parte das palavras terminadas em –ão evidenciam desolação, desilusão, devastação, destruição, solidão e o atual sentimento de consternação social do povo brasileiro. É o caso de apagão que não é apenas o apago geral, mas um apago também de ordem econômica, política, moral e ética frente a uma política de descaso e iniquidade do governo central. A história de criação do neologismo apagão mostra o valor expressivo do sufixo -ão na estilística da Língua Portuguesa. Como se sabe, o sufixo –ão, por excelência, é o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se o sufixo –ão diretamente a radicais de substantivos, como no caso da palavra paredão, de adjetivos, como em valentão e de verbos, como no caso de apagão. Finalmente, o que nos chama a atenção do –ão do apagão, do ponto de vista linguístico, é que este sufixo caracteriza-se por ser formador de palavras altamente negativas para os falantes brasileiros (IDEM).

À época do acontecimento em Florianópolis, em 2003, o enunciado apagão remetia à crise energética do governo FHC e coincidia também com a crise energética nos EUA e Canadá. Entre os dias 14 e 16 de agosto daquele mesmo ano, a Região Nordeste estadunidente e a Região Leste canadense ficou no breu total, afetando em torno de cinquenta e cinco milhões de pessoas, com prejuízos estimados em mais de seis bilhões de dólares (IG SÃO PAULO, 2009).

Por diversas vezes o acontecimento na américa do norte veio à tona nas emissoras analisadas. O apagão de lá atingiu uma das regiões mais densamente

povoadas nos EUA, repercutindo a crise no trânsito, nos sistemas de comunicação, nos aeroportos e hospitais. Em Florianópolis, dois meses depois dos Estados Unidos, o apagão daqui não gerou problemas no Aeroporto Internacional Hercílio Luz, que possui geradores próprios, mas, com as devidas proporções, o transtorno foi semelhante. Florianópolis sediava dois eventos internacionais de grande vulto, o WCT e o *Futurecom*, além de que aqui o breu durou um dia a mais e, na prática, quase uma semana toda fora do comum, pois a energia elétrica voltou às condições normais somente às 9h do domingo de Finados e a ponte Colombo Salles ainda estava com duas pistas interditadas na segunda-feira, três de novembro de 2003. De acordo com a Câmara de Dirigentes Lojistas local, os prejuízos foram orçados em cerca de trinta milhões de reais.

Discursivamente, Sargentini (2008) evidencia o sentido de falência, de descaso do enunciado apagão. A pesquisa da autora remete ao desdobramento da palavra apagão nos anos subsequentes a 2001 e 2002, exaustivamente divulgados pelos meios de comunicação como o apagão aéreo, o apagão educacional, o apagão político etc. O apagão ilhéu foi anterior aos demais apagões nacionais, no entanto, a análise de Sargentini encaixa-se perfeitamente aqui, porque ela estabelece a relação entre o discurso de mídia e o tecido de memória, em que o uso do termo apagão é resultante de uma repetição intensa pelos meios de comunicação. A conclusão da autora (IDEM, p. 141) é a de que há dois aspectos importantes resultantes da análise, como ela mesma aponta:

> [...] (i) a memória, de fato, determina a ordem do enunciável, mas não só, ela também atualiza e antecipa novos enunciados; (ii) a mídia, a quem genericamente atribui-se a circulação dos discursos, expõe os discursos que sustentam as identidades de uma nação, no caso a repetição da expressão 'apagão X' reforça a imagem de um país do desgoverno, da falência, da ausência de planejamento e medidas.

A partir do estudo de Sargentini (2008) foi possível acompanhar esse deslocamento do termo apagão, seu consequente caráter político-discursivo, a fim de entender os sentidos gerados por esse enunciado, que também circulou de forma semelhante nas coberturas jornalísticas analisadas, a serem apresentadas ainda neste capítulo.

3.2 À BASE DE PILHAS

O Apagão em Florianópolis, por si só, por seus quase três dias de pane elétrica e, em virtude disto, ausência de distribuição de água pela Casan em vários bairros insulares da Capital, ultrapassa essa fronteira de construção da realidade pelos meios de comunicação, em que um editor selecionaria o que pode ou não vir a ser notícia, próprio da teoria do *gatekeeper:*

> Desde que White (1950) lançou os estudos com base na útil metáfora do *gatekeeping* (seleção de informação em "portões" controlados por "porteiros", havendo informação que passa e outra que fica retida) que se estuda o papel do jornalista, enquanto pessoa individual, na conformação da notícia. De fato, no seu estudo pioneiro, o autor concluía que a seleção das notícias era um processo altamente subjetivo, fortemente influenciado pelas experiências, valores e expectativas do gatekeeper mais do que por constrangimentos organizacionais (Sousa 2002, p. 39).

Em meio ao apagão midiático que se deu na Ilha, em que o rádio informativo foi o elo de comunicação com a população local, o fato por si só ultrapassou todas as fronteiras de um *gatekeeper*, ou seja, de um editor chefe (ou de um diretor de uma emissora radiofônica) influenciado pelas suas crenças, valores e experiência profissional. Como bem cita Wolf (*apud* DENARDI, MEDEIROS, 2007, p. 14), em uma visão clássica sobre os meios de comunicação de massa,

> […] no que respeita à necessidade fundamental de possuir informações sobre o que está acontecendo, compreender a sua evolução e o seu significado e aliviar a tensão provocada pela situação de crise, a fonte principal de informação é o rádio, ao passo que a televisão é o meio mais utilizado para atenuar a tensão. Os jornais diários são utilizados sobretudo como fontes adicionais para interpretar e contextualizar a informação dos outros *mass media*.

Tendo-se a ciência de que o acontecimento Apagão extrapolou todos esses limites do poder dizer, dada a urgência dos fatos e de sua abrangência que repercutiu a cerca de duzentas e quarenta mil pessoas na região insular, a emissoras CBN Diário e Guararema estiveram desde as primeiras horas do episódio com a cobertura jornalística ao vivo. Reduziram-se drasticamente o número de intervalos comerciais e chegaram até

mesmo a cancelar a transmissão obrigatória da Voz do Brasil, conforme as sequências enunciativas, doravante SE1 e SE2, que se seguem:

SE1: Rádio CBN Diário, 29/10/2003, 19h, programa Chamada Geral e CBN Diário Esportes em plantão especial, apresentadores Carlos Eduardo Lino e Rodrigo Faraco

Carlos Eduardo Lino - A rádio CBN, uma rádio *all news*, radiojornalismo puro, julga que é importante continuar servindo como veículo de informação para a comunidade da Grande Florianópolis neste momento em que a cidade vive um blecaute desde as 13h de hoje. Por isso, julga necessário avançar sobre o horário da Voz do Brasil, que deveria ter entrado há dois minutos. Serviço para beneficiar a população, a segurança da cidade, a comunicação da cidade, até porque na maioria dos locais o único veículo funcionando neste momento é o rádio de pilha e o rádio do automóvel. Portanto, seguimos com o nosso trabalho, a Voz do Brasil será gravada e faremos a veiculação regularmente no primeiro momento possível. A nós cabe o agradecimento à Agência Nacional, Secretaria de Comunicação do Governo, que produz e apresenta a Voz do Brasil.

Rodrigo Faraco - Sete horas e dois minutos, temperatura de 21 graus no Morro da Cruz, comunicado oficial da Celesc distribuído na tarde desta quarta-feira: "A Celesc comunica que a interrupção de fornecimento de energia elétrica foi provocada por um sinistro ocorrido em um cabo de média tensão localizado embaixo da Ponte Colombo Salles durante serviço de manutenção. A equipe da Celesc já está no local, mas informa que ainda não tem previsão de retorno da energia elétrica e solicita que economizem água e evitem abrir a geladeira. Por um motivo de segurança, não executem consertos na rede elétrica de sua residência."

SE2: Rádio Guararema, 29/10/2003, 19h, Programa Hora do Indignado, em plantão especial, apresentador J. Pacheco

César Souza Jr. - Eu quero colocar, que em nome da direção da Rádio Guararema, é, eu quero informar a todos os ouvintes que nós vamos começar a transmitir *full time*, tá? A Rádio vai começar a transmitir direto informações sobre o evento com a determinação do Deputado César Souza de que a Rádio ficasse à disposição da comunidade durante todo o período, então nós vamos estar juntos da da população pra prestar informação e também diferente de outras empresas, não só passar a informação pra comunidade, como também ouvir a comunidade no que ela se sente atingida e também ouvir sugestões e denúncias pra servir de elo entre você e as autoridades neste momento difícil. Outra coisa, Pacheco. Quero que é também agradecer aqui de público, toda a equipe de funcionários da Rádio Guararema, que já fizemos uma escala, nós estaremos as vinte e quatro horas no ar ao vivo, com equipe de jornalismo e de locução, né? Então fizemos aqui uma escala interna, pessoal abdicou mão do seu descanso noturno, da do convívio com a sua família pra atender aos ouvintes e pra colocar a Rádio à disposição da comunidade que acho que não estamos fazendo mais do que a nossa obrigação. Queria, Pacheco, aproveitar rapidamente pra passar pra quem tá ligando o rádio agora e que ainda não tá por dentro das últimas informações, o que tem acontecido, não é? Como todo mundo já sabe, o problema aconteceu em função dum reparo que tava sendo feito na linha elétrica que liga é a Ilha e o Continente, que leva energia até, do Continente, parece inclusive que os operários caíram no mar, né? Em função da explosão que houve, né?

J. Pacheco - É, há essa informação.

César Souza Jr. - A informação é essa, ainda não confirmada,

J. Pacheco - Há essa informação.

César Souza Jr. - Mas, que circula, não é? E que a Celesc não passou nenhuma previsão oficial até o momento de retorno da energia, portanto, prepare-se, você que mora na Ilha, pra passar uma noite sem energia elétrica, né? É, tranque as portas, tome medidas de segurança, estaremos aqui direto em contato com a Polícia, então você, se estiver sofrendo alguma, alguma ameaça ou se estiver vendo alguma coisa em termos de segurança pública, pode comunicar a Rádio... [...] Veja você a profundidade e a e a gravidade da situação que a cidade vive. Só pra deixar claro, Pacheco, a Rádio Guararema tem como linha editorial de ouvir a comunidade, de encaminhar a solução, sem gerar pânico, servindo de instrumento para que as coisas aconteçam com mais rapidez.

Se, num primeiro momento a população, os técnicos da Celesc e os profissionais do campo do rádio informativo foram tomados pela surpresa, a partir do início da primeira noite, conforme essas sequências enunciativas apresentadas, já se sabia que não se estava somente diante de blecaute inesperado. "Ao colocar na presença do ouvinte o acontecimento, o rádio atinge o seu maior *efeito de realidade*" (MEDITSCH, 2001, p. 247). Este efeito, conforme explica Meditsch (2001, p. 219) ao analisar a presença do meio rádio nas manifestações de maio de 1968, na França, é uma marca do rádio "[...] por ser produzido a partir de uma composição sonora centrada na palavra com forte sotaque humano, e por isso incapaz de ocultar totalmente essa mediação".

Ao mesmo tempo, outra marca perceptível nas SE1 e SE2 é a da historicidade dessas emissoras. A Rádio Guararema AM 1230[25], à época era propriedade do então deputado estadual César Antonio de Souza, mais conhecido como César Souza. Ele construiu sua carreira profissional como apresentador de programa de auditório de cunho popular na televisão, fato que propulsionou também a carreira política. César Souza exerceu mandato de deputado estadual entre 1987 e 1991, 1995 e 1999, 1999 e 2003 e 2003 a 2007. Desta forma, foram vinte anos ininterruptos na carreira política, pois entre 1991 e 1995 ele foi deputado federal, cargo atual que exerce desde 2015 até 2019.

Na carreira televisiva, os programas de auditório foram o grande sucesso de Cesar Souza. À época do Apagão, em 2003, ele também era apresentador na TV Barriga

[25] As informações históricas aqui levantadas a respeito das emissoras foram obtidas a partir de Severo e Medeiros (2005). A informações a respeito de seus personagens são parte da vivência da autora.

Verde, com ampla audiência regional. A carreira televisiva dele começou também nos anos de 1980, mesma época em que a Rádio Guararema foi implantada, em 1982, pelo grupo de comunicação RCE. Antes disso, ela era a Rádio Jornal A verdade, implantada em 1957. À época, o proprietário Manoel de Menezes instalou os estúdios da emissora em Florianópolis, no Centro da Cidade, à rua Conselheiro Mafra, rua ainda de grande apelo comercial e muito popular na Capital. Desta forma, a Rádio Jornal A Verdade era de São José, mas funcionava na região central da Ilha. A emissora foi comprada por César Souza somente em 1997, com sede em São José.

A filiação política sempre esteve ligada à família Amin, da qual Esperidião Amin Helou Filho já foi prefeito de Florianópolis, senador e governador de Santa Catarina, atuante na política desde os anos de 1970. A esposa dele, que era prefeita à época, Ângela Regina Heinzen Amin Helou, mais conhecida como Ângela Amin, foi a vereadora mais votada de Florianópolis, deputada estadual e federal e prefeita.

À época do Apagão em Florianópolis, em 2003, o filho de César Souza, era diretor da Rádio Guararema. Atualmente ele é prefeito de Florianópolis, no mandato entre 2013 e 2016, sendo que foi eleito antes também deputado estadual no mandato entre 2007 e 2013. Ao longo da escuta discursiva podemos afirmar que o evento Apagão foi um importante propulsor à carreira política de César Souza Jr. Além disso, o posicionamento político da Rádio Guararema, que também à época dominava na audiência regional, foi sempre atrelado à família Amin.

Desde 2011 a Rádio Guararema pertence ao grupo RIC (Rede Independência de Comunicação), afiliado ao grupo Record, forte concorrente da Rede Globo de Comunicação. O caráter musical e de entretenimento da emissora foi mantido, porém, a emissora deixou de funcionar em abril de 2015. De acordo com o anúncio institucional realizado pela Rádio Guararema, a emissora ficará inoperante até ter o sinal migrado para o circuito FM, ainda sem data prevista.

Por sua vez, a emissora Rádio CBN Diário, do grupo RBS é ligada à Rede Globo e pertence também à rede de emissoras CBN. No entanto, em suas origens, ela foi Rádio Diário da Manhã. A concessão é de 1952; a implantação, 1954. A concessão da Rádio Diário da Manhã, que obteve picos de audiência até os anos de 1970, pertencia à família Konder-Bornhausen. A emissora tem, desde sua fundação, estreita relação com o poder político catarinense, pois a família Konder-Bornhausen ainda possui grande influência na política catarinense e nacional, sempre ligada a uma visão mais de direita da sociedade, ligada à UDN.

Contudo, a mesma família que possui ainda grande poderio político, nos mesmos anos 70 decidiu não investir mais nos meios de comunicação de massa. Foi quando a RBS comprou as concessões dos canais de AM e FM da Rádio Diário da Manhã, em 1982. Um pouco antes, em 1979, o grupo instalou a TV Catarinense, que atualmente opera como RBSTV, no canal 12. A Rádio Diário da Manhã, de cunho mais institucionalizado, permaneu desta forma até 1990, quando passou a integrar a rede CBN, mudando seu nome para CBN Diário, com o slogan *A rádio que toca notícias*.

Décadas após a mudança de donos, a emissoras ainda apresentam as suas marcas históricas, ainda mais voltada ao entretenimento, à música e à participação do ouvinte por parte da atual Rádio Record, ex-Guararema, e com perfil mais fortemente institucionalizado da Rádio CBN Diário, com o jornalismo na sua forma mais tradicional do discurso jornalístico. Porém, ambas sempre estiveram atreladas ao poder, caráter imanente das emissoras radiofônicas abertas, por se tratarem de empresas dependentes do Governo ao existirem na ordem da concessão pública. Além disso, desde cedo as emissoras foram palco de espaço para comunicação de política-partidária, com perfis - mais tendentes ou menos, mas sempre - de direita, conforme a família concessionária.

A cobertura jornalística do Apagão em Florianópolis deu-se dessa forma, *in loco*, minuto a minuto, legitimando e oficializando o rádio informativo como o elo de comunicação florianopolitano.

3.3 ACONTECIMENTO(S)?

O Apagão gerou uma sensação de experiência compartilhada com o público porque o objeto não era do conhecimento dos jornalistas que faziam a cobertura do evento, tampouco dos técnicos e engenheiros elétricos e da população como um todo, foi algo inédito, construído e compartilhado em conjunto naquela situação histórica. Por isso, naquele início de noite, o Apagão já se transformava em acontecimento jornalístico.

Esse lugar, para Pontes e Silva (2010, p. 57), é o espaço em que "[...] os fatos acontecem no exato limite do acontecimento", em que "[...] o texto liga fato e

acontecimento no horizonte de um discurso" (IDEM, p. 57). Mas, o que é o texto? Já no início desta tese abordamos que não estipulamos mais nosso estudo nos limites do verbal e do não-verbal, porque, para nós, "[...] texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte" (ORLANDI, 1999, p. 63).

Portanto, o áudio analisado é um texto. E o que fazer diante de um texto? O analista remete esse texto "[...]imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura" (IBIDEM). Isto porque, conforme postula Pêcheux (2008), a tensão dos enunciados permite o gesto de leitura sobre os sentidos que geram o acontecimento discursivo, afinal, todo discurso está sujeito à falha, à agitação na identificação.

O acontecimento jornalístico não é o mote desta tese, nosso interesse de análise vai além do evento empírico, busca o acontecimento histórico com suas implicações materiais e ideológicas, afetadas pelo simbólico, resultado de uma interpretação. Ou seja: o fato histórico, que é capaz de gerar múltiplas discursividades, é posto em relação à interdiscursividade.

Em outras palavras, em sua incompletude, o discurso remete de alguma forma sempre à uma discursividade anterior, provindo de uma formação discursiva anterior que fica ressoando que, de acordo com suas condições de produção, propiciam ou não um acontecimento discursivo e/ou enunciativo. Convém enfatizar que ambos são da ordem da raridade, como explica Indursky (2008).

É tarefa do analista do discurso compreender o funcionamento dessas interpretações presentes na própria linguagem expressa pelo sujeito, e levando em conta que o sujeito enunciador é compelido pela interpretação e, ele próprio, o analista, está envolto na próprias considerações, também interpretando. Devido às formações estarem sempre se reconfigurando, num processo de movimento contínuo de aproximação e afastamento, estabelecem-se sentidos nos gestos de interpretação, mesmo que em um curto espaço de tempo.

Se o acontecimento é constituído por um fato, como já dito por vários outros autores no texto aqui mesmo desta tese, para Pêcheux (2008), o discurso é impregnado de acontecimento e estrutura, em que os sentidos deslizam nos movimentos de interpretação dos sujeitos, na tensão entre a descrição e a interpretação do analista discursivo, em que "[…] o evento trabalha a estrutura e a estrutura trabalha o evento",

como afirma Gallo (2008, p. 89) ao reler Pêcheux. Por sua vez, para este autor (2008, p. 43), interpretar é algo complexo, pois há a existência de um real, deve-se

> [...] supor que – entendendo-se o 'real' em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das 'coisas-a-saber' ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.

O analista deve estar atento ao gesto de leitura porque um mesmo acontecimento pode gerar diversos enunciados e, consequentemente, diferentes acontecimentos discursivos e/ou enunciativos. Toda formação discursiva possui uma regularização, que "[...] repousa sobre um jogo de força. Acrescentamos aqui que o jogo de força pode designar o sentido como limite" (ACHARD, 2007, p. 15). Ao analisar essa afirmação de Achard, Pêcheux (2007, p. 52) conclui que essa regularização "[...] tende assim a formar a lei da série do legível".

Na contramão, desestabilizando essa regularidade, "[...] a memória irrompe na atualidade do acontecimento" (COURTINE, 2009, p. 103), porque essa homogeneidade pode ruir com um acontecimento discursivo novo,

> [...] que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (IBIDEM).

Em complemento à Courtine, Mariani (1998, p. 40) destaca que o acontecimento discursivo ao remeter ao acidental, ao não previsível, rompe com a estabilização vigente, mobilizando outra memória "[...] se produz sentido para o acontecimento, filiando-o em alguma rede de sentidos."

Portanto, para Pêcheux (2008, p. 56), o "[...] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória" é o espaço de existência do acontecimento discursivo. Nele, há a falha no ritual de linguagem. Uma série de encadeamentos de formações discursivas podem levar à criação de um novo acontecimento, numa irrupção brutal da memória que desestabiliza as formações discursivas anteriores e, sobretudo, a

dominante, chegando ao limite máximo. Isto pode fazer surgir, por conseguinte, uma nova formação discursiva, a partir de um determinado acontecimento.

Assim, mobilizar a memória do ponto de vista discursivo, implica deparar-se com a historicidade e a ideologia nas suas devidas inscrições, numa tensa relação com os processos de linguagem, sujeitas a deslizes de sentido, porque, como na célebre afirmação pecheutiana, *só há causa naquilo que falha*.

E quando um acontecimento histórico causa ruptura na linguagem, mas não é forte o suficiente para instaurar uma nova discursividade ou impelir o sujeito a uma nova formação discursiva? Esta situação é o que Indursky (2008) define como acontecimento enunciativo. Para a autora (p. 25), "[...] o *acontecimento enunciativo* reorganiza/reestrutura a discursividade interna da FD, instituindo um novo modo de lidar com a ideologia, sem que haja o rompimento com o domínio de saber".

O acontecimento discursivo rompe com a memória, coloca em confronto o mesmo, faz com que se saia da repetibilidade e adentre-se em uma nova discursividade. No acontecimento enunciativo, por sua vez, temos uma nova tomada de posição, o domínio do saber universal da formação discursiva é posto em xeque, há novas tomadas de posição, mas não há uma nova formação discursiva dominante. No entanto, o acontecimento enunciativo também abala as estruturas da FD, questiona o saber dominante.

A seguir, no dispositivo de análise, no movimento de escuta dos *corpora*, abarcaremos novamente essas noções, em conjunto aos conceitos de reversibilidade, interação e interlocução em relação à autoria.

4 MATERIALIDADE DISCURSIVA

Neste momento da tese discutiremos os *corpora* a partir da constituição teórica de seu dispositivo analítico. Para tal, tomamos como eixo o conceito de reversibilidade, a ser aprofundado ao longo deste capítulo. Baseamo-nos nas categorias discursivas de posição-sujeito de identificação, contra-identificação e desidentificação como recorte de análise no intuito de compreender o funcionamento discursivo do rádio informativo em meio ao Apagão em 2003. Como resultado, buscamos, além de entender o funcionamento discursivo do rádio informativo, também analisar se o acontecimento social e jornalístico teve a dimensão de um acontecimento discursivo e/ou enunciativo.

Nesse emaranhado discursivo ao qual estamos assujeitados na nossa própria constituição de sujeito histórico e social, a paráfrase e a polissemia fundamentam a produção discursiva. Isto porque o discursivo trata da materialidade da língua, analisando a tensa relação de forças no jogo de linguagem entre o mesmo e o diferente nas posições-sujeito ocupadas pelo sujeito e na forma como isso afeta a memória discursiva. No espaço do mesmo, ocupado pela paráfrase, pelo já-dito, os sentidos são já-lá, ou seja, legitimados *a priori*. A polissemia confere o movimento aos sentidos, mesmo sabendo que há sempre uma nova interpretação a cada novo dizer, o que garante a diferença de sentido, mesmo na repetição.

Orlandi (2006c) estabelece, para colocar em perspectiva esses dois processos do mesmo e do diferente, ou seja, a paráfrase e a polissemia, três tipos de discurso: o lúdico, o polêmico e o autoritário, este já discutido anteriormente.

Essa tipologia é apresentada em forma gradação, em que quanto maior a tendência à polissemia, mais próximo do lúdico. No oposto, quanto mais os sentidos são fechados, mais parafrásticos, mais próximos do autoritário. Em relação à presença do objeto na linguagem e aos interlocutores do discurso como critério de estabelecimento da tipologia, a autora (IDEM, p. 15-16) define que

> [...] o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de *polissemia aberta* (o exagero é o non-sense). O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma *direção*, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na *polissemia controlada* (o exagero é a injúria). No discurso autoritário, o referente está "ausente", oculto pelo dizer; não há

> realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na *polissemia contida* (o exagero é a ordem no sentido em que se diz "isso é uma ordem", em que o sujeito passa a instrumento de comando). Esse discurso recusa outra forma de ser que não a linguagem.

Durante o apagão, a primeira observação que fizemos é a de que havia um movimento de metaforização para dar sentido ao evento, buscando eventos semelhantes em outros locais, como nos Estados Unidos meses antes. No entanto, mesmo sem o conhecimento prévio do objeto, como declara Orlandi (2006c), a ideologia sempre preenche as lacunas das mediações. E esta é uma das características do jornalismo, que tem como pressuposto a mediação. Tanto que a marca do discurso jornalístico é o discurso *sobre*, como postula MARIANI (2003).

Para Orlandi (2006c, p. 18), "[...] cada coisa é posta em seu devido lugar e assim se perde a noção de todo do saber, sua unidade. As divisões são estanques e a perda da unidade é recuperada em um outro conceito que toma seu lugar: o da 'homogeneidade'". E é por isto que o acontecimento jornalístico Apagão em Florianópolis torna-se tão peculiar à análise discursiva: os jornalistas não possuíam um objeto construído anteriormente, era algo totalmente novo, inclusive do ponto de vista técnico: os técnicos eletricistas, construíram em três dias o cabeamento aéreo para ligar a Ilha ao Continente numa obra inédita no mundo à época, com o projeto sendo formulado e executado *in loco*. Em condições normais, a obra levaria de noventa a cento e vinte dias para ser projetada e executada, sem contar com o prazo aos trâmites burocráticos de instauração de licitação para abrir concorrência aos prestadores de serviço etc. No entato, a textualização do apagão foi se constituindo, buscando-se uma estabilização desses sentidos instáveis.

A cobertura jornalística foi realizada inicialmente de uma forma totalmente inédita, além de que os microfones foram abertos aos ouvintes para participarem ao vivo, assumindo também a posição de repórter, num deslizamento dos sentidos relativos à mediação radiofônica.

Podemos afirmar que o ouvinte é idealmente o ouvinte/leitor ideal do apresentador (âncora) e/ou repórter de um determinado programa radiofônico. Nesta posição, o ouvinte sintoniza a emissora de rádio (ou digita o endereço eletrônico, caso seja uma transmissão na internet) porque ele não sabe e quer se informar do que há de novo na sociedade. O jornalista, quer seja como apresentador ou repórter, assume a posição-sujeito radialista (instituição). Nesta posição institucional a legitimidade

impera, pois há o modelo a ser seguido, a convenção. Assim, o profissional do rádio informativo está ali como alguém que media a chamada *informação* entre o fato ou protagonista de uma determinada situação, e o ouvinte. O jornalista presumidamente possui este *conhecimento* e assume essa posição para *informar* ao ouvinte. Esta informação é tomada como

> um dizer que se produz em uma determinada discursividade, e que dela é retirado para ser transportado para outra discursividade, perdendo, nesse movimento, sentidos pré-construídos. Uma vez inserido na nova discursividade, outros sentidos pré-construídos serão mobilizados para a interpretação do enunciado transposto, que aí é interpretado, por essa razão, como "informação". [...] Quando o sujeito não compartilha esses saberes, a interpretação de certos enunciados sofre um deslocamento, transformando-se em outro, como é o caso do enunciado científico que transforma-se em "informação científica" (notícia) para o sujeito inscrito no discurso jornalístico (GALLO, 2012a).

Desta forma, o que é tido como *informação* é uma gama de enunciados que são interpretados, gerando sentidos. Há um *efeito* de *informação*, mas o que temos é um deslocamento, conforme propõe Gallo (2012a).

O interessante, no caso Apagão, é que o conhecimento do referente, o objeto, foi sendo conhecido à medida que tudo ia acontecendo, desnaturalizando o sentido de informação. Tanto que um dos enunciados era: *A informação em cima do lance*. Em seu funcionamento estabilizado, o discurso jornalístico apresenta a informação tal qual no discurso pedagógico, sobre o que Orlandi (2006c, p. 21) declara: "[...] É Assim que se 'resolve' a lei da informatividade e, de mistura, a do interesse e utilidade. O professor *diz que* e, logo, *sabe que*, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, a dizer que sabe, isto é, ele aprendeu". O rádio informativo, na sua maneira mais tradicional, desempenha o mesmo papel do professor na sala de aula, num discurso *sobre*, altamente institucionalizado e circular[26]. Para Orlandi (2006c), essa circularidade só pode ser rompida através da crítica – algo que esperamos encontrar no movimento de análise do *corpus*, perguntando se nele pode-se perceber uma ruptura na discursividade. Para a autora (IDEM, p. 21), ainda sobre o discurso pedagógico, e aqui aproveitamos e fazemos a analogia ao rádio informativo,

[26] Orlandi (2006c, p. 22) considera como circular o discurso que possui os sentidos fechados, em que o sujeito diz para seus pares, discurso parafrástico, em que "[…] supõe a posse prévia de um código que permite decifrá-lo. E assim instala-se uma circularidade: só os possui os que já têm condições de possuí-lo".

> [...] A distância entre a imagem ideal e o real é preenchida por presunções, mediação essa que não é feita no vazio dentro de uma ordem social dada com seus respectivos valores. As mediações se sucedem em mediações provocando um deslocamento tal que se perdem de vista os elementos reais do processo ensino e aprendizagem.

Em relação a esse funcionamento do discurso pedagógico, podemos dizer que, por analogia, ele se assemelha ao funcionamento do discurso em análise. "[...] A voz do professor é, por extensão da do cientista, a voz do saber. O aluno realiza sua escolaridade no espaço da escola, no *contato* com o professor e, a partir desse contato, está autorizado a dizer que aprendeu" (IBIDEM). Se substituir professor por jornalista e aluno por ouvinte, teremos funcionamento discursivo semelhante, em que se sabe porque se ouviu no rádio... Nesta situação, há uma reprodução do conhecimento. A posição-sujeito do ouvinte não contesta a posição-sujeito de seu interlocutor, o jornalista. A reversibilidade tende a zero.

No entanto, quando se deixa um espaço ao ouvinte, quando se abre a possibilidade de crítica e de interlocução entre os dois locutores, no sentido de troca, temos uma grande possibilidade de oscilação nesse pêndulo da reversibilidade. Este é o ponto de interesse desta tese, o que define nosso recorte de análise, porque a reversibilidade indica instabilidade, algo importante ao processo discursivo no que tange ao que vaza da/na oralidade, quando parece que tudo pode ser dito, mas há os limites ideológicos que impedem essa liberdade plena. Durante o Apagão em Florianópolis, os microfones foram abertos aos ouvintes, que ligavam para as emissoras e dialogavam ao vivo com os apresentadores radiofônicos.

Nosso interesse é compreender a dimensão dessa ruptura na memória discursiva do discurso radiofônico informativo, ou seja, nosso objetivo é verificar se podemos considerar esse, um acontecimento discursivo e/ou enunciativo.

4.1 TOMADAS DE POSIÇÃO

Tomamos, ainda, para a nossa análise dos *corpora*, tipos de tomada de posição do sujeito, que, tal como o funcionamento da reversibilidade, também operam em forma de gradação. Esses tipos são formulados por Freda Indursky (2008) em suas

reflexões a respeito da evolução da noção de sujeito na teoria discursiva pecheutiana. Ela parte do pressuposto de que, se o sujeito discursivo é dividido, conforme postula a AD, ele também se desdobra em tipos, pois

> [...] é um sujeito dividido em relação a si mesmo, por conseguinte, heterogêneo e disperso em relação aos saberes da FD em que se inscreve e em relação aos sentidos que mobiliza, de que se apropria e que produz, constituindo esta forma de subjetividade que estou chamando de fragmentação do sujeito em AD (INDURSKY, 2008, p. 30-31).

Nosso recorte visa à compreensão do funcionamento das posições-sujeito, sobretudo aquelas em que há deslocamentos, chegando até mesmo a uma desindentificação total. Em AD não se trabalha na linearidade. Desta forma, em todos os tipos apresentaremos somente as sequências discursivas de referência (doravante SDR) que permitem observar as questões de pesquisa, levando-se ainda em consideração o extenso *corpus* com o qual operamos, num total de cento e dez horas[27]. Portanto, nosso recorte de análise contemplará três tipos, a serem vislumbrados em paralelo à narrativa do Apagão em Florianópolis.

4.1.1 **Tipo 1: identificação**

O Tipo 1 identifica-se com os rituais de linguagem do rádio informativo, porque

> [...] o sujeito, marcado por essas características de transição, é visto como heterogêneo, dividido entre o que lhe é familiar e estrangeiro, entre os cacos da sua voz constituída a partir de outras vozes, entre o desejo de completude e a marca cindida de sua constituição. Além de não perceber a sua inscrição em determinada formação discursiva, o sujeito, em suas palavras, não percebe a retomada de um dizer já-dito, pois, como sabemos, o efeito ideológico é justamente tornar natural e evidente um sentido como se houvesse uma relação termo a termo entre a linguagem e o mundo, entre as palavras e o pensamento, entre as imagens e o mundo (ROMÃO E FERRAREZI, 2008, p. 34).

[27] As sequências discursivas analisadas estão disponíveis, na íntegra, nos Anexos desta tese, bem como os CD's com o áudio da cobertura jornalística de cada emissora radiofônica analisada.

No primeiro tipo, o T1, existe uma unicidade imaginária do sujeito, em que a identificação é tão forte que há um efeito sujeito, em que o sujeito crê ser a origem do seu dizer, apagando o *já-lá*, próprio do esquecimento n.º 1 (discutido anteriormente no item *A inscrição do sujeito*). Indursky (2008, p. 13) explica que este efeito sujeito gera também um efeito de unidade, que é próprio da ordem do imaginário. Esta posição-sujeito é a do *bom sujeito*, totalmente identificada com sua forma-sujeito, ou seja, está dentro dos limites da mesma ordem do discurso, cola-se ao sujeito universal da formação discursiva dominante.

> A primeira modalidade remete ao que Pêcheux designou de *superposição* entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva. Tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma sujeito da FD que afeta o sujeito do discurso, caracterizando o "discurso do 'bom sujeito' que reflete espontaneamente o Sujeito" (idibid., p. 215) (IDEM, p. 12).

Os sentidos da pane elétrica, algo totalmente novo a todas as pessoas envolvidas – engenheiros e técnicos da Celesc, mídia, políticos, profissionais da área da sáude e população em geral – foram se configurando aos poucos. Nossa escuta discursiva é baseada sobretudo na discussão de Indursky (2008) à respeito da evolução da noção de sujeito na teoria discursiva pecheutiana. Identificamos, no movimento de análise das sequências discursivas, gradações internas nos tipos de posição-sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva do rádio informativo.

Tendo como base essa gradação na identificação com os saberes dominantes no interior de uma formação discursiva, que refletem o grau de reversibilidade dentro de uma FD, iremos à nossa análise do *corpus*, subdividida em sequências discursivas numeradas.

4.1.3.1 O início de tudo...

Semelhante à Sargentini (2008, p., 134), quando ela cita que "[...] são nestes rastros de um acontecimento e na fluidez da memória que desenvolveremos a seguir a análise de um discurso que se sustenta na repetição e na sequência discursiva", iniciamos as apresentações de nossas SDR's, seguidas de análise. O Apagão foi

construído de várias formas, a seguir iremos narrar quais são essas formas através das noções já discutidas no referencial teórico e que a, partir deste momento, perpassam a narrativa dos acontecimentos que integram parte da história do rádio informativo nacional e marcam sobremaneira a história florianopolitana.

O Apagão em Florianópolis teve início de forma inesperada naquela tarde de tempo instável em 29 de outubro de 2003. O cotidiano seguia seu curso quando um fato novo ocorreu numa das galerias internas da Ponte Governador Colombo Machado Salles, às 13h16min: um dos botijões a gás que eram utilizados para a iluminação do local explodiu. O acidente obrigou os técnicos que ali prestavam serviço de manutenção em nome da Celesc a deixar tudo para trás. Dois jogaram-se ao mar. Os outros três conseguiram escapar também, sendo que um ficou dependurado numa das colunas da ponte. Por sorte, além de escoriações, nada de mais grave sofreram os operários.

O que era para ser uma manutenção de rotina nos cabos condutores de média tensão da Ponte Colombo Salles, que à época era a única forma de ligação dos cabos de energia entre o continente e a Ilha, tornou-se no maior blecaute que passaram os moradores insulares florianopolitanos até o presente momento. A explosão chegou a danificar o asfalto da ponte, queimou os cabos de alta de tensão, interrompendo instantaneamente a transmissão de energia à Ilha. O problema é que os cabos reserva ficavam ao lado dos oficiais, sendo que tudo foi atingido pelas chamas no local. E ali havia muita madeira dentro das galerias e cabos à óleo, sendo importantes combustíveis ao fogo e à fumaça preta que não cessava. O blecaute foi manchete no dia seguinte dos principais jornais catarinenses, que traziam fotos dos bombeiros tomados pela fuligem. O mesmo aconteceu nos dias seguintes. Florianópolis, que vinha se destacando por ser uma capital promissora ao turismo, por sua gente hospitaleira e suas praias convidativas, uma capital com jeito de interior, ganhou manchete nacional não pelo prêmio que a prefeita Ângela Amin fora receber em São Paulo nem pelos grandes eventos internacionais que aqui eram sediados: o Campeonato Mundial de Surf, o WCT, e o Future.com, o maior evento de negócios da América Latina na área de telecomunicações, tecnologia da informação e internet que acontecia naqueles dias em Florianópolis.

Logo após o almoço, na primeira hora da tarde, a Rádio Guararema apresentava o programa *A hora do indignado*, apresentado por J. Pacheco. Em virtude da pane elétrica, a emissora alterou a grade de programação e passou a operar em regime especial de plantão logo após o retorno da transmissão radiofônica. Mesmo

tendo a sede em São José, município vizinho à Capital, o transmissor da emissora localiza-se na Beira Mar Norte de Florianópolis. No entanto, a emissora pôde operar a partir de gerador a óleo diesel, minutos após o blecaute. A primeira sequência discursiva é ainda pautada pelo estranhamento perante o fato novo.

SDR1: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 17h45min, apresentador J. Pacheco.[28]

David Corrêa: É o seguinte, **a minha reclamação, a minha indignação é contra o Besc...**

J. Pacheco interrompe: Querido, nós estamos agora com o problema da Casan no ar, nós, aliás, desculpe, com a falta de energia elétrica em Florianópolis que está um caos! Está um blecaute em função dessa queda de energia. Eu quero pedir a sua compreensão e a gente podia conversar amanhã, tá bom querido?

David Corrêa: **Tá bom**, nego.

Na sequência acima o ouvinte é de Biguaçu, cidade vizinha a Florianópolis, e não está interado do que se passa na Capital. Ele entra em contato com a emissora para participar do programa vespertino *A hora do indignado*, que naquela tarde e nos períodos subsequentes será trocado pela programação especial de cobertura jornalística ao Apagão em Florianópolis. O apresentador, intervém e o ouvinte, que aparentemente está indignado com a greve do Besc, à época o Banco do Estado de Santa Catarina, ocupando o lugar discursivo no discurso radiofônico informativo, não desloca sua identificação à forma-sujeito, legitimando-a.

Essa forma-sujeito ideal do discurso jornalístico, que como já discutido anteriormente, coincide com o discurso do rádio informativo e é pautada predominantemente pelo discurso autoritário. Instituímos PS1T1 (Posição-sujeito 1 do Tipo 1), PS2T1 e assim sucessivamente, para elencar o grau de reversibilidade da posição-sujeito em relação à forma-sujeito dominante. A PS1T1 tem o menor grau de reversibilidade, é que possui maior identificação com a forma-sujeito dos saberes dominantes nessa formação discursiva.

A primeira tarde da discursivização do blecaute alinha-se a esse funcionamento discursivo tradicional do rádio informativo, com a presença das fontes oficiais, como a presença do capitão da Polícia Militar.

SDR2: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 18h, apresentador J. Pacheco.[29]

Capitão Ferreira: **Fique dentro da sua casa, vá cuidar da sua família...**

[28] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR2.

[29] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR3.

O capitão também mantém a PS1T1, mas chega ao limite dela quando quase dialoga diretamente com a população, mesmo que pelo uso da metonímia. Ou seja, o capitão substitui o palavra *população*, *povo*, pelo vocativo *você* a partir do pronome possessivo *sua* e da locução *vá cuidar*. Metonímia porque o você não é particular, mas é o você genérico, de qualquer um. Ele substitui a população pela segunda pessoa do singular. Não chega a particularizar ou a constituir um interlocutor externo, mas se tem aí uma situação no limite, sobretudo partindo justamente de uma fonte oficial.

As previsões de retorno da energia elétrica vão sendo postergadas, uma a uma. A chuva atrapalha o trabalho do Corpo de Bombeiros e o trânsito que, na hora do pico, chega a ter filas quilométricas. O ouvinte participa mais assiduamente, com as informações sobretudo de trânsito, auxiliando a equipe de jornalistas da Rádio Guararema. O fogo consome a ponte por dentro, ainda não se sabe o que exatamente queima tanto, é impossível aos técnicos da Celesc chegarem até o local. Mesmo com chuva, a temperatura é muito elevada. Sem energia, as bombas da Casan não podem operar. Os bairros insulares da Capital, com exceção ao Centro, sofrem racionamento de água e total ausência de energia elétrica. Acidentes de trânsito começam a se intensificar na transição da noite para o dia. O caos está se estabelecendo. Não há semáforos funcionando; o comércio fechou suas portas no meio da tarde; filas triplas em ruas que só comportam uma única fila de carros para cada sentido, centenas de pessoas aguardando nos pontos de ônibus, sobretudo na Avenida Mauro Ramos, em pleno coração da cidade. As crianças foram liberadas mais cedo do colégio, os pais estão presos no tráfego intenso de veículos. Filas e filas nos pontos de ônibus, que não chegam porque não conseguem vencer o trânsito. No túnel Antonieta de Barros, sem luz e todo engarrafado, os motoristas não desligam o motor dos veículos e pessoas começam a passar mal, intoxicadas pela fumaça de gás carbônico. Está anoitecendo, a população é obrigada a voltar para a casa à pé porque sabe que o ônibus não irá chegar a tempo e a ponte está na iminência de ser fechada. As pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles são tomadas pelos pedestres, tanto na passarela como por entre os carros, na pista de veículos, mesmo estando com parte da pista da Colombo Salles interditada em função do incêndio que não cessa.

Em meio a tudo isso, uma ouvinte liga para a Rádio Guararema, querendo informações sobre os técnicos que se jogaram ao mar.

SDR3: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco.[30]

Voz feminina: Ba-ba-boa tarde, J. Pacheco!

J. Pacheco: Boa tarde-noite!

Voz feminina: Ba-boa noite!

J. Pacheco: Pois não?

Voz feminina: Eu ah... aqui é a Andrea, da Palhoça. **J. Pacheco essa pessoa que tava mexendo com o liquinho morreu, não?**

J. Pacheco: Não, não. Graças a Deus, não.

Andrea: Mas, que sorte que esse home teve, Meus Deus

J. Pacheco: É verdade!

Andrea: Do Céu! Com esse estrago todo!

J. Pacheco: É verdade! É verdade! Mas, Graças a Deus, pelas informações que nós temos, não aconteceu nada com ele.

Andrea: Ah, tá bom! **Porque eu disse eu vou... eu não escutei nada...**

J. Pacheco: Não, graças a Deus!

Andrea: Eu fiquei preocupada! Graças a Deus! Graças a Deus!

J. Pacheco: Tá bom? Obrigado, querida!

Andrea: Obrigada, **desculpa**!

Esta sequência é exemplar no sentido de que remete novamente ao funcionamento do rádio informativo e apresenta sujeitos no maior grau de identificação com a forma-discursiva dominante. Interessante, também, porque reforça o mesmo, como nas sequências anteriores. Ao mesmo tempo que temos uma interação com a ligação telefônica, ainda assim neste caso ela é parafrástica. O telefone permite espontaneidade, mas, muitas vezes, silencia-se quando colocado em "viva voz" no meio rádio. Ou seja, ao publicizar esse diálogo, perde-se parte da espontaneidade. Nessa SDR3 a identificação da ouvinte com o ritual de linguagem do rádio é evidente e reforçada pelo apresentador, ambos estão alinhados à forma-sujeito dominante, temos mais do mesmo. Ainda era o início do acontecimento, ainda não temos uma ruptura no ritual de linguagem, a ênfase se dá ao discurso circular como fica evidente na primeira sequência discursiva, em que o apresentador direciona o que deve ser discutido no

[30] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR4.

momento durante a participação ao vivo do ouvinte, que tem o efeito de espontaneidade, mas é altamente controlada pela emissora radiofônica.

O apresentador, por sua vez, em sua posição-sujeito de mediador, alinha-se à forma-sujeito rádio, aquela tradicional em que há um mediador legitimado pelo poder dizer e um entrevistado como fonte oficial que presta o serviço público ou um entrevistado que é um ouvinte, espontâneo, mas que não ousa dizer além do esperado, identificando-se com o *bom sujeito* de Pêcheux. Ao discutir a questão da superposição do sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva dominante, Pêcheux diz que a identificação perfaz o *bom sujeito*, constituindo uma gradação de identificação que varia entre o *bom* e o *mau sujeito*. Não numa visão maniqueísta, mas numa situação de gradação, por tomadas de posição, inconscientes, em que o sujeito identifica-se plenamente ou vai se identificando com uma nova formação discursiva, que passa a ser dominante.

Indursky, ao reler Pêcheux, opera com os conceitos formulando as tipologias baseada também no maior ou menor grau de reversibilidade, em que quando o sujeito alinha-se em maior grau com a forma de saberes universais da formação discursiva dominante, tem-se a identificação, que não desloca nada em relação à forma-sujeito idealizada. À medida que o pêndulo oscila, temos a contra-identificação, em que o sujeito já questiona os saberes universais da FD, chegando ao maior grau de reversibilidade, que é a desidentificação. Nesta se pode chegar a um acontecimento discursivo e/ou enunciativo, ambos da ordem da raridade, conforme define a autora. Convém salientar que usamos o termo *reversibilidade*. Ele foi proposto por Eni Orlandi. Aqui tomamos a liberdade de fazer a relação entre eles e os autores, mesmo que não sejam diretamente citados entre si.

Tendo-se as noções anteriores como norte, percebemos que a ouvinte Andrea estabelece relação direta com o veículo[31] rádio, diz que não ouviu nada, então liga à emissora para saber a respeito dos técnicos que caíram da ponte ao mar. Chega a pedir desculpas, talvez por *atrapalhar a programação* com algo que não tenha sido noticiado enfaticamente. Ao mesmo tempo, ela confia no meio e busca o conhecimento dos fatos pelo rádio informativo, prestador de serviço.

[31] Aqui mencionamos o termo *veículo,* mesmo que à época já se pensava o meio rádio do ponto de vista da convergência midiática, operando então como um suporte. No entanto, a ouvinte remete-se ao meio como se ele fosse ainda um veículo, efeito este ressaltado durante o Apagão, em que a maior parte da população insular teve acesso somente ao rádio informativo, a partir de rádio à pilha ou de aparelho de rádio automotive, sem a conexão com outros meios, como a TV ou a internet.

Logo depois, o caos está estabelecido. A via expressa, como é conhecido o trecho da BR-282 que liga a BR-101 à Florianópolis, fica completamente engarrafada e sofre uma tentativa de arrastão. A preocupação das autoridades é a de que a população, mesmo sob o calor dos últimos dias de outubro, feche os vidros[32] e tranque as portas, não deixando bolsas à vista.

A primeira noite é enfrentada sem luz. A população, temerosa, tranca-se em casa. Do ponto de vista da segurança pública, a madruga foi tranquila. Técnicos da Celesc das mais diversas regiões de Santa Catarina são convocados para prestar o auxílio emergencial. Ainda não se sabe o que será feito, o fogo continua a queimar, a galeria da ponte está a temperaturas altíssimas e não há possibilidade de se verificar qual é a situação de fato. Na área de segurança pública, a Polícia Militar faz o mesmo concentrando seu efetivo na região de Florianópolis.

O dia amanhece e a previsão da Celesc de que a luz seria restabelecida não é cumprida. O rádio é estabelecido como o elo de comunicação com o povo florianopolitano.

SDR4: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 10h45min, apresentador Mário Motta (Décima parte blecaute)[33]

Mário Motta: Doutor Manuel, funcionamento dos postos de saúde e de outras unidades ligadas a sua secretaria, também suspensos hoje secretário? Bom dia.

Manuel Américo: Bom dia, Mário Motta. Você sabe que por determinação da Coordenação de Saúde, **todos os nossos técnicos têm que estar sintonizado na CBN**, né? Você agora virou um **elo de ligação entre nós, é o elo que nos tira da idade média.**

SDR5: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, perto das 12h, apresentador Roberto Alves (Décima primeira parte blecaute)[34]

Marcos Vieira: **Gostaria também que a própria CBN,** se pudesse, ao longo deste dia, também relembrar a população dessa sugestão do Mário Motta, bem como reproduzir esta mensagem que estou dando **no seguinte sentido que cada um vá ao local de trabalho. Até porque, evidentemente, todos estão nesse momento por certo escutando a CBN.** Mas **se nós transmitirmos isso de meia em meia hora ou de uma em uma hora, é por certo todos tomarão conhecimento** e se dirigirão para cada um dos seus locais de trabalho.

A sequência discursiva de número quatro apresenta a abertura de uma entrevista com o Secretário Municipal da Saúde de Florianópolis. Ele, assim como

[32] Em 2003, transitar com os vidros abertos era algo comum em Florianópolis. O uso de ar condicionado não era algo de uso corriqueiro, sendo considerado um acessório de luxo, próprio de veículos mais caros ou ainda dos grandes centros urbanos, mais violentos.

[33] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR5.

[34] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR7.

vários outros entrevistados nas duas emissoras analisadas, elogia a atuação da rádio durante a cobertura jornalística do evento e pelo fato do rádio informativo permanecer atuante durante o blecaute. Esta sequência foi escolhida por simbolizar o funcionamento discursivo da Rádio CBN Diário. Ela é exemplar como forma de apresentação da alta institucionalização da emissora, influenciando a memória e o imaginário popular. A CBN Diário, que já é altamente institucionalizada, passa a ser oficialmente com o Apagão a voz da instituição do Estado, que nesse momento depende dela para se pronunciar. Na impossibilidade – e ausência – dos outros poderes públicos, ela é a representante do Estado. Desta forma, o discurso é com maior tendência ao rádio informativo tradicional, conforme discutido no item anterior, em que há mediação em gradação maior, com sentido fechado, em circularidade e, até o momento, sem reversibilidade.

Na SDR5, o entrevistado assume a posição de serviço, reforçando a análise da SDR4. Ao assumir a posição de informação oficial dentro do ritual radiofônico, Marcos Vieira também circunscreve um interlocutor ao pedir à emissora que avise à comunidade e aos seus subordinados. Além disso, o secretário apela para que a emissora seja um porta-voz oficial, pois a instituição Estado, neste momento, está impossibilitada e o rádio informativo assume este papel institucional de mantenedor social, reforçando o sentido de utilidade e pertinência.

Cai a noite e ainda temos a população em estado de espera, a Celesc prevê que ainda é possível retornar a energia até o final daquele dia. Na segunda noite a população passa a se ambientar na nova conjuntura, sai às ruas, a cidade parece seguir um ritmo quase costumeiro, se não fosse a ausência total de energia elétrica e já a falta de água nos bairros. Adiante teremos sequências discursivas em que o repórter vai às ruas para conhecer os ânimos dos transeuntes. Há uma gradação na identificação com a forma-sujeito do saber dominante na formação discursiva. O ouvinte do rádio, após o advento da televisão, possui outra relação com o meio radiofônico, mesmo que em condições de produção diferenciadas como foi o Apagão em Florianópolis.

SDR6: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 20h30min, apresentadores Paulo Branque, Rodrigo Faraco e Marcio Martins (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – décima sétima parte)[35]

Helton Luiz: Felipe, o que você tem a dizer de um apagão geral como esse? **Já tinha passado por isso, não?**

[35] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR8.

Felipe Knabenn: Não, não, na minha minha, meus... **Nunca tinha passado por isso**, mas é uma coisa que ninguém imaginava que ia acontecer, porque pegou todo mundo de surpresa, mas não tem

Helton Luiz: **Escapatória**, né?

Frederico Knabenn: **Não tem escapatória**, o negócio é esperar eles resolverem isso e ficar numa boa, né?

[...]

Helton Luiz: Pois é, qual, qual é o nome da sua esposa? Deixa eu conversar aqui, tá chegando o lanche deles, guarda um pedaço pra mim faz o favor aí... Qual o seu nome, por gentileza? Ah, fala comigo, não tem vergonha não... **Tamo tudo no escuro, ninguém vê nada, fala aí!** Qual o seu nome?

Voz feminina: Michele.

Helton Luiz: Michele, me diz uma coisa: nesse horário, eu acredito, ou um pouquinho antes você estaria com luz, em casa, cozinhando, né? Fazendo a janta... **Tá ganhando uma folga, não tá bom?**

Michele: **Tá, tá ótimo!**

Helton Luiz: E não precisa ficar cozinhando, **hoje tem uma folga, tá tranquilo...** Sai com o maridão, né? Com as crianças...

Michele: **É...** [...] Só que com criança, ainda mais que eu to com bebê doente, complica, né?

Helton Luiz: Ah, é? **Tá um pouquinho doente?**

Michele: **Tá.**

Helton Luiz: É, mas vamos crer que esse prazo novo, de meia noite, realmente a luz apareça e **tudo se normalize, né?**

Michele: **É. Estamos esperando.**

Helton Luiz: Enquanto isso, **vai aproveitando o lanche aí, viu?**

Michele: **Vamo...**

Na fala do repórter Helton Luiz, conforme em destaque na próxima SDR, ele tenta desinibir a entrevistada com um "ninguém vê nada, fala aí!". Ou seja, o efeito seria o de *além de estarmos no escuro, estamos sem cinegrafistas, sem câmeras, é somente um gravador o meu artefato tecnológico*. Há um duplo movimento no sentido de que tratamos do simbólico ao remeter às origens do rádio, quando não se tinha telefone e este era o meio de comunicação da comunidade. Apesar de o Apagão trazer o efeito de um revival, temos um ouvinte atravessado pelos aparatos tecnológicos

contemporâneos, como a televisão e a internet. Por mais que o rádio informativo tenha sido o elo de comunicação, num retorno aos primórdios do rádio o imaginário é de outra época, é do século XXI.

Continuamos tendo alta identificação, mas o ouvinte assume a PS2T1 porque a interlocução se dá pelo alinhamento ao repórter, num efeito de espelhamento. Aqui propomos o uso do termo espelhamento, como um alinhamento à forma discursiva autoritária, em que o sujeito não contesta, apenas replica o esperado pelo outro. Não diz diferente porque não há o que dizer, estabelecendo uma relação parafrástica pelo sentido autoritário. Quando o entrevistado estabelece uma relação desse tipo com o seu interlocutor, não quer dizer que a previsibilidade de interlocução seja porque o ouvinte não tenha o que dizer, mas ele é silenciado porque só pode dizer o que é esperado.

Essa situação remete aos esquecimentos de Pêcheux, propriamente ao esquecimento n.º 1, em que há uma "[...] situação de enunciação […] 'sobre-determinada' pelo sujeito do discurso radiofônico", conforme afirma Gallo (2008, p. 55). Nessa relação com o inconsciente, há uma auto-censura do ouvinte/entrevistado que não consegue deslocar sua posição-sujeito, até porque, como declara Gallo (2008, p. 12), "[...] censura aqui não é entendida como algo que vem de fora da linguagem, mas um elemento constitutivo", porque esse sujeito assume a existência, mesmo que inconsciente, do não dito e não o contesta porque, como apresentado anteriormente, o Tipo1 é a de maior identificação do sujeito com sua formação discursiva dominante.

Na segunda noite, as condições de produção vão se alterando. A cidade volta a ter ocorrências policiais das mais diversas. Chegam-se a ter casos de estupro, o estuprador recebe o apelido de homem-aranha. Esta será a manchete do dia seguinte nos principais jornais estaduais, o ataque do homem-aranha. Mulheres foram estupradas enquanto dormiam em seus apartamentos no sétimo e no segundo andar de edifícios diferentes. A população passa a temer o futuro. A comida está estragando no refrigerador e no congelador, não existe fornecimento de água pela Casan, a não ser por caminhões-pipa aos hospitais, creches e presídio.

A procura por velas e pilhas é enorme, denúncias chegam o tempo todo no meio de comunicação estabelecido entre a população e o rádio informativo. Até porque os telefones, na sua grande maioria, operam em condições precárias, as torres de transmissão das principais operadoras telefônicas estão sem energia. Mesmo que se consiga em algum lugar carregar o telefone celular ou o telefone de casa caso seja sem

fio – que precisa de carregador ligado à energia elétrica -, há pouca qualidade de transmissão do sinal de voz quando se consegue completar a ligação telefônica.

Nessas condições de produção, é mais fácil voltar aos primórdios do rádio informativo e fazer uma ligação direta à emissora, transmitindo a informação ao povo em geral, ao invés de tentar completar ligações para várias pessoas. Essas condições também imprimem um deslize no grau de reversibilidade, avançamos e seguimos à PS3T1.

SDR7: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 20h20min, apresentador Carlos Eduardo Lino, Paulo Branque, Rodrigo Faraco e Marcio Martins (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – décima sexta parte 2)[36]

Paula Kalafataz: É por isso que eu digo, **não adianta você ficar**, é, é, impotente, paralisado com essa situação, porque, se fosse ajudar, tudo bem, mas, infelizmente não dá. Então, no mínimo acho que **você tem que fazer**, já que este momento tá difícil não só pras pessoas que estão isoladas, de alguma maneira estão sofrendo, acho que todos nós estamos sofrendo com isso, mas também saber lidar com o imprevisto eu acho muito importante. Saber pensar que existem outros caminhos e soluções que, graças a Deus, daqui a pouco vão ser solucionados. Acho que o positivo atrai isso, os pensamentos, as lembranças boas, o convívio com outra pessoa, seja o vizinho que também está nesta situação, um familiar... Então **procure se movimentar**, **procure ao menos** não pensar em coisas ruins que isso não vai adiantar, muito pelo contrário, **vai lhe causar** maior transtorno dos quais você já tem. Né, então acho que relembrar um pouco as questões boas da infância, da brincadeira, do vizinho, entrar um pouco nessa questão de conviver mesmo com essa dificuldade, mas sabendo que sempre, sempre tem solução. É, todo problema é como uma moeda, tem dois lados. Né, cara ou coroa? Pois é, o negativo e o positivo. **Olhe** pro positivo nesse momento.

O emprego do *você* soa como um efeito de proximidade, mas ainda temos uma situação de interlocução genérica, voltada a *todos*. A sequência é a entrevista com uma psicóloga que orienta a população a como agir no meio do fato novo que foi o Apagão.

Na fala da profissional tem-se como marca constante o emprego do pronome *você* em sentido genérico, que é próprio das condições de produção do discurso psicológico:

> […] Observa-se também como estratégia a formação de enunciados voltados para sujeitos específicos: […] o pronome *você.* Identifica-se que tal uso tem como objetivo dar o sentido de uma fala voltada para um leitor específico, o que tende a provocar uma relação de intimidade e, ao mesmo tempo, de seletividade, ou seja, este discurso não é voltado para *todos,* mas especificamente para *você* (MENDES, OLIVEIRA, 2013, p. 175).

Do ponto de vista sintático, o pronome *você* poderia ser direcionado a

[36] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR11.

alguém, este é o efeito dele. No entanto, discursivamente, não há um deslocamento, o *você* é próprio do discurso de auto-ajuda, não transpõe esse limite, conforme pode ser notado na SDR7. Ainda estamos num discurso altamente institucionalizado, com fontes escolhidas pela produção da emissora, com o dizer controlado e, sobretudo, na tentativa de reproduzir o mesmo efeito à população, para que ela assim também se comporte socialmente, além das fronteiras sonoras da emissora.

Adiante, retomamos à noite anterior para apresentar a posição-sujeito quatro do tipo um, a PS4T1.

SDR8: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 22h15min, apresentadores J. Pacheco e César Souza Jr.[37]

Fred: Então **eu queria pedir para as autoridades aí do da... segurança** *J. Pacheco:* Segurança do câmpus... *Fred:* **Dá uma atenção pro câmpus da UFSC aí.**

SDR9: Rádio Guararema, 29/10/2003, plantão especial, por volta das 20h, apresentador J. Pacheco.[38]

Ednei Corvalão: Não vai haver maiores problemas, mas, nos terminais de bairros, os outros seis terminais, não há gerador e o terminal vai ficar às escuras, **a gente até pede um auxílio da Polícia Militar** pra que ajude no reforço da segurança.

O ouvinte identifica-se com o rádio informativo, mas há a gradação porque, a partir do rádio, ele envia recados às autoridades ou a outros ouvintes. Esta também possui alta identificação com a sua formação discursiva, mas a forma não é a de maior nível como o é no caso da PS1T1, em que há o grau máximo de identificação. Ou seja, o sujeito ainda está colado à sua posição de identificação, mas temos certa gradação.

A diferença com a SDR5 é porque, ao mesmo tempo em que há uma nova circunscrição de interlocutor, neste caso, na SDR8, o ouvinte o faz diretamente, há uma nomeação a quem ele se dirige, mesmo ainda havendo alta identificação com o ritual do discurso do rádio informativo e ele se remeter, primeiramente, à mediação do apresentador para tal.

Na PS4T1 o sujeito identifica-se com o ritual de linguagem, continua enunciando para um interlocutor oficial que irá mediar aos demais, porém, ele diminui a mediação ao pronunciar seus pedidos diretamente às autoridades. O interessante é que

[37] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR10.

[38] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR13.

na SDR9 o pedido vem de uma fonte oficial, que, a rigor, mesmo colada na posição-sujeito oficial, no caso a de prestadora de serviço à população junto com a emissora radiofônica, essa fonte pede à emissora que faça a mediação à outra autoridade, ao invés de o fazer diretamente. Essas SDR8 e 9 remetem à primeira noite, em que a população foi pega completamente de surpresa e não sabia como lidar com as novas condições de produção as quais foram inscritas e, por conta disto, apresentam-se numa grande identificação com a forma-sujeito, a qual nomeamos a situação de Tipo 1, que, mesmo assim, possui variações internas.

A próxima sequência discursiva da PS4T1 o ouvinte circunscreve outro interlocutor.

SDR10: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco[39]

Valmir: Mas, **eu pergunto pra essa moça**[40] até aonde que o Governador é culpado?

O ouvinte da SDR10 remete-se à ouvinte do comentário anterior. Mesmo sabendo que a interlocução não é direta, ele circunscreve outro interlocutor que não o apresentador do programa, diferenciando sua posição-sujeito, mesmo ainda fazendo uso do discurso radiofônico e estreitamente ligado a ele ao se remeter ao apresentador do programa. No entanto, temos um deslocamento na posição-sujeito, que vai gradativamente se apresentando nas próximas sequências discursivas.

A última SDR desta PS4T1 é a SDR11, em que o apresentador da Rádio CBN Diário entrevista o Diretor Técnico da Celesc, o engenheiro Eduardo Citôneo, responsável por comandar toda a equipe de mais de duzentos técnicos que construíram a ligação paliativa da subestação de energia elétrica do Continente com a região insular de Florianópolis.

SDR11: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 12h50, apresentadores Roberto Alves, Carlos Eduardo Lino, Paulo Britto. (Partes 12 e 13 Blecaute 30-10-03)[41]

Roberto Alves: O Alencar Rosário, ele pergunta o seguinte: é garantido que até às 20h de hoje retornará o abastecimento de energia para o centro da capital? Garantido?

Eduardo Citôneo: **Olha Alencar**, o garantir 100% **eu só posso dizer para ti** na hora que eu ligar. Agora, eu **quero dizer Alencar**, que todos os esforços são no sentido que nós consigamos energizar antes de

[39] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR14.

[40] O ouvite Valmir faz menção à participação imediatamente anterior, de Selma. Ela reclama dos prejuízos causados pela falta de energia elétrica e acusa o Governador do Estado, à época, José Henrique da Silveira, como o responsável pelo acontecimento. A sequência discursiva a qual contém a fala de Selma é a SDR16.

[41] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR15.

começar a escurecer. Nós estamos trabalhando com este horário, nessa programação, entende. Mas, **garantir 100% para ti** eu não consigo, porque 100% vai ser na hora que eu energizar. Mas **tu pode ter certeza** que do mais simples ao mais elevado funcionário que está lá que são hoje, nesse momento, deve ser mais de duzentos, todos querem ver essa ilha iluminada a qualquer momento.

[...]

Roberto Alves: Eduardo, duas perguntinhas finais, aqui para a gente completar. Faltam dois minutos para às duas horas da tarde, depois segue o trabalho da CBN Diário com o Luiz Carlos Prates, na TVCom e na CBN Diário. O Jean pergunta, se o aquecimento provocado pelo incêndio pode comprometer a estrutura da ponte.

Eduardo Citôneo: **Jean**, com todo o **respeito à sua pergunta**, eu sou presidente de uma associação dos engenheiros da Vale, fui membro da associação do CREA, fui membro da Associação Catarinense de Engenheiros, sou ex-dirigente sindical do Sindicato dos Engenheiros, e tu não sabe o que é um engenheiro eletricista se meter a dar opinião numa área de engenharia civil ou o contrário, o engenheiro civil se meter a dar opinião na área de engenharia elétrica. Então, **meu irmão**, com todo o respeito, essa parte cabe ao pessoal do Deinfra, que são os engenheiros civil. **Espero que tu não fique bravo**, mas eu não vou entrar nessa guerra não.

Eduardo Citôneo assume a posição totalmente oficial e legitimada, presta serviço à população ao se inscrever na formação discursiva do rádio informativo, mas também fez a circunscrição do interlocutor externo a alguns ouvintes, deslocando sua posição-sujeito de fonte oficial e que se remete à outra fonte oficial, o apresentador. A interlocução quase foi direta e no sentido brechteriano do diálogo aberto com o ouvinte, como idealizou o pensador marxista, ao invés de somente um aparelho de distribuição. "O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber: portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele" (BRECHT, 2005, p. 42). Por sua vez ao discutir a TV, Bourdieu (1997, p. 13) também acredita que os meios de comunicação poderiam "[...] contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que [...] lutam para o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica".

Entretanto, o diálogo aberto não aconteceu porque eram perguntas captadas pela equipe de produção e lidas ao entrevistado Eduardo Citôneo. Mesmo sendo o diálogo algo mais próprio da enunciação entre dois falantes, ele chegou também ao limite da forma discursiva ao se remeter diretamente aos ouvintes Alencar Rosário e Jean. No entanto, as condições de produção de certa forma clamavam por uma relação mais intimista e Citôneo faz desta forma. Isto posto, ainda estamos na ordem do institucional, própria do Tipo 1.

É o segundo dia, as previsões da Celesc não deram certo, ainda há a expectativa de que a energia elétrica terá o fornecimento estabelecido até o início da noite. Além disso, há o agravante de que se especula a respeito de abalo estrutural na Ponte Colobo Salles decorrente do incêncio na galeria interna.

Voltamos à segunda noite de Apagão. As poucas velas e pilhas que estão ainda disponíveis à venda sofrem aumento abusivo de preço. A população percebe que pode dormir mais uma noite sem energia elétrica, sem banho e ainda terminar de perder a comida que está para azedar na geladeira e no freezer. Os ânimos estão mais inflados. É quinta-feira, corre-se o risco de se passar o final de semana de Finados sem velas e sem energia elétrica... É final de mês, a população reclama muito porque fez as compras para o mês seguinte. A população estava se preparando também para o final de semana de Finados: domingo será dois de novembro. Sabe-se que o fornecimento de água só retornará após setenta e duas horas de estabelecimento da energia elétrica. Na próxima sequência discursiva continuamos com alta identificação com a forma discursiva, no entanto, também há interpelação a todos os ouvintes como sujeitos autores da fala, ao contrário das anteriores que o fizeram circunscrevendo alguém em específico. A esta gradação instituímos como PS5T1.

SDR12: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 19h, apresentador J. Pacheco[42]

Glerta: É só pra lembrar, né, **a nossa Prefeita** foi em todos os canais de televisão, nas rádios, dando o seu apoio, né, e **o nosso governador** foi numa festa, né.

SDR13: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco com a participação de César Souza Jr. e dos advogados Gerson Basso e Francisco Ferreira.[43]

Voz feminina: E agora, ao **nosso Governador**, nosso não, pra mim ele não é Governador.

A SDR12 trata da fala de Selma, a qual o ouvinte circunscreve na SDR10 da PS4T1. Selma também interpela aos demais ouvintes como autores da fala. O interessante é que a ouvinte quase fala diretamente ao governador, chega à situação limite, mas recua ao longo do diálogo e se mantém em sua posição colada à forma discursiva. Se ela tivesse ultrapassado essa barreira discursiva, ou seja, se ela tivesse se remetido diretamente a *você* Governador, ao invés de *ele*, poderíamos ter aí um acontecimento discursivo, ou, no mínimo, enunciativo. Essas duas sequências foram elencadas a fim de ilustrar a indignação que passa a estar latente, o movimento na

[42] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR16.

[43] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR17.

tomada de posição, pois as condições de produção estão impelindo à fragmentação do sujeito e ao rompimento com a memória discursiva. O silêncio local passa a ser lentamente derrubado... É o início da segunda noite de Apagão.

Na próxima sequência discursiva, iniciamos a PS6T1, que comprova a gradação na identificação com a forma sujeito dominante.

SDR14: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 23h15, apresentador J. Pacheco e participação de César Souza Jr.[44]

J. Pacheco: Alô, tem, quem está na linha, alô?

[...]

Voz masculina: **É o** Carlos Augusto de Amorim Dutra, **eu sou** Procurador da República em Santa Catarina.

J. Pacheco: Pois não.

Carlos Augusto: **Estou acompanhando também aí, o programa está com uma grande audiência, é um programa de utilidade pública, e acompanhando os questionamentos** dos...

J. Pacheco: Pois não.

Carlos Augusto: **dos ouvintes da Guararema**. [...] O Ministério Público, **eu gostaria de passar essa informação**, o Ministério Público Federal,

[...]

J. Pacheco: Eu J. Pacheco juntamente com César Júnior e toda a nossa equipe da Rádio Guararema gostaríamos imensamente de agradecer-lhe, né, e ficamos muito honrados com a sua iniciativa, espontaneidade, uma autoridade do Judiciário Federal, não é, ter essa presteza de vir pra informar a nossa comunidade dos direitos que ela tem. Muitíssimo obrigado! [...] Tem ouvinte, alô? Alô?

[...]

Voz masculina: É Afonso...

J. Pacheco: Oi!! Afonso, Afonso dos Santos, tudo bem? Nosso querido presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas!

[...]

Afonso: **O Pacheco, é o seguinte.** Hoje houveram diversas é informações desencontradas, [...] durante a tarde, durante a tarde houveram diversas informações desencontradas, né? [...] Vejo muita dificuldade do comércio funcionar amanhã.

[44] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR21.

Fazendo o retrocesso de uma noite, ainda na conjuntura de amparo à população pega de surpresa, nesta SDR14 temos um deslocamento no sentido de que há fluxo invertido da informação quando as fontes/ouvintes ligam para as emissoras para serem entrevistados, ao invés da equipe de produção das emissoras entrarem em contato anteriormente, invertendo a forma tradicional de estruturação do meio rádio. O rádio aqui realiza o sonho Brechtiano de ser um canal de comunicação com a população, ao invés de somente um canal de distribuição de empresas radiofônicas. Discursivamente, ainda temos um efeito de autoria, a interlocução ainda não é aberta a todos. Afinal, quem se permite a esse fluxo inverso são sujeitos em posição legitimada no discurso de escrita. A SDR14 possui entrevista gerada pelo próprio protagonista, o Procurador da República do Estado de Santa Catarina, alguém que no dia a dia não permite acesso tão fácil, mas que faz a identificação com a forma discursiva pelo avesso, assim como na mesma SDR a outra fonte oficial que se pauta expontaneamente, o Presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas da Capital.

Mesmo assim, ao contrário de outros ouvintes que possuem destaque na sociedade florianopolitana, como é o caso do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina ou os diretores de colégio que ligaram somente para, sinteticamente, informar se o estabelecimento abriria ou não no período noturno ou no dia seguinte, passa-se a estabelecer uma situação em que ouvintes que provavelmente seriam fontes para entrevistas oficiais e, ao protagonizar o acontecimento social de maneira similar à população insular como um todo, entraram em contato com a emissora radiofônica porque queriam ser entrevistados, tinham algo que não poderia ser calado.

A autoria também está em transição. Do ponto de vista comunicacional, temos um marco histórico.

A primeira noite pegou a todos de surpresa, até mesmo o Governador do Estado de Santa Catarina dá sinais de que não imaginava que a pane elétrica iria se prolongar por tantas horas a fio. Ele cumpre sua agenda protocolar, segue a Blumenau, no norte do Estado, para a abertura dos Jogos Abertos de Santa Catarina. Delega funções aos seus assessores e orienta aos engenheiros da Celesc e da Casan que façam as declarações oficiais. Prefere a fala especializada à política. Isto reflete diretamente na população, acostumada a um tratamento mais intimista dos governantes anteriores. Inclusive porque há muito tempo Santa Catarina não elege um Governador que não seja de família tradicional ligada à Florianópolis. Luiz Henrique da Silveira construiu sua história política em Joinville, no norte do Estado e, no primeiro mandato, que se iniciou

em primeiro de janeiro daquele ano de 2003, a principal meta de governo era justamente a descentralização da estrutura do Estado, fortificando o interior com a criação de Secretarias de Estados e destituindo essas secretarias na capital. Além disso, a disputa foi muito acirrada com o candidato à reeleição, o então governador e ex-prefeito de Florianópolis Espiridião Amin. Eles chegaram a ir a segundo turno e Amin era o favorito, mas, no resultado final, Luiz Henrique da Silveira foi eleito. A prefeita em 2003 era a esposa de Esperidião Amin, Ângela Amin, que se fez presente desde as primeiras horas do blecaute, dando entrevistas às rádios. Desta forma, o ouvinte parte de um pré-construído desfavorável ao Governador, marcado pelo posicionamento político de cada emissora. A Rádio CBN Diário tende ao Governador, enquanto a Rádio Guararema tende à Prefeita Ângela Amin, à época da mesma coligação política do proprietário da emissora, César Souza, que era Deputado Estadual naquele mandato.

SDR15: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 21h30min, apresentador J. Pacheco[45]

Selma: E **eu gostaria de perguntar pro Governador.**

J. Pacheco: Sim

Selma: O que que **ele** só pensa no funcionalismo público, tá?

J. Pacheco: Uhum...

Selma: E porque que **ele** não pensa na gente?

J. Pacheco: Sim.

Selma: Tá? É uma atitude que **ele** tem que ver que o funcionalismo público só trabalha à tarde, isso quando trabalha.

J. Pacheco: Sim.

Selma: Tá ok?

J. Pacheco: Certo.

Selma: Então quer dizer, **ele** deu ponto facultativo na 2ª, 3ª e amanhã, por quê? Por que que **ele não pensa na gente**?

Temos, com a SDR acima, a PS7T1, que está no limiar de uma nova posição-sujeito. Ao enunciar "eu gostaria de perguntar pro Governador", na SDR15, quase há uma nova posição. Somente não se a tem porque a ouvinte dialoga com *ele*, continua com o uso da terceira pessoa do singular. Ao invés de perguntar diretamente ao

[45] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR22.

Governador, fazendo uso do *tu* ou do *você*, ou seja, da segunda pessoa do singular, mantendo sua identificação com a forma-sujeito, conforme as marcações em negrito da SDR15. Quanto ao apresentador, as condições de produção o impedem de ser mais do que monossilábico. Temos o silêncio local, o qual Orlandi propõe. O apresentador não discutirá algo que irá contra o posicionamento político da emissora, sob o risco de demissão, como discutimos a partir de Bourdieu no funcionamento discursivo jornalístico, no início desta tese. As instituições passam a ser questionadas e temos o início da ausência de controle institucional. Os locutores passam a dizer menos e a ouvir mais. O fluxo está se invertendo e a interlocução direta se instalando. A Rádio Guararema propicia mais espaço à interlocução e interação ao decidir abrir à população a interação direta com a emissora, sem o filtro da equipe de produção. O telefone foi enfaticamente divulgado, sendo atendido por uma telefonista e encaminhado ao apresentador a fim de operacionalizar a logística comunicacional, ao invés da seleção habitual das emissoras, que define quem pode participar da programação e o que deve ser dito, sem deixar de lado o efeito de interatividade a partir da participação ao vivo, mesmo que altamente mediada.

4.1.3 Tipo 2: contra-identificação

O início da reversibilidade entre as interlocuções das sequências discursivas da seção anterior incidem numa nova tipologia. Não há mais como fugir aos fatos. O relógio mantém o seu prumo, as horas e dias passam. A população está num deslocamento de identificação com a forma-sujeito universal do rádio informativo. Os saberes passam a ser questionados, temos a contra-identificação de sujeitos.

No Tipo 2 deixa-se a identificação do *bom sujeito* à memória da formação discursiva dominante e iniciamos um aprofundamento na reversibilidade, tendo com isso uma contra-identificação com a forma sujeito dominante nessa FD. Portanto,

> [...] Se uma *posição de sujeito* se define como uma relação de identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal de uma FD, a especificidade da posição de sujeito no funcionamento polêmico de discurso deve-se ao fato de que essa identificação, pela qual um sujeito falante é interpelado/constituído como sujeito ideológico, efetua-se em um lugar dividido por uma contradição. E se o domínio da forma-sujeito constitui exatamente o domínio

> da descrição do sujeito como efeito no discurso, através das diferentes posições de sujeito determináveis numa FD, poderemos representar a posição de sujeito "polêmico" como elemento de descrição da forma sujeito na FD de referência (COURTINE, 2009, p.202).

Essa posição de relativização da identificação com a forma sujeito discursiva dominante é "[...] o discurso do que Pêcheux caracterizou como sendo o *mau sujeito*" (INDURSKY, 2008, p. 13), em que há um contraponto à organização dos saberes da forma sujeito da formação discursiva dominante.

> Explicando melhor esta modalidade: ela ocorre quando o sujeito do discurso, através de uma *tomada de posição*, se contrapõe à forma sujeito que organiza os saberes da FD com qual o sujeito do discurso se identifica. Essa segunda modalidade consiste, então, em "uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...)" em relação aos saberes da forma sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a *contra-identificar-se* com a forma sujeito da formação discursiva que o afeta. E é esta modalidade de tomada de posição que coloca o sujeito do discurso na posição de *mau sujeito*, vale dizer, aquele que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente reduplicá-los, como ocorre na primeira modalidade (IBIDEM).

Esse sujeito questionador inicia algo novo, pois a fragmentação da forma sujeito distancia os saberes da forma sujeito dominante, tirando-lhe a homogeneidade, ou seja, inscrevendo uma nova possibilidade de formulação de sentidos ao constituir-se pela contra-identificação. "[...] A convivência dessas duas posições sujeito – a *dominante* e a *dissidente* – mostra que esta FD é heterogênea e que nela não há lugar apenas para a reprodução dos mesmos sentidos. O sentido diferente, discordante, tem aí garantido seu lugar de inscrição (IDEM, p. 25). No movimento de sentidos de identificação e contra-identificação, pode haver negociação, produzindo um deslocamento de posição-sujeito. Em outras palavras, a ideologia jamais se ausenta, pelo contrário, apenas interage de outra forma, mas mantendo o domínio do saber universal da formação discursiva dominante.

Pêcheux (2009, p. 161) enuncia que uma FD, neste "[...] espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma 'intersubjetividade-falante' pela qual cada um sabe de antemão o que o 'outro' vai pensar e dizer...", é o espaço de inscrição na forma-sujeito, "[...] a necessária referência do que *eu* digo aquilo que *um outro* pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo *não está fora do campo daquilo que eu estou determinado a não dizer*".

No entanto, quando há uma gradação nessa identificação em direção ao questionamento desse saber dominante dentro da FD, temos o movimento de contra-

identificação. Por isto, conforme aponta Indursky (2008, p. 19), "[...] quando os saberes que emanam das demais posições sujeito sinalizam diferenças, questionamentos, divergências em relação aos saberes que emanam da posição-sujeito dominante, elas travam entre si uma relação de 'intersubjetividade falante' (PÊCHEUX, 1988, p. 172-3)", em que há deslocamentos no interior da formação discursiva.

É nesse movimento de contra-identificação, que tomamos aqui como Tipo 2. Nesta modalidade se inscreve, explica Indursky (2008), uma tensão entre o sujeito e a forma-sujeito do discurso. Esta tensão dá início à fragmentação da forma-sujeito. A posição-sujeito que está em contra-identificação não rompe com a forma-sujeito, pelo contrário, a identificação ainda subsiste, porém, surgem aí novas posições-sujeito.

A consequência dessa tensão é a possibilidade de surgimento de um acontecimento enunciativo. Nesta situação, o movimento de sentidos não chega à gradação máxima (tipo 3, desidentificação, que trataremos na sequência), em que há uma ruptura total com os sentidos previamente existentes. Ao invés de romper com a forma-sujeito, no Tipo 2, a contra-identificação pode vir a resultar no acontecimento enunciativo em que temos então uma nova posição-sujeito, em tensão com a posição-sujeito dominante da FD. Há um "[...] *afrontamento* com *fragmentação* da forma-sujeito", como postula Indursky (2008, p. 28), gerando uma coexistência tensa e conflitante entre as posições sujeito.

4.1.3.1 Mau jornalismo?

É madrugada do dia 30 de outubro, várias promessas por parte da Celesc para o retorno da energia elétrica foram descumpridas. A contra-identificação do sujeito com a sua forma discursiva é uma das marcas desse descontentamento e descrédito com a máquina pública, conforme apresentaremos nas próximas três sequências discursivas.

SDR16: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 2h, apresentador Nabor Prazeres, com participação de César Souza Jr.[46]

[46] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR26.

Maria: **A minha questão é justamente a questão técnica, tá? É o seguinte: é, estão fazendo entrevistas...** [...] **Nós temos que fazer perguntas à Celesc** com relação ao projeto que foi feito pra uma cidade que só tem uma passagem. **Eu acho que a repórter que tá lá tem que perguntar** como pode uma cidade ter só uma fonte, um caminho, pra energia entrar?

[...]

Maria: Era só isso que eu queria perguntar. **Porque aquela repórter parece excelente, mas, vai ela perguntar, de quem é o projeto...**

SDR17: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 13h15, apresentador Jackson[47]

Neida: Bom, o problema é que **eu quero, eu gostaria de falar pra população, pros ouvintes**, que não deveriam ligar pra rádio,

Jackson: Hum...

Neida: Tá, pra falar sobre gatos e etc.

Jackson: Sei.

Neida: O que **nós temos que exigir das autoridades**, sim, é que as autoridades entrem em contato com a rádio e **expliquem pra população, digam pra população**, o que realmente está acontecendo, quanto tempo nós vamos ficar nessa situação, porque a previsão é a de que venha. Tem uma previsão de que a energia retorne às dezoito horas. Mas, isso não quer dizer, né, que a energia volta, que a água volta às dezoito horas. Então o que **nós queremos é que as autoridades entrem em contato com as rádios,** né, **entrem em contato com a população** e diga o que realmente aconteceu, quanto tempo nós vamos ficar nessa situação, né, pra que nós nos preparemos pra encarar que seja três, quatro dias, não é, a situação e pronto. [...] Só que é um absurdo ouvir tanta barbaridade. Eu não quero ouvir a CBN, né, que eu tava ouvindo, então mudei pra Guararema só que não deu mais força. **Acho que vocês deveriam** até fechar, né, fechar o telefone pras pessoas pararem de falar absurdos, né,

Jackson: Uhum...

Neida: E **o que a gente quer ouvir são explicações mais, mais concretas**, né, do que realmente tá acontecendo!

Jackson: Tá certo. É..

Neida: **Entendeu?**

Jackson: a sua opinião, tá bom?

Neida: Não, é a minha opinião.

Jackson: Ahã...

Neida: Não quero dizer que eu queira formar opiniões

Jackson: Sei...

[47] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR27.

Neida: dentro pra outras pessoas não. Mas, eu **acho que tem coisas que são desnecessárias a gente ouvir.**

SDR18: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 19h45, apresentador J. Pacheco[48]

Michele: **Eu só queria fazer uma retificação.**

J. Pacheco: Sim.

Michele: Porque o seguinte, a respeito da responsabilidade,

J. Pacheco: Sim.

Michele: Eles estavam falando a todo tempo de irresponsabilidade, imperícia,

J. Pacheco: Sim.

Michele: **E na verdade não há necessidade disso.**

Nessas sequências discursivas de referência as ouvintes colocam em xeque o trabalho do repórter, marcando a PS1T2. Temos o silenciamento do apresentador. As SDR's saem do discurso legitimado da escrita e ameaçam o funcionamento discursivo da instituição imprensa. As condições de produção levam a isto. O caos está estabelecido, sem previsão de melhora. Tudo está de cabeça para baixo, os aparelhos legitimadores do Estado não estão mais produzindo o efeito de proteção que deveriam. As fronteiras das estruturas discursivas lentamente começam a desmanchar no ar. A ouvinte Maria orienta o repórter como proceder para exercer a sua função. Ao mesmo tempo que se passa a questionar os saberes constituídos na formação discursiva dominante, no caso do rádio informativo, a ouvinte Neida exige mais explicações das autoridades e direciona os ouvintes. A ouvinte Michele retruca e corrige os advogados que estavam desde o dia anterior orientando juridicamente a população, conforme as marcas em destaque no texto. Michele desloca a posição autêntica de questionar os saberes constituídos pelo atravessamento discursivo jurídico e também jornalístico quando faz uso desse espaço radiofônico e dialoga com o apresentador do programa.

É discutido que o repórter deve indagar mais a fundo sobre o problema do mau planejamento da distribuição de energia do Continente à Ilha ao invés de ir reportando como está o projeto paliativo, ou seja, há direcionamento e definição de pauta ao trabalho do repórter, numa contra-identificação com o seu papel de ouvinte passiva de um discurso circular, no caso, o jornalístico do rádio informativo.

[48] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR28.

Na SDR17, há uma posição-sujeito diferenciada, num duplo movimento. A ouvinte Neida possui grande identificação com o ritual de linguagem da FD dominante, ela fica no entremeio da identificação. Além disso, ela também circunscreve a população, os ouvintes, como autores. Há uma contra-identificação pelo avesso porque, ao mesmo tempo que ela se idenfica com o ritual de linguagem do Tipo 1 ao reclamar da população e sugerir que o funcionamento do rádio informativo seja mantido, ao fazer isso, ela questiona o mediador que é o apresentador por permitir tais participações impertinentes no julgamento dela. Ao dizer como deve ser o funcionamento do rádio informativo, ela questiona o apresentador, aquele que tem o poder de dizer, a fala legitimada.

As ouvintes saem do roteiro tão bem elaborado no imaginário social sobre o que deve ser dito e respondido ao apresentador e à emissora. Ao mesmo tempo, ao se posicionarem de forma mais autoral, as ouvintes gradativamente silenciam o apresentador. Este vai sendo reduzido a uma interlocução monossilábica. Assim, a preponderância institucional vai pendendo ao ouvinte, ao povo. O equilíbrio desloca-se do apresentador às ouvintes, que passam a dominar a interlocução. O caminho é o de descrédito aos órgãos públicos e início de questionamento também da legitimidade da autoridade do rádio como meio de informação.

Na segunda madrugada sem luz, com problemas de arruaça na cidade e todas as demais consequências provenientes da falta de luz elétrica e de fornecimento de água, as instituições do Estado estão sendo arduamente colocadas à prova.

SDR19: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 00h20min, apresentador J. Pacheco[49]

Ângei Soletscki: É, **novidades não tenho, sofro a mesma coisa que toda a Ilha,**

J. Pacheco: Sim, senhor.

[...]

Ângei Soletscki: **A pergunta é o senhor já ouviu em dez últimos anos é Celesc insatisfeita do seu trabalho?**

J. Pacheco: A Celesc?!

Ângei Soletscki: A Celesc.

J. Pacheco: Insatisfeita...?

Ângei Soletscki: **É insatisfeita do seu trabalho, porque os cidadões, eu ouço todo dia.**

[49] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR29.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Agora a Celesc só confirma que é simplesmente maravilhosa.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Uma das melhores empresas do mundo, talvez do universo.

J. Pacheco: Sim.

Ângei Soletscki: Segunda pergunta... **Ouvi** falar que dois cidadões, graças a Deus, salvaram-se com a vida [...] **Vai demorar muito tempo até que eles serem apresentados à imprensa?**

J. Pacheco: É, nós gostaríamos até de conhecê-los e estamos tentando até pra conversar.

Ângei Soletscki: Exatamente. Se eu entendo bem, **cada um deles tem a sua esposa, pertence a sua esposa, mas não pertence à empresa.**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Como é que a empresa tá escondendo eles? Será que tem alguns motivos para não apresentar?

J. Pacheco: Não, não sei, talvez até pelo susto que eles tomaram... E não querendo falar agora...

Ângei Soletscki: **Ah, eu adoraria justamente de conferir isso.**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: **De eles disserem pros jornalistas: "queridos, estamos tão assustados que não queiramos falar".**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: **Mas, ouvir deles e não da empresa.**

J. Pacheco: Perfeito.

Ângei Soletscki: A terceira observação não somente Celesc que tá sempre super maravilhada com o seu próprio trabalho. Durante longos anos, eu ouço fantásticas pesquisas de opinião pública,

J. Pacheco: Sim.

Ângei Soletscki: Que tá dizendo que tem uma prefeita melhor do mundo, talvez do universo.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Aonde esta senhora sumiu?

J. Pacheco: Como?

Ângei Soletscki: Aonde sumiu essa senhora? Você não sabe? *J. Pacheco:* Ela sumiu, como? *Ângei Soletscki:* **Não ouço ela na televi, é no rádio**, não sei nada sobre ela, não tem nenhum pronunciamento.

O ouvinte da SDR19 pontua as fragilidades do discurso jornalístico, ironiza o alinhamento do interlocutor com as fontes legitimadas, colocando em cheque o funcionamento discursivo radiofônico. Além disso, deixa evidente o atravessamento dos outros suportes midiáticos ao meio rádio. Em pleno século XXI o ouvinte do rádio identifica-se de maneira diferente ao ser também um espectador televisivo e internauta, mesmo que na época não houvesse a popularização que a internet possui atualmente a partir, sobretudo, dos *smartphones*. Há a identificação com a forma-sujeito ao mesmo tempo em que se discute essa interpelação, num movimento de contra-identificação.

A população já não está mais tão alinhada ao Tipo 1, em que as emissoras radiofônicas controlam o dizer e o ouvinte aceita e apoia essa postura. A partir dessas SDR's de tipo 2, vê-se um sujeito que passa a colocar em discussão esse controle e que aqui se coloca em contra-identificação com esse saber dominante da formação discursiva. Estamos num crescendo da fragmentação da forma-sujeito, indo em direção à reversibilidade, quando não se aceita mais o silêncio midiático diante de questões preponderantes aos problemas e atuações locais que permitiram o blecaute, que ficou conhecido historicamente como Apagão.

4.1.3.1 Da ordem da raridade

A segunda madrugada do acontecimento desperta questionamentos vários. A reversibilidade está em gradação dentro do Tipo 2 e torna-se proeminente a partir das próximas sequências discursivas, em que o acontecimento enunciativo se instaura e marca a PS2T2. Esta situação, assim como o acontecimento discursivo, é da ordem da raridade (INDURSKY, 2008). De forma análoga às sequências discursivas anteriores em que os ouvintes Michele e Ângei participam, as próximas SDR's são apresentadas

na forma de um bloco porque representam a mudança no funcionamento discursivo, sendo que deixamos a análise à *posteriori*.

SDR20: Rádio CBN Diário, 31/10/2003, por volta de 1h, apresentadores Luiz Gonzaga e Fabiano Linhares. (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – vigésima primeira parte).[50]

Geraldo: É, a gente tá tranquilo, mas **é uma tranquilidade que não tá acrescentando nada pra vida de ninguém**, né?

Luiz Gonzaga: Sim.

[...]

Geraldo: É, **eu queria deixar aqui o meu protesto**, eu eu to acompanhando pela TV Com, é toda essa, esse pessoal, essas autoridades que têm ido aí, sabe? E eu ouvi o presidente da Eletrosul falar em fatalidade. Na realidade, né? **Fatalidade não é a palavra correta**, não é? Fatalidade é quando nós temos aí um temporal, quando nós temos aí um fator ligado à natureza e na realidade aquilo ali foi um acidente. E um acidente provocado. Né? **Não houve nada de fatalidade ali. Na realidade, a segurança do trabalho da Celesc falhou, e falhou feio.** Porque num lugar em que vai se lidar com gases tinha que ter um equipamento chamado explosímetro. Antes de se ligar a chama, verificar se tinha gases no ambiente. E com certeza esses operários lá não fizeram esse procedimento porque provavelmente não foram orientados pela segurança do trabalho da Celesc. Né? [...] Porque **é muito fácil dizer que foi fatalidade**, na realidade não foi. **Foi um acidente provocado**, tá? E uma outra coisa: quarenta horas pra restabelecer um sistema é recorde mundial negativo! Nenhum blecaute no mundo, se você pode ler a história, a história dos blecautes, nenhum no mundo levou quarenta horas pra ser é religado o sistema. Quer dizer, tem coisa demais, estão conversando demais e trabalhando de menos. Entendeu? Outra coisa: uma explicação, por quê não se usou toda a o cabeamento depois da ponte pra ligar o sistema? Teve que fazer posteação toda nova dentro da Ilha? Não dá pra entender. **Eu acho que a autoridade da Celesc tem que explicar isso direitinho. Quarenta horas pra religar um sistema é incompetência. Tá bom, querido?**

SDR21: Rádio CBN Diário, 31/10/2003, por volta das 3h30, apresentadores Luiz Gonzaga e Helton Luiz. (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – vigésima terceira parte).[51]

Rui: Gonzaga, olha, é um negócio muito triste, né? Apesar de todo o acidente, de tudo o que aconteceu, é **eu ouvi uma reportagem numa outra rádio, uma coisa muito importante, que tem que ser apurado, tá?** É, apareceu uma pessoa, tipo um engenheiro que analisou inclusive o bico de gás que tava sendo utilizado ele diz que foi o bico de gás errado. **Primeira crítica, tá**? E ele suspeita muito do que aconteceu. Ele disse até que é muito difícil um bujão de gás fazer uma explosão e causar um rompimento de um cabo e não acontecer, não ferir de forma nenhuma os técnicos que tava sendo utilizados. Então ele, analisou, pelo papo que ele tava tendo, me pareceu ser um engenheiro, um especialista no assunto, tá? Dizendo que o bico de gás que foi usado foi errado. Então que quando foi utilizado o bico e gás em cima da tubulação, essa tubulação pegou fogo, rompeu de uma forma errada, ela foi pegando fogo, assustou os técnicos, por isso que houve esse... Se jogaram da ponte, na água, essa coisa toda e não o que tá sendo desconfiado sobre o bujão. Bom, isso é uma coisa que **tem que ser averiguado** depois mais tarde, né?

Luiz Gonzaga: É que os técnicos...

[50] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR31.

[51] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR32.

Rui: Agora não vamo entrar em detalhe sobre isso, porque essa é o culpado ou não é, mas **levantou-se essa hipótese e isso tem que ser levantado, tem que ser mostrado o que que houve**, se realmente houve um erro não técnico, foi indicado um bico de gás errado pra ser utilizado naquele momento, **entendeu?**

SDR22: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 22h, apresentador J. Pacheco[52]

Carlos: E já aproveitando, **por que que não há respostas**

J. Pacheco: Certo.

Carlos: **Daquilo que o ouvinte pergunta, né?**

Os ouvintes questionam o papel jornalístico dos meios de comunicação.

Rui, também circunscreve outro interlocutor o qual ele enuncia e que apareceu em outra rádio, sem nomear a pessoa ou a emissora. Mesmo assim, ele pauta a CBN Diário e orienta o que deve ser feito, também contra-identificando-se com a forma-discursiva dominante. A crítica ao trabalho jornalístico é latente.

O ouvinte Carlos reclama sobre a falta de respostas aos questionamentos dos ouvintes, deslocando a posição legitimada de saber da formação discursiva, ampliando a interlocução com os ouvintes, havendo uma fragmentação da forma sujeito, marcando a contra-identificação.

Geraldo inverte as posições e, às avessas, coloca-se como um professor ao ensinar ao apresentador o que é uma fatalidade. Ele põe contra a parede toda a leniência até então com o Poder Público do rádio informativo que, neste acontecimento do Apagão, também assume o lugar de poder público pela via de ser a instituição oficial da informação, quando, em virtude da falta de energia elétrica, temos um apagão midiático e as instituições públicas são impedidas de exercer suas funções ou fazem-no precariamente.

Todos silenciam o apresentador, seja da CBN Diário ou da Guararema. Se na técnica radiofônica não se deve deixar o entrevistado falar por mais de dez segundos a fio para não distrair o ouvinte, aqui, o entrevistado que é também ouvinte, duplicando a posição-sujeito, toma a palavra, interage com o meio e perfaz interlocução circunscrevendo também os outros ouvintes.

Temos nessas SDR's uma nova instância autoral. Eles saem da ordem do discurso de escrita do rádio informativo e entram no provisório autoral da oralidade. Quando Gallo (2012b) conceitua o discurso de oralidade, ela o traz como o discurso não

[52] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR33.

legitimado, do provisório. No entanto, aqui temos uma situação de discurso de oralidade e legitimado por ser também institucionalizado. Ou seja, tem o seu viés de legítimo porque já produzido com autoria que vai ao ar na emissão radiofônica, repleto do saber do emissor, do sujeito locutor. Esta é a origem do rádio, mas se desloca durante o Apagão. Na SDR 20 o ouvinte toma a palavra, é ele quem domina o saber. É o ouvinte quem encessa a sua fala. O apresentador não lhe tira a palavra. E ainda o ouvinte encerra dentro do discurso de oralidade, com um "tá bom, querido?". O mesmo acontece na SDR seguinte, em que o ouvinte pergunta: "entendeu?".

Nessas duas SDR's, a marca do discurso de oralidade é latente, mas ambas produzem autoria. O rádio desloca-se para o de oralidade. Aqui vaza e é incontornável. A instituição radiofônica não dá conta discursivamente disto. Geraldo contesta e contraria tudo que estava sendo dito oficialmente até o momento, de que o acidente na galeria da Ponte Colombo Salles havia sido uma fatalidade. Algo que insistentemente as autoridades disseram e redisseram à população a partir da mídia. Os entrevistados oficiais da Celesc, desde o início, disseram que o acidente foi uma fatalidade.

Geraldo questiona semanticamente o uso deste termo e aponta silenciamentos. Ao reclamar da Celesc, ele estende também à Rádio CBN Diário, desestabilizando a discursividade, evidenciando que não se trata de um acidente, que a população não se deixa ludibriar, numa contra-identificação maior com os aparelhos legitimadores do Estado, da qual a mídia pode ser considerada como integrante. Geraldo chega ao ímpeto de interlocução entre ele o apresentador Luiz Gonzaga quando enuncia que não foi fatalidade, como está sendo amplamente divulgado pelos engenheiros da Celesc. Este ímpeto é maior do que qualquer parâmetro institucional, vem a xeque o sentido da instituição rádio e da própria legitimidade do mediador, numa intensa contra-identificação com a forma-sujeito. Isto só foi possível em virtude das condições de produção, no meio do calor dos acontecimentos, que direcionavam a uma interlocução direta. A Rádio CBN/Diário, que possui maior característica de mediação e institucionalização, em que em geral a participação do ouvinte é filtrada por uma equipe de produção, abriu os microfones diretamente aos ouvintes.

As condições de produção praticamente exigiam uma tomada de posição. Aí que acontece a ruptura, num esquecimento[53] incontornável. A situação saiu do controle

[53] Aqui nos remetemos ao conceito de esquecimento de número 2, de Michel Pêcheux. Conforme apresentado no referencial teórico, o Esquecimento de número 1 é da ordem da constituição do sujeito, pois se trata do inconsciente, a qual não temos controle e que, por vezes, manifesta-se no ato

do ponto de vista discursivo. O silêncio agora é do apresentador, não mais do ouvinte. Assim, temos a oralidade provocando a ruptura no discurso de escrita. Temos algo novo, da ordem da autoria que está aí, com a instituição dando legitimidade à autoria da oralidade, no ar, ao vivo.

A segunda madrugada é marcada pela contra-identificação, quer seja nas atitudes simbólicas de sair às ruas, do aumento da violência urbana ou na interlocução do ouvinte que já não se contenta mais com informações oficiais.

SDR23: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta de 22h50min, apresentador J. Pacheco, com participação de César Souza Jr.[54]

Ivonésio: Eu gostaria de passar isso aí pras pessoas que têm carro, não fossem, que **não fosse** de carro pro Centro amanhã, **procurasse** mais ir andar de ônibus.

SDR24: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta de 18h, apresentador J. Pacheco[55]

Álvaro: E tá uma situação bastante difícil, pessoas que tão vindo de lá pra cá **tome muito cuidado** porque para a fila ali logo em seguida ali do túnel e tá uma situação bastante difícil ali.

SDR25: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta de 15h15, apresentador Nabor Prazeres[56]

Alexandre Mesquita: Não estamos tendo aulas, vamos colaborar com as nossas autoridades, para que este problema seja resolvido o mais rápido possível e, principalmente, evitando **de se deslocar** na cidade, pela cidade, só em caso de emergência. Até, **Nabor, aproveitando**, **se você tiver que sair**, não for uma coisa muito urgente, mas é um compromisso, **evite pegar seu carro**, os ônibus estão nas ruas, é um carro a menos e **aí você tá fazendo uma ação de cidadania** contribuindo com o trânsito.

Nabor Prazeres: E se quer fazer um turismo dentro desta tragédia toda, faça de ônibus, né?

Alexandre Mesquita: Com certeza, não tenha dúvida.

[...]

Alexandre Mesquita: Pois, não. O Nabor,

Nabor Prazeres: Muito obrigado.

Alexandre Mesquita: Se você me permite,

Nabor Prazeres: Pois, não.

falho, no xiste ou nos sonhos, por exemplo. Esta zona de enunciação é própria do não-dito. O esquecimento de número 2 é da ordem do pré-consciente e está relacionado a tudo aquilo que o sujeito diz, mas sem ter o domínio disso a princípio, percebe logo em seguida, geralmente quando faz marcações do tipo *digo*, *isto é*, *quis dizer* etc. O sujeito acredita saber o que diz, de ser a origem do seu próprio dizer. Porém, quando revisa esse dizer, corrige-se para melhorar o que fora anteriormente dito, num vai e vem próprio da linguagem.

[54] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR35.

[55] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR36.

[56] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR37.

Alexandre Mesquita: Mais cinco segundos, **eu posso cantar uma musiquinha em homenagem à Celesc e até para levantar o astral da população que vive um drama?**

Nabor Prazeres: Sim...

Alexandre Mesquita: Cinco segundinhos!

Nabor Prazeres: Tá...

Alexandre Mesquita: **Vamo lá!**
Lá no morro, quando a luz da Celesc pisca... Nós apela pra vela, que alumeia também... E tem, se não tem não faz mal... A gente samba no escuro... Que é muito mais legal!
Meus amigos, uma boa tarde!

Os ouvintes tomam como interlocutor o outro, externo, sem a mediação do apresentador, instaurando um novo interlocutor, perfazendo o acontecimento enunciativo, mesmo que seja em um curto instante enunciativo, quando o caos no trânsito no primeiro final de tarde proporciona o efeito de intimismo entre a população. Contudo, se até então dizíamos que a gradação foi numa crescente, as SDR's 23 e 24 são da primeira noite de Apagão. Temos acontecimento enunciativo desde o início, mesmo que de forma muito sutil a princípio, com **fosse**, **procurasse** e **tome**. Ou seja, impera a segunda pessoa do singular, *você*, que aqui não é genérico, é instaurado um novo interlocutor. Esses acontecimentos enunciativos são evidenciados pela via do serviço.

No caso da SDR25, o ouvinte Alexandre Mesquita, possui muita identificação com a forma-sujeito ao início, sobretudo quando invoca o apresentador Nabor Prazeres para estabelecer a comunicação via rádio e também quando pede autorização para poder dizer, o que também configura a PS1T1. Contudo, essa SDR do segundo dia de apagão, num movimento de *flashblack* no interior da narrativa, é porque Alexandre Mesquita rompe com o ritual de linguagem quando passa a orientar diretamente outro interlocutor, mas num espaço enunciativo mais amplo do que nas SDR's anteriores. Além disso, além de sair do mesmo, ele faz uso da ludicidade, instaurando a polissemia para se comunicar musicalmente, marcando a PS2T2.

Teoricamente, no acontecimento discursivo temos uma total desidentificação com a forma sujeito universal da formação discursiva de modo com que haja um deslocamento discursivo, havendo uma fissura em que ocorre uma nova identificação com outra formação discursiva, tema da próxima seção. Ou seja, o domínio do saber da formação discursiva dominante é deslocado e há uma nova

inscrição do sujeito, numa produção de uma nova formação discursiva por conta disto. "[...] A ruptura é radical e definitiva" (INDURSKY, 2008, p. 28).

Por sua vez, no acontecimento enunciativo, há uma nova posição-sujeito, ao invés de uma nova formação discursiva:

> [...] Surge aí uma nova fragmentação em relação à forma-sujeito, ou seja, surge aí um novo modo de enunciar os sentidos no interior de uma formação discursiva, mas este novo modo não opera pelo viés da ruptura com a formação discursiva e com a forma sujeito. Seu funcionamento se dá pelo viés da tensão e do estranhamento com esta forma sujeito. Ou seja: este conflito é interno à FD e se dá em relação aos modos enunciativos de uma determinada posição-sujeito, geralmente dominante. Surgem novos saberes, provenientes de outro lugar, no interior de uma mesma FD e estes aí acarretam um forte estranhamento. Este é o acontecimento enunciativo (IDEM, p. 29).

Portanto, se ainda temos o sujeito com certa identificação com a forma-sujeito dominante, não temos como negar que isto fica no limiar, como identificam as marcas em negrito das sequências discursivas anteriormente analisadas. O interessante é que esta contra-identificação em forma de acontecimento enunciativo marcou logo o início do Apagão, no primeiro final de tarde, quando a população, de forma geral, ainda acreditava no poder do Estado, não contestava as instituições públicas. Prova disso, o acontecimento enunciativo dá-se pela via do serviço. Somente a partir do segundo dia as condições de produção aquecem a tensão social e passamos a vazar também pela polissemia. Todavia, desloca-se o sentido, contra-identifica-se ao mesmo tempo que há ampla identificação com a forma-sujeito – por isto não há o acontecimento discursivo.

4.1.3 Tipo 3: desidentificação

Se no Tipo 2 há um questionar do saber dominante da formação discursiva, podendo gerar um acontecimento enunciativo, no Tipo 3 há o rompimento total com a formação discursiva dominante. Neste aspecto, Indursky, ao reler Pêcheux, ampliou o conceito de desidentificação. Pêcheux, considera que a desidentificação do sujeito do discurso com uma forma-sujeito leva a uma nova identificação com outra forma-sujeito, contudo, já existente. É o movimento de identificação e desidentificação com as

diversas formações discursivas e seus respectivos atravessamentos, largamente discutido por Pêcheux (2009) ao apontar o movimento das formações discursivas, suas dominâncias e atravessamentos. O sujeito migra por formações discursivas, identificando-se e desidentificando-se. Porém, são formações *já-lá*, previamente existentes. Não é o que nos interessa como recorte de análise.

A proposta de Indursky, apoiada em Pêcheux, considera que a desidentificação com a forma-sujeito, e consequentemente a ruptura com esses saberes, conduz a uma nova formação discursiva. Neste caso, a movimentação de sentidos no interior da formação discursiva é tamanha que não há mais como sustentar a forma-sujeito, havendo então esse rompimento. Resultado disto é o acontecimento discursivo:

> [...] Esse movimento em direção ao novo, ao inusitado, esse movimento de ruptura marca um momento pontual, único, fugaz, irrepetível, o qual registra não só o surgimento de um novo domínio de saber, mas também de uma nova forma-sujeito. Ou, se preferirmos, de um novo sujeito histórico, ideológico. Como é possível perceber, o *acontecimento discursivo* não se dá a partir do nada. Ele ocorre a partir de um domínio de saber já existente em relação ao qual ocorre ruptura (INDURSKY, 2008, p. 21).

A autora adverte que não é simplesmente uma migração de uma formação discursiva para outra, num saltear entre formações discursivas já existentes. A desidentificação do sujeito com a forma-sujeito, ou seja, com os saberes dominantes de uma formação discursiva, é um momento de ruptura, instaura um acontecimento discursivo e constitui um novo domínio de saber. É o grau máximo de reversibilidade.

4.1.3.1 No limiar da FD

Estamos no início da manhã de sexta-feira, portanto, terceiro dia de Apagão. As condições de produção são peculiares, a tensão é muito grande. No processo de escuta discursiva observamos a fragmentação da posição-sujeito. Observamos que, de todos os enunciados observados durante o acontecimento Apagão em Florianópolis, somente em alguns casos específicos pudemos ver marcada na SDR a desidentificação do sujeito, como é o caso da SDR26, a partir da qual podemos dizer que houve um acontecimento discursivo.

Se observarmos as condições de produção, vemos que a população esperava a participação do Governador Luiz Henrique da Silveira de forma mais proeminente, com atuação *in loco*. O Governador preferiu colocar a sua equipe de técnicos à frente do problema, e também no diálogo com o povo e a imprensa. Houve várias reclamações nas rádios, mas a SDR26 é a que tomamos como referência, dada a singularidade da participação do ouvinte Celso, conforme apresentamos a seguir.

SDR26: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 7h20min, apresentador Hamilton Reginaldo[57]

Celso: Prefeito de Nova Iorque, tava lá de bota na obra, **porra**!

Hamilton: Isso a empresa mostrou.

Celso: Aqui quando as enchentes, o Esperidião tava lá na na bota. E esse **palhaço aí** de Blumenau, de Joinville, tá passeando por aí de avião!

Hamilton: O Celso,

Celso: Essa é a diferença, rapaz!

Hamilton: Olha, a Rádio é democrática, mas eu

Celso: Tudo bem, tudo bem.

Hamilton: Gostaria que você mantivesse

Celso: Tudo bem.

Hamilton: a ordem e o respeito ao representante máximo

Celso: **Desculpe.**

Hamilton: de Santa Catarina

Celso: **Desculpe.**

Hamilton: que é o Governador do Estado, né?

Celso: **Desculpe, desculpe eu me excedi.**

Hamilton: É...

Celso: Mas, o Hamilton,

Hamilton: Entendemos a

Celso: Isso, isso...

Hamilton: **O Celso, nosso tempo terminou, Celso.**

[57] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR39.

Celso: **Isso é indignação, sabe?**

Hamilton: Eu sei, eu entendo

Celso: **O Governador do Estado de marcar a coletiva e não ir?**

Hamilton: Respeitamos a sua par, a sua posição e

Celso: **Entende, Hamilton?**

Hamilton: estamos abertos à democracia.

Celso: **Você entendeu?**

Hamilton: Entendemos.

Celso: Você entendeu, é o descaso rapaz, é o descaso com a gente, com a pessoa. Esse cara que só sabe o que é interior, com essa **palhaçada aí, rapaz.**

Hamilton: O Celso,

Celso: **Tá, e e**

Hamilton: precisamos cortar isso...

Celso: **os culpados somos nós, realmente, né Hamilton? Culpados somos nós, pô!**

O microfone do ouvinte é fechado e é inserida uma vinheta: Rádio Guararema, vinte e quatro horas com você!

Hamilton: Agora são sete horas e trinta minutos, **precisamos organizar, disciplinar o tempo de participação** de todos os ouvintes porque há muita gente na espera de também participar e trazer o seu desabafo, pedir até esclarecimentos. Em seguida, Nabor traz mais informações, o Claudemar assume aqui a programação, o comando da Guararema.

Sem banho, sem luz, com os estabelecimentos comerciais fechados e a comida estragando na geladeira, as condições de produção do terceiro dia de blecaute impelem à ruptura. No extremo, temos o Tipo 3: a desidentificação.

O ouvinte Celso inicia a interlocução e segue numa crescente incontornável, levando-a à ruptura, tamanha essa tensão no interior dessa formação discursiva. Temos o início de uma desidentificação. O sujeito, em seguida, tenta rever o que foi dito, e, por várias vezes, desculpa-se com o apresentador, voltando à identificação com uma posição-sujeito mais alinhada à forma-sujeito. Mas, em seguida, enuncia novamente fora da formação discursiva dominante do discurso radiofônico informativo, inscrito em um discurso de protesto e manifestação política.

A PS1T1 garante a retomada à situação de estabilidade, porém, o atravessamento da PS1T3 quando o ouvinte Celso não respeita as tentativas do apresentador Hamilton em interromper a conversa e mantém sua fala, colocando em xeque a posição do apresentador, marcam essa desidentificação. O apresentador chega a fechar os microfones e uma vinheta é inserida pela emissora para estabelecer a ordem. Em seguida, o apresentador enuncia "...precisamos organizar, disciplinar o tempo de participação de todos os ouvintes", numa retomada ao tipo autoritário. Contudo, já houve a ruptura, o apresentador foi silenciado pelo ouvinte. Ele não tem o que dizer até porque, como profissional, ele não pode dizer. As emissoras radiofônicas são concessões governamentais, operam somente pela liberação burocrática governamental. Em virtude disso, dificilmente teremos emissoras que agirão totalmente contrárias ao Governo, sobretudo porque a administração pública é fonte de dividendos publicitários. As emissoras também são dependentes do Poder Público do ponto de vista econômico, da verba de publicidade. O apresentador é silenciado porque não colocará o emprego em risco, e porque há uma equipe de controle ao dizer. Porém, não há mais como contornar, já houve o furo de linguagem. Com a interlocução de Celso temos uma nova instância autoral, a entrada da oralidade no discurso de escrita.

Essa entrada da oralidade é o que desloca discursivamente no rádio informativo. Em sua origem, ele é próprio do discurso de escrita, mesmo o rádio sendo predominantemente falado, conforme já discutimos anteriormente. A entrada da oralidade traz o novo. Neste caso, a voz diferente beirou o *non sense* com as palavras de baixo calão. Novamente, o diferente. A polidez costumeira do meio radiofônico foi atravessada pelo *non sense* da indignação perante o declínio na autoridade constituída pelo Poder Público.

Mas, a energia elétrica retornou. A previsão do abastecimento de água seria de 72h após o retorno da energia. Então, como a luz retornaria na noite de sexta-feira, 31 de outubro, a água teria o abastecimento normalizado por volta da noite de segunda-feira, após o feriado de Finados. Supermercados lotados, restaurantes e bares reabertos, comércio local idem. Tudo parecia ter voltado ao normal no sábado após dias completamente atípicos.

Eis que o imprevisível acontece novamente. O tempo muda e rajadas de ventos a cerca de 120km/h apoderam-se de Florianópolis. É o famoso vento sul da Ilha da Magia, personagem de tantas histórias do folclore local. O problema é que o vento sul leva três dias para ir embora... E ele estava tão forte que danificou o cabeamento

aéreo que ligava provisoriamente a energia elétrica entre a região continental e a insular. Resultado: os cidadãos de Florianópolis presenciariam o segundo Apagão. E os engenheiros da Celesc não tinham a menor ideia do local do distúrbio, além do que a equipe de mais de 200 operários estava além do limite da exaustão após o plantão ininterrupto para viabilizar o cabeamento aéreo, projeto executado em tempo recorde em todo o planeta. Os telefonemas voltam a pipocar nas rádios. Na Guararema, que ainda mantém os microfones abertos, sem a mediação interna da equipe de produção da rádio, ouvintes reclamam, lamentam, outros dizem que foi nova falha da Celesc porque o Ronaldo Coutinho, então meteorologista da Agência Climaterra, famoso na região por suas participações no Grupo RBS, previra que haveria rajadas de vento, e nada foi feito. O imprevisível deixa de o ser, afinal, até a prefeita participa de entrevista na rádio afirmando que avisou aos órgãos competentes assim que teve acesso à previsão do tempo por parte da Epagri. As condições de produção retomam a tensão no interior da formação discursiva.

Quando parecia que a normalidade havia sido alcançada na cidade, após o retorno da energia elétrica na noite de sexta-feira, dia 31 de outubro, as fortes rajadas de vento do início da noite do sábado iniciam um segundo apagão. O segundo blecaute pegou exausta a equipe de mais de duzendos técnicos da Celesc oriundos de vários cantos do Estado, em conjunto com a Eletrosul e outras empresas da área que se solidarizaram, além da vinda de São Paulo de técnicos da Pirelli para o auxílio no conserto dos cabos.

Após um trabalho árduo de cabeamento aéreo em que postes tiveram que ser colocados às pressas, num trabalho que em condições normais levaria no mínimo 120 dias para ser concluído, foi executado o Plano B. O projeto paliativo foi sendo criado e executado *in loco*. Não há como emendar os cabos em tempo hábil, é preciso fazer uma nova ligação, área, com postes colocados temporariamente na Ponte Colombo Salles e na calça da Beira Mar Norte e Baía Sul, ligando a energia do continente às subestações do Centro e dos bairros. A situação era oficialmente emergencial, decretado pelo Governo do Estado e pela Prefeitura; a ponte Colobo Salles estaria fechada até segunda-feira pela manhã para que se pudessem fazer os reparos.

Em meio ao caos do Apagão e ao segundo blecaute ocorrido pelas rajadas com ventos muito fortes em que houve o contato do cabo que conduzia a energia do Continente à Ilha com a ponte Colombo Salles, causando um curto circuito e consequente nova queda de energia, uma ouvinte entra em contato com a Rádio

Guararema e produz o seu enunciado, desidentificando-se à formação discursiva dominante a partir do humor.

SDR27: Rádio Guararema, 01/11/2003, por volta de 21h20min, apresentador J. Pacheco[58]

Voz feminina: **Como é que está o apagão? Quando é que vem a luz?**

J. Pacheco: Olha, nós não temos, a senhora está falando daonde?

Voz feminina: Do Centro!

J. Pacheco: Nós não temos até o momento nenhuma...

Voz feminina: **Lindo!!!!**

J. Pacheco: Bingo!...?

Voz feminina: **Lindo!!**

J. Pacheco: Deu bingo aí? Deu bingo?

Voz feminina: **Seu lindão!!**

J. Pacheco: Ha, ha, ha.... Nós não temos nenhuma previsão e assim que a tivermos nós colocaremos para todos os nossos ouvintes.

Voz feminina: **Você está sempre no ar!**

J. Pacheco: Tá bom, querida?

Voz feminina: **Meu amor, você está sempre no ar?**

J. Pacheco: Hã...? Nós vamos ficar no ar, sim.

Voz feminina: Sim. **Pode contar com a Guararema?**

J. Pacheco: Pode contar com a Guararema que nós daremos a informação pra senhora, tá?

Voz feminina: **Um beijão, meu querido amor!**

J. Pacheco: **Um beijo, amor!** Obrigado por ter ligado! Agora vinte e uma horas, dezenove minutos. É, tem ouvinte

Ela se declara apaixonada pelo apresentador J. Pacheco na SDR27. Isto remete ao funcionamento tradicional do meio rádio, remete à era do *vozeirão* no rádio, próprio do século XX, sobretudo das primeiras décadas. Faz parte do imaginário popular o efeito de proximidade com o rádio, o aparelho portátil, companheiro das madrugadas, das pessoas distantes.

[58] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR30.

Não há furo de linguagem ao se enunciar da posição-sujeito do ouvinte apaixonado, mas a forma como a ouvinte marca essa relação chega quase ao limite dessa discursividade, tendendo à ruptura. Aí está a diferença. Tanto que o apresentador, já tarimbado por anos de profissão, foi pego de surpresa e, depois, também resolve brincar a fim de dissimular o constrangimento causado pelo efeito de diminuição da seriedade do rádio informativo. Esse efeito polemiza a austeridade sugerida durante o evento extraordinário. O efeito de estranhamento, do insólito, é gerado porque "[...] a contra-identificação evidencia que a forma sujeito não é dotada de unicidade e isto permite que diferentes modos de com ela identificar-se e subjetivar-se ocorram" (INDURSKY, 2008, p. 26).

O telefonema da senhora ouvinte tira o sentido austero, fechado do rádio informativo e traz o provisório, próprio do discurso de oralidade. Essa não legitimidade da oralidade foi algo que vazou. A ouvinte não ligou para questionar, sugerir ou pedir auxílio perante o apagão. A voz, aparentemente de uma pessoa de idade, foi para passar um trote. A ouvinte pergunta ao apresentador as questões rotineiras ao evento, como qualquer outro ouvinte, inclusive brinca com isso, trazendo a fala esperada, mas se contrapõe ao deixar explícito que o seu interesse é outro além da informação técnica, além de não seguir o ritual radiofônico de se apresentar, mantendo-se no anonimato. Ela produz o sentido da ironia para se comunicar. Segundo Orlandi (1986, p. 85), "[...] a particularidade da ironia é que ela se beneficia da dúvida, de tal forma que a própria autoreferência produz a incerteza pois é esta que constitui a eficácia da ironia em quaisquer de suas dimensões".

Poderia simplesmente ser um trote e nada mais. Mas, o apresentador, que fica sem reação, é silenciado. E isto diz. Não foi um silenciamento fundador ou local, como apregoa Orlandi. *"*[...] A importância da ironia está em trazer para a reflexão estas diferentes ordens de questão na medida em que ela é um desses lugares em que o processo de auto-destruição do sentido mostra seu funcionamento" (IDEM, p. 67).

Mais que um mero desvio de linguagem, uma brincadeira em meio ao caos instaurado na Ilha, a fala e o sentido diferem na ironia, porque o falante comunica mais do que diz (IDEM). A senhora quer saber quando os transtornos serão cessados e se pode-se realmente contar com o rádio informativo, se ele estará sempre no ar. Poderia ter dito reclamando, como vários outros ouvintes o fizeram. Ela preferiu desconcertar a sisudez do meio e dizer mais pelo discurso irônico, instaurando a polissemia, ou seja, a ouvinte rompeu com o ritual de linguagem do rádio informativo. Ao deixar o

apresentador sem resposta, e, na sequência, dando a ele a possibilidade de dar uma risada constrangida, a ouvinte desritualiza o discurso jornalístico, porque ela se colocou em desidentificação com o Tipo 1, que é o modo mais tradicional do funcionamento discursivivo do rádio informativo, em que temos a "[...] noção de tipo: a cristalização, historicamente legitimada, de um funcionamento discursivo que, por sua vez, é a atividade estruturamente de um discurso determinado, por um falante determinado, para um ouvinte determinados, com finalidades específicas. Ou seja: uma prática de linguagem circunstanciada" (IDEM, p. 84).

A ironia desestrutura isso, joga com essa homogeneidade cristalizada de um discurso instituído, abrindo espaço à polissemia, a interpretações outras de acordo com as condições de produção existentes.

Para Orlandi (1986, p. 86), a ironia é um acontecimento discursivo que "[...] comunica e, ao mesmo tempo, recusa de comunicar, mantendo o estado de dúvida."

O insólito da ironia esteve presente na SDR 27. A ouvinte coloca-se ao apresentador e à emissora, é um trote telefônico, mas, sim, ela põe em jogo os mitos da honestidade, da sinceridade, da solidariedade...

Junto com Orlandi (1986), acreditamos que ela marca a relação verdade/não-verdade, questionando todo o funcionamento da discursividade do rádio informativo. Ela rompe com essa memória, traz uma nova estrutura numa brincadeira que poderia ser considerada pueril, mas, que muito diz.

O acontecimento discursivo a seguir, ocorre na madrugada de sexta-feira, quando a população está indo para o terceiro dia de pane elétrica – e consequente pane hidráulica também.

SDR28: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 4h, apresentador Nabor Prazeres[59]

Sandro: Eu só tenho uma pergunta a fazer. É, eu queria saber se esse apagão fosse na cidade de Joinville, já teria sido resolvido pelo nosso grande Governador. Era essa a pergunta que eu tenho.

Nabor Prazeres: **Vamo esperar que o Governador responda, né? (risos)**

Há um deslocamento interessante na posição-sujeito por se tratar do sujeito que institui e marca enfaticamente a posição tradicional esperada do rádio informativo, ou seja, o mediador entre o ouvinte e a notícia, no caso, o apresentador do programa, Nabor Prazeres. Ele desloca a sua posição ao tirar do silêncio o que ele não diria, há um

[59] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR38.

furo neste ritual de linguagem ao vir à tona o esquecimento, materializado pelo riso. Com isto, ele denuncia esse deslocamento.

A SDR28 assemelha-se às duas sequências discursivas anteriores a partir das seguintes marcas: a ironia e o silenciamento do apresentador, impossibilitados de dizer em virtude do risco de perda do emprego se forem contra os principais anunciantes e também quem dá a concessão de funcionamento das emissoras radiofônicas: o Governo, seja ele municipal, estadual ou federal. A diferença é que, pelo fato da Rádio Guararema ser mais alinhada à família Amin, em que Ângela Amin era a prefeita à época, o apresentador permitiu-se fazer também uso da ironia, evidenciada pelo riso.

Essa é uma situação em que novamente os valores verdade e não verdade vêm à tona, desestabilizando os sentidos previamente instituídos. Segundo Orlandi (IBIDEM), "[...] Tendo como apoio o senso-comum, a ironia aponta para a relativisade desses estados de mundo fixados. Esta não é uma atitude arbitrária e pessoal do autor, mas um procedimento pelo qual instituem-se outros estados de mundo, deslocando-se o senso-comum".

Podemos afirmar que essas sequências discursivas provocam a ruptura que marca o acontecimento discursivo, porque elas deslocam o funcionamento de linguagem do rádio informativo, representado no Tipo 1. Neste funcionamento, há um controle do dizer: os jornalistas dizem e os ouvintes acatam, dão credibilidade e apoio ao meio. No acontecimento discursivo, sobretudo nas SDR's 26 a 28, o insólito desloca essa concepção de verdade. Os sujeitos que enunciam ultrapassam a instituição imprensa, fonte oficial da informação. Esse ir além, conforme Orlandi (1986), é uma forma de configuração de um novo estado de mundo, porque a ironia, presente nas SDR's 27 e 28, não é um desvio de linguagem, mas a instauração de um outro estado de mundo, que opera além e rompe com as fronteiras dos limites esperados pelo senso-comum.

SDR29: Rádio Guararema, 01/11/2003, por volta de 19h55, apresentador Nabor Prazares[60]

Eng.º Gilberto: A gente fica impotente, às vezes, diante de um fato desses, não é? São coincidências de variáveis,

Voz masculina interrompe: **Alô?**

Nabor Prazeres: Só, só um minutinho. Engenheiro Gilberto, é, talvez até seja importante para o senhor como engenheiro da Celesc, é, nós temos um ouvinte que parece que viu o o o como é que se diz, o estouro ou o

Eng.º Gilberto: Foi, isso é importante.

[60] Esta SDR está transcrita na íntegra no Anexo C como SDR40.

Nabor Prazeres: uma pane em si. Vamos conversar com ele. Alô?

[...]

Eng.º Gilberto: **Não, não, eu to escutando, to escutando... To em contato.**

Nabor Prazeres: Ele está lhe ouvindo, inclusive.

[...]

Luiz: **Eu vi tudo o que aconteceu aqui, né?** Deu um clarão, bem assim, bem ali na é o terceiro ou quarto vão ali. Deu um clarão e ao mesmo tempo paro parou a energia.

Eng.º Gilberto: **Tá, então o terceiro ou quarto vão do**

Nabor Prazeres: Isso *(quase inaudível, fala junto)*.

Eng.º Gilberto: **Do do Continente pra Ilha, é isso?**

Luiz: **Isso, isso. Eu to aqui, eu estou aqui...**

Eng.º Gilberto: **Então tá ok.**

Luiz: **o meu apartamento fica em frente à pista aqui da Ivo Silveira...**

Eng.º Gilberto: **Não, então foi isso que ocorreu então.**

Luiz: **de Coqueiros, aqui, né? Daqui eu tive, (suspiro) eu vi tudo o estrago que deu, né? E parece que tem um um desco... Um fio dependurado, a gente visualizou até antes de anoitecer.**

Eng.º Gilberto: **Então tá bom.**

Luiz: **Agora não dá pra ver mais.**

Nabor Prazeres: Isso já, o Luiz, você está inclusive conversando com o engenheiro Gilberto que é da Celesc, isso já ajuda.

Luiz: **Não, eu to escutando ele**.

Eng.º Gilberto: **Certo, também, justamente.**

Nabor Prazeres: inclusive até ter uma definição.

Luiz: Não, não, uma identificação, é. Tá, eu to, a gente tava tentando, porque daqui a gente tá vendo os carros da Celesc, né? Atravessam a Ilha e estão lá posicionados do outro lado lá da Ilha, né? Mas, ali, no ponto, né, não to vendo nenhum carro, né?

Nabor Prazeres: Engenheiro, se o senhor quiser fazer alguma pergunta pra ele, engenheiro, ele está...

Eng.º Gilberto: Não, não, agradeço aí

Nabor Prazeres: Estamos interligados.

Eng.º Gilberto: **É, eu só queria falar, fazer uma pergunta pra ele, mais pra confirmar,**

Luiz: **Hum?**

Eng.º Gilberto: **Porque realmente pode ter sido isso aí, que é a fase que a gente temia que deu passagem pra estrutura.**

Luiz: **Uhum.**

Eng.º Gilberto: **Tá ok? Mas, eu só gostaria de... Eu falar, fazer uma pergunta pra esse rádio-ouvinte aí,**

Luiz: **Uhum...**

Eng.º Gilberto: **Tá prestando a colaboração muito grande pra nós.**

Nabor Prazeres: É o Luiz, é.

Eng.º Gilberto: **Luiz?**

Luiz: **Isso.**

Eng.º Gilberto: **O o Luiz, engenheiro Gilberto, Celesc,**

Luiz: **Tudo bem?**

Eng.º Gilberto: **É, Tudo bem! Esse clarão que você viu, é da... da... Do Continente pra Ilha? Não, mais ou menos...**

Luiz: **Do Continente pra Ilha, é o terceiro, terceiro vão.**

Eng.º Gilberto: **Tá ok, então.**

Luiz: **É o terceiro vão.**

Eng.º Gilberto: **Então tá ok. Eu vou...**

Luiz: **Tá?**

Eng.º Gilberto: **Eu vou entrar em contato agora com o nosso pessoal porque aí o defeito já tá localizado, tá ok? Porque não saiu**

Luiz: **Isso, pode ir ali porque até tem um fio pendurado ali.**

Eng.º Gilberto: **Então foi isso aí, deve passou, deu passagem pra pra estrutura,**

Luiz: **Uhum.**

Eng.º Gilberto: **Como é deu um curto circuito, aquilo que eu tinha temia,**

Luiz: **Isso!**

Eng.º Gilberto: **A água, o problema é o sal, né? Você sabe, né, a água, o sal, né? Então a solução da passagem, né?**

Luiz: **É. E o vento ali prejudicou, né?**

Eng.º Gilberto: **É.**

Luiz: **Com os cabos, né?**

Eng.º Gilberto: **Exatamente.**

Luiz: **Deve ter, deve ter encostado um no outro...**

Eng.º Gilberto: **Tá ok, então.**

Luiz: **Tá ok?**

Eng.º Gilberto: **Muito obrigado, aí? Nós já vamos ativar nosso plantão pra lá, tá ok?**

Luiz: **Uhum.**

Nabor Prazeres: Engenheiro,

Eng.º Gilberto: Eu só queria falar um pouco...

Nabor Prazeres: Engenheiro Gilberto.

Eng.º Gilberto: Oi?

Nabor Prazeres: O Luiz, pode ficar na linha, o Luiz. (sinal de linha desligada). **Ah, o Luiz já desligou**, tá. Engenheiro Gilberto, a... Logicamente que em fase dessa informação, né, o senhor vai querer entrar em contacto com o pessoal até pra passar isso que aconteceu, não é isso?

A mediação jornalística faz-se presente, não mais pela condução do apresentador, mas por sua atuação em segundo plano na interlocução, o que configura um novo tipo discursivo, último item nesta análise.

Nessa última sequência discursiva, o ouvinte instaura um novo interlocutor, dialogando diretamente com a autoridade local, sem a mediação jornalística, mesmo que, por vezes, o apresentador tenha tentado manter a mediação. Mas, não havia como impedir a interlocução direta.

O ouvinte Luiz rompe com a posição-sujeito *tábula rasa*, passiva, de receptor com a de protagonista social e ainda com a interlocução direta com a fonte oficial. O sentido de informação é invertido. Aqui temos interlocução direta, com pouca ou nenhuma mediação por parte do apresentador. Tanto que o ouvinte desliga o telefone antes do apresentador Nabor Prazeres se despedir dele. Nabor iria continuar a conversa, mas já não era mais possível, pois Luiz também decidiu quando encerraria sua

participação, até porque ele já havia se despedido do seu interlocutor, o engenheiro Gilberto.

Nesta situação da SDR29, a mediação fica por conta do meio de comunicação rádio. A interlocução direta entre os ouvintes enseja a nova forma-sujeito, que está se constituindo aí. Ela se dá, inclusive, com o ouvinte interrompendo e sendo entrevistado por aquele que estava ali para assumir essa posição, o engenheiro da Celesc. O ouvinte Luiz rompe com a mediação tradicional do rádio informativo, sobrepõe a posição-sujeito de jornalista ao informar a população e diretamente a quem interessava, no caso o engenheiro Gilberto. No entanto, por seu lado, o engenheiro Gilberto assume a entrevista, fazendo as vezes de entrevistador ao longo de toda a sequência discursiva. Os ouvintes, que no caso seriam Luiz e o ouvinte fonte oficial, como entrevistado, interagem diretamente, mas mantem o funcionamento discursivo do rádio informativo. Isto se dá pela atuação do engenheiro, que sobrepõe a posição de entrevistado e entrevistador. Ao mesmo tempo, temos uma inversão nas posições-sujeito, sendo que o apresentador foi totalmente silenciado. Ao acontecer essa inversão e o consequente silenciamento do apresentador, temos uma nova instância autoral.

Ao realizar a interlocução direta, aberta, o ouvinte Luiz torna-se protagonista e inaugura essa nova posição-sujeito, em que o ouvinte se sobrepõe também à posição rádio, perfazendo o papel de repórter e ainda o papel de fonte legitimada como testemunha ocular. Não só em razão do ouvinte a ser o "*ouvinte-repórter"* como no caso da Guararema, dada a necessidade de informações e a abrangência do acontecimento social e jornalístico que foi o Apagão em Florianópolis, mas aqui a diferença se faz no diálogo aberto e direto com a fonte oficial da Celesc, em que ambos, a partir de ligações telefônicas individuais, utilizaram o meio rádio para instaurar comunicação, propulsionando aí o furo de linguagem e a nova forma-sujeito que está se constituindo no que anos mais tarde o jornalismo o faria em uma nova plataforma, a da internet, com outras textualidades, durante as manifestações sociais que tomaram o país dez anos mais tarde, em 2013[61].

[61] No ano de 2013, houve várias manifestações populares iniciadas a partir da contestação ao aumento da tarifa de ônibos no país. O diferencial desses movimentos populares é que os próprios manifestantes fizeram a cobertura jornalística de si, a partir de um coletivo intitulado Mídia Ninja, abreviatura para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Neste coletivo de jornalismo alternativo, os protagonistas, que já atuavam desde 2011 e que ganharam proeminência nacional a partir de 2013, sobrepuseram as posições-sujeito de protagonista social, jornalista e editor, quando transmitiram ao vivo ou de forma pouco editada, sem mediação, as manifestações nas redes sociais da internet, inaugurando uma nova discursividade ao modo de se realizar uma cobertura jornalística.

Ao mesmo tempo, além de ser um acontecimento discursivo, temos algo da ordem ainda mais da raridade. É um acontecimento discursivo em que se mantém na mesma discursividade e os sujeitos que rompem com essa memória ao mesmo tempo se inscrevem nela ainda fazendo sentido aí, por isto não foi possível elencar o Tipo 4, que seria uma nova formação discursiva. Ficamos no limiar...

4.2 UM EFEITO DE FECHO

Tomamos para a análise os *corpora* formados por textos produzidos na região metropolitana da capital de Santa Catarina, especificamente da cobertura jornalística das duas únicas emissoras radiofônicas que cobriram na íntegra o Apagão em Florianópolis, para que fosse possível compreender os efeitos de sentido produzidos no rádio informativo.

Com o ouvido aberto a essa discursividade radiofônica, *flagrando os andaimes da materialidade linguística*, como sugerem Romão e Ferrarezi (2008), concluímos que a interlocução se estabeleceu baseada em diferentes tipos de posições sujeito ao longo dos *corpora* analisados, apresentadas nas sequências discursivas.

A noção central desta tese para compreender o funcionamento discursivo do rádio informativo é a de posição-sujeito. Sobretudo de que forma essa posição se manifesta a partir da autoria, do silêncio e da reversibilidade, deslocando-se até o extremo máximo de suas possibilidades, até quase deixar de fazer sentido nas suas condições de produção, para fazer sentido em outra formação discursiva dominante.

Para tal, operamos nossa análise baseadas em tipologias, em que a reversibilidade inicia tendendo a zero no Tipo 1 e chega ao grau máximo no Tipo 3. Da mesma forma a autoria e o silêncio seguem em gradação ao longo dos tipos. Estabelecemos o Tipo 1 como o funcionamento tradicional do rádio informativo; no Tipo 2 temos a fragmentação da forma-sujeito de maneira mais evidenciada, com a contra-identificação do sujeito em relação à forma-sujeito do saber universal da formação discursiva dominante; por último, no Tipo 3, temos a desidentificação total com a forma-sujeito dominante. Iremos detalhar em profundidade essa tipologia ao longo deste fecho de análise.

4.2.1 **Movimento I**

Portanto, iniciamos o Apagão com uma identificação muito grande do ouvinte com a formação discursiva dominante relativa ao discurso radiofônico informativo, elencada na posição-sujeito de Tipo 1, a de identificação. Temos, do ponto de vista de Pêcheux, o *bom sujeito*. O Tipo 1 é colado à forma sujeito universal dessa formação discursiva e pode-se afirmar que ele representa o funcionamento discursivo do cotidiano radiofônico. Ou seja, um ritual de linguagem em que o ouvinte se remete ao apresentador ou ao representante da rádio, que pode ser também o repórter, a equipe de produção da emissora ou alguém que a represente para estabelecer essa interlocução. O ouvinte e/ou o entrevistado participam da interlocução quer seja se limitando a responder às indagações formuladas, quer seja prestando informação ou outro tipo de serviço.

Como vimos, esse tipo de posição-sujeito não produz nenhum deslocamento na forma-sujeito do discurso. Ao contrário, legitima-a. Esta legitimidade, muitas vezes, realiza-se pelo alinhamento ao sujeito-repórter, num **efeito de espelhamento** pelo viés do discurso autoritário. Aqui propomos o uso do termo como um alinhamento à forma discursiva autoritária, em que o sujeito não contesta, apenas replica o esperado pelo outro. Não diz diferente porque não há o que dizer, estabelecendo uma relação parafrástica pelo sentido autoritário, numa autoreferenciação em que o interlocutor é silenciado não porque não tenha o que dizer, mas porque a ele cabe somente dizer o esperado, em que não há o furo porque a autocensura o impede.

A posição-sujeito relativa ao radialista é legitimada na relação com a memória discursiva.

Outra característica do funcionamento da discursividade do rádio informativo é o emprego frequente do pronome de tratamento *você*. Este emprego gera um efeito de proximidade, da mesma forma o *nosso ouvinte*. Porém, em ambos os casos trata-se de uma interlocução genérica que substitui o pronome indefinido *todos*.

Portanto, no Tipo 1 temos uma posição-sujeito que se identifica totalmente com os rituais de linguagem do rádio informativo, em que há unicidade imaginária do sujeito, gerando o efeito sujeito, por isso não há o ultrapasse das barreiras do meio e do próprio discurso fechado, circular, do jornalismo. O Tipo 1 funciona como um reforço

da forma-sujeito do discurso do rádio informativo. A legitimação é a tônica do Tipo 1, baseada no discurso circular, autoritário. A resposta do ouvinte a esta forma se dá pelo alinhamento à forma-sujeito, temos um ideal de sujeito que não desloca os saberes do interior da formação discursiva, que é uma forma ideal, porém, isso não se dá sem falhas.

Com as condições de produção causando tanta tensão numa crescente, a cada hora sem luz e todas as consequências decorrentes disso, mesmo no Tipo 1, temos um sujeito que assume, pelo esquecimento, posições-sujeito heterogêneas.

Toda posição é material porque é histórica, política e social, porque sempre é afetada pela ideologia e pelo inconsciente. Portanto, no Tipo 1, que é o da identificação com forma universal de conhecimento da formação discursiva dominante, ou seja, o que Pêcheux (2009) intitula como *o bom sujeito*, também temos um funcionamento discursivo em que há gradação das posição-sujeito rádio, indo da identificação colada à forma sujeito na PS1T1 chegando ao limite da fronteira discursiva na PS7T1, mas sem haver um deslocamento que afete a formação discursiva.

No menor nível de gradação, ou seja, o estágio mais estabilizado da discursividade, é o espaço em que ela é legitimida, que produz o efeito de sentido de pertinência, de utilidade. Podemos citar, dentre as várias marcas discursivas ao longo de horas de áudio, por exemplo, quando o apresentador chora pelo fim do apagão, por ter vivenciado essa narrativa histórica; ou quando os ouvintes ligam festejando o retorno da luz; quando ligam para saber a que horas a ponte será fechada ou ainda orientando as melhores rotas de trânsito, gerando o efeito de elo com a comunidade, como muitas vezes foi enunciado, legitimando o sentido de utilidade do rádio informativo.

Nessas gradações de identificação com a forma sujeito universal do Tipo 1, apesar de ainda manter a alta identificação com a formação discursiva materializada na PS1, a PS2 aproveita a mediação radiofônica para se comunicar com as autoridades ou outros ouvintes, mesmo que de forma mediada e indireta, aumentando a gradação da reversibilidade. A interlocução é indireta, porém, há menor mediação quando pedidos são feitos diretamente às autoridades ou quando há circunscrição de outro interlocutor que não o apresentador do programa, mas a um ouvinte ou entrevistado anterior.

Quase temos interlocução direta, espontânea, com características do discurso de oralidade. Não o há porque a equipe de produção faz a mediação entre os enunciadores. A variante ocorrerá na PS3 do Tipo 1, em que há interpelação a todos os ouvintes como sujeitos autores da fala. Por sua vez, na PS4 a variação inscreve-se na

identificação pelo avesso, no fluxo invertido da informação, quando as fontes/ouvintes ligam para as emissoras para serem entrevistadas.

Na PS5 do Tipo 1 temos o limiar de uma nova posição-sujeito, quando a ouvinte remete-se ao Governador do Estado de Santa Catarina à época, Luiz Henrique da Silveira. Contudo, a ouvinte recusa-se a conclamar diretamente ao Governador. Ela também silencia porque faz uso da terceira pessoa do singular, *ele*, mantendo a mediação e o consequente ritual de linguagem.

4.2.2 **Movimento II**

As horas passam, transformam-se em dias, e as condições de produção impelem a novas tomadas de posição. Avançamos a análise e chegamos ao Tipo 2, o da contra-identificação com a forma-sujeito dominante do ritual discursivo do rádio informativo. Nesta situação há duas formas de contra-identificação com o funcionamento discursivo tradicional do meio rádio, a PS1 e a PS2T2. No tipo 2 a gradação chega ao limite, num contraponto aos saberes da formação discursiva dominante.

A interlocução, mesmo que mediada, passa a receber ouvintes que questionam o trabalho do repórter, colocam em xeque a estrutura do rádio informativo, demonstram incredulidade ao que comentaristas especializados enunciam, colocando em tensão, questionando, características da contra-identificação que marcam a primeira posição-sujeito do Tipo 2, a PS1T2.

No interior do Tipo 2 temos a marca do acontecimento enunciativo, também da ordem da raridade, como postula Indursky (2008).

O rompimento com o ritual de linguagem ocorre quando o ouvinte da PS2T2 orienta diretamente outro interlocutor e também uma música como forma de comunicação, apresentando composição de próprio punho inspirada no acontecimento Apagão.

Outra forma da nova tomada de posição-sujeito em contra-identificação com a FD dominante está na incredulidade com o Poder Público e a insistência para que os direitos de cidadão sejam mantidos, conseguindo enunciar pela insistência, silenciando

o apresentador. Aqui temos um silenciamento em gradação, que chegará ao limite, ou seja, ao silêncio total no Tipo 3. Da mesma forma a perda do controle do dizer manifesta-se aqui no Tipo 2, também em gradação até o limite, no Tipo 3, em que temos o acontecimento discursivo.

Aqui no Tipo 2 o acontecimento enunciativo também é propulsionado pela tomada de posição do ouvinte quando ele se dirige ao ouvinte externo como interlocutor, sem mediação do apresentador, a não ser do meio rádio como máquina. A segunda pessoa do singular, com o uso de *você* instaura um novo interlocutor.

4.2.3 **Movimento III**

Em meio aos acontecimentos enunciativos, com a fragmentação da forma sujeito, há um aumento da reversibilidade, permitindo a entrada do Tipo 3. Aqui temos a desidentificação do sujeito com os saberes universais dominantes no interior da formação discursiva. É quando quase se deixa de fazer sentido naquelas condições de produção. Mas, os sentidos não se perdem totalmente. Eles deslizam de acordo com as tomadas de posição, gerando outros sentidos ao rádio informativo.

O início dessa potência de transformação é marcada quando o sujeito faz uso de palavras de baixo calão e o interlocutor ousou também dizer o que não poderia, marca do ritual radiofônico, deslocando-se da posição-sujeito. Temos aí a primeira marca do acontecimento discursivo.

O ouvinte gera sentido de uma forma não prevista, tirando a legitimidade da forma-sujeito, desidentificando-se com ela. Como estamos numa situação de gradação, não chegamos a ter um rompimento radical com a forma-sujeito. Temos um deslocamento, um início de uma nova posição-sujeito.

Nesse tipo 3 também temos a desidentificação a partir do humor, quando a ouvinte realiza uma tentativa de encontro amoroso com o apresentador, tirando o efeito de seriedade do rádio informativo. Também consideramos marca do acontecimento discursivo o enunciado do apresentador que trouxe à tona o que não poderia ser dito, no deslocamento pelo riso da ironia, materializando o esquecimento.

O ápice da reversibilidade foi registrado na situação em que o ouvinte instaura um novo interlocutor ao dialogar diretamente com a autoridade local, com mediação jornalística muito reduzida, tendendo a zero. Nesta situação o rádio informativo tem outra produção de sentido, de certa forma cede o seu lugar de gerar sentido para o outro, deixando a fala do outro, sem censura. O ouvinte, então, assume uma nova posição-sujeito, determinante, não previsível nesta ordem discursiva.

Temos o furo no ritual de linguagem quando novas relações de interlocução são estabelecidas, no momento em que o ouvinte dialoga diretamente com a fonte oficial da Celesc, num rompimento com a posição-sujeito. O deslocamento acontece quando uma não-autoridade assume a posição-sujeito rádio. O ouvinte abandonou a posição-sujeito passiva, de receptor, e estabelece a interação e interlocução direta. O ouvinte chegou a interromper a fonte oficial, permitiu-se ser o protagonista, instaurando uma nova posição-sujeito, em diálogo no sentido efetivo do termo, sem censura.

Essa nova forma de interação, em que ambos, a partir de ligações telefônicas individuais, utilizaram o meio rádio para instaurar comunicação transmitida ao vivo, em que o mediador jornalista perdeu sua relevância, transformam o sentido de informação. Afinal, estamos na mesma discursividade, sem mediação. Essas condições de produção propulsionam o acontecimento discursivo.

4.2.4 **Formas de acontecimento e tipologia**

A seguir, apresentaremos diferentes instâncias em que podemos mobilizar a noção de acontecimento. O quadro da tipologia proposta para a análise, que trazemos na sequência, traz uma articulação com essa noção de acontecimento.

QUADRO 1: Conceitos sobre tipos de acontecimento

Social	**Jornalístico**	**Enunciativo**	**Discursivo**
"[...] Os acontecimentos exigem produção de sentido, são espaço de exploração, de interpretação, interação e não contém um 'em si':	"[...] Mais claramente reconhecido é o que diz da cobertura do imprevisível", porque "é a ação acidental aquela que 'melhor' corresponde aos critérios de noticiabilidade tão exaustivamente apontados	Quando um acontecimento histórico causa ruptura na linguagem, mas não é forte o suficiente para instaurar uma	O discurso é impregnado de acontecimento e estrutura, em que os sentidos deslizam nos movimentos de interpretação dos sujeitos, na tensão entre a descrição e a interpretação do

eles sempre surgem a alguém, são fundamentalmente relacionais, se constituem, [...] a partir de um processo de individuação marcado pela busca de uma inteligibilidade assentada em quatro etapas: a escolha de uma descrição/nomeação; a ordenação em uma narrativa; a normalização, que torna manifesta sua tipicidade e permite comparações; a recepção no quadro de uma experiência (QUÉRÉ, 1995; SIMÕES, 2010 apud LEAL; ANTUNES, 2011, p. 27-28).	pelos manuais de produção noticiosa" (BERGER e TAVARES, 2010, p. 131). Para Pontes e Silva (2010, p. 57), é o espaço em que "[...] os fatos acontecem no exato limite do acontecimento", em que "[...] o texto liga fato e acontecimento no horizonte de um discurso" (IDEM, p. 57). "[...] A noticiabilidade no seu nível enunciativo-jornalístico, que apresenta um fato/evento/sujeito como novidade conteudística" (PIMENTEL, 2011, p. 6)**.** "[...] A noção mais utilizada de acontecimento está intrinsecamente ligada aos fatos que acontecem na *realidade*. O acontecimento, como usualmente compreendido no pensamento jornalístico, estaria fora do texto, ficando, portanto, na relação entre os fatos e suas consequências diretas sobre a vida em determinada sociedade. O jornalismo coloca-se como mediador que possui a tarefa de trazer esse acontecimento exterior para a interioridade do texto, dando-lhe o destaque pertinente à importância que esses fatos tomam para o público em geral. O jornalismo mostra-se como o próprio lugar em que o acontecimento transforma-se em texto. Um texto que se julga constantemente transparente, submetido a uma ética que lhe seria inerente "(PONTES e SILVA, 2010, p. 51-52). Leal e Antunes (2011, p.	nova discursividade ou impelir o sujeito a uma nova formação discursiva (Indursky, 2008). "[...] o *acontecimento enunciativo* reorganiza/reestrutura a discursividade interna da FD, instituindo um novo modo de lidar com a ideologia, sem que haja o rompimento com o domínio de saber" (INDURSKY, 2008, p. 25). No acontecimento enunciativo, por sua vez, temos uma nova tomada de posição, o domínio do saber universal da formação discursiva é posto em xeque, há novas tomas de posição, mas não há uma nova formação discursiva dominante. No entanto, o acontecimento enunciativo também abala as estruturas da FD, questiona o saber dominante.	analista discursivo (PÊCHEUX, 2008). "[…] o evento trabalha a estrutura e a estrutura trabalha o evento", como afirma Gallo (2008, p. 89) ao reler Pêcheux. Desestabilizando a regularidade da formação discursiva dominante, "[...] a memória irrompe na atualidade do acontecimento" (COURTINE, 2009, p. 103). Isto porque essa homogeneidade pode ruir com um acontecimento discursivo novo, "[...] que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (IBIDEM). Remete ao acidental, ao não previsível, rompe com a estabilização vigente, mobilizando outra memória "[...] se produz sentido para o acontecimento, filiando-o em alguma rede de sentidos" (MARIANI,

	27), dizem que "[...] a relação jornalismo/acontecimento certamente não se resume a fórmulas como a do inusual, do que 'irrompe' inesperadamente no cotidiano", mas é o oposto, em que "[...] os acontecimentos surgem no cotidiano já imbricados, em maior ou menor grau, à ação dos *media*, sendo os jornalistas promotores de eventos, especialmente para os seus públicos".		1998, p. 40). "[...] Ponto de encontro de uma atualidade e uma memória" (PÊCHEUX, 2008, p. 56). Há a falha no ritual de linguagem. Uma série de encadeamentos de formações discursivas podem levar à criação de um novo acontecimento, numa irrupção brutal da memória que desestabiliza as formações discursivas anteriores e, sobretudo, a dominante, chegando ao limite máximo. Isto pode fazer surgir, por conseguinte, uma nova formação discursiva, a partir de um determinado acontecimento. O acontecimento discursivo rompe com a memória, coloca em confronto o mesmo, faz com que se saia da repetibilidade e adentre-se em uma nova discursividade. Moirand (2012, p. 2) declara que um acontecimento "[...] não surge com um sentido determinado: ele só existe, enquanto acontecimento, através de uma inteligibilidade compartilhada, uma inteligibilidade cultural, história e discursivamente compartilhada". Para a autora (IDEM, p. 10), o início de um acontecimento se dá pelos fatos, que podem ser físicos ou humanos, "[...] que são colocados

			em palavras e em discurso pelos locutores diversos, atores ou espectadores do que se produz na realidade".

QUADRO 2: Comparativo entre as tipologias radiofônicas

TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3
A emissora radiofônica e sua equipe de profissionais possuem o controle do dizer, num discurso *sobre*, pautado predominantemente pelo discurso autoritário. Por isto,	**A população está num deslocamento em relação à identificação com a forma-sujeito universal do rádio informativo. Os saberes passam a ser questionados, temos a contra-identificação com o funcionamento discursivo tradicional do rádio informativo. Assim,**	**No extremo das condições de produção temos o Tipo 3, da ordem da desidentificação do sujeito com a formação discursiva dominante. Como consequência, temos o ápice das gradações, em que há**
A reversibilidade tende a zero;	Gradação na reversibilidade;	Reversibilidade;
Sentido fechado, em circularidade;	O ouvinte circunscreve a população como autores num questionamento da mediação do apresentador, aquele que tem o poder de dizer, a fala legitimada;	O ouvinte rompe com a posição-sujeito *tábula rasa*, passiva, de receptor e passa a de protagonista social;
Há a presença de fontes oficiais, legitimando o poder dizer da emissora radiofônica; Ao entrar em contato com a emissora por ligação telefônica, o ouvinte apresenta-se, em geral, sem sobrenome: nome completo é para a voz oficial, que possui legitimidade, ouvinte inscreve-se no efeito intimista, mas fica no genérico do povo;	As instituições passam a ser questionadas. Em consequência, o início da ausência de controle institucional; Os ouvintes trazem à tona o baixo grau de jornalismo investigativo das emissoras, que possuem alto grau de prestação de serviço em detrimento à investigação jornalística; Os ouvintes também se apresentam com nome e sobrenome;	O ouvinte põe em jogo os mitos da honestidade, da sinceridade, da solidariedade, da objetividade jornalística etc., marcando a relação verdade/não-verdade, questionando todo o funcionamento da discursividade do rádio informativo, rompendo com essa memória;
Reforça o mesmo, evitando a voz diferente;	Esse sujeito questionador inicia a fragmentação da formação discursiva, trazendo a voz diferente, tirando o rádio informativo da homogeneidade;	Voz diferente;
Não temos ruptura no ritual de linguagem, em que alta institucionalização das emissoras; Ao assumir a posição de informação oficial dentro do ritual radiofônico, a emissora	Os locutores passam a dizer menos e a ouvir mais;	Silenciamento total do apresentador;

inscreve-se no papel institucional de mantenedor social, reforçando o sentido de utilidade e pertinência; Efeito de intimismo: O emprego do *você* soa como proximidade, mas ainda temos uma situação de locução genérica, voltada a *todos*;;		
Efeito de espontaneidade a partir de um discurso circular: o jornalista direciona o que deve ser discutido no momento durante a participação ao vivo do ouvinte, que tem o efeito de espontaneidade, mas é altamente controlada pela emissora radiofônica;	O ouvinte possui saber, estabelece autoria; O ouvinte direciona os ouvintes, silencia gradativamente o apresentador;	O entrevistado assume a entrevista, fazendo as vezes de entrevistador. Ao acontecer essa inversão e o consequente silenciamento do apresentador, temos uma nova instância autoral;
Bom sujeito: o apresentador, em sua posição-sujeito de mediador, alinha-se à forma-sujeito rádio em que há um mediador legitimado pelo poder dizer e um entrevistado como fonte oficial que presta o serviço público ou um entrevistado que é um ouvinte, espontâneo, mas que não ousa dizer além do esperado;	Há direcionamento e definição de pauta ao trabalho do repórter, numa contra-identificação com o seu papel de ouvinte passivo de um discurso circular; Contra-identificação com a forma sujeito dominante nessa FD;	*Mau sujeito:* ouvinte questionador, que silencia o apresentador, inversão de posição-sujeito;
Efeito de espelhamento: a locução se dá pelo alinhamento ao repórter porque o sujeito não contesta, apenas replica o esperado pelo outro. Não diz diferente porque não há o que dizer, estabelecendo uma relação parafrástica pelo sentido autoritário;		
O efeito de autoria não é não é aberto a todos;	O acontecimento enunciativo é o furo de linguagem, num esquecimento incontornável; Deslocam-se os sentidos.	Há acontecimento discursivo sem nova formação discursiva dominante porque os sujeitos que rompem com essa memória, ao mesmo tempo se inscrevem nela, pela paráfrase, ficando no limiar de uma nova formação discursiva; Ao realizar a interlocução direta, aberta, o ouvinte torna-se protagonista e inaugura essa nova posição-sujeito, em que o ouvinte se sobrepõe também à

		posição rádio, perfazendo o papel de repórter e ainda o papel de fonte legitimada como testemunha ocular;
Discurso de escrita; Silêncio local com a autocensura dos interlocutores que não discutirão algo que irá contra o posicionamento político da emissora, que opera na ordem da concessão estatal, impossibilitando outros sentidos e outros posicionamentos.	Nova instância autoral: o ouvinte sai da ordem do discurso de escrita do rádio informativo e entra no provisório autoral da oralidade. A situação é de discurso de oralidade, mas legitimado pela instituição, ou seja, tem o seu viés de legítimo do discurso de escrita porque passa pela instituição, pelo meio rádio;	O sentido de informação é invertido. Aqui temos interlocução direta, com pouca ou nenhuma mediação por parte do apresentador; A mediação fica por conta do meio de comunicação rádio;

Ao longo do acontecimento Apagão, à medida que o nível de reversibilidade foi se alterando e a autoria migrou com maior ênfase ao ouvinte, tivemos a variação também nas tipologias. Desta forma, no tipo 1, há a maior identificação com a formação discursiva dominante, ou seja, com o saber interno da forma-sujeito. Não há reversibilidade, apesar de ali já registrarmos alterações nas formas de identificação com a FD. No entanto, no Tipo 1 é a inscrição somente do acontecimento jornalístico e social.

A partir do Tipo 2 temos o acontecimento enunciativo, impulsionado pela crise na credibilidade das instituições reguladoras do Estado, em que até mesmo o suporte radiofônico assumiu esse papel durante o evento ao se tornar a mediadora entre a população, autoridades locais, técnicos, ampliando o seu papel jornalístico de informação e serviço para ser a fonte de comunicação entre a população.

Assim, os acontecimentos social e jornalístico, que perpassam todas as instâncias tipológicas durante o Apagão, culminam no acontecimento discursivo no Tipo 3. Isto se deve ao fato, como dito anteriormente, de que o rádio inscreveu-se como o elo de comunicação entre a população. Este elo foi tão relevante que o rádio prestou-se à comunicação um-um, tal como no telefone, sendo que o limite discursivo deu-se pelo meio rádio, pela tecnologia, ao invés do apresentador que foi sendo gradativamente silenciado até o grau máximo, no tipo 3, sobretudo durante o acontecimento discursivo.

4.2.5 **Silêncio**

Durante o Apagão em Florianópolis, tivemos a potencialidade de se estabelecer o diálogo aberto, numa interlocução direta, alterando radicalmente o sentido fechado do discurso jornalístico. O silêncio local foi mais forte na quase totalidade das vezes. A interação e a interlocução direta é algo muito mais complexo do que simplesmente *abrir os microfones* para a participação ao vivo do ouvinte, com mediação reduzida. Porém, mesmo sabendo-se do silêncio local perpetuado pela autocensura, como dito anteriormente, há gradações nessa identificação.

Iniciamos o Apagão com o silêncio local por parte dos ouvintes, que nas condições normais de funcionamento discursivo do rádio informativo, não ultrapassa o silenciamento da autocensura. O interessante é que esta censura não é imposta tacitamente, pois as emissoras permitiram a participação ao vivo, via telefone, de quem quisesse participar. Mas, o viés circular do jornalismo é tão avassalador que, mesmo diante da possibilidade de ruptura, o sujeito sabendo que o meio estava *permitindo*, foi determinado pela autocensura. Isto ocorre nas primeiras sequências discursivas de número um até cinco. Na SDR6 também temos o silêncio local com autocensura, mas a partir do efeito de espelhamento ao repórter. A locução se dá pelo alinhamento ao repórter em que o sujeito replica o esperado pelo outro numa relação parafrástica pelo sentido autoritário. Ao contrário das primeiras SDR's, o ouvinte tem algo a dizer, mas é silenciado porque se alinha ao repórter, mantendo-se no mesmo, repetindo o que é esperado.

Como operamos por gradação, as condições de produção induzem a um deslocamento, em que o silêncio migra do ouvinte ao repórter. Este caminhar inicia-se ainda dentro do funcionamento tradicional do rádio informativo, no Tipo 1. Na SDR15 a ouvinte indaga o posicionamento do Governador do Estado. Contudo, as condições de produção do meio radiofônico, que são da ordem da concessão, impedem o posicionamento contra o poder dominante. Desta forma, iniciamos o silenciamento do apresentador, que se coloca monossilabicamente. Mesmo que num fluxo invertido, ainda estamos na instância do silêncio local proposto por Orlandi.

Isto posto, não há mais o controle do dizer, migra-se para o Tipo 2. Nas primeiras sequências, também há uma outra forma de inversão. Sai-se do discurso

legitimado de escrita do meio rádio e segue-se ao de oralidade. O provisório é a marca a partir do Tipo 2. As ouvintes das SDR's 16 a 18 sabem do que estão falando, o apresentador é silenciado totalmente. Não se trata mais do silêncio fundador ou local, conforme proposto por Orlandi. Aqui temos silêncio que, em gradação, chegará à totalidade, marcando o acontecimento enunciativo e discursivo presentes nos Tipos 2 e 3, respectivamente.

É uma nova instância silenciadora, ligada à autoria, que iremos discutir melhor adiante. O silêncio vai se instalando ao apresentador porque ele vai perdendo o controle do dizer, pois percebe que o ouvinte tem conhecimento. Assim, as ouvintes dizem o quanto querem, a locução é grande, silenciando o apresentador, quase desaparecendo a mediação humana, ficando somente a mediação pela máquina, o meio rádio. Nessas SDR's 16 a 18 o silenciamento do apresentador se dá pelas condições de produção empregatícias. A situação é extremamente delicada porque ele também sofre os danos causados pelo apagão, ele também é um homem do povo, sujeito social, ouvinte. No entanto, na posição de representante da instituição jornalística, quer seja como apresentador, debatedor ou repórter, ele está impossibilitado de se posicionar em contra-identificação com o Governo, conforme já explicado anteriormente.

Desta forma, as condições de produção seguem silenciando o apresentador, numa crescente que culmina com o acontecimento discursivo nas SDR's 20 a 22. Nessas SDR's o ouvinte toma a palavra, interage com o meio e perfaz interlocução circunscrevendo também os outros ouvintes. O acontecimento discursivo acontece, sobretudo, pelas novas instâncias autorais que elencaremos a seguir.

4.2.6 **Autoria**

Assim como o silenciamento, à medida em que se tem maior reversibilidade, a autoria também se altera. O saber também migra, deixando de ser domínio legitimado institucional para interagir na outra ponta, ou seja, com o ouvinte. Temos aí também uma alteração no fluxo de comunicação. Tradicionalmente, os estudos da teorias da comunicação inclinam-se a um emissor que comunica algo a partir de um meio para um receptor.

Na inversão do fluxo autoral, o ouvinte sobrepõe sua posição com a de emissor, silenciando esse apresentador. O acontecimento Apagão inverte o processo comunicacional clássico. A mediação dá-se somente pelo meio, ao invés de também ser pelo jornalista.

Até chegarmos a reverter esse fluxo comunicacional, temos também um compasso auditivo. Nas primeiras sequências discursivas, ainda no Tipo 1, os ouvintes das SDR's 8 e 9 circunscreve interlocutores externos, mesmo que ainda com identificação à forma-sujeito, pois o ouvinte primeiro se remete ao apresentador. Mas, os ouvintes diminuem essa mediação, colocando-se como autores de sua fala e circunscrevendo interlocução externa quando eles enviam pedidos específicos diretamente às autoridades florianopolitanas. Ainda no Tipo 1, o ouvinte da SDR10 circunscreve outro interlocutor externo, que foi a ouvinte do comentário anterior. Nas SDR's 11 a 13 há interpelação a todos os ouvintes como sujeitos autores da fala, ao contrário das SDR's anteriores em que se circunscreve alguém em específico.

Lentamente o ouvinte vai tomando o espaço do dizer, havendo transição na autoria. Na SDR14 há a inversão no fluxo de informação. Quem seria normalmente entrevistado passa a se pautar e entra em contato com a rádio como ouvinte, para se pronunciar a respeito do Apagão. Nessa gradação chega-se ao Tipo 2.

Nas SDR's 16 a 19 os ouvintes invertem definitivamente o domínio do saber. O fluxo inverte-se totalmente, crescendo o dizer do ouvinte, que sabe muito, diminuindo o espaço do apresentador, que passa a ouvir. Os ouvintes ensinam, são autores do seu dizer e trazem à tona a leniência das emissoras com o poder público.

Nas SDR's 20 a 22, a autoria amplia-se de forma a propulsionar acontecimentos enunciativos, pois há uma nova inscrição autoral. O discurso de escrita da instituição, proposto por Gallo, migra de direção, segue ao outro lado, ao ouvinte, que o desloca para o discurso de oralidade, provisório. A diferença da proposição de Gallo quando ela cria os conceitos de discurso de escrita e de oralidade, já discutidos aqui nesta tese, é que a autora relaciona o discurso de escrita com a legitimidade institucional, enquanto o discurso de oralidade é da provisoriedade. Para uma condição híbrida, em que o enunciado circula como se fosse de escrita, assim se formule e se constitua como sendo de oralidade, a autora propõe a noção de discurso de escritoralidade. Esse é bem o caso que observamos aqui. O meio rádio legitimou essa autoria. Apesar de tentar controlar o dizer, a linguagem vaza, o esquecimento é incontornável, não há mais como manter o fluxo tradicional emissor – meio e

mensagem – receptor. Aqui o receptor é quem emite e legitimado pelo meio, numa nova instância autoral.

O apogeu dessa instância autoral acontece na SDR's 26 a 29, que também são da ordem do acontecimento discursivo. Esse novo, essa heterogeneidade pela voz diferente, apresenta-se pela forma despolida do ouvinte na SDR 26, que faz uso de palavras de baixo calão. Esta situação beira o *non sense* que se repete nas SDR's 27 e 28, com o insólito da ironia do ouvinte e do apresentador, respectivamente. A ironia desestrutura o domínio do saber e coloca em jogo mitos diversos, especificamente aqui a relação verdade/não verdade, algo tão caro à imprensa.

Por fim, na última sequência discursiva, de número trinta, o ouvinte é quem rouba a cena, é o autor, em interlocução direta com o entrevistado, tendo o meio rádio como legitimador desse discurso de oralidade, numa inversão total no fluxo de informação. O apresentador é impossibilitado do dizer porque a autoridade do ouvinte se sobrepõe totalmente. O ouvinte sabe aonde está o problema técnico que impede o retorno da energia. Sabe mais do que o engenheiro. E este engenheiro quer ter acesso a esse conhecimento, ultrapassando o rádio. O engenheiro, que estava sendo entrevistado pelo apresentador, estabelece interlocução direta com o ouvinte, que é testemunha ocular. O saber é da ordem social, de um cidadão comum que sobrepõe a todos os saberes institucionalizados.

Em condições normais, esse saber é mediado pelo repórter, autorizado a circular por entre as discursividades. No entanto, é o cidadão ouvinte quem está no lugar do repórter, sem filtros, apagando a instituição radiofônica quase que totalmente. Ela se faz presente somente do ponto de vista técnico, pelo aparelho de radiodifusão. A linguagem falha, desestabiliza a estrutura radiofônica, incide na memória e propicia o acontecimento discursivo. No entanto, entre tantas raridades envolvendo essa escuta discursiva, aqui temos o acontecimento discursivo, que neste caso não constitui uma nova formação discursiva porque, mesmo com todo esse domínio do dizer, com todas as tomadas de posição-sujeito diferentes ao longo do Apagão, a forma-sujeito mantém-se, ficando-se no limiar de uma nova formação discursiva, mas ainda no domínio do rádio informativo.

5 CONCLUSÃO

Tomar como princípio a AD confere sempre um novo desafio a cada análise por se tratar de uma visão teórica e analítica que se inscreve como um dispositivo e que se postula ao espaço contraditório do entremeio. Por isto,

> [...] A Análise do Discurso nos ensinou a pensar a relação entre mundo e linguagem como mediada pela ideologia; nos mostrou que todo enunciado é suscetível à interpretação; que a língua não é algo transparente; que o sujeito não controla tudo o que diz. Enfim, a análise do discurso desvelou, para nós, o quanto há de historicidade na linguagem. Mais do que isso, nos demonstrou como no discurso, e o midiático é exemplar nesse sentido, se entrecruzam os caminhos da língua, da história e da sociedade (FERREIRA, 2008, p. 17).

Assumindo a nossa posição-sujeito de analista jornalista, o interesse pela possibilidade de haver produção jornalística com maior profundidade de pesquisa e participação pública, conduziu o ouvido de pesquisadora ao meio de comunicação aberto, tido como o mais democrático de todos, o rádio. Foi nas Ciências da Linguagem que essa textualidade radiofônica, em sua especificidade material, tanto de natureza simbólica como histórica, passou a ser o mote de investigação. A inscrição na AD propiciou assumir uma outra posição-sujeito, agora de analista do discurso. Isto gerou uma mudança crucial, numa tomada de posição diferenciada das pesquisas sociais anteriores pela exigência da postura crítica da AD em relação ao desvelamento do caráter material dos sentidos na/pela formação discursiva.

Se no mestrado em Ciências da Linguagem a divulgação de ciência no rádio em Santa Catarina e sua consequente construção de um ouvinte nos materiais que constituíram o programa *Ondas da Ciência*, veiculado pela Rádio Udesc FM, foram o fio condutor, nesta tese analisamos essa interlocução numa situação específica de crise, ou seja, numa situação limite, em que o suporte radiofônico foi o único que não foi silenciado no apagão elétrico, hidráulico e midiático que se deu na região insular florianopolitana naquele final de outubro de 2003.

O acontecimento social Apagão em Florianópolis, que ficou conhecido também como um grande acontecimento jornalístico a partir da cobertura radiofônica que recebeu, foi analisado sob o viés do funcionamento discursivo do rádio informativo. Isto se deu a partir do gesto de escuta discursiva em que foi possível analisar o funcionamento das relações de interlocução e a autoria presentes no meio rádio em uma

situação limite de um acontecimento social. Para tanto, no dispositivo teórico mobilizamos os conceitos de memória, de reversibilidade, interação, interlocução, informação, silêncio e autoria, em confronto com os acontecimentos jornalístico, enunciativo e discursivo com as condições de produção do jornalismo no Brasil.

Tomamos para a análise os *corpora* formados por textos produzidos pelo rádio informativo da região metropolitana da capital de Santa Catarina, especificamente da cobertura jornalística das duas únicas emissoras radiofônicas que cobriram na íntegra o Apagão em Florianópolis. Assim, foi possível compreender os efeitos de sentido produzidos no rádio informativo. Como dito ao início desta tese, a análise dessas duas coberturas jornalísticas engloba cinquenta e cinco horas de programação praticamente ininterrupta de cada emissora, totalizando cento e dez horas de áudio. Isto possibilitou a interpretação de parte do funcionamento discursivo da mídia rádio, apresentado sobretudo nas sequências discursivas que contemplam o panorama de época, os anseios da população e a interlocução estabelecida entre os sujeitos que se inscreveram nessa discursividade numa situação única como foi o Apagão em Florianópolis, em que cerca de trezentas mil pessoas foram atingidas por uma pane elétrica que resultou também no corte do fornecimento de água e suas consequências diretas por dias a fio.

Em meio ao apagão elétrico, hidráulico e midiático, as rádios CBN Diário e Guararema foram para a história do jornalismo florianopolitano como as emissoras que prestaram papel essencial à população, servindo como fonte de informação e conexão.

Com o ouvido aberto a essa discursividade radiofônica, *flagrando os andaimes da materialidade linguística*, como sugerem Romão e Ferrarezi (2008), concluímos que a interlocução se estabeleceu baseada em diferentes tipos de posições sujeito ao longo dos *corpora* analisados, apresentadas nas sequências discursivas.

A noção central desta tese, para compreender o funcionamento discursivo do rádio informativo, é a de posição-sujeito. Sobretudo de que forma essa posição desloca-se até o extremo máximo de suas possibilidades, até deixar de fazer sentido nas suas condições de produção, para, quiçá fazer sentido em outra formação discursiva dominante. Para tal, subdividimos essas tomadas de posição em tipologias, de acordo com os estudos de Indursky, baseadas em identificação, contra-identificação e desidentificação, as quais nominamos de Tipo 1, 2 e 3.

Iniciamos a análise do Apagão, observando a identificação do ouvinte com a formação discursiva dominante relativa ao discurso radiofônico informativo, elencada no Tipo 1. Nesta situação, temos, do ponto de vista de Pêcheux, o *bom sujeito*. O Tipo 1

é colado à forma sujeito universal dessa formação discursiva e pode-se afirmar que ele representa o funcionamento discursivo do cotidiano radiofônico. Nessa conjuntura, a emissora radiofônica possui o controle do dizer, a autoria é legitimada pelo discurso de escrita e o ouvinte silencia para ouvir o que a emissora tem a informar.

No seu funcionamento tradicional, o rádio é genuinamente conhecido como o meio de comunicação social mais democrático e intimista. Discursivamente, porém, concluímos que isso é um efeito. Concluímos desta forma porque durante a escuta discursiva, o movimento de análise permitiu afirmar que há uma gradação discursiva entre as duas emissoras analisadas, mas que ambas funcionam predominantemente a partir da discursividade de escrita.

Temos, a partir dos *corpora* de análise, nas condições de produção do Apagão em Florianópolis, a Rádio CBN Diário mais voltada ao discurso de escrita do que a Guararema. Esta possibilita maior interação e interlocução com o seu público.

No entanto, estamos tratando de uma gradação, pois ambas se inscrevem nessa discursividade de tipo autoritária, sendo que o pêndulo da escrita recai mais fortemente à CBN Diário.

Se tivéssemos a oralidade como marca mais veemente nessa textualidade, o ideal brechtiano teria mais potencialidade de se realizar no cotidiano radiofônico.

No interior do Tipo 2 temos a marca do acontecimento enunciativo, também da ordem da raridade, como postula Indursky (2008).

Em meio aos acontecimentos enunciativos, à fragmentação da forma sujeito, há um aumento da reversibilidade[62], permitindo a entrada na seara do Tipo 3.

Com o nosso terceiro movimento de análise, percebemos um outro tipo de silêncio, o silêncio total. O apresentador silencia totalmente porque não há o que dizer. O domínio do saber mudou de lado, passa a ser do ouvinte, que interage com o meio rádio, estabelece interlocução com ouvintes externos, apropria-se ineditamente do rádio informativo. O discurso de oralidade, da marca da autoria e do provisório, passa a se inscrever no rádio informativo. Da mesma forma que o silêncio, aqui também não temos a mesma situação de discurso de oralidade e de escrita estudada e formulada dor Gallo. O acontecimento Apagão foi tão peculiar à história do jornalismo porque também propiciou a entrada da oralidade num discurso predominantemente de escrita,

[62] Conceito estabelecido por Orlandi, discutido anteriormente no item Materialidade discursiva.

prenunciando o discurso de escritoralidade que viria a ser verificado nas discursividades *on line*, mais recentemente.

O ápice da reversibilidade foi registrado quando o ouvinte, cidadão comum, instaura um novo interlocutor ao dialogar diretamente com a autoridade local, com mediação jornalística muito reduzida, tendendo a zero. Nesta situação o rádio informativo tem outra produção de sentido, de certa forma cede o seu lugar de gerar sentido para o outro, mas que não os seus sujeitos previstos. O ouvinte deixa de estar alinhado à forma-sujeito e assume uma nova posição-sujeito, determinante, não previsível nesta ordem discursiva.

Temos o furo no ritual de linguagem, o acontecimento discursivo, quando novas relações de interlocução são estabelecidas no momento em que o ouvinte dialoga diretamente com o entrevistado, num rompimento com a forma-sujeito, abalando fortemente a estrutura discursiva do meio rádio, alterando a memória.

O deslocamento acontece quando uma não-autoridade assume a posição-sujeito rádio, assumindo a forma sujeito universal da formação discursiva dominante. O ouvinte abandonou a posição-sujeito passiva, de receptor, e estabeleceu a interação e interlocução direta. O ouvinte chegou a interromper a fonte oficial, permitiu-se ser o protagonista, instaurando uma nova posição-sujeito, em diálogo no sentido efetivo do termo, pois foi aberto e direto, houve interlocução. Este cidadão do povo faz as vezes de repórter, que impossibilitado de estar no momento do fato, cede o espaço ao ouvinte que é também testemunha ocular e decide como será a interlocução.

Nessa nova forma de interlocução, em que ambos, ouvinte e entrevistado, a partir de ligações telefônicas individuais, utilizaram o meio rádio para instaurar comunicação e que o mediador jornalista perdeu sua relevância, transformam o sentido de informação. Afinal, estamos na mesma discursividade, sem mediação. Essas condições de produção propulsionam ao acontecimento discursivo.

Essa situação limite que foi o Apagão em Florianópolis, em que durante a cobertura foi comentado, teve algo parecido por volta de 1962 quando um raio prejudicou a subestação da Celesc na Área Metropolitana da Capital, mas jamais na mesma proporção. Algo que também não se repetiu na década seguinte na história mundial.

As emissoras permaneceram praticamente vinte quatro horas no ar, ao vivo. A Voz do Brasil foi suspensa neste período. Isto é algo também importante, dada a obrigatoriedade de veiculação do programa institucional do Governo Federal.

Mesmo que de maneira fugaz, nas últimas horas de pane elétrica, chegou-se ao extremo da fronteira discursiva, conseguiu-se vencer o silêncio discursivo e chegou-se a uma nova reconfiguração discursiva no rádio informativo. Essa reconfiguração discursiva apresentou-se em gradações de sentido, ora mais abertas, com a Rádio Guararema mais próxima disto, mesmo que também sofrendo os limites discursivos imposto pelas barreiras discursivas. Mesmo assim, houve acontecimentos enunciativos e discursivos e isto é realmente exemplar.

Essa reconfiguração discursiva demonstra que uma outra forma é possível, como Bertold Brecht também acreditou. A teoria do rádio brechtiana não possui o enfoque discursivo, no entanto, o entremeio está na ênfase em denunciar a circularidade, o sentido fechado, de que a formação discursiva jornalística é marcada desde a sua origem.

Tal como aponta a AD, os sentidos, mesmo que já com o efeito de naturalização, podem ser ressignificados, o meio rádio poderia ser aproveitado de outra forma, tendendo mais à oralidade, ao invés de prevalecer no discurso de escrita.

A tensão das condições de produção propiciaram o acontecimento enunciativo e discursivo. Não se chegou a estabilizar uma nova formação discursiva. Houve novas tomadas de posição-sujeito. A tendência à estabilização se faz presente e na manhã do dia seguinte já se havia retornado à homogeneidade e ao funcionamento discursivo tradicional.

No entanto, a potência discursiva está toda lá, e pode-se ouvir acontecer a produção de sentido outro no discurso do rádio informativo. Foram abertos espaços de dizer a sujeitos não previstos. Na análise discursiva vimos a potência discursiva que é o rádio informativo a oferecer-se ao diálogo com os ouvintes, abrindo a interlocução. Esta potência está latente na interdiscursividade.

O modelo de negócios da comunicação de massa está em crise há mais de uma década. Isto não integra o nosso recorte de pesquisa, porém, as marcas dessa crise são evidenciadas em nossa escuta discursiva, quando o ouvinte já não aceita mais o modelo funcionalista da comunicação unidirecional, proposto por Shannon e Weaver na Teoria Matemática da Comunicação, muito conhecida também como Teoria da Informação, em que um emissor, a partir de um meio, envia uma mensagem a um emissor. Prova da crise deste modelo é o fim da Rádio Record AM a partir de abril de 2015. A emissora, à época do Apagão, era a Rádio Guararema AM, líder de audiência regional, que não resistiu a essa latência interdiscursiva ao longo da década pós-Apagão.

O Grupo Ric Record anunciou por sua emissora radiofônica que o sinal AM seria encerrado a partir de primeiro de abril de 2015 e que a emissora só retornará a funcionar quando migrar para a FM.

Se os meios massivos sofrem intensa crise econômica, acreditamos que, discursivamente, a potência do poder dizer instaurada durante o Apagão tenha se deSDRobrado na internet, anos mais tarde. A questão é que a potência é gigante, mas não se resolve dentro da restrição das mídias tradicionais. Poderá acontecer na internet, em que há uma ampla gama de textualidades pautadas pela convergência midiática.

A internet engloba um universo *on line*, mas não se pode generalizar e garantir que a plataforma internet por si só causa a desidentificação do sujeito discursivo com as mídias tradicionais. Até mesmo nas redes sociais não se pode generalizar. Há sempre uma *certa* internet, uma *certa* rede, em virtude dos atravessamentos discursivos. Compete ao analista definir o recorte de estudos. No entanto, a potência existe e irá desenvolver-se em outro âmbito, em condições de produção próprias, como, por exemplo, nas redes sociais.

Isto é tema – e sugestão – para novas pesquisas e análises discursivas, mas sabemos, neste fim de tese, que o acontecimento social Apagão tencionou ao limite máximo as fronteiras discursivas do rádio informativo. A tensão foi aumentando com as horas que foram se prolongando com o blecaute, e recuou com o fim do evento. A potência chegou ao extremo e, com o fim da pane elétrica, essa discursividade voltou a seguir seu caminho. Mesmo na internet, o rádio informativo mantém os seus limites de posição-sujeito legitimada com o discurso autoritário predominando.

Assim mesmo, a potência não morre, está lá no interdiscurso. Ou seja, está na memória discursiva. Ela se deSDRobra em outras discursividades que seguem juntas, em outras possibilidades, notadamente nas redes sociais.

Uma década após o Apagão, concluímos que a potência ali anunciada pela via de um extremo de alta tensão numa mídia tradicional, pode vir a receber outras tomadas de posição-sujeito e vir a deslocar a forma-sujeito ideal. Presenciamos a chegada da internet, a virada do século e a potência discursiva no início da primeira década. Nesta segunda década aguardamos então o momento em que essa potência possa se encontrar com discursividades que operam no mesmo modo de funcionamento que foi ali anunciado durante o Apagão de 2003.

O acontecimento enunciativo e discursivo do Apagão é inspirador, trouxe à tona toda a potência de discursividade, que eventualmente já se materializa na internet.

As conversas entre os interlocutores, sem mediação constituída senão pelo meio, são o cotidiano das redes sociais na internet. Ainda não foram assumidas essas potencialidades tecnológicas pelo rádio informativo, que não encontrou ainda na internet o espaço suficiente e as condições de produção para esse rompimento. Isto porque não é nada fácil deslocar o funcionamento discursivo do rádio informativo. A tendência à estabilidade é tamanha que, somente, numa situação limite como foi o Apagão, é que conseguimos identificar o furo de linguagem, partindo da população que começara a perder a esperança nas instituições por causa das condições de produção que foram despertando o sujeito para outras possibilidades de tomadas de posição.

A medida que o caos foi se instaurando em Florianópolis, houve um redirecionando em posição contrária ao que é legítimo, ao que é esperado, na medida em que a confiança nas instituições foi diminuindo. Até porque chegou-se a discutir semanticamente o termo fatalidade. O ouvinte tem um saber próprio e o demonstra ao longo dos *corpora* analisados. Ele diz e controla esse dizer. Isto é notadamente algo novo do ponto de vista comunicacional e discursivo em relação às mídias, especificamente ao rádio. Houve realmente interação e interlocução. O fluxo de informação foi invertido. O ouvinte passa a demonstrar seu saber, exerce sua autoria inscrevendo-se no discurso de escritoralidade. O ouvinte autor interage com o meio rádio, estabelece interlocução direta, inverte também o controle do dizer, silenciando o apresentador radiofônico. Espaço para o acontecimento enunciativo e discursivo. As instituições vão sendo colocadas à prova com o passar dos dias, mesmo tendo a atuação recorde da Celesc em implantar a ligação área num projeto que, em condições normais, levaria no mínimo 120 dias e até mesmo da própria mídia radiofônica, que à época não possuía equipe suficiente para fazer uma cobertura radiojornalística desse porte.

Todavia, não temos, como herança do Apagão em Florianópolis, uma nova formação discursiva, nem tampouco uma nova forma-sujeito, mas pudemos mostrar uma potência muito grande que deslocou a posição-sujeito e gerou os acontecimentos enunciativo e discursivo. Para haver o deslocamento discursivo, precisamos da intervenção da história, através da repetição, das reincidências.

Num determinado momento, a tônica é a de ruptura, depois estabiliza-se. Fato que também aconteceu no Apagão, imediatamente com o seu término. Na manhã de domingo não havia mais o espaço à polêmica, a tensão arrefeceu. A potência de ruptura segue então na internet, embora as mídias tradicionais mantenham-se institucionalizadas também na plataforma digital.

O movimento institucional é o de conservação e tende à estabilização como forma de garantir a sua autopreservação pela via da legitimidade, pelo sentido de pertinência social.

O jornalismo lida nos seu cotidiano com a cobertura de fatos inesperados. É próprio do seu metiê. Mas, a cobertura radiojornalística do Apagão não foi um movimento de origem institucional e por isso as condições de produção do evento tiveram o poder de ruptura. Isto é um grande diferencial. Um movimento que foi divulgado pela instituição radiofônica, mas assumido pelo povo nas mais diversas condições econômicas, políticas e sociais.

Essas condições de produção diferenciadas deram abertura ao novo, à voz dissonante. O novo surge justo no imprevisível, no impossível da formação discursiva. O processo discursivo não é linear, por isto há sempre a possibilidade de um furo. E ele é da ordem do esquecimento, incontornável. Não é institucional. Quando temos a institucionalização, já não temos mais o novo. Porque *só há causa naquilo que falha...*

6. REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. **Memória e produção discursiva do sentido**. IN: ACHARD, Pierre... [et al.]. **O papel da memória.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANATEL. **Radioamador.** Endereço eletrônico: <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNivelDois.do?codItemCanal=1220>. Data de acesso: 02 ago. 2014.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos:** os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. **Tipologias do acontecimento jornalístico.** IN: BENETTI, Marcia e FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

BRECHT, Bertold. Teoria do rádio. IN: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio.** Florianópolis: Insular, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc:** a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva; SESC, 2003.

DEFLEUR, Melvin Lawrence; BALL-ROCHEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DENARDI, Carol; MEDEIROS, Ricardo. **CBN Diário:** uma luz no apagão. Florianópolis: Insular, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da análise de discurso no Brasil:** um breve preâmbulo. IN: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

___. **A ciranda dos sentidos.** IN: ROMÃO, Lucília Mari Sousa; GASPAR, Nádea Regina. **Discursos midiáticos:** sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

FLORES, Giovanna Gertrudes Benedetto. **Os sentidos de nação, liberdade e independência na imprensa brasileira (1821-1822) e a fundação do discurso jornalístico brasileiro.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

FUTURECOM. **O evento.** Disponível em: <http://www.futurecom.com.br/2011/ptbr/evento.php>. Data de acesso: 12 out. 2011.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **IN: Linguagem em (Dis)Curso**, v. 1, n. 2. Tubarão: Unisul, 2001. p- 63-70.

___. (coord.) Ciência, cultura, tecnologia (mesa redonda). **IN: VI Seminário Integrado e Interinstitucional Ciência e Cultura – Unisul/Univille/UnC.** Palhoça: Unisul, 06 set. 2011a.

___. **Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva.** Blumenau: Nova Letra, 2008.

___. Discurso e novas tecnologias da informação (mesa redonda). IN: **2ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso – JIED. 1º Encontro Internacional Imagem em Discurso – EIID.** Maringá: UEM, 2012a.

___. Novas fronteiras para a autoria. **Organon.** n. 53. Porto Alegre, jul./dez, 2012b. P. 53-64.

___. Qual o papel do estudo científico da Linguagem em uma sociedade fundamentalmente midiática? IN: **Entremeios**: revista de estudos do discurso. V.2, N.1, jan. 2011b. Disponível em: < http://www.entremeios.inf.br/published/29.pdf>. Data de acesso: 15 nov. 2011.

GALLO, Solange Leda; GRIGOLETTO, Evandra. Discursividades móveis: quando a interação (con)funde-se com a interlocução. **IN: Anais do VI SEAD: Seminário de Estudos em análise do discurso.** Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaiSDRosead/6SEAD/SIMPOSIOS/DiscursividadesMoveis.pdf>. Data de acesso: 02 ago. 2014.

GALLO, Solange Maria Leda; NECKEL, Nádia Régia Maffi. As clivagens subterrâneas da rede e o efeito Narciso. IN: FLORES, Giovanna Benedeto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Leda (Org.). **Discurso, ciência e cultura:** conhecimento em rede. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GILL, Rosalind. **Análise de discurso.** IN: BAUER, Martin W., GASKELL, George (editores). Pesquisa qualitativa com texto; imagem e som: um manual prático. Petrópolis: 2002.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem.** São Paulo: Hacker; Edusp, 2000.

HOUAISS. **Apagão.** Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.

IG SÃO PAULO. **Relembre os maiores blecautes das últimas décadas pelo mundo:** grandes apagões aconteceram em países como Estados Unidos, Itália e Indonésia. Publicado em 11 set. 2009. Endereço eletrônico: <http://ultimosegundo.ig.com.br/apagao/relembre+os+maiores+blecautes+das+ultimas+decadas+pelo+mundo/n1237786435371.html>. Data de acesso: 12 fev. 2014.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quarteis e as outras vozes:** uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984). Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

___. **Unicidade, deSDRobramento, fragmentação:** a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. IN: MITTMANN, Solange; GREGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (orgs.). **Práticas discursivas e identitárias:** sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

LAGAZZI, Suzy. **Linha de Passe:** a materialidade significante em análise. **RUA** [online]. LABEURB/UNICAMP, n. 16, v. 2, 2010.
Endereço eletrônico: <http://www.labeurb.unicamp/rua/pages/pdf/16-2/10-16-2.pdf >. Data de acesso: 17 dez. 2014.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. **O acontecimento como conteúdo:** limites e implicações de uma metodologia. IN: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (orgs.). **Jornalismo e acontecimento:** percursos metodológicos. v. 2. Florianópolis: Insular, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MALISKA, Maurício Eugênio. Algumas considerações dos efeitos de sentido na análise do discurso e na psicanálise. IN: Revista do Gel – Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo. **Trabalhos selecionados do 50^{0} Seminário do Gel.** São Paulo, 2002. Endereço eletrônico:
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci179.htm >. Data de acesso: 30 jul. 2014.

MARIANI, Bethania. Discurso e instituição: a imprensa. IN: **RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.** Campinas: UNICAMP, n. 5, 1999. p.47-61.

___. **Os primórdios da imprensa no Brasil** (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). IN: ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). **Discurso Fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003.

___. **O PCB e a imprensa:** os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MARTINS, Vicente. **Aprendendo português com a crise de energia elétrica.** IN: Portal Educacional. (Fórum) Quais são as causas da crise de energia elétrica no Brasil? Publicado em 16 jun. 2001. Endereço eletrônico: <http://200.186.179.42/foruns/responder.asp?id=15768&idr=6940&uni=>. Data de acesso: 12 fev. 2014.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso:** história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento.** IN: BENETTI, Marcia e FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

___. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2001.

MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. Treine suas emoções, supere-se, seja feliz! Uma análise discursive do imperative da superação e da felicidade na literature de autoajuda. **Comunicação, mídia e consumo** [online]. Ano 10, v. 10, n. 29. Set./Dez. 2013. p. 161-182. Revista do programa de pós-graduação em Comunicação e práticas de consumo – ESPM/São Paulo (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Endereço eletrônico: <revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/601/pdf>. Data de acesso: 10 jan. 2014.

MOIRAND, Sophie. A midiatização dos eventos (conferência de abertura). IN: **Segunda Jornada Internacional de Estudos do Discurso – 2ª JIED – e Primeiro Encontro Internacional da Imagem em Discurso – EIID.** Maringá, PR: UEM – Universidade Estadual de Maringá, 30 mar. 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

___. Entrevista. **IN: Análise de discurso:** conversa com Eni Orlandi. Teias, Rio de Janeiro, ano 7, n.° 13-14, jan./dez. 2006a. p. 1-7.

___. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online]. 2010, n. 16. v. 2. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Endereço eletrônico: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Data de acesso: 06 set. 2011.

___. **Destruição e construção do sentido (Um estudo da ironia).** IN: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (diretor). **O Histórico e o Discursivo. Série Estudos, v. 12.** Publicação do Curso de Letras. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1986.

___. **Discurso e leitura.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006b.

___. **Discurso e texto.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

___. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

___. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

___. **A leitura e os leitores.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

___. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006c.

_____. **Segmentar ou recortar?** IN: **Linguística:** questões e controvérsias. Uberaba, MG: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

___. Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo. Ainda a propaganda de Estado. **Conferência de encerramento. I Seminário Interinstitucional de Análise de Discurso:** dispositivo teórico e analítico, filiações, deSDRobramentos e perspectivas. Homenagem à Eni Orlandi. Campinas: Unicamp, 01 jul. 2011.

___. **Terra à vista – discurso do confronto:** velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

___. **Vão surgindo sentidos.** IN: ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). **Discurso Fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

___. **Papel da Memória.** IN: ACHARD, Pierre (et al.). **Papel da memória.** 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

___. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4.ed. Campinas: Unicamp, 2009.

___. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PFEIFFER, Claudia. **Educação a distância, mídia e reciclagem.** IN: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento:** política, ciência, divulgação. Campinas: Pontes, 2003.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. O bizarro *da* notícia no discurso webjornalístico *sobre* o bizarro. **IN: Anais do V SEAD: Seminário de Estudos em análise do discurso.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em:

<http://www.discurso.ufrgs.br/anaiSDRosead/5SEAD/POSTERES/RenataMarcelleLaraPimentel.pdf>. Data de acesso: 21 dez. 2011.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. **Acontecimento jornalístico e história.** IN: BENETTI, Marcia e FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; FERRAREZI, Ludmila. **O sujeito e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico.** IN: ROMÃO, Lucília Mari Sousa; GASPAR, Nádea Regina. **Discursos midiáticos:** sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

SANTOS NETO, Helena Iracy Cerquiz. **Análise discursiva da construção do sujeito-leitor do programa Ondas da Ciência, do sistema UDESC de rádio educativa.** Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, 2008.

___. **A Escola de Frankfurt na formação do jornalista.** Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2001.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. A memória discursiva do tema trabalho. IN: **Revista do GELNE.** v. 2, n. 2, 2000. p. 1-3.
Endereço eletrônico: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano2_no2_38.pdf>. Data de acesso: 20 nov. 2011.

___. **O arquivo e a construção de memórias:** o caso do apagão. IN: ROMÃO, Lucília Mari Sousa; GASPAR, Nádea Regina. **Discursos midiáticos:** sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

SETEGRAUS. **Dicionário online de português.** Endereço eletrônico: <http://www.dicio.com.br/apagao>. Data de acesso: 12 fev. 2014.

SEVERO, Antunes; MEDEIROS, Ricardo. **Caros ouvintes:** os 60 anos do rádio em Florianópolis. Florianópolis: Insular, 2005.

SILVA, Telma Domingues. **Jornalismo e a divulgação científica.** RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Campinas, UNICAMP, n. 8, março 2002. p. 129-146.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso:** um guia para estudantes de graduação. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

___. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.

TUDORÁDIO.COM. **Pesquisa do IBGE mostra que rádio está em 80% dos lares brasileiros.** 27 set. 2013, 14h58min. Endereço eletrônico:

<http://tudoradio.com/noticias/ver/9852-pesquisa-do-ibge-mostra-que-radio-esta-em-80-dos-lares-brasileiros>. Data de acesso: 2 ago. 2014.

VIZEU, Alfredo. O jornalismo e as "teorias intermediárias": cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso (AD). **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Belo Horizonte, 2-6 set. 2003. Endereço eletrônico: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4427/1/NP2VIZEU.pdf>. Data de acesso: 21 nov. 2011.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

ZUCULOTTO, Valci. Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio. IN: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio.** Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS ANALISADOS

SDR1: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 17h45min, apresentador J. Pacheco.

J. Pacheco: Temos repórter Guararema. Alô, estou na linha com quem?

Voz masculina: Boa tarde Pacheco, boa tarde, Rui. Tais falando com o Zulmar.

J. Pacheco: Fala Zulmar, aonde é que tu tá neste momento, aonde que você está neste momento?

Zulmar: Ó Pacheco, eu estou aqui no no Centro da cidade, aqui no no antigo, nas proximidades daqui do antigo ponto de Biguaçu.

J. Pacheco: Sim.

Zulmar: É aquilo, é aquilo que você falou, quem tá em casa, não saia, não vem pro Centro, porque está um caos aqui só se vê muito aqui é sirene de bombeiros, sirene de polícia, a situação tá crítica, meu irmão.

J. Pacheco: E o trânsito, como é que está neste momento, Zulmar?

Zulmar: O trânsito está mais, ó mais complicado do que qualquer pessoa possa imaginar, o Pacheco.

J. Pacheco: Então a recomendação é a de que as pessoas não transitem pelo Centro da Capital?

Zulmar: Não transitem, porque vim pegar minha neta no colégio e to andando aí nas proximidades da Assembléia estou aqui na aproximação aqui do antigo ponto de Biguaçu, to levando aqui quarenta e cinco minutos pra chegar dali aqui, meu irmão.

J. Pacheco: Meu deus do céu! Valeu, então!

Zulmar: Mas, tá crítico, paradinho, paradinho. Uma boa tarde a todos.

J. Pacheco: Obrigado, muito obrigado. Taí **o nosso repórter ouvinte Guararema** do Centro da cidade trazendo as informações. E se você está no trânsito nos ouvindo por favor ligue pra nós, o 246-0930, pra nos passar essa informação. Na realidade cê não tá passando pra nóis, cê está passando pra todos os nossos ouvintes. Continue ligado que mais informações nós estaremos dando ainda aqui durante toda a noite, durante toda a madrugada, porque, pode ter certeza, se está o caos, vai piorar mais ainda em função é da escuridão e, sem nenhuma, nenhuma energia. Portanto não saia de casa, se você é está em qualquer região, qualquer parte da região metropolitana e precisa dirigir-se à Florianópolis, não vá, não vá porque não há energia e o caos está *(res)* estabelecido. Alô!

Voz masculina: Alô...

J. Pacheco: Oi!

Voz masculina: Oi, Pacheco. Tô te ouvindo aqui da Mauro Ramos parado já há quinze minutos num lugar só sem desligar o carro.

J. Pacheco: Há quinze minutos?

Voz masculina: É...

J. Pacheco: Você está na Mauro Ramos?

Voz masculina: Eu to aqui na frente do Hospital de Caridade.

J. Pacheco: Quem está falando?

Voz masculina: Valmir.

J. Pacheco: Ô Valmir, é, é, me diga uma coisa: é há muitas pessoas caminhando na rua?

Valmir: Muita, muitos. O terminal de ônibus daqui da, do do Instituto de Educação aqui tem uns para não exagerar deve ter umas trezentas pessoas.

J. Pacheco: É mesmo, é?

Valmir: A estrada tá fechada, tomada. Um lado tá livre só tem pessoas esperando o ônibus e do outro lado é carro, três, quatro fila parado.

J. Pacheco: E o trânsito completamente parado?

Valmir: Só parado. Não anda nada, nada, nada.

J. Pacheco: Brigado Valmir.

Valmir: Um abraço.

J. Pacheco: Um abraço, tá aí **o nosso ouvinte repórter Guararema** trazendo informações do blecaute em Florianópolis. Em Florianópolis, blecaute este é que aconteceu é desde o início, não é, da tarde. [...] Portanto economize água, não abra a geladeira, não abra o seu freezer, porque a a energia elétrica só vai ser restabelecida amanhã. É bom que você tenha consciência disso. Cinco horas, quarenta e oito minutos em São José, na região metropolitana.

Vinheta: 100% alegria, 100% emoção, a Rádio Guararema é 100% você.

SDR2: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 17h45min, apresentador J. Pacheco.

J. Pacheco: Meu querido ouvinte de Florianópolis, de todos os bairros de Florianópolis, é fundamental que você economize água neste momento em função de que o restabelecimento, não é, é do abastecimento dar-se-á de 15 a 18h após o restabelecimento da energia. É muito importante isso. Tem ouvinte na linha, alô! Ouvinte repórter Guararema alô!

Voz masculina: Boa tarde.

J. Pacheco: Quem é?

Voz masculina: É o David Corrêa, de Biguaçu.

J. Pacheco: Pois não, seu David.

David Corrêa: É o seguinte, a minha reclamação, a minha indignação é contra o Besc...

J. Pacheco interrompe: Querido, nós estamos agora com o problema da Casan no ar, nós, aliás, desculpe, com a falta de energia elétrica em Florianópolis que está um caos! Está um blecaute em função dessa queda de energia. Eu quero pedir a sua compreensão e a gente podia conversar amanhã, tá bom querido?

David Corrêa: Tá bom, nego.

J. Pacheco: Um abraço, David. Obrigada por ter ligado, é o meu querido ouvinte é da Hora do Indignado. Ã? Muito bem. Mais informações em seguida. Agora cinco horas e cinquenta e sete minutos em São José, na Região Metropolitana.

Comercial

Vinheta: Rádio Guararema, jornalismo comunitário, 100% local

J. Pacheco: Muito bem, cinco horas, cinquenta e nove minutos, repórter Tony Borges!

SDR3: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 18h, apresentador J. Pacheco.

J. Pacheco: Tem ouvinte, alô!

Voz masculina: Alô.

J. Pacheco: Boa noite.

Voz masculina: Boa noite.

J. Pacheco: Pois não?

Voz masculina: Mano, eu to querendo ir trabalhar, eu trabalho na Transol, eu fui pelo Rio Tavares, não dá pra ir, to na Lagoa agora, sentido Centro-Lagoa, daqui eu to vendo, tá uma fila infernal.

J. Pacheco: Meu Deus! Quem está falando?

Voz masculina: Edvaldo Kleis.

J. Pacheco: O Edvaldo, cê tá aonde nesse momento?

Edvaldo Kleis: Eu to saindo aqui da Usil antiga, chegando na Lagoa.

J. Pacheco: Chegando na Lagoa? Certo.

Edvaldo Kleis: Só vou tirar um pouquinho porque tem um polícia, só um segundinho.

J. Pacheco: Perfeito, perfeito então o Edvaldo nosso ouvinte repórter Guararema, é trazendo a informação...

Edvaldo Kleis: Alô!

J. Pacheco: Pode falar!

Edvaldo Kleis: É que tem um guarda ali. Sentido, sentido Barra tá uma fila enorme. Sentido Centro até que tá aqui na Lagoa uma fila normal.

J. Pacheco: Mais tranquilo.
Edvaldo Kleis: Mais tranquilo, agora no Rio Tavares não dá, fiquei trinta e cinco minutos parado e tive que retornar porque eu pego agora às sete horas.

J. Pacheco: Certo.

Edvaldo Kleis: E tá, não sei se vou conseguir chegar pra trabalhar.

J. Pacheco: Você ficou, está trinta e cinco minutos na fila, então?

Edvaldo Kleis: Ali no Rio Tavares, agora voltei pela Lagoa.

J. Pacheco: No Rio Tavares?

Edvaldo Kleis: É, aqui pela Lagoa eu consegui passar.

J. Pacheco.: Tá.

Edvaldo Kleis: Entendeu? Quinze minutos, passei.

J. Pacheco: Valeu, querido!

Edvaldo Kleis: Falou, amigo!

J. Pacheco: Obrigado, meu irmão, obrigado. Taí o nosso ouvinte repórter Guararema trazendo a informação. E de onde você estiver, em qualquer local, qualquer local da Ilha, não é, é da nossa querida Ilha Capital que você tenha alguma situação aí, é, que você possa colocar pra nós, liga no 246-0930, nós estamos com o Capitão Ferreira. Vamos, é, na linha com o Capitão é Ferreira pra nos trazer mais informações é sobre este caos que se estabeleceu em Florianópolis em função do blecaute. Boa noite, Capitão Ferreira! Vamos, é, na linha com o Capitão é Ferreira pra nos trazer mais informações é sobre este caos que se estabeleceu em Florianópolis em função do blecaute. Boa noite, Capitão Ferreira!

Capitão Ferreira: Boa noite!

J. Pacheco: Qual é a situação neste momento, qual é a preocupação da Polícia Militar com relação à segurança e o aconselhamento à população?

Capitão Ferreira: Tá, o aconselhamento é que o trânsito na ponte ainda está muito lento,

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: Tá com muita dificuldade,

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: Então se as pessoas puderem aguardar em outro local, esperar um pouco mais, não ir pra fila, para não tumultuar mais do que já tá,

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: É interessante.

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: Quanto à segurança, a Polícia Militar vai intensificar a segurança, principalmente no Centro da cidade,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Capitão Ferreira: Com o policiamento à pé, o reforço do policiamento à pé,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Capitão Ferreira: E também utilizará algumas viaturas do Batalhão das Operações Especiais,

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: Em pontos estratégicos como o calçadão da Felipe Schmidt,

J. Pacheco: Certo.

Capitão Ferreira: O Largo da Alfândega,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Capitão Ferreira: A praça XV de Novembro e outros pontos, né, que a gente acha...

J. Pacheco: Agora Capitão,

Capitão Ferreira: Que precisa.

J. Pacheco: É uma situação completamente *sui generis*, né? Porque é, a Capital vai estar completamente sem energia, sem nenhum tipo de iluminação e há há até uma possibilidade até do aumento da delinquência em função da é do dos aproveitadores deste momento, mas a Polícia Militar estará ligada!

Capitão Ferreira: Olha, estaremos, né? Também não ar aqui o Copom vai tá trabalhando através de telefones e de rádios HTs, né?

J. Pacheco: Sim, senhor.

Capitão Ferreira: Coligados com as viaturas, vai tentar de certa forma atender as ocorrências que aparecerem.

J. Pacheco: Perfeito.

Capitão Ferreira: Dentro de uma demanda natural.
J. Pacheco: Claro, claro.

Capitão Ferreira: É importante que a população se conscientize disso, não saia de casa,

J. Pacheco: Pois é, essa é...

Capitão Ferreira: Tá tudo escuro, **fique** em casa, compreenda a sua casa, **fique** trancado, o mais trancado possível, né?

J. Pacheco: Perfeito.

Capitão Ferreira: Até pra **pra sua própria** segurança, né?

J. Pacheco: É essa...

Capitão Ferreira: Não colocar em risco **a sua própria** segurança.

J. Pacheco: Essa recomendação é fundamental, né, Capitão?

Capitão Ferreira: É fundamental, entende? Não frequentar bares, evitar, é nesse momento, nessa situação difícil,

J. Pacheco: Sim.

Capitão Ferreira: De agravar a situação, né?

J. Pacheco: Claro, claro.

Capitão Ferreira: Fique dentro da sua casa, vá cuidar da sua família...

J. Pacheco: Perfeito, perfeito. Capitão, eu quero nos colocar aqui à sua disposição aqui na Rádio Guararema qualquer informação que for necessária dar à comunidade nós estaremos aqui à disposição da Polícia Militar. Um grande abraço e boa noite, Capitão.

Capitão Ferreira: Boa noite.

SDR4: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco.

J. Pacheco: Seis horas, quarenta e cinco minutos, é o nosso repórter-ouvinte Guararema, trazendo a informação pra você, aliás, você de onde estiver, de qualquer localidade de Florianópolis, de qualquer bairro, liga pra nós, dê a sua informação, é muito importante, e sempre lembrando, gente: não saia de casa, você que está em Florianópolis, se não precisar sair de casa, não saia, porque não funciona nada absolutamente nada, nada está funcionando; os semáforos desligados, é, bares não funcionarão, é importante que você fique em casa, recomendação inclusive das autoridades de segurança. Tem ouvinte, alô!

Voz masculina: É, boa noite, Pacheco.

J. Pacheco: Boa noite.

Voz masculina: É o Campos, tudo bem?

J. Pacheco: Como vai, tudo bem?

Campos: Tudo tranquilo?

J. Pacheco: Tudo, não muito tranquilo em função dessa... Desse caos, né?

Campos: É, realmente isso que eu queria falar com você. Quer dizer, nós temos, como florianopolitanos,

J. Pacheco: Sim.

Campos: E como município da Grande Florianópolis, tirar proveito no bom sentido disso daí, entende?

J. Pacheco: Certo.

Campos: É, tá entendo?

J. Pacheco: Sim.

Campos: É uma crítica construtiva, mas nós tem-, nós como cidadão daqui de Florianópolis,

J. Pacheco: Sim.

Campos: Nós temos que ver que não é só o blecaute em si, entende?.

J. Pacheco: Sim.

Campos: São as consequências de tudo isso, concorda?

J. Pacheco: Claro, claro.

Campos: É o hospital, que vai tudo. Então, cê lembra muito bem, nós vamos fazer uma analogia como por exemplo com a Casan. Uma vez queimou o motor, mas o motor de reserva tava com problema, entende?

J. Pacheco: Lembro.

Campos: Então, cê, daqui pra frente, nós temos que pensar que essas duas pontes já não comportam mais todo esse trânsito, concorda comigo?

J. Pacheco: É verdade.

Campos: Tem que se pensar já em uma ponte, daqui inclusive de Barreiros, Biguaçu, já pra sair ali na, na

J. Pacheco: É verdade. Ah, que se começar a projetar o futuro!

Campos: Exatamente.

J. Pacheco: É verdade.

Campos: Planejar já pro Morro dos Cavalo, uma ponte pra sair lá por quem vem pra Florianópolis já sair pelo sul da Ilha, compreendeu?

J. Pacheco: Concordo com você.

Campos: Igual o Japão fez, entende?

J. Pacheco: Perfeito.

Campos: Quer dizer, então, aí eu tava até acompanhando a sua reportagem aí porque eu trabalhei anos na Eletrosul, trabalhei na Copel,

J. Pacheco: Claro.

Campos: Então de energia eu entendo um pouquinho.

J. Pacheco: Claro.

Campos: Não é baixa tensão, entende? É alta tensão!

J. Pacheco: É alta tensão, né?

Campos: Que leva pra pra Ilha, entende?

J. Pacheco: É porque...

Campos: É isso aí que tá comprometido, entendeu?

J. Pacheco: Porque o próprio diretor técnico da Celesc chamou é... é Eu não entendo absolutamente nada de energia, ele falou em "fios de baixa tensão", mas não deve ser baixa tensão.

Campos: Não, não, não. Não porque a Ilha não é alimentada por baixa tensão. Quer dizer, é igual a água, nós podemos fazer um comparativo com a água, quer dizer, um caninho de ¾ não vai suportar a Ilha.

J. Pacheco: Perfeito.

Campos: Tem que ser aquele cano, então assim, ó, é uma energia, a baixa tensão não vai alimentar a Ilha, o que vai alimentar é a alta tensão. Não é? Porque...

J. Pacheco: Valeu, meu caro!

Campos: É comum, entende? Mas, nesse sentido, o Pacheco, você que é uma pessoa que tem o seu programa aí, que sou um ouvinte assíduo,

J. Pacheco: Obrigado.

Campos: Você sabe que eu de vez em quando eu ligo pra você,

J. Pacheco: Obrigado.

Campos: Nós temos realmente que começar a pensar e... e...

J. Pacheco: Projetando para o futuro!

Campos: Exatamente! Porque inclusive você imagina se agora nós tivéssemos barcos,

J. Pacheco: É...

Campos: Que transportasse o pessoal,

J. Pacheco: Transporte marítimo, é verdade.

Campos: Mas, tá toda Ilha parada,

J. Pacheco: Valeu, Campos!

Campos: Tá, ok?

J. Pacheco: Eu agradeço.

Campos: Foi só no objetivo de ajudar e,

J. Pacheco: Claro, com certeza.

Campos: E prever e eu, eu imagino agora passar três, não é um cabo só não, Pacheco.

J. Pacheco: São vários, né?

Campos: Não, não é que são vários, porque na baixa tensão são quatro, o neutro, né? No caso aí da alta tensão, tem o, tem o cabo terra que é só pra descarga (incompreensível), mas são três cabos,

J. Pacheco: Claro, claro.

Campos: Mas, são três cabos de energia, compreendeu?

J. Pacheco: Certo.

Campos: Não se diz só um cabo, são três, cê imagina que esses cabos são pesados, cê entende?

J. Pacheco: Claro.

Campos: Passar todo esse cabo, todo esse trajeto, isso vai, vai hoje, vai amanhã e talvez ainda vai lá pra sexta,

J. Pacheco: Ok, Campos,

Campos: Entendeu?

J. Pacheco: Obrigado querido!

Campos: Um abraço.

J. Pacheco: Um abraço, obrigado pelo carinho! Seis horas, quarenta e oito minutos, é a Rádio Guararema na cobertura do blecaute na capital, passando todas as informações pra você e meu caro ouvinte repórter, liga pra nós, cê que está em qualquer canto aí, você que está em qualquer localidade de Florianópolis e tem algum tipo de informação que queira nos passar ou qualquer dúvida que queira tirar, ligue pra nós o 246-0930. Tem ouvinte, alô!

Voz feminina: Ba-ba-boa tarde, J. Pacheco!

J. Pacheco: Boa tarde-noite!

Voz feminina: Ba-boa noite!

J. Pacheco: Pois não?

Voz feminina: Eu ah... aqui é a Andrea, da Palhoça. J. Pacheco essa pessoa que tava mexendo com o liquinho morreu, não?

J. Pacheco: Não, não. Graças a Deus, não.

Andrea: Mas, que sorte que esse home teve, Meus Deus

J. Pacheco: É verdade!

Andrea: Do Céu! Com esse estrago todo!

J. Pacheco: É verdade! É verdade! Mas, Graças a Deus, pelas informações que nós temos, não aconteceu nada com ele.

Andrea: Ah, tá bom! Porque eu disse eu vou... eu não escutei nada...

J. Pacheco: Não, graças a Deus!

Andrea: Eu fiquei preocupada! Graças a Deus! Graças a Deus!

J. Pacheco: Tá bom? Obrigado, querida!

Andrea: Obrigada, desculpa!

J. Pacheco: Um beijo, imagina! Seis horas, quarenta e nove minutos! É a Rádio Guararema, é a Rádio Guararema com as informações do blecaute na Capital. Realmente a Ilha vai ficar completamente às escuras na noite de hoje, há uma previsão de que amanhã a energia elétrica esteja restabelecida, é... Decretado ponto facultativo em Florianópolis, a prefeita está em São Paulo, aonde foi pra receber um prêmio é de qualidade de vida por Florianópolis, ela tentou voltar, mas não conseguiu, é... não conseguiu um voo, não é? E quem está no comando de todas as operações em nível do município é o Secretário de Obras, Francisco de Assis é Filho. Tem ouvinte, alô?

Voz feminina: Alô?

J. Pacheco: Boa noite!

Voz feminina: Boa noite!

J. Pacheco: Pois, não?

Voz feminina: É Janete que tá falando.

J. Pacheco: Sim?

Janete: Seguinte, eu tenho que pegar a ponte, pra ir pro pro bairro Coqueiros,

J. Pacheco: Tem, querida.

Janete: Eu queria saber se aguardo mais um pouco...

J. Pacheco: É, seria interessante aguardar mais um pouco porque a situação tá muito complicada, o trânsito está caótico, não é? E se você é é aguardar mais um pouco, será melhor.

Janete: Me diz, mas eles não vão fechar a a

J. Pacheco: Não, não.

Janete: A ponte agora?

J. Pacheco: Não.

Janete: Ah, então tá ok. Muito obrigada e boa noite.

J. Pacheco: Tá bom, querida? Boa noite. Taí as inf, as nossas informações, o ouvinte ligando pra cá e nós estamos tentando contato com a prefeita Ângela Amin, não é? Que está em São Paulo, pra gente colocá-la no ar, não é? Pra gente colocá-la no ar e, e, pra pra saber, não é? A avaliação que a prefeita faz de toda essa situação, as providências a serem tomadas, né, a preocupação, enfim, todas as informações com a prefeita Ângela Amin, que está em São Paulo. E nós estamos, oi? O Tony está na linha com mais informações. Repórter Tony Borges!

SDR5: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 10h45min, apresentador Mário Motta (Décima parte blecaute)

Mário Motta: Agora são dez horas e quarenta e sete minutos, dez e quarenta e sete, outras informações que vão desfilando por aqui, Secretário Manuel Américo de Barros Filho, Secretário Municipal da Saúde de Florianópolis, está na linha. Doutor Manuel, funcionamento dos postos de saúde e de outras unidades ligadas a sua secretaria, também suspensos hoje secretário? Bom dia.

Manuel Américo: Bom dia, Mário Motta. Você sabe que por determinação da Coordenação de Saúde, **todos os nossos técnicos têm que estar sintonizado na CBN**, né? Você agora virou um **elo de ligação entre nós, é o elo que nos tira da idade média.**

SDR6: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 11h30min, apresentador Mário Motta (Décima primeira parte blecaute)

Mário Motta: Onze horas e trinta e três minutos, onze e trinta e três. [...] Informações do Fabiano Linhares, que está pela cidade, que esteve na madrugada praticamente toda ao lado do Luiz Gonzaga aqui nos estúdios, acionando nossos repórteres. Continua a Pedro Ivo Campos com apenas uma faixa de rolamento, João da Bega, o João da Bega, ex-vereador, João da Bega está neste momento acaba de passar pelo túnel Antonieta de Barros, e diz que se sentiu mal dentro do túnel em função possivelmente, do monóxido de carbono. Eu não sei se ele estava com a janela do carro aberta, porque a passagem.

Roberto Alves: O túnel está liberado apenas uma pista, né.

Mário Motta: Mas tá liberado, evidente.

Roberto Alves: Até para ajudar um pouco o trânsito ali.

Mário Motta: É, eu acho que a polícia poderia a partir dessa informação do ex-vereador João da Bega, verificar se realmente, ele tá na linha? Ah, ok. Achei que fosse simplesmente o registro do que foi colocado aqui. É, vereador, ex-vereador João da Bega, como vai? Bom dia.

João da Bega: Oi Mário, não é ex, é vereador mesmo.

Mário Motta: Ah, desculpe, desculpe. É o excesso de informação aqui, vereador. O senhor a de convir conosco.

João da Bega: Certo.

Mário Motta: Vamos lá, o senhor acabou de passar pelo túnel?

João da Bega: É, faz uns 30, 40 minutos. Eu estava tentando ligar, mas não consegui porque eu estou acostumado a transitar pelo túnel e nunca tive nenhum problema.

Mário Motta: O senhor, bom.

João da Bega: Hoje eu senti um mal-estar que (falha na ligação), de ter que parar o carro e tal. Só não parei para não provocar um acidente, mas me senti mal. E ai acabei tendo que botar mais velocidade para sair rápido, né.

Mário Motta: O senhor, em que sentido o senhor estava usando o túnel?

João da Bega: Eu estava vindo do continente para a ilha, fui passar no sentido centro saco dos limões.

Mário Motta: Centro, Saco dos Limões.

João da Bega: Porque o outro túnel de Saco dos Limões ao centro está fechado, né.

Mário Motta: Sim, apenas metade das pistas estão abertas no sentido centro da cidade – Sul da Ilha, não é isso?

João da Bega: É, Sul da Ilha, estão abertas. Mas eu só me preocupei e **achei que deveria fazer esse registro porque (falha na ligação) é bom até que a própria Polícia Militar previna e que tenha (falha na ligação) se previna, porque de uma hora para a outra pode sentir o mesmo mal estar que eu senti.** Alô.

Mário Motta: Pois não, vereador João da Bega muito obrigado pela sua participação.

SDR7: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, perto das 12h, apresentador Roberto Alves (Décima primeira parte blecaute)

Roberto Alves: Obrigado Mário. 11h56min, vamos conversar com o Secretário Estadual de Administração Marcos Vieira, que já participou algumas vezes da nossa cobertura e sempre traz algum subsídio a mais, algum detalhe a mais para esclarecer ao público e tudo aquilo que está acontecendo. Secretário, bom dia.

Marcos Vieira: Bom dia, eu quero já de início cumprimentar toda a estrutura da CBN Diário por esta cobertura fantástica no sentido de auxiliar toda a comunidade catarinense em razão do acidente ocorrido na tarde de ontem.

Roberto Alves: Secretário, como está acontecendo o dia hoje no funcionalismo público, hein? Qual é a informação mais recente?

Marcos Vieira: O governador do estado decretou ponto facultativo em todo o município de Florianópolis e todos os órgãos estão, é claro, fechados, né. Mas a razão de eu estar conversando com vocês é no sentido de fazer um apelo, e ai em cima de uma colocação que o Mário Motta fez hoje pela manhã muito pertinente, sabe. De que em razão da volta da luz, que deve ocorrer por volta de 18h à 20h, naturalmente haverá uma sobrecarga porque a maioria dos alimentos elétricos estão ligados, né. E em razão dessa sobrecarga pode ocorrer a queima de alguns equipamentos. Então, o Mário Motta solicitou para que todos os desligassem os disjuntores das suas casas. E é em cima exatamente deste apelo que o Mário Motta fez, que **eu quero também fazer um apelo a todos os diretores de administração, os gerentes de administração, que zeladores dos prédios públicos aqui de Florianópolis, das repartições públicas estaduais, para que se dirijam aos seus respectivos locais de trabalho e também providenciem o desligamento dos, desses disjuntores, no sentido de fazer com que ao voltar a luz nós não tenhamos ai queima de equipamentos, como por exemplo, computadores, que são centenas de computadores instalados nas mais diversas, nos mais diversos órgãos públicos.**

Roberto Alves: Secretário.

Marcos Vieira: Pois, não.

Roberto Alves: A poucos instantes alguém questionou aqui pelo telefone da CBN Diário a respeito de, da parte continental da cidade, o Estreito, onde o problema não atingiu, não foi atingida a localidade. Nós temos lá, por exemplo, computadores que estão na parede mas estão desligados e a energia está normal. Também deveriam estes tirar da tomada, porque a sobrecarga pode ser violenta e atingir também a subestação do continente, ou não?

Marcos Vieira: Olha, sempre é bom a gente ter essa precaução, né. Porque um equipamento deste custa caro, né. E é claro que nós não desejamos ter mais prejuízo, dar mais prejuízo aos estado, mais prejuízo aos contribuintes. Então, todas as precauções são necessárias e se fazem pertinentes. Mas, principalmente aqui na Ilha é muito importante para que todos esses servidores que zelam, que são os zeladores dos prédios públicos, que retornem aos locais de trabalho e tomam essa providência, no sentido de desligarem esses disjuntores. Muitos elevadores ficaram no meio de andares, imagina. De repente volta a luz, volta tudo a funcionar automaticamente.

Roberto Alves: Secretário, essa sua preocupação, em que outros secretários, gerentes e diretores de repartição venham a repartição para dar uma geral, acho isso extraordinariamente pertinente, porque tratar do patrimônio do poder público, né.

Marcos Vieira: Aliás, é obrigação do servidor público cuidar do patrimônio público.

Roberto Alves: Perfeito.

Marcos Vieira: Isso já é constitucional. É obrigação nossa cuidar. **Então, eu faço esse apelo a todos os servidores, todos os gerentes de administração, diretores de administração, gerentes de informática.** Porque você imagina um servidor deste que trabalha em rede com outros computadores, custa no mínimo cinquenta, sessenta mil reais, e se queimar um equipamento deste, além de fazer parar o serviço de uma secretaria, vai levar mais trinta ou sessenta dias para comprar outro novo.

Roberto Alves: É verdade.

Marcos Vieira: **Então é um apelo que eu faço a todos e que também procurem ficar no local de trabalho até por volta de 20h, 21h, quando haverá o retorno da energia** para que possam aos poucos, aos poucos, religarem os disjuntores e ai sim colocar nos devidos níveis os elevadores, verificar quais os computadores que ficaram ligados, lâmpadas ligadas e desligar, as geladeiras, freezers, enfim, tudo quanto é equipamento elétrico procurar desligar através dos disjuntores e com a volta da energia, correr andar por andar, ou ambiente de trabalho, sala por sala e ai fazer a regularização de cada um desses equipamentos. E gostaria também que a própria CBN, se pudesse, ao longo deste dia, também relembrar a população dessa sugestão do Mário Motta, bem como reproduzir esta mensagem que estou dando no seguinte sentido que cada um vá ao local de trabalho. Até porque, evidentemente, todos estão nesse momento por certo escutando a CBN. Mas se nós transmitirmos isso de meia em meia hora ou de uma em uma hora, é por certo todos tomarão conhecimento e se dirigirão para cada um dos seus locais de trabalho.

SDR8: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 20h30min, apresentadores Paulo Branque, Rodrigo Faraco e Marcio Martins (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – décima sétima parte)

Marcio Martins: Agora sim temos Helton Luiz para mais informações. Vamos lá, Helton!

Repórter Helton Luiz: Olha, Marcio Martins, boa noite, a gente tá pretendendo fazer um trabalho um pouco diferente agora nesse período que vai se aproximando a chegada da luz, né? Vou fazer um trabalho um pouco mais de levantar o astral desse pessoal que está aqui na Ilha de Santa Catarina e convivendo com esses problemas. Então, de certa forma eu encontrei um casal aqui, muito simpático por sinal, que tá conversando conosco aqui há um bom tempo, até que a gente fazia a conexão com a CBN, e eles tão caminhando. Há umas duas horas e meia pelas informações que eu obtive que eles estão caminhando e a gente vai conhecer um pouquinho desse pessoal que tá fazendo uma coisa diferente nessa situação. Tem gente que procura é jogar dominó na cara do túnel, tem gente que procura correr, tem gente que procura conversar com os amigos, via telefone, ou mesmo se reunir em algum lugar que ainda tem luz, né? Eu vou conversar aqui com o casal, qual o seu nome?

Voz masculina: Hugo, Hugo Frederico.

Helton Luiz: Hugo, você faz o que?

Hugo Frederico: Eu sou servidor público federal.

Helton Luiz: E o nome aqui da sua esposa?

Voz feminina: Meu nome é Daniela, eu também sou servidora pública federal.

Helton Luiz: Pois é, vocês estão livres de suas responsabilidades no dia de hoje, né?

Hugo Frederico: Hoje sim.

Helton Luiz: Amanhã pode ser que tudo comece novamente, né? E o que que vocês escolheram pra fazer num momento como este, Hugo, num momento em que não tem muito o que fazer, tem que achar alguma alternativa?

Hugo Frederico: Olha, nós revolvemos caminhar um pouco aqui na Beira Mar, embora esteja escuro, né, e a rigor parece que tá um pouco perigoso, mas a gente resolveu apostar na paz de espírito, na tranquilidade, pra liberar um pouco dessa angústia, dessa adrenalina que o pessoal tá aguardando a volta da luz, né, e também bater um papo, porque é nesses momentos que a gente resolve bater um papo, conversar, colocar as conversas em dia, né? Durante a semana a gente não tem tempo, é interessante até observar que essa questão da luz, a ausência da luz ela, ela tira obviamente a responsabilidade um pouco assim das pessoas, não a responsabilidade, mas assim os deveres e, consequentemente, as pessoas ficam mais livre, né? Então a gente tem que aproveitar esses momentos que de uma certa forma é um momento de liberdade.

Helton Luiz: É e você então concorda com ele, então? Aproveitou essa caminhada pra conversar sobre a compra do supermercado, aquele presentinho que vai comprar mais tarde, no mês que vem... Aproveita, né, de certa forma esse tempo livre, né?

Daniela: Não, exatamente. Eu falei pra ele, já é o meu terceiro apagão. Não é a primeira vez que eu passo por isso, eu vim de São Paulo!

Helton Luiz: É o terceiro apagão?!

Daniela: Terceiro apagão!

Helton Luiz: Conta melhor essa história!

Daniela: Eu vim de São Paulo há quatro meses, eu passei por aquele momento do apagão que teve em 2000 e 2001, passei pelo apagão de doze horas lá e é o momento que a gente aproveita porque...

Helton Luiz: Você tá caleijada em apagão!

Daniela: Ah, conversa com os amigos, conversa com os parentes... E faz mais amizades... É um momento bom, até!

Helton Luiz: Então você já está expert em apagão, né?

Daniela: Eu já tenho experiência, eu diria!

Helton Luiz: É, tá certo! E Hugo, você tá convivendo com uma expert em apagão e aí você pode ficar o cara mais tranquilo do mundo!

Hugo Frederico: Não, sem dúvida! Eu to aproveitando aqui a experiência dela, ela me passou todos os truques, como aproveitar o apagão: compramos lanterna com antecedência, velas, né? Antes que o pessoal corresse pro supermercado, mas acho que neste momento a gente tem que manter a tranquilidade e relaxar. Os casais principalmente deveriam aproveitar pra conversar,

Daniela: E aproveitar um pouco!

Hugo Frederico: bater um papo,

Daniela: Namorar...

Hugo Frederico: Porque normalmente as pessoas não conversam em função do estresse, da adrenalina do dia a dia, da falta de tempo que o trabalho consome a vida do homem...

Helton Luiz: E dos, dos, da televisão, você chega em casa, liga a TV não quer saber de conversar...

Hugo Frederico: Não quer saber de conversar, só quer assistir o telejornal, depois a novela, depois isso, depois aquilo, ler um livro... A gente tem que aproveitar pra bater um papo, relaxar... E a gente tá caminhando aqui, queimando umas calorias também... É bom, aproveitar que não tem academia, né?

Helton Luiz: É claro...! Então deixa eu parar de atrapalhar vocês, boa caminhada então, tá?

Hugo Frederico: Obrigado a vocês e um abraço ao pessoal da CBN.

Helton Luiz: Até a volta da luz! E olha aqui ó Marcio Martins, Paulo Branque! E o Rodrigo Faraco! Rapaziada toda, eu volto daqui a pouco porque a gente encontra alguém feliz no escuro também, viu?

Marcio Martins: Valeu, Helton Luiz, vinte minutos para as nove horas, temperatura de vinte graus no Morro da Cruz, Helton Luiz no escurinho da Beira Mar...

[...]

Marcio Martins: E o Diário Catarinense de amanhã vai estar destacando toda essa situação que vive a Capital de Santa Catarina, Capital em crise, decretada a situação de emergência na Ilha de Santa Catarina, a interdição da ponte Colombo Salles, os prejuízos com a falta de luz, todas essas informações amanhã no Diário Catarinense. Vamos continuar movimento a reportagem da CBN Diário e da TV Com, mais uma vez chegando com informações o repórter Helton Luiz! Onde você se encontra neste momento, Helton?

Helton Luiz: Olha, Marcio, eu to aqui no Itacorubi. E aqui uma grande movimentação, não só dos carros, mas também aqui no Rota Lanches que é o nome do barzinho aonde a rapaziada resolveu se encontrar! Eu digo de maneira geral, porque aqui eu observo todas as idades, eu observo crianças, observo jovens, adultos, pessoas de mais idade ainda, idosos, à luz de velas! Coisa romântica, não? É, não, num momento como esse é preciso um pouquinho de romantismo, também. Então é aqui tá todo mundo à luz de velas, aqui, pelo o que eu observo, aqui no Itacorubi, às escuras, claro. Passou agora há pouco um quarteto da Polícia Militar, eu posso dizer assim, de moto, fazendo a ronda, dando uma olhada se tá tudo sob controle, e a gente observa que tá tudo sob controle e o pessoal tá arranjando uma outra maneira de passar o tempo! Uma outra maneira de não pensar na escuridão. E eu vou aproveitar e chegar aqui num

num automóvel que está estacionado, aonde tem um casal e duas crianças, né? E a garotada tá ali, já tá ouvindo a CBN, e tá ali ele com a... Essa espada aí é iluminada, não? Tá ali com um, tá brincando, né? Tem que fazer de outra maneira, né? Tem que brincar, não tem como fazer de outra maneira, né? Qual o seu nome? Boa noite!

Voz masculina: O meu é Felipe Knabben.

Helton Luiz: Felipe, o que você tem a dizer de um apagão geral como esse? Já tinha passado por isso, não?

Felipe Knabenn: Não, não, na minha minha, meus... Nunca tinha passado por isso, mas é uma coisa que ninguém imaginava que ia acontecer, porque pegou todo mundo de surpresa, mas não tem

Helton Luiz: Escapatória, né?

Frederico Knabenn: Não tem escapatória, o negócio é esperar eles resolverem isso e ficar numa boa, né?

Helton Luiz: Como é que foi a primeira noite? Com a criançada, principalmente, muita curiosidade, perguntando na hora de dormir, como você me contava há pouco?

Frederico Knabenn: Ah, sim... Não, é... A curiosidade é grande, é que que com bastante medo e ansioso para que amanhecesse o dia pra voltar ao dia normal, mas... Vamo... Fazer o que, né? É cada um no seu quarto, né?

Helton Luiz: Pois é, qual, qual é o nome da sua esposa? Deixa eu conversar aqui, tá chegando o lanche deles, guarda um pedaço pra mim faz o favor aí... Qual o seu nome, por gentileza? Ah, fala comigo, não tem vergonha não... Tamo tudo no escuro, ninguém vê nada, fala aí! Qual o seu nome?

Voz feminina: Michele.

Helton Luiz: Michele, me diz uma coisa: nesse horário, eu acredito, ou um pouquinho antes você estaria com luz, em casa, cozinhando, né? Fazendo a janta... Tá ganhando uma folga, não tá bom?

Michele: Tá, tá ótimo!

Helton Luiz: E não precisa ficar cozinhando, hoje tem uma folga, tá tranquilo... Sai com o maridão, né? Com as crianças...

Michele: É...

Helton Luiz: Esse é o lado bom, a escuridão não tem...

Michele: Também.

Helton Luiz: Também.

Michele: Só que com criança, ainda mais que eu to com bebê doente, complica, né?

Helton Luiz: Ah, é? Tá um pouquinho doente?

Michele: Tá.

Helton Luiz: É, mas vamos crer que esse prazo novo, de meia noite, realmente a luz apareça e tudo se normalize, né?

Michele: É. Estamos esperando.

Helton Luiz: Enquanto isso, vai aproveitando o lanche aí, viu?

Michele: Vamo...

Helton Luiz: Então, tá, bom apetite pra vocês. Obrigado aí, viu, Felipe?

Felipe Knabenn: Nada...

Helton Luiz: Tá certo... Muito obrigado... Rapaziada... Tem que encontrar uma maneira diferente, né? Tem que encontrar uma maneira diferente de se divertir, um outro carro por aqui... Tá tudo bem?

Voz masculina: Tudo bem...

Helton Luiz: Tudo, qual o seu rádio? Tão ligando, tá ouvindo a CBN? Então aproveita e fala aqui boa noite! Boa noite, boa noite, tudo bom?

Voz masculina: Boa noite...

Helton Luiz: Qual é...

Voz masculina: A família, nós tamo passeando aqui... Meus pais, eu...

Helton Luiz: o... o... Qual é... Me dá o sobrenome então...

Voz masculina: Ah, tá, é Lengerdt. É Lengerdt.

Helton Luiz: Ah, é? Eu não vou pronunciar porque senão eu vou cometer uma gafe, né? Então vamo deixar assim mesmo. Tem que encontrar uma alternativa pra se divertir ou pelo menos pra esquecer esse momento, não é verdade?

Lengerdt: Nós estamo passeando, pra ver a cidade...

Helton Luiz: No escuro mesmo?

Lengerdt: No escuro, legal, pra...

Helton Luiz: Ver algo novo?

Lengerdt: Olha, a gente não vê muito, mas é algo diferente, né? Nunca aconteceu, então tem que aproveitar agora, dar uma passeada...

Helton Luiz: Tá certo. Deixa eu falar com o chefe da família aqui. Tem que falar com o chefe da família porque senão sabe como é que é, se não fala com o chefe da família... Rapidamente aqui, qual é o seu nome? Boa noite!

Voz masculina: É Luttiero Lengerdt.

Helton Luiz: Pois é, seu Luttiero, tem como a ver a cidade, como falou o seu filho agora há pouco, agora?

Luttiero Lengerdt: Não dá pra ver muita coisa não, mas...

Helton Luiz: Também não tem como ficar em casa, né?

Luttiero Lengerdt: Não, em casa também não é bom e nós fomos dar uma volta, pra ver o que que tava passando, as pessoas caminhando na Beira Mar, as pessoas se reunindo, conversando... É um momento importante, acho que interessante,

Helton Luiz: Conversar também é bom, né?

Luttiero Lengerdt: Hoje por exemplo eu saí com a minha sobrinha, coisa que eu nunca tinha feito.

Helton Luiz: Olha aí, tá o lado bom da escuridão!

Luttiero Lengerdt: Então é isso que eu to dizendo, eu disse pra ela: "Olha, teve que faltar luz pra nós poder dar uma passeada junto contigo".

Helton Luiz: Pra poder conversar com a sobrinha.

Luttiero Lengerdt: Isso, é.

Helton Luiz: É o lado bom do blecaute, né?

Luttiero Lengerdt: Se não o povo fica todo na frente da televisão, dia e noite, e não tem mais tempo pra conversar.

Helton Luiz: Ok, muito obrigado. Boa noite, extrapola no horário porque, tá? Pode voltar a meia noite,

Luttiero Lengerdt: Eu vou pra casa já.

Helton Luiz: Então tá bom, boa noite. Muito obrigado. É isso aí, Marcio Martins, Rodrigo Faraco... Taí, eu vou filtrar só o lado bom da coisa, porque meia noite a luz deve ta de volta e a gente vai esperar!

Marcio Martins: É o que todos esperamos, né? E os prazos vão se estendendo, nós tínhamos inicialmente o prazo de oito horas da noite, depois passou pras onze e agora a previsão é a de que meia noite seja restabelecido o fornecimento de energia elétrica em parte de Florianópolis, ali na área central, principalmente.

SDR9 Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 20h30min, apresentadores Rodrigo Faraco e Marcio Martins (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – décima sétima parte)

Márcio Martins: Tá certo, as informações do repórter Fabiano Linhares e nós continuamos movimentando a reportagem da CBN e da TV Com... Helton Luiz, em algum ponto da cidade trazendo mais informações, diga aí, Helton!

Helton Luiz: O Marcio, agora eu vim pro supermercado, vou passar o carrinho, porque eu to na blitz do supermercado aqui, a senhora vai falar ao vivo pra CBN porque nós estmaos com a transmissão completa desse blecaute e nós estamos procurando alguma coisa diferente porque afinal de contas, não é de todo mal, né? Esse, essa escuridão, né?

Voz feminina: Ahã...

Helton Luiz: Esse apagão, né? E pelo o que eu vejo no seu carrinho...

Voz feminina: Só água!

Helton Luiz: Só água!

Voz feminina: Só água!

Helton Luiz: Mas a senhora tá preparada pra preparada pra uma guerra, pelo o que eu to vendo aí.

Voz feminina: Risos.

Helton Luiz: Qual o seu nome? Boa noite!

Voz feminina: Oi, Mara.

Helton Luiz: Pois, é. Mara, cê tá levando três galões de água aqui. Deixa eu ver quantos litros... Cinco litros. São quinze no total. Bom precisa pra tomar banho, aquela coisa toda?

Mara: Não, é mais é pra escovar os dentes...

Helton Luiz: Mas, com tudo isso?

Mara: O rosto...

Helton Luiz: Haja boca na sua casa! Haja dente também!

Mara: Ah, mas, sim. Esperamos que amanhã chegue a água, né?

Helton Luiz: É, pois é.

Mara: Se não eu vou ter que vim buscar mais água, com certeza.

Helton Luiz: É, não, to brincando. Mas, cê vai levar só, só água mesmo?

Mara: Só água. Não eu só vim buscar água realmente.

Helton Luiz: É?

Mara: Pra passar um paninho no corpo.

Helton Luiz: Porque não tem como, né? A gente se sente mal, também, né?

Mara: É isso... Não, hoje eu já saí, tomei banho, ainda bem, né?

Helton Luiz: O que, o vizinho ou lá pelo Estreito...?

Mara: Não, na Beira Mar mesmo. No meu prédio tinha água até de manhã.

Helton Luiz: Ah... Então salvou vocês!

Mara: Com certeza! A família inteira tomou banho de manhã!

Helton Luiz: E não tem jeito, né?

Mara: Não, e agora de noite é só passar um paninho mesmo pra gente se sentir mais aliviada...

Helton Luiz: Bom,

Mara: Escovar os dentes...

Helton Luiz: Bom, muito bom. Agora, tá pra vir a luz meia noite, pelo menos esta é a previsão.

Mara: Assim...

Helton Luiz: Quando chegar a luz, o que que você vai fazer?

Mara: Eu vou com certeza já estar dormindo, no maior sono.

Helton Luiz: Você não quer nem saber?

Mara: Não, não...

Helton Luiz: Vai logo dormir que...

Mara: Justamente, é uma coisa triste, né? Uma empresa estar parada, seiscentos e poucos funcionários parados, sem trabalhar, gostaria que a luz viesse amanhã, mas, se não vier... Vamos fazer o quê? Vamo chorar?

Helton Luiz: Pede pro anjinho da guarda.

Mara: É, não, com certeza, a gente tá orando pra ele, tá bom?

Helton Luiz: Obrigado, querida, obrigado!

Mara: Tá bom, tchau.

Helton Luiz: Deixa eu continuar com a blitz aqui, porque eu to na blitz do supermercado, eu to aqui no Angeloni, que é um dos supermercados que funcionam hoje, deixa eu correr aqui atrás dessa mulher! Hã! Com licença, dá licença, boa noite... Desculpa, calma. Pode ficar calma!

Voz feminina: Eu to calma! Legal, danou-se...

Helton Luiz: Eu sou da CBN, vamo fazer uma blitz aqui no carrinho do supermercado. Para aqui com o carrinho porque senão eu vou cansar... Quero saber o seguinte, qual o seu nome? Boa noite.

Voz feminina: Márcia.

Helton Luiz: Márcia, pode me dizer...

Márcia: Ela é que fez a compra!

Helton Luiz: Ah, foi ela? Qual o seu nome?

Voz feminina: Magui.

Helton Luiz: Magui, me diz o seguinte. A gente tá aqui fazendo um levantamento total do que as pessoas estão comprando por causa da falta de luz, né? Pelo jeito aqui eu to levando, você tá levando uma água, que é pra não correr nenhum risco, né?

Magui: Mas, coisas que não são de geladeira, e pães.

Helton Luiz: Coisas que não são de geladeira e pães, né. Tem muita fruta... Vocês estão tranquilas, né?

Márcia: Tranquilas.

Helton Luiz: Cê acha que a luz vem hoje mesmo a meia noite?

Magui: Não sei.

Márcia: Não.

Helton Luiz: Cê acha que não por quê?

Márcia: Não. Porque tá todo mundo falando que só a partir de domingo.

Helton Luiz: Não, não, não. Vamo ser otimista, eu vou dar uma nova informação pra você então... Um dos cabos, que é trifásico, já foi ligado. Faltam dois. Então, eu acredito que até a meia noite, no mais tardar de madrugada acho que a luz pode taí.

Márcia: Mas, por que que cê tá falando isso?

Helton Luiz: Porque eu to falando ao vivo com você, vida!

Márcia: Ah, então eu entendi.

Helton Luiz: Você tá falando na CBN!

Márcia: Ah... Na CBN, tá bom.

Helton Luiz: Você achou que eu tava brincando...

Márcia: Sim.

Helton Luiz: Ah, não, to não... Cê achou também, Magui?

Magui: Não, achei. E na Lagoa, vai chegar?

Helton Luiz: Olha, na Lag- aí primeiro é a parte central, né.

Magui: Mentira!

Helton Luiz: Eu vou explicar pra você. Primeiro é a parte central e aí depois, né, é a outra parte que compreende as praias, né, norte e sul da Ilha. Mas, que nada. Vocês estão bem nutridas, tá tudo tranquilo, vamos esperar que a luz venha, não é?

Márcia: isso mesmo.

Helton Luiz: Então, tá. Obrigado Marcia, obrigado vocês! Tá aqui, a gente tá na frente do supermercado esperando pra ver o que que o povo tá levando pra casa. A movimentação é muito grande por aqui, Marcio Martins, aonde a gente se encontra, é, não só aqui, mas também no posto de gasolina ao lado, que afinal de contas o pessoal tá procurando abastecer os carros também, porque, é claro, fica naquele ponto de interrogação. São, uma, inúmeras informações que chegam com relação à questão da, a questão da energia elétrica. Então o pessoal fica na dúvida, aproveita já vai levando galões de água pra todos os lados, vem e abastece o carro... Estão se prevenindo caso alguma coisa aconteça e a luz chegue um pouquinho mais tarde do que o previsto. Informações deste blecaute e do que vem fazendo a população. Repórter Helton Luiz.

Marcio Martins: Ok. E aí a movimentação do repórter Helton Luiz. É, nesta movimentação da reportagem da equipe da CBN Diário, TV Com, há mais de trinta e duas horas sem luz em Florianópolis.

SDR11: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 20h20min, apresentador Carlos Eduardo Lino, Paulo Branque, Rodrigo Faraco e Marcio Martins (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – décima sexta parte 2)

Paulo Branque – Oito horas, dezoito minutos, temperatura de vinte graus no Morro da Cruz, e, como as pessoas se comportam saindo da normalidade num momento como essa, trinta horas sem energia elétrica, começa a faltar água, os alimentos começam a estragar, as pessoas estão sozinhas, enfim, qual a reação das pessoas nesse momento, o que elas devem fazer? Vamos conversar com a psicóloga Paula Kalafataz para saber o que ela tem a dizer aí até a orientar os nossos ouvintes. Paula, boa noite!

Paula Kalafataz – Boa noite!

Paulo Branque: Alô, Paula!

Paula Kalafataz: Alô, boa noite!

Paulo Branque: O Paula, é, o que que acontece com as pessoas num momento como esse?

Paula Kalafataz: Ó, é uma questão bastante delicada, já que foi um acidente, foi uma coisa que envolve não só a falta de energia elétrica, mas todo o transtorno que causa a falta da energia elétrica e isso realmente, esse imprevisto é uma questão difícil da gente lidar. Agora o importante salientar é desesperar mais não dá certo, não vai adiantar. Né... Existem algumas situações, eu acho que as pessoas já tentaram dentro do possível se organizar e acho que é o momento, né, pra gente trabalhar um pouco com a brincadeira em relação a isso. Eu fiquei conversando com alguns pacientes ontem mesmo sem eletricidade, e o que eu pude notar é que algumas brincadeiras surgiram, né, dentro com os familiares, com os casais... É, alguns casais conseguiram, com a falta de luz, é, namorarem, reviverem, conversaram bastante, a família se reuniu à mesa, a família conseguiu, é, é, trabalham algumas questões é... De como poderia ajudar a auxiliar neste momento que não existe uma previsão exata, né? Da volta do retorno da luz, enfim, é eu acho que as pessoas poderiam estar pensando agora é uma maneira de se divertir, brincar até que cabra cega, me lembra um pouco a infância isso, reviver, ficar um pouco mais tranquilo... Acho que é por aí, acho que a gente poderia pensar um pouco mais na brincadeira. No-no-no próprio espírito, né? Que cada um tem.

Paulo Branque: O Paula, o que você está dizendo é que o escuro por um lado nos traz medo, mas por outro também pode acentuar a nossa libido?

Paula Kalafataz: Examente, com certeza. Eu acho que trabalha muito com a questão do sentir, né? E é um momento ideal pra gente voltar um pouco às brincadeiras, ao namoro, a reviver um pouco isso, a um momento gostoso de fazer determinadas brincadeiras que a gente até, até pela

condição do dia a dia não nos permitimos. Então, como existe essa possibilidade no momento, que todos estão é de alguma maneira sofrendo com tudo isso, brinquem um pouco, uns jogam bola, outros fazer brincadeira de imagem, mesmo no escuro, porque através do toque você pode fazer essa brincadeira. Brincar de esconde esconde, por quê não? Né? Então reviver um pouquinho o lado pra trabalhar essa dificuldade em ter que, em criar a expectativa de que a luz venha e tudo se normalize, né? Acho que todos nós temos a capacidade no momento de sobreviver a qualquer coisa.

Paulo Branque: E quem está meio sozinho e não tem essa opção de fazer brincadeiras com outras pessoas e fica paralisado diante do escuro, diante de uma situação como essa, qual é a orientação?

Paula Kalafataz: Olha, uma das coisas, se existe a possibilidade do telefone estar funcionando, eu inclusive estou com uma mãe, minha mãe está nessa situação, né? Está sozinha nesse momento também no Centro da cidade, sem luz. Então, se existe a possibilidade do telefone, né, conversar, entrar estar sempre ligado no telefone, falar com parentes, ocupar o tempo através das ligações. Se por acaso essa pessoa não tiver esse acesso por algum motivo também decorrente deste problema, é, pensar no problema, nas coisas que a escuridão, enfim, o isolamento, o medo lhe traz, é uma maneira bastante ruim para ser vivida neste momento, porque, porque já não tem solução, né? Então, eu acho que uma pessoa neste momento pode lembrar-se dos momentos bons que ela tenha passado com o seu cônjuge, com os familiares, pegar lembranças positivas pra ela. Eu acho que seria porque não dá pra ler agora à noite, né? Quem sabe caminhar um pouco perto, visitar o vizinho... Eu acho que esse lado é de tentar compartilhar um pouco com as outras pessoas à volta dela, também pode ser benéfico. Sair um pouco, mesmo que seja ali do lado.

Paulo Branque: A psicóloga Paula Kalafataz. É, você está colocando uma situação, é, para que as pessoas não transformem esse momento de emergência em mais um momento de estresse na vida, né? Porque no ritmo normal já há aquele estresse acumulado que a pessoa ao longo do tempo vai aumentando. Agora uma situação como essa, dependendo de como ela se comporta pode ser um momento para cortar o estresse ou para aumantá-lo, né?

Paula Kalafataz: Exatamente. E pra aumentar, é horrível, né? Porque já estamos horas sem luz, em decorrência disso, além do problema de luz já existem outros problemas envolvidos. É somatizar. É que nem uma bola de neve. É por isso que eu digo, não adianta você ficar, é, é, impotente, paralisado com essa situação, porque, se fosse ajudar, tudo bem, mas, infelizmente não dá. Então, no mínimo acho que você tem que fazer, já que este momento tá difícil não só pras pessoas que estão isoladas, de alguma maneira estão sofrendo, acho que todos nós estamos sofrendo com isso, mas também saber lidar com o imprevisto eu acho muito importante. Saber pensar que existem outros caminhos e soluções que, graças a Deus, daqui a pouco vão ser solucionados. Acho que o positivo atrai isso, os pensamentos, as lembranças boas, o convívio com outra pessoa, seja o vizinho que também está nesta situação, um familiar... Então procure se movimentar, procure ao menos não pensar em coisas ruins que isso não vai adiantar, muito pelo contrário, vai lhe causar maior transtorno dos quais você já tem. Né, então acho que relembrar um pouco as questões boas da infância, da brincadeira, do vizinho, entrar um pouco nessa questão de conviver mesmo com essa dificuldade, mas sabendo que sempre, sempre tem solução. É, todo problema é como uma moeda, tem dois lados. Né, cara ou coroa? Pois é, o negativo e o positivo. Olhe pro positivo nesse momento.

Paulo Branque: Tá Legal! Psicóloga Paula Kalafataz. Muito obrigado pela participação aqui na CBN Diário e na TV Com, boa noite!

Paula Kalafataz: Eu agradeço e parabéns pela cobertura.

Paulo Branque: Obrigado.

Paula Kalafataz: Boa noite...

Paulo Branque: Vinte e quatro minutos para as nove horas, temperatura de vinte graus no Morro da Cruz. Márcio Martins.

SDR12: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 22h15min, apresentadores J. Pacheco e César Souza Jr.

J. Pacheco: Meus Deus do céu, são mais de duzentas mil pessoas neste momento que tão

César Souza Jr.: duzentos e quarenta mil pessoas

J. Pacheco: É, às escuras em Florianópolis. Tem ouvinte, alô?

Voz masculina: Alô, Pacheco.

J. Pacheco: Boa noite!

Voz masculina: Boa noite, amigo.

J. Pacheco: Pois, não?
Voz masculina: Aqui é o Fred, to aqui na Agronômica.

J. Pacheco: Sim, fala amigo.

Fred: Eu queria só lembrar um ponto aí, já aproveitando o gancho do da da segurança,

J. Pacheco: Certo.

Fred: que o câmpus da USP, da UFSC, já tá com falta de segurança normalmente. Agora eu tô bem preocupado com alguma tentativa de roubo ali que o negócio tá feio.

J. Pacheco: É mesmo, é?

Fred: Tem bastante laboratórios com muitos equipamentos ali,

J. Pacheco: Certo.

Fred: Além de ser equipamento caro tem muita coisa perigosa ali.

J. Pacheco: Claro, claro.

Fred: Que no escuro o cara não sabe aonde que tá mexendo pode acontecer algum algum acidente.

J. Pacheco: Muito bem lembrado!

Fred: Então **eu queria pedir para as autoridades aí do da... segurança**

J. Pacheco: Segurança do câmpus...

Fred: **Dá uma atenção pro câmpus da UFSC aí.**

J. Pacheco: Perfeito, muito bem

Fred: Beleza?

J. Pacheco: lembrado e oportuna a sua observação, Fred.

Fred: Tá joia.

J. Pacheco: Obrigado e boa noite, meu irmão!

Fred: Boa noite, amigo.

J. Pacheco: Taí, ó, então aí o reforço de segurança, o pedido de reforço de segurança no câmpus da Universidade Federal em função de que lá existem muitos laboratórios, é, materiais valiosos e outros muito perigosos, não é?, muito perigosos. Tem ouvinte, alô?

SDR13: Rádio Guararema, 29/10/2003, plantão especial, por volta das 20h, apresentador J. Pacheco.

J. Pacheco: O Ednei, e outra coisa, com relação à iluminação dos terminais, há algum tipo de iluminação nos terminais?

Ednei Corvalão (diretor do Núcleo de Transportes da Capital): É, no terminal central, que é o maior de todos, ele tem um gerador.

J. Pacheco: Certo.

Corvalão: E se vocês contarem, ele já tá ligado, tá funcionando, eu acabei de sair do terminal central.

J. Pacheco: Certo.

Corvalão: Não vai haver maiores problemas, mas, nos terminais de bairros, os outros seis terminais, não há gerador e o terminal vai ficar às escuras, **a gente até pede um auxílio da Polícia Militar** pra que ajude no reforço da segurança.

J. Pacheco: Certo.

SDR14: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Seis horas, trinta e cinco minutos. Nós que estamos desde ontem, na tarde de ontem, nossa cobertura sem parar sobre, é, o blecaute que se abateu sobre Florianópolis. As orientações continuam as mesmas, se você não tem o que fazer, é, na cidade, por favor, não saia com o seu veículo, é, a não ser que precise vir para o continente, para tomar um banho, é, enfim, ah, ou algo é com muita urgência. Desligue toda a sua energia, toda a energia da sua residência, pra que acidente não ocorram. É você vai ter que acender velas novamente hoje. Cuidado, muito cuidado, retire-as da proximidade das crianças para que acidentes não ocorram. Tem ouvinte, alô!

Voz masculina: Alô!

J. Pacheco: Boa noite!

Voz masculina: Oi, J.!

J. Pacheco: Pois, não?

Voz masculina: É Valmir, de Palhoça.

J. Pacheco: Pois, não, Valmir.

Valmir: Seguinte, claro que é uma situação complicada, eu não moro na Ilha, mas trabalho aí.

J. Pacheco: Sim.

Valmir: É uma coisa que ninguém quer.

J. Pacheco: Claro.

Valmir: Mas, **eu pergunto pra essa moça**[63] até aonde que o Governador é culpado?

J. Pacheco: Hum?

Valmir: Qual é a culpa do Governador?

J. Pacheco: Não, é, é...

Valmir: Ele é que fez o problema?

J. Pacheco: Não, veja bem, a a...

Valmir: Primeiro, primeiro é que isso não vem desse governo, veio de vários governos!

J. Pacheco: É, é...

Valmir: O que que ele vai fazer hoje?

J. Pacheco: A, a frustração das pessoas eu estou até entendendo, Valmir.

Valmir: Hã?

J. Pacheco: É que o Governador não veio à público para dar uma satisfação, uma palavra de conforto pra comunidade.

Valmir: Mas, o presidente da Celesc, o diretor da Celesc, as pessoas, os técnicos que são competentes, capacitados, estão dando explicação demais até pro povo! O que que eles... Que que o Governador, o Governador não é técnico. Ele vai dizer o que?

J. Pacheco: Certo. Bom, mas você entende, né? As pessoas querem na realidade é conforto, querem uma palavra de carinho. Doutor Gerson, quer até conversar, entrar na conversa também, doutor Gerson?

Gerson Basso: Oi, Valmir! Tudo bem contigo?

Valmir: Tudo bem, doutor?

Gerson Basso: To te conhecendo pela voz aí, Valmir.

Valmir: Ah, pois é!

[63] O ouvite Valmir faz menção à participação imediatamente anterior, de Selma. Ela reclama dos prejuízos causados pela falta de energia elétrica e acusa o Governador do Estado, à época, José Henrique da Silveira, como o responsável pelo acontecimento.

Gerson Basso: A questão é que

Valmir: Eu não tenho nada contra nem a favor, to escutando a Guararema quase direto,

J. Pacheco: Certo.

Gerson Basso: O Valmir, a situação que tem, que tem sido trazida aos nossos microfones da Rádio Guararema é a questão de o Governador, por ser a autoridade maior,

Valmir: Hã...

Gerson Basso: Ele poderia vir a público e deveria vir a público para tranquilizar a população. Ele é a autoridade maior, ele pode dizer se tiver que buscar o cabo na Venezuela, "nós vamos fretar, nós vamos entrar em contato com a FAB", se tiver que entrar em contato com o Ministério, é o Governador que tem que fazê-lo, é esta a questão. Não é a questão de querer culpar, o Valmir, o Governador,

Valmir: O Governador, o Governador... (*tenta interromper, mas não o consegue.)*
Gerson Basso: que ele é culpado por isso. Agora, em última instância, o Estado representado pelo Governador, vai ter que ressarcir sim!

Valmir: Ah, aí... *(fala algo imcompreensível porque Gerson Basso fala em cima).*

Gerson Basso: Porque aí é um caso de imperícia e imprudência.

Valmir: Sabe o que que eu acho? É que o Governador deixou de dar algum apoio com relação à comprar, buscar ou trazer? Claro que não!

Voz masculina: Uhum...

Valmir: Eu não sei, falar, falar do Governador agora vai resolver o que agora?

J. Pacheco: Certo.

Gerson Basso: Vem a público, o Valmir, o que nós estamos dizendo e o que a população tem se mostrado indignada, é que ele poderia via a público, deveria por ser a autoridade maior, vir a público tranquilizar, colocar todas as autoridades do Estado, se algum contato tiver que ser feito ao Ministério é ele quem tem que fazê-lo,

Valmir: Mas, isso não já tá sendo feito? Todos os órgãos competentes envolvidos diretamente...

Gerson Basso: Mas, e porque é que que ele tá com medo de falar com o povo?

Valmir: Mas, eu não sei se ele precisa falar, eu não tenho nada contra nem a favor! Eu acho o seguinte, que quem é que os responsáveis suficientes, técnicos suficientes pra pro problema estão envolvidos. Quer dizer, o Governador também acho que podia dar uma palavra, mas não vai resolver nada!

J. Pacheco: Perfeito, Vamir. Valeu, então!

Valmir: Um abraço!

J. Pacheco: O doutor Francisco quer fazer alguma observação a respeito disso?

Francisco Ferreira: É só pra lembrar o Valmir que, o Valmir, nós entendemos e eu particularmente respeito a tua opinião, mas quero te dizer, Valmir, volto a dizer, aliás, que esta situação de hoje que é de calamidade pública, não é menos importante do que a transferência do Palácio do Governo para a sede do BESC que a todo instante era um Governador de Estado que estava dando informações à população do que estava ocorrendo. Se ele ia ou se não ia, se a teimosia dele ia ser acatada pelo BESC,

Valmir: Ah, tudo bem (*inaudível depois, Francisco Ferreira fala por cima.)*.

Francisco Ferreira: ou não, mas era ele.

Valmir: Acho que tá certo, só que...
Francisco Ferreira: E agora ele preferiu ir abrir os Jogos Abertos.

J. Pacheco: Valeu, Valmir!

Valmir: Um abraço!

SDR15: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 12h50, apresentadores Roberto Alves, Carlos Eduardo Lino, Paulo Britto. (Partes 12 e 13 Blecaute 30-10-03)

Roberto Alves: Doze horas e cinquenta e um minutos. Estamos apresentando Debate Diário. Oferecimento: Hidrau. Cidade Universitária Pedra Branca. União Guarezzi. Amauri. Santa Rita. E Koerich. É, o nosso programa ainda é especial e a cobertura da CBN também. O doutor Eduardo Citôneo, que é diretor técnico da Celesc, um velho companheiro de rádio, que hoje foi chamado para usar o microfone não como gostaria, né?

Eduardo Citôneo: Sem dúvida nenhuma não gostaria dessa maneira, mas ocorreu e...

Roberto Alves: Mas, doutor Eduardo, me permite, Citôneo, se for possível, fica mais.

Eduardo Citôneo: Como me chamam na Celesc é Citôneo mesmo, como me chamam na Celesc.

Roberto Alves: Então tá, Citôneo, qual é a situação de momento, para que a gente possa tranquilizar a semana em relação ao conserto dos cabos, a ponte.

Eduardo Citôneo: Roberto, o conserto dos cabos estão descartados, né. Os consertos dos cabos a Pirelli, até a hora que eu adentrei aqui a televisão, não tinha sido liberado ainda para a Pirelli fazer a vistoria, né. O que eu acho que até meio-dia ainda tinha fogo. Então, o conserto do cabo, desde ontem à noite, nós já sabíamos que não iriamos utilizar os cabos. Por isso que em torno de meia-noite nós começamos a lançar os cabos via aérea. Nós estamos utilizando a passarela da Pedro Ivo Campos, ali nós vamos passar as nossas três fases de cabo de 138nu e eles serão jogados para baixo da passarela e nas duas extremidades da ponte nós vamos fazer esse encabeçamento aéreo, que já estão no lado do continente está muito bem adiantados, até porque a estrutura, a quantidade menor de estrutura. Para o lado da ilha nós temos que fazer uma divisão, ao sair da ponte nós vamos fazer um bifurcação, uma parte vai alimentar a subestação que nós chamamos de ilha-centro, que este em torno de 45% da ilha nessa subestação que fica ali na Beiramar, e ao mesmo tempo nós vamos fazer uma outra divisão levando até próxima, ali a passarela Nego Quirido, ali onde o cabo que é subterrâneo ele sobe numa estrutura e ai encabeça e fica aéreo até a subestação trindade que alimenta ingleses, ilha norte, norte da ilha, entende, uns 50, 60% estaria nessa subestação. Os trabalhos que eram mais demorados, que são a passagem do cabo pela ponte, cuja o encargo ficou com a Eletrosul, que eu gostaria desde já agradecer a pessoa do presidente Milton Mendes, do nosso diretor técnico da Eletrosul Ronaldo, que, olha, eu recebi a comunicação eram meio, doze e quinze mais ou menos, é. Não deu dez minutos o Ronaldo já tinha ligado, colocando toda a Eletrosul a disposição. A Eletrosul está

todinha conosco, essa parte da Eletrosul, que é a mais difícil, os trabalhos estão indo muito bem, muito bem mesmo, que éramos o que nós tínhamos preocupação. Porque esse tipo de trabalho é o primeiro que está sendo feito, o pessoal da Eletrosul trouxe gente do Paraná, do Rio Grande do Sul, que são especialistas em atender ocorrências quando aquelas torres de 230 são derrubadas com o vento. Eles têm uma experiência muito grande, agora nesse tipo ali nenhum deles têm. Mas, com essa tecnologia e com essa capacidade técnica que eles têm, o trabalho deles está indo excelente.

Carlos Eduardo Lino: Qual é o diferencial, é a travessia marítima? O que torna tão especial essa operação?

Eduardo Citôneo: É a maneira como você via lançar os cabos entende. Que se você for lá ver, é muito complicado. Nós vamos lançar umas cruzetas em cima, praticamente, uma cruzeta não, são umas chapas que o Dominc fez, que essas chapas vão sustentar, vai ser amarrado num cabo de aço, ele vai descer, onde vão ficar os isoladores, e no meio de cada isoladores é que vão passar cada fase. A fase primeira são isoladores 138KV, até porque ela tá muito próxima, para evitar.

Paulo Britto: Eduardo, estendeu os cabos em cima do que seria a passarela da ponte.

Eduardo Citôneo: Não é uma passarela, ela vai ser tombada e fica para baixo da passarela numa distância dentro

Paulo Britto: Pois é, mas aquela passarela nunca foi construída, só tem

Eduardo Citôneo: Não, não, uma tem

Paulo Britto: A Pedro Ivo?

Eduardo Citôneo: Não, tem

Paulo Britto: Tem a da Colombo Salles.

Eduardo Citôneo: Não, a do sul.

Paulo Britto: A do sul é a Pedro Ivo, ela não tem.

Carlos Eduardo Lino: Ela tem o acesso, Britto.

Paulo Britto: Ela só tem o esqueleto.

Eduardo Citôneo: Que entra para o outro lado. Nós estamos usando uma, eu só não gostaria de confundir.

Paulo Britto: O que demora, Eduardo, é a obra de engenharia que está sendo feita no lado de cá, junto das garagens náuticas, Roberto.

Eduardo Citôneo: Não, não.

Paulo Britto: Colocando postes, estão colocando postes.

Roberto Alves: Britto, Brito.

Eduardo Citôneo: Não, Britto, aquilo é o mais fácil, porque aquilo é o dia a dia, aquilo é corriqueiro, aquilo não tem problema. Nós podemos ter problema se em algum lugar que nós

tivermos que cavar para colocar alguma estrutura achar alguma rocha, alguma coisa. Senão não tem problema, e nem chovendo, trabalhando a noite, não tem problema porque

Paulo Britto: Mas colocar o poste e...

Eduardo Citôneo: Britto, essa é a área que o pessoal domina e domina bem, tá entendendo.

Paulo Britto: Então o que que é difícil?

Eduardo Citôneo: O difícil é essa passagem que nós estamos fazendo pela ponte, porque é um trabalho que nunca se fez dessa maneira, tá entendendo, nunca se fez dessa maneira.

Paulo Britto: De estender o cabo por cima da ponte?

Eduardo Citôneo: Não é por cima da ponte, ele vai, na passarela ele tem um vão, entre esse vão vai ser amarrado uma chapa, onde vai cair um cabo, né, que vai sustentar a cadeia de isoladores, então os cabos eles vão correr, eles não vão correr horizontalmente, eles vão correr verticalmente, entende. A primeira carreira, que é a maior, porque ela tem que ter uma distância maior daquela parte de proteção ali da passarela, depois fica a cadeia de isoladores 69, que fica no meio.

Paulo Britto: Quantas cadeias de isoladores vão usar ali?

Eduardo Citôneo: Nós, cada uma, estamos usando 2, 4, são em torno de quatro.

Paulo Britto: Vão ficar assim, é isso?

Eduardo Citôneo: Isso. AI pinga e o cabo passa.

Paulo Britto: Problema de ventar?

Eduardo Citôneo: Não, porque a distância entre um isolador é outro é menor para evitar isso.

Roberto Alves: A gente não tem a menor ideia da dificuldade que é um problema desse e como é que se consegue ter energia na cidade, porque é uma ilha, né. A parte da ilha e do continente, quando dá um problema desse é que a gente vai ver a dimensão da coisa, Você acaba de me dizer que o pessoal da Eletrosul tem muito mais especialidades no meio da floresta, por exemplo, naquela redes do que num caso como esse.

Eduardo Citôneo: Tem, tem, é muito mais fácil para eles, embora o tempo de repente seja maior, mas aquilo ali eles dominam. Porque você pode usar helicóptero, dependendo da situação, você pode usar.

Paulo Britto: Roberto e Eduardo, o que se fala e o que se comenta aqui, o hospital tinha uma alternativa para funcionar, a RBS tinha uma alternativa para funcionar, a Celesc não tinha alternativa. Agora está colocando, está colocando, então essa alternativa que está sendo colocada agora para substituir o que foi danificado vai custar mais caro do que se tivesse uma alternativa.

Eduardo Citôneo: Não, não. Porque, primeiro que se tivesse outra alternativa não seria feito daquela maneira, aquela ali é uma maneira emergencial e única.

Paulo Britto: É a mais rápida.

Eduardo Citôneo: A mais rápida. Nós tentamos pela Hercílio Luz, mas está em estado muito precário, o pessoal da Eletrosul, nós estivemos lá acho que dez horas, até dez horas eu tinha definido que nós tomaríamos uma decisão por onde nós passaríamos os cabos. Nós tivemos lá em torno de nove e meia, mas não houve condição. Até porque.

Carlos Eduardo Lino: A primeira intensão era essa?

Eduardo Citôneo: Era mais fácil, era mais fácil.

Roberto Alves: Mas pela ponte não teria condições.

Eduardo Citôneo: Não.

Carlos Eduardo Lino: Mais pela impossibilidade de conservação ou pelo peso?

Eduardo Citôneo: Não sentimos segurança, entende, e nós colocarmos, já estamos com problema...

Carlos Eduardo Lino: E criar outro, né.

Eduardo Citôneo: Vamos lançar os cabos num lugar onde tenha questionamento, duvidosa, isso seria uma loucura.

Roberto Alves: Quando é que a Celesc...

Paulo Britto: Quanto é que vai custar?

Eduardo Citôneo: Não, eu não respondi. Na realidade, Britto, se tivesse outra alternativa ela necessariamente ou teria que passar da mesma maneira que esses cabos estão, só que pela outra ponte, ou nós temos o que já

Paulo Britto: Subterrâneo.

Eduardo Citôneo: É, subterrâneo, ou submarino ou aéreo. Aéreo porque tem determinado momento que para o lado sul tem uma ilha. Eu morei 16 anos em Florianópolis, mas eu não de nome não, tem uma ilha onde nós poderíamos

Carlos Eduardo Lino: Da Xuxa, ali?

Eduardo Citôneo: Nós poderíamos.

Carlos Eduardo Lino: Na frente do veleiros, ali.

Paulo Britto: Não, lá no...

Eduardo Citôneo: Não, mais para frente.

Carlos Eduardo Lino: Não é para o sul, é para o norte?

Eduardo Citôneo: Não, não, não.

Paulo Britto: É em baixo, no Papagaio.

Eduardo Citôneo: É uma reserva meio ambiental, ali. Ali nós poderíamos locar uma estrutura e nós poderíamos fazer a travessia aérea. Evidentemente teria que conversar essa questão de aproximação de, do aeroporto e tal. Essa é uma solução,

Paulo Britto: Deve ser na praia do sonho, na ilha do naufragados.

Carlos Eduardo Lino: No extremo sul da ilha.

Eduardo Citôneo: Exatamente.

Carlos Eduardo Lino: Não é na região central.

Eduardo Citôneo: E ai já seria uma linha de 230hv já prevendo o crescimento ou essa do cabo submarino. O cabo submarino giraria em torno de 10 milhões de dólares, 15 milhões de dólares, mais ou menos nós calculamos assim.
Paulo Britto: Mas essa paralização não vai provocar uma enxurrada de processo de indenização?

Eduardo Citôneo: Olha, nós vamos ter que discutir muita coisa, até porque, embora tenha sido um acidente, você não vai provocar um acidente por espontânea vontade. Mas, na verdade, e que se sente e que se sabe, e que o próprio governador cobrou isso ontem mesmo, era a alternativa é preciso de alternativa.

Paulo Britto: Aquele seguro que a gente paga?

Eduardo Citôneo: Esse seguro é o seguro apagão, é o seguro.

Paulo Britto: Mas nesse caso não tem a.

Eduardo Citôneo: Não, esse seguro é cobrado para remunerar aquelas empresas que tiveram prejuízo com o apagão e ao mesmo tempo, vamos dizer, sustentar algumas termoelétricas que tem que ficar em stand-by, ou seja, na espera, se houver necessidade. Até porque, só fazendo um parentesezinho, o Brasil, ele tem um grave problema, né. Embora nós tenhamos uma quantidade, um volume de água muito grande, somos os detentores de um volume de água muito boa, nós temos ai em torno de 95% da nossa geração todinha hidroelétrica e hidrelétrica, você sabe que no mínimo você está na mão de Deus. E aquilo que está na mão de Deus, o homem não consegue gerenciar, até porque Deus é muito maior do que nós. E, por isso que se criou esse seguro apagão, no sentido de ter essas termoelétricas. Porque a termo você opera a hora que você quiser, a hidro você não, a hidro você só opera se tiver água.

Paulo Britto: Então nesse caso de sinistro, que a Celesc usou a palavra sinistro, até bem de forma inteligente, não tem seguro?

Eduardo Citôneo: Não.

Paulo Britto: A empresa não tem seguro, somos nós que vamos pagar?

Carlos Eduardo Lino: É uma questão polêmica.

Eduardo Citôneo: A empresa vai ter que pagar por esse problema.

Paulo Britto: Nós é que pagamos a empresa.

Roberto Alves: Doutor Eduardo.

Eduardo Citôneo: Você vai pagar a empresa através do consumo que você tem, né.

Carlos Eduardo Lino: Roberto, permita-me uma pergunta. É evidente que a cidade precisa de um sistema de alimentação de energia alternativo, isso já deveria ter ocorrido, não ocorreu.

Eduardo Citôneo: Eu não gostaria de colocar, ah, no passado não fez, porque também não é a hora da gente.

Carlos Eduardo Lino: Vamos pensar no futuro, os legisladores vão entrar com essa questão, vão propor alguma forma de alimentação alternativa, o senhor como técnico recomendaria qual hoje, a submarina, essa pelo sul da ilha, o que que lhe parece mais interessante?

Eduardo Citôneo: Essa hora nós temos que analisar o custo, benefício. O custo benefício é que vai dizer, porque as duas vão atender, né. Eu vejo, grosseiramente no primeiro momento, o mais viável seria, embora muito mais caro, mas o mais viável seria o submarino até porque não teria problema ambiental, não teria problema de aproximação do aeroporto.

Carlos Eduardo Lino: Mas é muito mais caro que essa ligação.

Paulo Britto: O submarino já se usa com telefone.

Carlos Eduardo Lino: Eu li no Diário Catarinense.

Eduardo Citôneo: Esses cabos Roberto que estão ai a Light tem há oitenta anos, esses cabos, se não tiver esse problema.

Paulo Britto: Porque que tá pegando fogo.

Eduardo Citôneo: Se não tivesse dado esses problemas, se não tivesse dado, isso não vai dar problema nunca. Agora, aconteceu, e quando aconteceu, Eduardo, como é que fica.

Roberto Alves: Mas aí vem aquela pergunta que todo mundo está fazendo hoje de manhã aqui na CBN Diário. Os dois funcionários que estavam fazendo a manutenção, essa manutenção é feita regularmente ou fazia muito tempo que não, porque foi onde tudo aconteceu de uma hora de manutenção ali, né?

Eduardo Citôneo: Essa manutenção ela é corriqueira na Celesc, ali não é muito corriqueiro. Então, até em respeito a não querer nesse momento achar que é e quem não é culpado, a minha preocupação, Roberto, é nós energizarmos a ilha. Amanhã no mais tardar no outro dia, nós vamos fazer essa avaliação, até porque nós vamos ter que abrir uma sindicância pela grandiosidade do fato, e ai nós vamos ter que saber como é que foi feito, como é que foi programado, qual era o plano B, isso tudo vai ser discutido.

Paulo Britto: Então porque tá pegando fogo, porque o cabo.

Eduardo Citôneo: Um é isolado a óleo.

Paulo Britto: Passa por dentro de um duto e esse duto é com óleo para não esquentar, e para isolar também. Então, quando pegou fogo, rompeu e começou a pegar fogo no óleo.

Carlos Eduardo Lino: Engraçado, mas eu vi uma foto no Diário Catarinense de um técnico parado diante daqueles dutos, o Diário estampa essa foto numa página interna, e o piso que havia era um piso de madeira. Eu imagino, não sei se ainda há aquele piso de madeira.

Eduardo Citôneo: Não, aquela parte queimou tudo.

Carlos Eduardo Lino: Pois é, eu imagino, a dificuldade de transitar ali deveria ser de uma série de fatores, dificultada por uma série de fatores.

Eduardo Citôneo: Terrível, o que acontece é que como eu disse logo no início do programa, se eu não estiver errado, mas eu acho que meio-dia é que os bombeiros conseguiram liberar para nós. O bombeiros, que eu gostaria de elogiar primeiro a capacidade técnica deles, a bravura em todos os momentos sempre procuraram resolver o problema, foram na minha visão, foram além do limite. Porque teve alguns bombeiros, aqueles que saíram de uma maneira tal que impressionou a todos, mas era impossível chegar por causa da temperatura, por causa da questão do óleo, a temperatura chegou a determinado momento a seiscentos, setecentos ou mil graus entende. E que o fogo mesmo, um problema qualquer, é um tubo de mais ou menos de diâmetro um metro e meio, dois metros, então é muito pequeno para você trabalhar. Então, a partir do momento que você deu o incêndio, começou a criar gás e ao mesmo tempo uma quantidade muito grande de fumaça, até porque a saída era muito estreita. E o bombeiro tentou com os exaustores, não conseguiram, e a dificuldade maior é que ele não conseguia chegar. E como não conseguiu chegar, mesmo nós fechando os registros nas duas pontas, nós fechamos o registro, ou seja, não teria mais a alimentação de óleo, mas o óleo ele fica empregando no cabo e com aquele aquecimento ele vai, vamos dizer assim, cada vez mais ele vai chupando aquele óleo e vai consumindo o óleo, através do que? Através da queima. Então ficou muito difícil.

Paulo Britto: É verdade que, é verdade, desculpa a minha ignorância, mas a ponte Pedro Ivo, que é a nova, que foi motivo de processo por causa das letras, ela ainda está impedida de se mexer nela, de se trabalhar nela por que está subjúdice?

Eduardo Citôneo: Não, não.

Paulo Britto: Porque até hoje não se usou a passarela que tem por baixo dela para transitar cabo de telefonia, de.

Eduardo Citôneo: Não, na Pedro Ivo não, ela nunca foi utilizada até porque nós não fizemos outra alimentação, entende. Porque olha, se a Pirelli definir de que os cabos, o cabo isolado a óleo, o cabo isolado a óleo se ele definir para nós que o estrago.

Paulo Britto: Mas não é por esse lado que o senhor colocou, nós estamos fazendo pelo outro lado.

Roberto Alves: Aqui nós estamos vendo o movimento das duas pontes e o doutor Eduardo está falando com base

Paulo Britto: Do lado da ponte

Eduardo Citôneo: É, então isso ai, quer dizer, se o cabo isolado a óleo que está por baixa da ponte Colombo Salles, se a Pirelli chegar à conclusão de que esse cabo na sua extensão, do tamanho vamos dizer assim da ponte, ele está comprometido, nós iremos substituí-lo. Mas se nós tivermos que substituí-lo, nós já vamos substituí-lo passando pela outra ponte, ou seja, ficaria uma alimentação numa ponte e ficaria a outra alimentação na outra ponte.

Carlos Eduardo Lino: E faria o conserto daquele outro?

Eduardo Citôneo: Se ele estiver, é o que eu estou dizendo. A preocupação do pessoal da Pirelli é a contaminação do óleo, entende, essa contaminação, a quantidade, a extensão dessa contaminação, pode dizer que esse cabo está comprometido.

Paulo Britto: Mas afetou só um cabo ou os três?

Eduardo Citôneo: Todos, ou seja, as três fases, as três fases. Então, essa decisão já tomei. Nós temos pronto, já falamos com a Petrobrás, a Petrobrás tem a quantidade de cabos para nos fornecer, e nós não faremos mais com cabo isolado a óleo. Se nós tivermos que trocar, nós já vamos trocar com cabo seco. Porque se o outro cabo, esse cabo a óleo, não fosse a óleo, fosse seco, não teria dado esse incêndio. Porque na hora que deu o rompimento, acabou desarma a nossa proteção e ele iria eliminar e não teria problema nenhum. O problema foi a questão do incêndio. Então, essa decisão eu posso dizer para os senhores que essa decisão está tomada. Nós estamos trabalhando pela outra passarela, né, é o que chama a passarela sul.

Paulo Britto: Doutor Eduardo, dá para perceber que a ponte Pedro Ivo Campos só estão usando duas mãos, uma para ir da direita.

Roberto Alves: E a pista do sul que está sendo trabalhada.

Paulo Britto: E na ponte Pedro Ivo Campos só uma pista que está isolada, estão usando três pistas.

Carlos Eduardo Lino: É a passarela sul da ponte Pedro Ivo Campos, a passarela a direita de quem está entrando na ilha.

Eduardo Citôneo: Exatamente, e o que que acontece. Porque ela está sendo fechada, aquela parte, as duas pistas para o lado onde nós estamos trabalhando? Nós vamos jogar um guincho ali por cima da ponte, esse guincho vai pegar os cabos que estão ali embaixo da passarela, ele vai levantar os cabos e vai começar a jogar devagarinho e ai vai descer os eletricistas da Eletrosul, que são especialistas que trabalham em linha viva e em linha de 500Kv, que é altura muito grande, vão descer naquelas cadeirinhas ou bicicleta que a turma chama, e ele é que vai começar a fazer a colocação dos cabos para baixo.

Paulo Britto: Tudo sem nenhuma segurança.

Eduardo Citôneo: Não, com segurança violenta.

Paulo Britto: Não, mas eu digo, eles estão acostumados a trabalhar lá em cima de cabo de alta tensão naquelas torres enormes, que eles são içados por helicóptero.

Eduardo Citôneo: Não é desligada, é energizada.

Paulo Britto: Exatamente, eles são içados por helicóptero.

Eduardo Citôneo: Você trabalhar em uma linha de 500Kv energizada é

Paulo Britto: Sabe qual é a piada que corre na cidade? Não tem ninguém que saiba fazer um gato na Celesc?

Carlos Eduardo Lino: É o que estão fazendo agora, na verdade estão fazendo um puxadinho ali.

Eduardo Citôneo: Na realidade também nós já tínhamos tido essa opção, seguinte, mas só deixar bem claro, nunca, em nenhum momento, essa diretoria pensou em utilizar os cabos em 24h, nunca, em nenhum momento. Desde o momento que deu a ocorrência, nós sabíamos que teríamos que fazer outra alternativa e seria aérea. Ninguém, até algumas pessoas confundiram, ah mas como que o cabo vem do Rio, o cabo vem do Rio, o cabo vem da, não, os cabos nós estamos vendo a solução do cabo, mas os cabos, o cabo a seco, segundo o que o técnico, engenheiro da Pirelli, conversando hoje de manhã com o diretor da Pirelli, que já veio hoje de manhã para nos atender também, o seco, se der tudo certo, ele recupera em vinte e quatro horas, agora o a óleo não.

Carlos Eduardo Lino: O senhor falou isso ontem, nós já tínhamos essa informação na metade, no início, no final da tarde.

Eduardo Citôneo: Às 22h nós definimos como seria feito, mas desde às 15h já se sabia que teria que ser aéreo,

Carlos Eduardo Lino: O que faltou foi a Celesc passar esse comunicado, porque diversas instituições ficaram na dúvida sobre a chegada, o momento do reestabelecimento no sistema.

Eduardo Citôneo: Não, não. Mas, olha, me desculpe, mas em todas as entrevistas que eu dei, logo no primeiro momento nós já dizíamos o seguinte, não voltaria a energia.

Carlos Eduardo Lino: Se eu mostrar o comunicado por escrito da Celesc, ela fala que em breve estaremos reestabelecendo. Se a Celesc coloca em um comunicado oficial que em menos de vinte e quatro horas não, todas as instituições teriam cancelado imediatamente aulas no dia posterior, toda a estrutura da cidade poderia ter sido com mais agilidade desmontada, faltou clareza.

Paulo Britto: Não se deram conta da extensão.

Carlos Eduardo Lino: Faltou clareza no comunicado oficial da Celesc, se me permite essa crítica. Mas isso serve também de experiência para novas situações.

Roberto Alves: Eduardo

Eduardo Citôneo: O problema que aconteceu é o seguinte, nós, quando perdemos, eu estava ali no Castelmar, eu tinha até parado de fazer a minha corrida, por que eu deixo às vezes de almoçar para correr, e de lá do Castelmar eu vim para a subestação e não voltei mais, entende. E nós, em determinado momento, alguns textos tem que passar pela análise minha ou pela análise do presidente. Presidente estava em São Paulo, então a análise de alguns textos eu consegui fazer, outros foi feito, porque nessa altura. Porque a grande preocupação, e eu concordo, principalmente vocês da imprensa, vocês querem a notícia, mas querem a notícia clara, ou seja, eu não posso vim aqui e, exato, claro, mas com clareza, para não deixar dúvida. Eu lamentavelmente se essa comunicação foi, ela não foi.

Paulo Britto: Mas a nossa versão, o que ele está contestando é a versão oficial, entendeu, é a nota da Celesc, a versão nossa é outra. Tem perigo sobrecarga na hora da ligação?

Eduardo Citôneo: Não, ah bom, o que pode ocorrer, e ai eu gostaria de aproveitar a oportunidade de pedir que os nossos consumidores da ilha desligassem seus computadores, todo o tipo de motor.

Roberto Alves: Tirasse da tomada.

Eduardo Citôneo: Tirasse da tomada e deixa a hora que ligar, porque, o que acontece. Como ela não tem carga nenhuma, a hora que ligar a tensão vai subir muito e depois, quando começar a entrar as cargas, ela vai começar a vir a curva natural, é o que nós chamamos de transitório, ou seja, o transitório sai do zero e vai

Paulo Britto: Todos os aparelhos têm que ser desligados?

Carlos Eduardo Lino: Desligar o disjuntor? É melhor desligar o disjuntor do apartamento ou da casa, ou tirar os aparelhos da tomada?

Eduardo Citôneo: Você desligar o disjuntor, tudo bem, também não tem problema, fica, ai você mata tudo, tá entendendo. Mas deveriam sempre observar motores, principalmente os computadores, quem tem, e som, televisão. Porque por incrível que pareça, a televisão tem um fusível de entrada que é para proteger se houver um sobre tensão e o que se vê muito, o próprio fusível não enxerga o aumento da tensão e consequentemente ainda queima a televisão.

Carlos Eduardo Lino: Sobre a linha de transmissão alternativa, eu li no Diário Catarinense hoje pela manhã, que o Canadá, em função da neve, em função da queda de torres chegou a estudar a possibilidade,

Eduardo Citôneo: Mas, é outro mundo.

Carlos Eduardo Lino: Tudo bem, outro mundo, mas veja a lição deles. Eles chegaram a estudar a possibilidade de fazer cabeamento subterrâneo em regiões montanhosas também, mas eles estudaram em boa parte do Canadá fazer. Só que, em função da inviabilidade econômica, se achou melhor manter em alguns pontos até as torres e indenizar as pessoas do que construir o cabeamento subterrâneo, que é extremamente caro e, mais do que isso, até a dificuldade em fazer alguns pontos.

Eduardo Citôneo: É, em média de sete a dez vezes.

Carlos Eduardo Lino: Sete a dez vezes mais caro?

Roberto Alves: Na verdade, nesse exato momento a situação.

Carlos Eduardo Lino: Que às vezes é melhor indenizar do que, vai fazer o que?

Eduardo Citôneo: Mas, com certeza eles não aguentam muito tempo indenizando, principalmente num país de primeiro mundo né. Até porque, o país de primeiro mundo, quem iria imaginar que ia ocorrer o que ocorreu nos Estados Unidos, né. Na realidade nos Estados Unidos ocorreu que as linhas de transmissões deles estão com trintas anos e não houve investimento, essa que é a verdade. Não teve problema.

Roberto Alves: Mas a manutenção também deve ser diferente da nossa.

Eduardo Citôneo: O que acontece é um seguinte, o investidor.

Paulo Britto: Aquele caso foi no Canadá, esse é nos Estados Unidos.

Eduardo Citôneo: Não, nos Estados Unidos a Califórnia até hoje está com racionamento. O investidor vai colocar o seu dinheiro se tiver retorno. Como é que tem retorno? Se a tarifa foi condizente para te remunerar. O país, nosso Brasil tem um problema, a tarifa está alta e os investidores não estão tendo remuneração. Alguma coisa está errada, entende. Com certeza está errada. Agora, nos Estados Unidos foi falta de investimento. Agora, quando acontece nos Estados Unidos, lá é todo mundo, tudo bem, acontece no Brasil é notícia. Mas nós temos orgulho de dizer que nós temos um setor elétrico a nível de Brasil muito bom. Evidentemente passamos pelo apagão, o apagão foi falta de decisão governamental. Há mais de quinze anos que todo o setor sabia que iria faltar energia a partir do momento que nós tivéssemos que transmitir de uma região para a outra região que nós tivéssemos algo insuficiente. Nós não iriamos transmitir porque não tínhamos linha de transmissão par fazer esse transporte, e foi no que deu. Porque o grande problema não foi só a falta d'água. O grande problema foi que nós tínhamos energia mas não conseguíamos transmitir porque não tínhamos linha de transmissão.

Paulo Britto: Eduardo.

Roberto Alves: Deixa eu fazer uma pergunta, quinze para uma, deixa eu fazer uma pergunta só, deixa eu fazer. Quem trabalhou na Celesc já sabe tudo, tá entendendo? Muito bem, Eduardo, qual é a situação de momento, que horas a Celesc pode garantir que será reestabelecida a energia elétrica na Ilha.

Eduardo Citôneo: Roberto, olha, nós estamos trabalhando em torno de vinte horas a Ilha– Centro. Uma hora, duas horas depois, a norte, a Trindade.

Paulo Britto: E o sul?

Eduardo Citôneo: Não, nós alimentando essas duas, é a Ilha toda.

Carlos Eduardo Lino: Sem precariedade nenhuma?

Eduardo Citôneo: Não, os cabos que nós estamos lançando suporta toda a carga,

Carlos Eduardo Lino: Só vai ser religado se tiver segurança absoluta?

Eduardo Citôneo: Não, não tem. Vai ser dentro da segurança, não existe, não tem como. Nós vamos bloquear a passarela, não vai passar ninguém na passarela, só para evitar pescador, porque os cabos estão passando ali embaixo. Alguém joga um cabo daquele, ou joga alguma pedra, ou joga uma água ali, tem problema. Mesmo ela estando sete metros abaixo. Então, nós vamos bloquear as duas, os acessos as passarelas, nós a Defesa Civil já fez o contato com a Marinha, porque nós vamos ter que impedir a navegação, porque tem alguns barcos com o mastro muito alto. A Marinha vai impedir a navegação ali.

Paulo Britto: o mastro pode bater ali.

Eduardo Citôneo: É, entende. Isso eu gostaria até de alertar esses barcos.

Carlos Eduardo Lino: Já está impedido.

Eduardo Citôneo: Então essa nossa preocupação, nós vamos fazer essa energização com segurança, mas também temos a preocupação muito grande em deixar a segurança para também os nossos, a nossa população de Florianópolis. Nós não faríamos nunca alguma rede que colocasse em risco a segurança das pessoas. Agora, tem que se entender, tem que se entender que é em caráter de emergência. Então, a partir do momento que nós energizarmos e que a Pirelli tiver condições de acessar, imediatamente nós começamos a discutir e trabalhar já começar a trabalhar, mudar os cabos, porque nós vamos deixar como estava, ou seja, nós vamos alimentar com aqueles cabos. Salvo, Roberto, se acontecer aquilo que eu disse, de os cabos, aquelas três fases, de 138Kv, que são cabos, isolamento a óleo, se a Pirelli disser que ele está todo comprometido na sua extensão da ponte, nós vamos eliminar aquele cabo e já vamos discutir uma maneira de nós lançarmos esse cabo então via ponte Pedro Ivo para que nós tenhamos os dois circuitos, um bem longe do outro para evitar. Agora, com um detalhe.

Paulo Britto: Tem, devido à altura, tem problema de indução ali, não?

Eduardo Citôneo: Não, não. Com um detalhes: um cabo só, ou seja, uma linha, vamos falar assim. Porque todos eles são três fases. Não suporta ele sozinho a carga da ilha, certo. Se um cabo daquele suportasse a carga da ilha, tudo bem. Você pode perder um e ficaria com o outro. Não acontece isso, aconteceu de perder as três fases daquela que alimenta a trindade, a que alimenta a ilha – centro não consegue também agregar a trindade junto.

Roberto Alves: Eduardo, perguntas do público, de telespectador e do público ouvinte da CBN Diário. O Francisco, Chico, ele quer saber porque desde às 13h de ontem a Celesc já sabia que não teria energia o resto do dia e porque só às onze da noite é que foi aplicado o plano B.

Eduardo Citôneo: **Não, Chico, eu acho** que deve ter havido um problema de comunicação. Porque, a partir das duas e meia da tarde, mais ou menos, nós pedimos que entrassem em contato com a Defesa Civil e pedimos que o administrador regional da Celesc na Grande Florianópolis, por ser ele um canal junto a prefeitura, fizesse um contato e pedisse junto a prefeitura que houvesse uma declaração de ponto facultativo, alguma coisa porque não teria condições de reestabelecer. Se essa informação não chegou ao seu Chico, eu peço desculpa, mas nós não ficamos até às onze horas para saber, não. Ali pelas duas e meia, três horas nós já sabíamos que não teríamos condições nenhuma. Evidentemente que sempre existiu uma expectativa de que o bombeiro conseguisse sanar o fogo e a gente conseguisse ai alguma coisa. Mas, jamais, em nenhum momento, se você pegar todas as gravações, esse diretor disse que a energia voltaria no mesmo dia. Até porque eu não sou louco e não sou irresponsável e ainda acho que conheço alguma coisa do setor elétrico.

Carlos Eduardo Lino: Não, isso foi informado.

Roberto Alves: O Carlos Silva, da Trindade...

Eduardo Citôneo: E **eu quero pedir aí a todos** minhas desculpas, porque lamentavelmente **se não chegou ao senhor, a culpa é nossa.** Porque nós tínhamos que ter a obrigação de informar e com clareza a todos.

Roberto Alves: O Carlos Silva só agora descobriu que a taxa do apagão, aquela que nós pagamos, é para cobrir o prejuízo das empresas.

Eduardo Citôneo: Que tiveram prejuízo no apagão?

Roberto Alves: Não, aquela outra. Quer saber se vai pagar de novo.

Eduardo Citôneo: Não, a Celesc vai ter que arcar com todas as despesas dessa ocorrência, e que não é pouca.

Roberto Alves: Os funcionários acidentados ontem na hora, no momento do problema, eram funcionários da Celesc ou de terceirizada?

Eduardo Citôneo: Não, são funcionários da Celesc.

Roberto Alves: Houve algum problema com eles?

Eduardo Citôneo: Olha, Roberto, graças a Deus dois tiveram que se jogar no mar, porque eu cheguei acho que vinte ou trinta minutos depois.

Roberto Alves: Isso não é problema, né. Os caras são especializados em mergulho.

Carlos Eduardo Lino: Teve algum erro de procedimento?

Eduardo Citôneo: E nós ficamos muito preocupados, porquê na hora quando eu cheguei, nós estávamos fazendo a contagem para saber se tinha alguém lá dentro, e só tinham três e eram cinco, e logo depois, quando o bombeiro que está lá na Beira Mar, ele viu uma saída de fumaça da ponte, ele pegou a lancha e veio se aproximar. Quando ele chegou, se aproximou da ponte, ele viu que já tinha dois no mar, foi ali que ele salvou os dois rapazes.

Carlos Eduardo Lino: Teve algum erro de procedimento? Vocês vão fazer auditoria, tudo e tal. Mas vocês já conseguem identificar, nesse momento, naquela operação ali?

Roberto Alves: A pergunta básica do Antônio José que quer saber se houve negligência ontem na hora do conserto dos funcionários.

Eduardo Citôneo: **Antonio José**, eu quero ser justo com as pessoas, eu não posso raciocinar que um funcionário da Celesc, sabendo e pessoa que sabem qual é a importância de uma alimentação de uma região, propriamente dito da nossa ilha, tenha agido com procedimento negligente. Agora, por uma questão de justiça, eu gostaria de ter primeiro essa análise técnica, e nós vamos chamar todos eles, porque eles vão ter que passar por um debate, uma discussão, para que ai a gente possa chegar a uma conclusão. Agora, não tem sido fácil explicar o acidente, até porque um acidente que deixa a ilha 24h, ninguém consegue explicar né.

Paulo Britto: Eduardo, dentro dessa visão aí leiga da gente, no caso de ser feito manutenção, correto não seria substituir?

Eduardo Citôneo: Na realidade, um seguinte, a manutenção estava fazendo no cabo de 13.8Kv, é baixa, ou seja, 3mil volts, é parte de baixa. Porquê ali passava esses três cabos e passavam as três fases que alimentam a ilha, a subestação ali da Beiramar e mais três cabos que passavam que alimentam a trindade. Na verdade, se nó tivéssemos que contar, passam nove cabos. E eles estavam mexendo na parte de distribuição e foi ali que deu o problema, não sei o que ocasionou o fogo, não sei o que que fez, nós já estamos descartando a questão da explosão do botijão de gás, porquê segundo a conversa preliminar que a gente teve com o bombeiro, na visão do bombeiro, se tivesse explodido o próprio botijãozinho de gás não sobraria ninguém ali.

Carlos Eduardo Lino: Pois é, e aí que tese se coloca no lugar dessa.

Eduardo Citôneo: Na realidade, ele utiliza um tipo de maçarico, que ele aquece o cabo, nesse aquecimento ele prepara uma luva que logo depois, com o resfriamento, é que ela faz a isolação. Se presume o que, que naquele maçarico encostou ou na mangueira do liquinho, ou pegou num cabo daquele e não conseguiu apagar, não sabemos.

Carlos Eduardo Lino: Uma pequena imperícia, no mínimo.

Eduardo Citôneo: Eu vou dizer de novo como um diretor preocupado e responsável com todos os seus funcionários, eu quero dizer que nós temos ai na nossa diretoria, são três mil e quinhentos funcionários só nessa diretoria, mas essa explicação nós primeiro vamos ter que cobrir e colher dos funcionários e dos próprios engenheiros que são responsáveis por manutenção, vão ter que analisar como foi feita a manutenção, como é que ela foi programada a manutenção, quem eram as pessoas que foram fazer a manutenção, se aquelas pessoas estavam treinadas para fazer a manutenção, quer dizer, tudo isso vai ter que vir à tona até porque essas perguntas, quero dizer que respeito todas as perguntas, e gostaria também que só houvesse, eu não quero esconder nada não, agora eu também não posso dar uma opinião sem antes conversar com todos que estavam envolvidos.

Carlos Eduardo Lino: Só uma observação de um leigo, muita gente falou na necessidade de um extintor de incêndio no local.

Eduardo Citôneo: O que acontece é um seguinte, na área que eles trabalharam, uma área muito pequena, e na hora que deve ter dado uma labareda, ou criado uma labareda, o lugar era muito pequeno e as saídas são piores ainda para sair, tanto é que dois deles que saíram, saíram por uma, um furo que tem que não passa quase uma pessoa. Ele passou muito mais no desespero de escapar do fogo do que. Então é, não é só a questão se tinha ou não tinha o extintor, o que nós temos que discutir é se os procedimentos estavam corretos.

Roberto Alves: Perfeito, tem algumas boas perguntas aqui, preciso dar vazão ao ouvinte que está interessado, mas eu queria dizer que a Edna Demarco do Museu Histórico de Santa Catarina, Palácio Cruz e Souza, acaba de cancelar o recital Música no Museu, que aconteceria hoje à noite às 19h30min. Estamos informando o cancelamento porque hoje, conforme nós já havíamos combinado, saiu uma matéria no Caderno Variedades do Diário Catarinense, e até anunciando bem bonita a matéria sobre o recital. Mas, não deu tempo de cancelar, informaremos uma nova data, hoje não haverá o recital de música no museu Cruz e Souza. A Dona Olga pergunta, Eduardo, estamos conversados com o Eduardo Citôneo que é diretor técnico da Celesc, ah tá, então pera ai. Depois que voltar a energia, quanto tempo devemos esperar para religar os aparelhos elétricos?

Eduardo Citôneo: No máximo quinze, vinte minutos, não mais que isso não. Não há necessidade, até porque a tensão ela equilibra muito rapidamente. Porque a tensão vai subir? É aquilo que eu disse, como não tem nenhum consumo, ele está zero, ou seja, como ninguém absorve, vamos tentar falar assim, popularmente, para entender. Como não tem nada absorvendo aquela energia, ela vai subir até o que nós chamamos de transitório. Imediatamente começa a entrar alguma carga, ai ele começa a descer, e essa subida que vai queimar os aparelhos, mas então.

Paulo Britto: É uma sobrecarga.

Eduardo Citôneo: Exatamente.

Roberto Alves: Até estabilizar.

Eduardo Citôneo: Exatamente. Então, dez, quinze minutos, até por uma questão de segurança. Na realidade ele quase volta.

Paulo Britto: Quem tem estabilizador de voltagem precisa.

Eduardo Citôneo: O melhor é tirar fora.

Paulo Britto: É desligar tudo.

Eduardo Citôneo: Estabilizador é feito para isso, para estabilizar a tensão, ou seja, se ela subir ele baixa, se ela baixar ele sobe. Mas,

PauloBritto: Tem um limite também.

Eduardo Citôneo: É melhor.

Roberto Alves: O Luiz da Serraria, tá fazendo a seguinte pergunta: se a Celesc sabe que ali é um duto importante, porque usar gás de cozinha e não acetileno? Onde está a prevenção de acidente da Celesc?

Eduardo Citôneo: Olha, nós, a própria segurança vai fazer essa análise. Agora, nós temos que saber como é, porque que foi feito assim e eu sou obrigado a dizer para vocês que eu não tenho todo o histórico porque se eu tiver que saber todas as manutenções que são feitas no estado, eu não teria condição.

Carlos Eduardo Lino: Vocês eliminaram a hipótese de explosão do botijão.

Eduardo Citôneo: Nessa visão que está dando na primeira conversa que nós tivemos aí, com o pessoal mais técnico do bombeiro, e o bombeiro vai fazer uma análise técnica depois para nós, se explodisse teria matado eles, entende.

Paulo Britto: Mas Eduardo, olha essa nossa explicação de leigo aqui.

Eduardo Citôneo: Acho que foi um fogo meio forte que deu, né. Mas, vai ter que se discutir, teria que se utilizar esse gás de cozinha.

Paulo Britto: Eduardo, escuta só uma explicação aqui.

Eduardo Citôneo: **Eu quero dizer, Nivaldo** que nós vamos ter que analisar todas as consequências, nós temos que saber ou tirar em cima disso, do que eu chamo de uma desgraça, tirar uns ensinamentos para que não possam de maneira nenhuma ocorrer essa catástrofe novamente no setor elétrico de Santa Catarina. Não falo da ilha, não. Onde um dia nós colocarmos um cabo, que não aconteça isso nunca.

Paulo Britto: Eduardo, me permite, um seguinte, é que o gás de cozinha, é porque esse tipo de solda é moldado. Você vai moldando, então você usa o maçarico com a mesma potência que o acetileno. Eu vejo isso.

Eduardo Citôneo: É porque na realidade o nosso não é solda, ele só utiliza o aquecimento para que a mufla ela se adapte, porque ela é feita para isso mesmo, entende. Ela vai se derretendo,

Paulo Britto: E vai moldando, é isso.

Eduardo Citôneo: Isso, e vai encorpando o cabo.

Paulo Britto: Não é soldado ferro com ferro?

Eduardo Citôneo: Não, não é ferro com ferro, de maneira nenhuma. Ele só usa para aquecer, ela fica um pouco mole, e ai ele molda ela direitinho, imediatamente ao parar, com x tempo ela já fica sólida, entende?

Roberto Alves: Eduardo, Rodinei do Sul da Ilha, desculpa, o engenheiro não foi muito claro sobre o retorno da energia ao Sul da Ilha. Como vai ser o cronograma de retorno? Ele quer saber o sul, né. Primeiro é o Centro, depois o norte.

Eduardo Citôneo: Não, **Rodinei, é o seguinte:** nós temos que energizar a subestação centro, ilha-centro, que é aqui na Beira Mar.

Paulo Britto: Via aérea com via aérea.

Eduardo Citôneo: As duas são vias aéreas. E vamos alimentar

Paulo Britto: Tem um cabo subterrâneo, não tem?

Eduardo Citôneo: Não, todas as duas eram subterrâneas. Nós vamos chegar agora a todas as duas aérea, porque o subterrâneo nós estamos desconsiderando. Nós vamos também energizar a trindade, que consequentemente vai energizar a sua região.

Paulo Britto: Trindade é o Córrego Grande, é isso?

Eduardo Citôneo: É. O que acontece, na saída da ponte até a Ilha-Centro, se eu não tiver errado, deve ser em torno de dez ou doze estruturas. Da saída da ponte até nós chegarmos, para nós

fazemos o encabeçamento na linha aérea que já vai energizar a trindade, deve ser ai em torno de trinta a quarenta estruturas, então daí que uma vai acabar mais cedo do que a outra. Somente isso. Nós estamos trabalhando para que as duas cheguem juntas, ao mesmo tempo. Até porque, evidentemente para o lado que alimenta a trindade, o número de funcionários é muito maior para o lado que está trabalhando para alimentar o Ilha-Centro.

Roberto Alves: Eduardo, eu não sei bem que palavra é essa aqui, não sei se é uma palavra, é rapel?

Carlos Eduardo Lino: Aham.

Roberto Alves: O Júnior é especializado em rapel, ele e sua turma estão se pondo a disposição da Celesc para algum problema que a Celesc tiver para transportar os cabos pela ponte. Eles possuem todos os equipamentos necessários para rapel, são especializados. Está aqui o telefone dele.

Eduardo Citôneo: **Junior, eu até agradeço**, mas eu quero dizer que o peso daqueles cabos vocês não conseguiriam pegar.

Roberto Alves: É mesmo?

Eduardo Citôneo: Não.

Roberto Alves: Nem empresa especializada, como a dele?

Eduardo Citôneo: Não conseguiria, tanto é que nós vamos utilizar um guindastes, que vai descer e esse guindastes é que vai segurar o cabo, junto a esse guindaste vai descer aquelas cadeirinhas, como diz o pessoal da Eletrosul, os eletricistas vão conduzir o cabo, mas quem vai segurar o esforço, vai ser esse guindaste. Porque uma pessoa duas, três, quatro pessoas naquela posição.

Paulo Britto: Mas isso é para colocar o isolante.

Eduardo Citôneo: Exatamente. Não vai segurar. Mas primeiro agradecer até a colaboração de vocês, e dizer que o pessoal do bombeiro conseguiu apagar o fogo utilizando a prática do rapel.

Roberto Alves: Agora, o que mais está me impressionando nisso é a união dos poderes todos nesse momento, o estadual, federal, municipal, as empresas todas, agora a causa maior é a cidade, o público, o povo. Que é um negócio que está me deixando muito feliz, ver que todo mundo como se diz na gíria esportiva, todo mundo está pegando junto.

Eduardo Citôneo: É, sem dúvida. E eu volto a dizer, o trabalho da Eletrosul é simplesmente sensacional e agradecer também ao pessoal da Copel que já chegou ai, agradecer ao pessoal da Light, que no primeiro momento foi difícil, mas já conseguimos conversar e acertar algumas coisas, agradecer a Petrobrás que já colocou à disposição os cabos, agradecer uma empresa argentina que também já colocou algumas muflas para nós fazermos depois o conserto desses cabos, nós tivemos também a solidariedade da Eletropaulo, nós tivemos do diretor da Eletrobrás, tivemos telefonema da Ministra, quer dizer, todos também elogiar a maneira serena da senhora prefeita, mas dizer a todos vocês que o primeiro a cobrar foi o meu governador. E a esse nós temos que dar a solução o mais rápido possível, não só o governador, que é de Santa Catarina, mas o respeito maior a esse povo que eu adoro que é da ilha e que nós vamos, na medida do possível, nós teremos que ter uma alternativa de confiabilidade, e essa eu gostaria que todos abraçassem, até porque exige um investimento muito alto. Mas eu digo que nós já temos a solidariedade e a preocupação do senhor Governador, que é o maior sócio dessa empresa. E temos certeza que nós vamos, não digo num curto espaço de tempo, de repente você faça um curto espaço de tempo, estou achando que em um mês vamos resolver, mas a médio

prazo nós temos que resolver a alimentação da ilha de outra maneira, mantendo essa mas tendo outra alternativa.

Roberto Alves: Outra coisa que impressionou muito a gente também, vamos fazer um intervalo comercial e depois voltamos, mas uma coisa que mais impressionou a gente também foi a solidariedade do povo. O povo teve um comportamento exemplar, a cidade Às escuras, não houve um problema de violência, um assalto, nas filas o pessoal se comportou. Ontem me contaram, o manezinho aproveita tudo, né, no túnel, na hora apareceu um camarada, saiu do carro, dois ou três camaradas, uma mesinha, abriram a mesinha, e tacaram um dominó em cima da mesa, tu acredita nisso?

Eduardo Citôneo: Só em Florianópolis, né?

Paulo Britto: Onde?

Roberto Alves: Ali perto do túnel.

Paulo Britto: Para morrer asfixiado, como...

Roberto Alves: Não, fora do túnel, na saída.

Paulo Britto: Vai morrer asfixiado com o carro ligado.

Roberto Alves: É, essa ai é uma outra pergunta do monóxido de carbono do túnel que o vereador João da Bega passou mal hoje de manhã ali, por pouco que ele não causa um acidente violento ali.

Eduardo Citôneo: É, mas a polícia em um determinado momento, segundo eu soube, depois a polícia interditou o túnel, até porque a hora que o presidente chegou de São Paulo.

Carlos Eduardo Lino: O problema dele foi de manhã.

Eduardo Citôneo: O presidente quando chegou de São Paulo ontem, ele já comentou quando chegou na empresa, de que o túnel estava fechado e depois.

Paulo Britto: Poderia passar a pé de bicicleta no túnel, e as pessoas temem em passar a pé.

Eduardo Citôneo: Engarrafou e, entende. Mas é, ali, a polícia agiu, fechou.

Roberto Alves: Eu vou fazer uma pergunta.

Eduardo Citôneo: Eu quero também parabenizar o pessoal da polícia, ontem eu fui obrigado a transitar um pouco na cidade para ver algumas coisas que nós estávamos resolvendo e impressionante a quantidade de policias que foi colocado ontem, quer dizer, um negócio muito bom.

Paulo Britto: O que a pessoa não faz para aparecer na televisão, né?

Eduardo Citôneo: Não é o nosso caso, pelo amor.

Carlos Eduardo Lino: É o pessoal do dominó.

Eduardo Citôneo: Mas isso é, vamos dizer assim, isso faz parte do florianopolitano.

Roberto Alves: Uma pergunta para você responder depois do intervalo comercial, para ti pensar aqui. O José Anicetti é um curioso aqui da ilha, vem cá eu não, a cobertura maravilhosa, mas eu não ouvi ainda os dois funcionários da Celesc que causaram o problema falar, três, dois, três. Não ouvi falar, não vi imagem deles, por onde andam esses funcionários? Depois do intervalo a gente volta.

Vinheta: Roda Para-brisas. Seu vidro quebrou, a Roda trocou, informa a hora e a temperatura.

Roberto Alves: Treze horas e quarenta e dois minutos.

Vinheta: Estamos apresentando, Debate Diário. Oferecimento: Hidrau. Cidade Universitária Pedra Branca. União Guarezzi. Amauri. Santa Rita. E Koerich.

Roberto Alves: É, nós estamos discutindo aqui um assunto, uma hora e quarenta e três minutos, voltamos com o nosso Debate Diário. Dos funcionários, não falam para explicar o que aconteceu, onde estão, quem são.

Eduardo Citôneo: Olha, eu quero dizer que eu não conheço os funcionários e quando ocorre esse tipo ou da grandiosidade, quem está envolvido, se não se machucou, dependendo da pessoa ele permanece trabalhando.

Paulo Britto: Ele tá trabalhando também.

Eduardo Citôneo: É, dependendo da pessoa, dependendo das pessoas, é melhor afastar. Os dois que caíram no mar, eu não tenho conhecimento se estão trabalhando, eu só pedi ao administrador regional que encaminhasse alguém ao hospital, quando estavam sendo atendidos, para que a Celesc tivesse junto para saber as condições, se houvesse alguma necessidade de uma ação maior. E eu não procurei e nem me preocupei a partir do momento que eu tive o retorno da diretoria regional dizendo que eu não precisava me preocupar que eles estavam bem de saúde, eu não me preocupei em saber quem é e conversar porque o momento não é agora. Posterior, quando passar, nós vamos conversar. Agora, se eles sumiram ou não.

Roberto Alves: Estão sendo mantidos por determinação da Celesc?

Eduardo Citôneo: Não, tanto é que eu nem conheço os funcionários, não. A minha preocupação primeira que eu tive foi saber o estado de saúde, e isso é uma obrigação como ser humano. Não só como diretor, mas como ser-humano. Agora, em nenhum momento eu pedi que eles.

Roberto Alves: O Nivaldo de Barreiros pergunta: usaram liquinho? Porque não usa bateria?

Eduardo Citôneo: **Nivaldo**, e aquilo que nós estávamos explicando. Na realidade nós precisamos, aquele serviço, eles precisam de uma determinada temperatura para derreter. E não é soldar, não é botar fogo, simplesmente ele aquece isso e o contato do fogo com a mufla ele não é direto, ele é meio indireto, fica meio à distância, né. Então nós vamos ter que avaliar.

Carlos Eduardo Lino: E a hipótese do liquinho foi afastada né, a explosão, as pessoas estão se apegando ao tal do liquinho?

Eduardo Citôneo: A princípio o que foi passado para nós tinha sido a explosão. O que acontece é que, em conversa preliminar até porque, devido à gravidade, em nenhum momento a gente se preocupou em chegar para o bombeiro e perguntar o que aconteceu, até porque o bombeiro estava com muito mais preocupação de apagar o fogo. Depois é que nós vamos tentar com os bombeiros chegar a alguma conclusão da versão dos funcionários e da versão da parte técnica.

Roberto Alves: O Alencar Rosário, ele pergunta o seguinte: é garantido que até às 20h de hoje retornará o abastecimento de energia para o centro da capital? Garantido?

Eduardo Citôneo: **Olha Alencar**, o garantir 100% **eu só posso dizer para ti** na hora que eu ligar. Agora, eu **quero dizer Alencar**, que todos os esforços são no sentido que nós consigamos energizar antes de começar a escurecer. Nós estamos trabalhando com este horário, nessa programação, entende. Mas, **garantir 100% para ti** eu não consigo, porque 100% vai ser na hora que eu energizar. Mas **tu pode ter certeza** que do mais simples ao mais elevado funcionário que está lá que são hoje, nesse momento, deve ser mais de duzentos, todos querem ver essa ilha iluminada a qualquer momento.

Paulo Britto: Me permite Roberto. Se é uma solução inédita, nunca foi feita,

Eduardo Citôneo: Nesse tipo de ocorrência, nunca existiu.

Paulo Britto: Pois é, mas como é que pode prever o tempo?

Eduardo Citôneo: Não, porque os trabalhos, o que acontece, o pessoal da Eletrosul eles estão monitorando a sua equipe, e é o que eu disse, nós temos uma reunião a cada uma hora para nós avalia o quanto progrediu e na parte da ponte que era a nossa maior preocupação, a Eletrosul está nos deixando tranquilo. Na parte das duas cabeceiras, esse serviço é só uma questão tempo, porque esse serviço não é difícil para nós porque esse é o dia a dia mesmo em situações difíceis de colocar o poste. Mas esse, digamos assim, é o corriqueiro, esse pessoal que está implantando esses postes, já atendeu ocorrência mais muito pior do que essa ai. Na área que eles estão fazendo, nas duas cabeceiras, tá entendendo Roberto. Não estou falando da que está passando pela ponte. Mas nas duas cabeceiras, todos eles já atenderam ocorrência, mas muito, muito pior do que isso.

Roberto Alves: Quais foram o, o Fernando do Kobrasol quer saber quais foram os EPIs utilizados nesse tipo de situação? EPI, é isso?

Eduardo Citôneo: EPI são equipamentos utilizados de proteção individual. Os equipamentos de proteção individual cada funcionário da Celesc que trabalha na área de risco já tem o seu. O seu capacete, o seu cinto de segurança, em determinado momento, dependendo, alguns usam óculos, alguns usam abafadores. Nossos funcionários tem os equipamentos de proteção individual.

Roberto Alves: O Silvio Souza de São José, pergunta o seguinte, e essa é uma pergunta que surgiu muito hoje aqui: quando retornar a energia na Capital, na Ilha, pode ocorrer algum problema no Continente?

Eduardo Citôneo: Não.

Roberto Alves: Sendo assim, os moradores do continente também deveriam desligar os disjuntores?

Eduardo Citôneo: Não, não há razão.

Roberto Alves: Não? Nenhum problema, não afeta em nada?

Eduardo Citôneo: Não, não tem uma coisa com a outra, não tem ligação.

Paulo Britto: Roberto, é o seguinte, tu tem um disjuntor em casa, se tu desligar o disjuntor, vai desligar dentro da tua casa, o que estiver de fora da sua casa, não tem problema nenhum, o vizinho não tem nada a ver. A partir do momento que tu ligar o disjuntor, ele vai ligar o disjuntor, dá a luz.

Eduardo Citôneo: Ele vai ligar o disjuntor que vai atender a ilha, vai alimentar a linha só. Porque agora, nós tínhamos seis cabos, nós estamos com três cabos, e vai alimentar aquela linha que vai alimentar aquelas subestações.

Roberto Alves: O Henrique quer saber qual o prejuízo mais ou menos, se é possível calcular.

Eduardo Citôneo: Não, mas é grande.

Roberto Alves: É grande?

Eduardo Citôneo: É.

Carlos Eduardo Lino: Um amonte aproximado.

Eduardo Citôneo: Como?

Carlos Eduardo Lino: Mais do que?

Roberto Alves: 10 milhões de dólares.

Eduardo Citôneo: Não sei, não, nós teríamos que na realidade você vai pegar quanto kv/ hora nós consumimos, a Ilha consome, vai pegar quanto é que nós pagamos por Kv e vamos fazer essa conta.

Carlos Eduardo Lino: O gasto operacional é muito alto? Com estrutura, cabos?

Paulo Britto: Deixou de faturar?

Eduardo Citôneo: O gasto operacional foi alto, mas não tão grande quanto o prejuízo que nós estamos tendo e que a população está tendo.

Paulo Britto: O prejuízo da imagem da empresa.

Eduardo Citôneo: Estou muito mais preocupado com a situação criada para os consumidores, com a imagem da empresa, a empresa foi eleita a empresa de maior credibilidade do setor elétrico. Nós estamos entre as três melhores em todos os índices.

Roberto Alves: De qualquer maneira corre o risco de ser punida pela Aneel?

Eduardo Citôneo: Nós já mandamos uma correspondência agora às onze horas da manhã, que a Aneel pediu explicações. Nós enviamos as explicações evidentemente, deve, a Aneel deve exigir outras explicações, ela quer saber principalmente a questão do horário. Nós teremos que discutir ainda muito mais coisas com a Aneel, sem dúvida nenhuma, eme cima dessa ocorrência.

Roberto Alves: Márcio já tá preocupando aqui. Márcio de Florianópolis, do Centro, já tá preocupado querendo saber se haverá aumento da taxa de energia elétrica em função disso.

Eduardo Citôneo: Não.

Roberto Alves: Até para...

Eduardo Citôneo: Não, não, até porque o aumento é anual e quem determina o aumento é a Anel. E se tiver problema, quem teve problemas é a consociaria que vai ter que arcar, isso quem tem que arcar é a Celesc.

Roberto Alves: E o nosso repórter Antonio Neto, que está na rua, ele tem uma pergunta para fazer, porque parece que já estão puxando cabo. Alô, Neto.

Antonio Neto: Roberto, engenheiro Citôneo, nesse exato momento iniciou os trabalhos aqui ao lado da passarela da ponte Pedro Ivo. A Celesc começa a puxar o cabo em direção a subestação de coqueiros. Eu gostaria de perguntar para o engenheiro Citôneo se já está previsto, pelo menos dois cabos já estão sendo puxados em direção a subestação coqueiros, o que leva a crer, pelo menos as pessoas, eu fiz todo o trajeto, grande parte dos postes já estão colocados. É isso mesmo, engenheiro Citôneo?

Eduardo Citôneo: Para a área do continente eu quero crer que já deva ter toda a estrutura colocada sim.

Antonio Neto: O trabalho já iniciou forte, pelo menos dois cabos.

Eduardo Citôneo: É, eles vão deixar os cabos, eles vão deixar os cabos próximos ali da subestação e na hora que tiver liberado para o outro lado eles só encabeçam, né, só vão fazer um *jumping* em cada uma ou fazer um *pin*, que os engenheiros.

Antonio Neto: Recém chegou postes também de Tubarão para o lado da Ilha, pelo menos 50% dos postes da Ilha já foram colocados, Roberto e engenheiro Citôneo, e 90%, podemos arriscar 90% dos postes que fazem a ligação da subestação de Coqueiros até a entrada da passarela da Pedro Ivo, passando pelo lado, os fios aqui, chegando ao continente, chegando a Ilha, pelo menos 40, 50% até chegar 60% dos postes já foram colocados. Essa é a informação de momento, já dois cabos estão sendo puxados pela Celesc neste momento em direção a subestação de coqueiros, o que é um bom sinal.

Roberto Alves: Obrigado Neto, um abraço e muito obrigado ao repórter Antonio Neto. A TVCom tem câmeras postadas em toda a cidade, lá embaixo na cabeceira da ponte, aqui em cima no estúdio, no morro, ali um pouco mais embaixo, nós estamos vendo aqui uma imagem diferenciada, onde lá atrás, no fundo, para quem tá vendo a TVCom canal 36, aquela imagem lá do portal.

Paulo Britto: Da Escola de Marinha, né?

Eduardo Citôneo: Amarelo.

Paulo Britto: Antiga Escola de Marinha, antiga Escola de Marinha.

Roberto Alves: Sim, mas hoje é o portal turístico, onde fica a Fundação, a Secretaria de Turismo da Cidade e a Fundação Municipal do Esporte. Uma imagem bonita e o trânsito, apesar de ser lento, mas é um trânsito que vai fluindo bem nas duas pontes, né?

Eduardo Citôneo: Sem dúvida. E nós até estamos, até estamos pedindo, até o próprio comando, nós precisamos de uma pista daquela para que, alguns caminhões ainda, alguns postes ainda faltam chegar, e nós precisaríamos acessar isso o mais rápido.

Roberto Alves: Vindo poste de Tubarão e tudo.

Eduardo Citôneo: Tá vindo poste de Tubarão, vem poste de Lages, vem poste de Blumenau, vem poste de Itajaí, vem poste de Criciúma.

Paulo Britto: Eduardo, é sobre isso que eu queria saber. Eu estive hoje de manhã junto com o Tulio Cavalazzi e o pessoal que estava trabalhando na obra lá, estava fazendo o buraco, colocando esses, como é que chama aqueles negócios de esgoto?

Eduardo Citôneo: Umas tubas.

Carlos Eduardo Lino: Manilhas.

Paulo Britto: Manilhas.

Eduardo Citôneo: É um tubo.

Paulo Britto: Um tubo, para depois colocar o poste, vai concretar ou é só.

Eduardo Citôneo: Em alguns casos colocariam, em outros casos vamos concretar. Nós estamos colocando alguns, o que se deve complicar...

Paulo Britto: Mas seca com a chuva e com?

Eduardo Citôneo: Não, ai não. Nós estamos pedindo que utilizem um acelerador de...

Paulo Britto: Potássio, aquela coisa?

Eduardo Citôneo: A minha área é engenharia elétrica, engenheiro gosta de falar da área dele. Engenharia civil, a engenharia civil. Mas, alguns desses nós vamos usar concretado, eu não acredito que sejam todos, devem ser alguns postes onde tem curvatura, onde o esforço é maior.

Paulo Britto: A previsão dessa obra, dessa obra provisória, ela é provisória definitiva?

Eduardo Citôneo: Não, não até porque esteticamente ela vai ficar terrível. Não.

Roberto Alves: E a gente vai ter oportunidade de ver quando passar por ali?

Paulo Britto: O jardim que a prefeita fez lá, o jardim que a prefeita fez ali no mirante entre a ponte velha e as garagens novas, tem banquinho para sentar e tudo, ali tá sendo colocado poste, mas não é poste de luz.

Carlos Eduardo Lino: É situação de emergência.

Eduardo Citôneo: Eu tenho certeza da compreensão da própria comunidade e da senhora prefeita que o que nós estamos fazendo é um caso emergencial, mas como eu disse, a partir do momento que nós energizarmos a ilha, se nós energizarmos dentro do horário, no outro dia já estamos discutindo o conserto dos cabos e nós queremos fazer esse conserto dos cabos no máximo em uma semana, dez dias, depende evidentemente dos detalhes que serão oferecidos pela Pirelli, já que eles são detectores dessa tecnologia.

Carlos Eduardo Lino: Citôneo, ainda eu acho que você vai precisar respirar um pouco para responder essa pergunta, mas se você pudesse antecipar um sentimento, que sentimento te deixa isso tudo que está acontecendo? Qual é a grande lição que você aprende com isso tudo?

Eduardo Citôneo: Olha, primeiro que o gerente tem que ser extremamente hábil nesse momento. Ele precisa ter a tranquilidade, e eu quero dizer que eu sou um cara às vezes até explosivo, mas nesse momento de dificuldade eu tenho uma graça de Deus que eu fico muito tranquilo. E você saber conduzir a equipe. Agora, por outro lado, o lado, vamos dizer, aquele lado lá de dentro, é um sentimento de frustração, porque você vê uma cidade inteira sem eles poderem ajudar, sem

fazer nada, você de mãos atadas, porque aquilo demora um tempo. Como engenheiro, para mim, sem dúvida nenhuma, é uma frustração. E a única coisa que eu posso aproveitar é em nome de toda a Celesc pedir desculpa, porque mesmo que não tenha sido voluntário, mas nós criamos um problema para muita gente. E nós temos que administrar isso.

Roberto Alves: E reconhecer, né?

Eduardo Citôneo: Eu tenho orgulho de trabalhar nessa empresa e tenho uma equipe muito boa e que está fazendo o máximo, todos os meus chefes de departamento, todos, nenhum deles saíram em nenhum momento, desde uma e meia, quando começou, e que também não é esse mérito não, porque é uma obrigação nós fazermos isso, né. Mas, ao mesmo tempo que eu tenho orgulho de chefiar essa equipe, eu me sinto em determinado momento frágil no sentido de poder fazer uma coisa bem mais rápido para que nós pudéssemos estabelecer essa energia para a ilha. Mas, nós vamos encarar isso ai como um fato, não corriqueiro, mas um fato que no setor elétrico pode ocorrer e que cabe a empresa assimilar, corrigir se foi o caso, ou planejar, ou investir no sentido de que as possibilidades de acidente sejam as mínimas possíveis.

Paulo Britto: Eduardo, a gente sabe que, por exemplo, eu e o Roberto somos do tempo que a energia elétrica funcionava das oito da noite até às dez da noite, de dia não tinha energia elétrica. Ligava às oito e desligava às dez. Eu tenho uma lembrança, que não esqueço até hoje, foi quando nós chegamos de navio na praça do Colégio Catarinense e quando eu sai do navio comecei a correr pela praça e de repente um apagão. Dez horas da noite a carioca do Largo Fagundes desligava a luz, ficou tudo escuro, eu sai correndo, dei uma canelada num banco daquele que até hoje ainda sinto a dor. Mas, naquele tempo, naquele nosso tempo de criança, a geladeira era com gelo, a água era de bomba, o que mais que tinha ali? Não tinha tanto equipamento elétrico, então ne conservava alimento, não tinha tanto. Então, o problema não é só o abastecimento de energia elétrica, é que afeta outros abastecimentos. A água, por exemplo, as pessoas já estão sofrendo coma falta d'água, os restaurantes não podem funcionar porque os alimentos são perecíveis, a não ser que tenha algum parente.

Eduardo Citôneo: Cria alguns transtornos dos mais simples aos mais complicados. Qual maior complicação do que um hospital ter problema de.

Roberto Alves: É, um helicóptero já está sobrevoando a

Eduardo Citôneo: Já pensou o desespero dos médicos, a falta de energia num hospital? É um negócio assustador.

Carlos Eduardo Lino: Energia, coisa que as pessoas tem expectativa.

Eduardo Citôneo: Aí é mexer, os alimentos tudo bem, mas a hora que tiver lidando numa mesa de cirurgia e falta energia e o gerador de repente leva tempo para entrar, tá louco.

Roberto Alves: Eduardo, duas perguntinhas finais, aqui para a gente completar. Faltam dois minutos para às duas horas da tarde, depois segue o trabalho da CBN Diário com o Luiz Carlos Prates, na TVCom e na CBN Diário. O Jean pergunta, se o aquecimento provocado pelo incêndio pode comprometer a estrutura da ponte.

Eduardo Citôneo: **Jean**, com todo o **respeito à sua pergunta**, eu sou presidente de uma associação dos engenheiros do Valle, fui membro da associação do CREA, fui membro da Associação Catarinense de Engenheiros, sou ex-dirigente sindical do Sindicato dos Engenheiros, e tu não sabe o que é um engenheiro eletricista se meter a dar opinião numa área de engenharia civil ou o contrário, o engenheiro civil se meter a dar opinião na área de engenharia elétrica. Então, **meu irmão**, com todo o respeito, essa parte cabe ao pessoal do

Deinfra, que são os engenheiros civil. **Espero que tu não fique bravo**, mas eu não vou entrar nessa guerra não.

Paulo Britto: Cabe ao DER.

Eduardo Citôneo: Deinfra, o Deinfra já tá. Já buscou especialista, já chegou hoje de manhã.

Carlos Eduardo Lino: Entraram no local agora meio-dia. Agora que estão vendo.

Eduardo Citôneo: Meio-dia não entraram não porque meio-dia que o bombeiro apagou e levaria de duas a três horas para resfriar mais ainda.

Roberto Alves: Para fechar, Fabio Ramos de Capoeiras faz uma pergunta que nos remonta ao nosso tempo, Britto. Como era o fornecimento de energia elétrica da ilha de Santa Catarina antes da construção da ponte Colombo Salles? Onde estão os atuais cabos que foram danificados? Dá para voltar ao sistema antigo?

Eduardo Citôneo: Ela era feito pela ponte Hercílio Luz, eu

Roberto Alves: Tá desativada, né?

Eduardo Citôneo: Ali não tem mais nada. Nós até fomos na expectativa de ter alguns isoladores ali mas não tem mais nada.

Paulo Britto: É como se fosse rede de distribuição.

Eduardo Citôneo: Era distribuição. Era 13.8.

Eduardo Britto: Passava pelo lado da ponte que não tinha passarela.

Eduardo Citôneo: Exatamente.

Paulo Britto: Tinha um cabo e passava ali.

Eduardo Citôneo: Exatamente, os isolantes.

Roberto Alves: E os atuais cabos que foram danificados onde é que estão?

Carlos Eduardo Lino: Estão lá.

Eduardo Citôneo: Estão lá no mesmo lugar.

Roberto Alves: Tá lá danificado?

Carlos Eduardo Lino: Tudo queimado.

Eduardo Citôneo: É, tudo queimado.

Roberto Alves: E voltar ao sistema antigo é impossível, né? A evolução é muito grande, a modernização.

Carlos Eduardo Lino: Não existe mais.

Eduardo Citôneo: Não.

Roberto Alves: Se o sistema antigo que ele tá dizendo é o da ponte Hercílio Luz.

Carlos Eduardo Lino: Não existe mais, não tem como dá um passo para trás.

Eduardo Citôneo: E nem essa aí, se o cabo isolado a óleo for determinado pela Pirelli que não tem condição, nós já vamos trocar e trocaremos já por cabo seco, não usaremos mais.

Roberto Alves: Obrigado Doutor Eduardo Citôneo, Diretor Técnico da Celesc, que com uma gentileza incrível, uma disposição fantástica e com, sobretudo muita humildade, está respondendo a todas as perguntas, veio aqui ao nosso programa, reconhece os problemas acontecidos, causados na cidade, enfim. Foi um papo agradável, agradável em termos, né?

Eduardo Citôneo: A situação não é agradável, né.

Paulo Britto: Porque tu mora no Estreito, lá no interior, não tá sem água, sem luz. Só isso. Sai de lá rindo.

Carlos Eduardo Lino: Obrigado Citôneo pela responsabilidade social.

Roberto Alves: Exatamente, o Carlos Eduardo fechou o que eu queria dizer.

Carlos Eduardo Lino: As pessoas têm que se guiado pela CBN, em especial na Ilha, só o radinho de pilha que está funcionando, a fonte de informação é o radinho de pilha.

Roberto Alves: E em momento algum a Celesc, ou seja, o Governo Estadual, Federal, em momento algum recusou-se a dar qualquer tipo de informação, não escondeu nada, a transparência absoluta, parabéns, e vamos resolver e...

Eduardo Citôneo: Vamos, nós vamos ligar a Ilha hoje nem que não tem, nós vamos ligar. Não existe possibilidade nenhuma de nós não ligarmos.

Roberto Alves: Pode ser às oito, às oito e meia, oito e quarenta.

Eduardo Citôneo: Eu queria ter condição para ligar já, mas nós vamos ligar. Esse povo pode ter certeza, esse é o compromisso que nós temos com o governador, e nós vamos ligar.

Paulo Britto: Por acaso se fosse o governador, se fosse lá em Joinville não teria problema nenhum.

Citôneo: Não, não, não. Você não conhece o Governador.

Roberto Alves: Nada a ver.

Eduardo Citôneo: Só queria agradecer a oportunidade e dizer para vocês que em nome da Celesc nós só temos a lamentar e vamos procurar o mais rápido possível reestabelecer o sistema.

Roberto Alves: O Governador está sendo informado a todo instante?

Eduardo Citôneo: Todo, foi o primeiro a ligar.

Carlos Eduardo Lino: Uma informação de alento para quem está na Via Expressa, entrando em Florianópolis agora, imagem ainda há pouco mostrava a abertura de mais uma pista no sentido continente – ilha. Então, o trânsito deve estar fluindo um pouquinho melhor. Você que está vindo para a Ilha, foi liberado mais uma pista.

Paulo Britto: Usa a pista da direita, ali. Eles estão usando a pista da direita.

Eduardo Citôneo – Eu só gostaria de pedir, só viesse para a Ilha quem precisa. Deixa primeiro nós ligar, entende. Cria transtorno para nós esse trânsito ai cria transtorno para nós. Nós temos ainda caminhões que estão chegando, nós precisamos ter circulação fácil.

Roberto Alves: Muito obrigado. Doutor Eduardo Citôneo, diretor técnico da Celesc, um abraço, muito obrigado. Parabéns pelo trabalho realizado. Duas e três, vem ai Luiz Carlos Prates e o Notícia da Tarde com a CBN Diário e a TVCom juntas.

SDR16: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 19h, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Ok, Secretário. Ouvimos aí a palavra do Secretário de Informação do Estado de Santa Catarina, Derli Anunciação. Então, é, são providências e mais providências a serem tomadas, a história do ponto facultativo, mas nessa história nessa altura do campeonato, é... Suspensão ou ponto facultativo, quer dizer, é, é, é, as pessoas também há um certo stress, né? Nós temos que concordar com isso, por mais que a pessoa tenha autoridade, principalmente, por mais que ela seja equilibrada, eu imagino o que passa na cabeça desses homens nesse momento. Sabendo que uma comunidade, com mais de duzentos e oitenta mil habitantes taí, sem energia elétrica, não é? Com alimentos apodrecendo, alguns sem tomar banho, é um prejuízo incalculável. Incalculável. Tem ouvinte na linha, vamo... Não tem... Alô? Alô?

Voz feminina: Alô?

J. Pacheco: Pois não, boa noite!

Voz feminina: Boa noite.

J. Pacheco: Quem fala?

Voz feminina: É... Glerta.

J. Pacheco: Pois não?

Glerta: É só pra lembrar, né, **a nossa Prefeita** foi em todos os canais de televisão, nas rádios, dando o seu apoio, né, e **o nosso governador** foi numa festa, né.

J. Pacheco: Foi a Blumenau.

Glerta: Então, a gente queria lembrar que a Prefeita tá fazendo pelo menos a parte social dela, né?

J. Pacheco: Certo.

Glerta: E também eu queria lembrar que nós temos velas aqui na Rua Anita Garibaldi, que o pessoal tá meio desfalcado aí de velas, o comércio em geral tá quase fechado,

J. Pacheco: Cê tá num...

Glerta: Bazar Santa Bárbara.

J. Pacheco: No Bazar Santa Bárbara.

Glerta: Na rua Anita Garibaldi, 126.

J. Pacheco: Tem vela pra vender aí?

Glerta: Tem velas ainda pra vender.

J. Pacheco: Depois eu mando a nota do comercial!

Glerta: Tá, tá...

J. Pacheco: Beijo no seu coração! Obrigado por cê ter ligado!

Glerta: Tá, tchau!

J. Pacheco: Dezenove horas, catorze minutos.... Taí ó, a população continua cobrando, é o povo que fala, é o que tá falando, as pessoas que estão desabafando e nós respeitamos sem dúvida nenhuma a opinião é da população. Eu queria voltar à esta questão aí do cabo submarino que o doutor Gerson tava fazendo é uma explanação a respeito.

SDR17: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 18h30min, apresentador J. Pacheco com a participação de César Souza Jr. e dos advogados Gerson Basso e Francisco Ferreira.

J. Pacheco: Temos um ouvinte, alô!

Voz feminina: Alô!

J. Pacheco: Oi, querida, pode falar.

Voz feminina: Em primeiro lugar eu quero dar parabéns a vocês

J. Pacheco: obrigado.

Voz feminina: Ao Corpo de Bombeiro,

J. Pacheco: Uhum...

Voz feminina: E agora, ao **nosso Governador**, nosso não, pra mim ele não é Governador.

J. Pacheco: Certo.

Voz feminina: Tá? Porque Governador que se presta a esse papel não é Governador. Ele só pensa em Joinville. A cidade dele é Joinville enquanto que nós estamos a mercê disso.

J. Pacheco: Perfeito.

Voz feminina: Então é uma vergonha, eu já tirei da minha geladeira,

J. Pacheco: Sim, querida.

Voz feminina: Um momente de coisa porque eu sou microempresária.

J. Pacheco: A senhora mora aonde, querida?

Voz feminina: Eu moro na Agronômica.

J. Pacheco: Na Agronômica.

Voz feminina: Eu estou um... Olha, sinceramente, não tem água, tá?

J. Pacheco: Uhum.

Voz feminina: É uma calamidade.

J. Pacheco: Sem água,

Voz feminina: Eu fiquei

J. Pacheco: Sem energia.

Voz feminina: Sem água, sem gelo,

J. Pacheco: E ainda com o prejuízo do seu negócio!

Voz feminina: Prejuízo, mas eu cobrar!

J. Pacheco: Mas, tem que cobrar.

Voz feminina: Eu vou e tem mais uma coisa!

J. Pacheco: A senhora sabe que tem todo os direitos, né?

Voz feminina: Todos os meus direitos. Porque Governador que se preza a esse tipo de papel pra mim não é Governador!

J. Pacheco: Aliás, doutor Francisco, doutor Gerson, essa senhora, como qualquer consumidor hoje em Florianópolis tem todo os direitos garantidos.

Advogado: Sem dúvida. Até porque a obrigação de ressarci-la nasce de um ato ilícito que resulta também, que ele resulta,
J. Pacheco: Claro.

Advogado: de uma imperícia ou de uma imprudência que ao que parece é o que aconteceu na ponte Colombo Salles, né? Na manutenção por parte da Celesc da cablagem.

J. Pacheco: É bom não esquecermos disso e a senhora não vai esquecer, né?

Voz feminina: Não vou esquecer jamais. Vou cobrar da Celesc, do Governador, de quem for que tiver culpa. Porque eu acho um absurdo só ter uma subestação.

J. Pacheco: Ok, querida.

Voz feminina: Que é isso, isso é uma vergonha!

J. Pacheco: Valeu!

Voz feminina: Tchau.

J. Pacheco: O seu nome?

Voz feminina: É Selma.

J. Pacheco: Um beijo no seu coração. Obrigado por ter ligado.

Voz feminina: Obrigado, tchau.

J. Pacheco: Seis horas, trinta e cinco minutos. Nós que estamos desde ontem, na tarde de ontem, nossa cobertura sem parar sobre, é, o blecaute que se abateu sobre Florianópolis. As orientações continuam as mesmas, se você não tem o que fazer, é, na cidade, por favor, não saia com o seu veículo, é, a não ser que precise vir para o continente, para tomar um banho, é, enfim, ah, ou algo é com muita urgência. Desligue toda a sua energia, toda a energia da sua residência, pra que acidente não ocorram. É você vai ter que acender velas novamente hoje. Cuidado, muito cuidado, retire-as da proximidade das crianças para que acidentes não ocorram. Tem ouvinte, alô!

SDR18: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 15h30min, apresentadores Rodrigo Faraco e Luiz Carlos Prates (Parte 14 Blecaute 30-10-03).

Rodrigo Faraco: Prates, trânsito nas pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles neste momento é bastante intenso e complicado. Para quem está se deslocando da BR-101 para o Centro da Ilha de Santa Catarina, na Pedro Ivo Campos há duas faixas de circulação à disposição neste sentido, BR-10–Ilha de Santa Catarina. As duas faixas do Centro da ponte Pedro Ivo Campos estão liberadas para circulação de veículos, mas há um afunilamento ali de quem vem de Coqueiros, por exemplo, quem vem da Via Expressa, e aí o trânsito tá lento nesta entrada da Pedro Ivo Campos. A faixa mais à direita está sem circulação porque as máquinas estão ali, no local, trabalhando neste momento. E a faixa mais à esquerda está liberada para o trânsito no sentido contrário, quem vem da Ilha e está indo em direção ao Continente, quem sai da Ilha e está indo para o Continente. Na Colombo Salles permanece então duas faixas, as duas faixas mais da esquerda, com o trânsito liberado, e as duas faixas a direita, até o meio da ponte, estão interrompidas justamente pelo buraco que há na ponte Colombo Salles, ocasionado pela explosão ontem, pelo incêndio que houve. Mas nós seguimos adiante, Prates, vamos conversar com a diretora administrativa do Cepon, Terezinha Serrano, ela está conosco e fala sobre o trabalho no Cepon nesta quinta-feira. Boa tarde diretora.

Terezinha Serrano: Boa tarde.

Rodrigo Faraco: Como é que está o Cepon nesta quinta? Os atendimentos, os trabalhos no Cepon?

Terezinha Serrano: O atendimento foi bastante prejudicado, tendo em vista que a gente teve que reduzir o nosso atendimento em função da ausência de energia, embora o Cepon tenha gerador próprio. Mas, esse gerador está destinado exclusivamente para a manutenção dos medicamentos, que são medicamentos sofisticados, que requerem refrigeração, e também o nosso banco de medulas ósseas que não pode ficar prejudicado nessa situação, né? Então nós reduzimos as consultas. As que eram possíveis ser transferidas, a gente transferiu para outra semana. E atendemos principalmente as pessoas que se deslocaram do interior, que foi um grande número, porque não tínhamos condições de avisá-los.

Rodrigo Faraco: Agora com relação aos procedimentos que não foram realizados, qual é o procedimento?

Terezinha Serrano: Nós pedimos à toda a população que tenha agendamento, principalmente para amanhã, que entre em contato com os telefones do Cepon e remarque para a próxima segunda, a partir da próxima segunda-feira. Nós vamos atender a todos, a gente só pede que a população compreenda este momento e solicitamos também que para amanhã especificamente as pessoas que tiverem quimioterapia agendada ou não se sentirem muito bem, procurem o Cepon. E, se possível, eles transfiram para a outra semana. Não podendo, a gente vai **atendê-lo**. Mas a gente pede assim, a colaboração da população nesse sentido.

Rodrigo Faraco: O Cepon tem problemas em relação a energia elétrica, mas o pessoal do Cepon, está todo trabalhando nesta quinta-feira? Todo mundo conseguiu chegar ao Cepon para o trabalho normal?

Terezinha Serrano: Em função do quadro de pessoal, nós não temos nesse momento nenhum prejuízo. Nós fizemos um esforço de busca-los, alguns que tinham dificuldade de transporte, mas todo o nosso quadro de funcionários está à disposição, o nosso hospital funciona normalmente. Fomos abastecidos pela Celesc também, nós temos um gerador também no nosso hospital. A Celesc foi pronta, nos atendeu. O nosso consumo de óleo diesel é bastante grande e na ilha já não tínhamos condições de abastecimento, a Celesc nos atendeu, nos abasteceu, e tem mantido abastecido nossos geradores tanto do hospital quanto do ambulatório e estamos trabalhando. Não há prejuízo no atendimento em função de pessoal, o que nós temos dificuldade é acionar toda a máquina, que requer muita energia. Então, nós estamos priorizando alguns setores para que o atendimento não seja de todo suspenso. Mas ele tem prejuízo sim porque nós, a água já começou a ter dificuldade de ser bombeada para um lugar mais elevado do Cepon, a esterilização de matérias começa a ficar um pouco preocupada, a gente fica preocupada com isso. Então, nós estamos pedindo para a população que se possível adie o seu atendimento. Não queremos com isso dizer que as pessoas que estão se sentindo mal ou que precisam de um atendimento de mais urgência não nos procurem.

Rodrigo Faraco: A senhora acredita que com o reestabelecimento, a previsão é para oito horas da noite de hoje para o centro da capital e às dez horas da noite, no máximo, para as outras regiões da ilha, a senhora acredita que o Cepon aguente até este horário com os geradores e consiga manter principalmente estas questões ai de equipamentos que precisam ter uma temperatura, ou a manutenção de outros medicamentos?

Terezinha Serrano: Nós temos tido sempre a preocupação de ter manutenção preventiva nos nossos geradores justamente por que nós, primeiro trabalhamos em parceria com o Hemosc, e o sangue precisa ter a sua qualidade mantida, então, nós temos tido essa preocupação em manter os geradores sempre com manutenção preventiva. Quanto ao nosso equipamento de geração de energia, acreditamos que não teremos problema tá, então se reestabelecerem a energia natural como vinha sendo mantido, acreditamos que voltaremos ao normal. Mas, como a gente não sabe exatamente se isso vai acontecer, a gente está tomando a precaução de avisar as pessoas que, como hoje já foi suspenso muito atendimento, amanhã provavelmente nos procurem, então que de lá até segunda-feira, para nós não termos sobrecarga de atendimento.

Rodrigo Faraco: Tá certo, a senhora gostaria de deixar mais algum recado ou algum telefone de contato do Cepon para as pessoas que precisem de alguma forma entrar em contato?

Terezinha Serrano: O telefone de contato do Cepon é 251-9799 para qualquer esclarecimento no sentido agendamento das consultas e qualquer outra dúvida com respeito a situações que possam ocorrer com pacientes. Eu queria manifestar o agradecimento à CBN e também dizer **a todos os nossos ouvintes** de que a gente lamenta o prejuízo que teve no nosso atendimento. Agora estamos sempre à disposição, o Cepon sempre preza pelo padrão de bom atendimento e procurou hoje, com todos os seus esforços possíveis, manter essa qualidade.

Rodrigo Faraco: Está certo, obrigado pela informações diretora Administrativa do Cepon, Terezinha Serrano, boa tarde.

Terezinha Serrano: Eu que agradeço, muito boa tarde.

Rodrigo Faraco: Mais uma prestação de serviço então da CBN Diário ao seu ouvinte, com relação ao funcionamento dos diversos órgãos aqui na ilha de Santa Catarina, na capital catarinense.

Luiz Carlos Prates: Muito bem, são três horas da tarde e trinta e cinco minutos. Nós continuamos a receber as imagens da TVCom sobre o trabalho que está sendo feito para a retomada da energia elétrica. É um trabalho pesadíssimo. Guindaste para cá, guindaste para lá, homem pendurado aqui, homem pendurado lá.

SDR19: Rádio CBN Diário, 29/10/2003, por volta das 16h30min, apresentadores Carlos Eduardo Lino e Rodrigo Faraco (Primeira Parte Trabalho Especial 29-10-03)

Carlos Eduardo Lino: Ok, obrigado à Tatiana Maduel, que nos passa informações então sobre a Casan. Todos os serviços começam a ficar prejudicados a medida que vai se estendendo essa necessidade de melhora do sistema de abastecimento de energia elétrica.

Rodrigo Faraco: Jorge Baggio, nosso contato agora, ele é do CIC, do Centro Integrado de Cultura, e tem informações para passar para o ouvinte da CBN Diário em relação ao atendimento, ao funcionamento do CIC nessa quarta-feira. Boa tarde Jorge.

Jorge Baggio: Alô, eu estou lançando o vídeo *Body Boarding* em Santa Catarina e eu gostaria de informar para as pessoas, convidados, as pessoas que estão vindo para o Cinema hoje no CIC, que está funcionando normalmente e os eventos no CIC vão acontecer normalmente também, pois o CIC tem gerador e está tudo certo, tudo funcionando lá. É isso aí.

Carlos Eduardo Lino: Vocês já fizeram contato com o CIC, o CIC já deu esse ok?

Jorge Baggio: Já foi feito o contato com o CIC, já foi feita a prova do vídeo e está tudo funcionando normal.

Carlos Eduardo Lino: O CIC está funcionamento normal, com gerador, é isso?

Jorge Baggio: Isso, exatamente.

Carlos Eduardo Lino: Mas, bom. Tudo bem. O problema é que normal não vai ser, o deslocamento das pessoas pela cidade estará prejudicado e as pessoas terão alguma problema.

Jorge Baggio: Claro que eu vou pedir cautela, o número é grande de convidados. Mas os convidados vão assistir eu queria avisar que estará funcionando normalmente.

Carlos Eduardo: O evento de vocês no CIC hoje à noite.

Jorge Baggio: Exatamente.

Carlos Eduardo: Qual é o nome do evento?

Jorge Baggio: Lançamento do vídeo *Body Boarding* em Santa Catarina.

Carlos Eduardo Lino: Tá legal. Obrigado Jorge.

Rodrigo Faraco: A informação então, confirmação de uma programação no CIC. Vários são os serviços que estão sendo prejudicados, mas com relação a essa questão do CIC o funcionamento é normal. Lançamento do vídeo. O Jorge Baggio confirmou para a gente. Vinte e seis minutos para as cinco horas, vinte e seis para as cinco. Gente, de acordo, tenho um recado aqui de um ouvinte. Não, tenho um recado aqui da redação. Funcionário da Celesc diz que na melhor das hipóteses, o funcionamento passa a ser normal a partir de amanhã à tarde. Informações de bastidores aqui, trazida pela redação da CBN Diário e a gente vai confirmar daqui a pouco com a Celesc essa questão do funcionamento, da volta da energia elétrica, o reestabelecimento do sistema aqui na capital.

SDR20: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 21h45min, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Alô? Alô, quem está? Alô? Alô?

Voz feminina: Alô?

Cai a ligação.

Voz masculina: Boa noite, Pacheco. Tudo bem, querido?

J. Pacheco: Quem tá falando?

Voz masculina: É o Leonardo, Gerente Comercial do Centro de Convenções de Florianópolis.

J. Pacheco: Oi, Leonardo!! Tudo bem?

Leonardo: Como é que tu tais?

J. Pacheco: Estamos aqui na luta, não é?

Leonardo: O Pacheco,

J. Pacheco: Tentando ajudar a nossa comunidade.

Leonardo: O Pacheco, eu só quero também, eu to acompanhando todo o teu trabalho, e eu só quero registrar o seguinte: olha, Pacheco, é, você imagina o trabalho, a concorrência que é trazer um evento como a Futurecom pra Florianópolis.

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: Por exemplo, só a Futurecom deixa na Capital mais de quatro milhões de dólares.

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: Noventa e oito por cento de taxa de ocupação na rede hoteleira.

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: Sabe, e... e nós estamos aí é...

J. Pacheco: À mercê de um cabo!

Leonardo: E não, e agora eu te pergunto: sabe, nós estamos lutando anos após anos para que a Futurecom e grandes eventos venham pra Florianópolis.

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: Como é que nós vamos conseguir fazer com que a Futurecom permaneça o ano que vem em Florianópolis?

J. Pacheco: É complicado.

Leonardo: Sabe? Onde agora, por exemplo, você não imagina hoje à tarde toda, as pessoas indo ao escritório, falando tudo e a gente tentando argumentar e coisa e tal, porque os hotéis muitos deles não têm geradores e eles estão à mercê, não têm os restaurantes não têm geradores, não conseguem sair do Centro de Convenções,

J. Pacheco: Eu imagino a situação.

Leonardo: Não conseguem ir para o o aeroporto, não consegue vir; palestrantes como o Alexandre Garcia, da Rede Globo, não tá conseguindo sair, como Leiliane, como Márcia Peltier, enfim, como Arnaldo Jabor... Nós estamos enfrentando o caos! E quer dizer, Florianópolis que hoje que quer, que é com certeza a segunda cidade no país de turista, vinda de turista de evento, está aí à mercê, como você bem diz,

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: de um cabo. Nós estamos aqui, só pra ti ter uma ideia, geradores, nós estamos trazendo geradores de tudo quanto é lado pra suprir, porque o evento Futurecom é muito grande, é muita energia.

J. Pacheco: É verdade.

Leonardo: Estamos aí jogados, sabe?

J. Pacheco: É complicada a situação!

Leonardo: Quer dizer, o Estado não dá nem bola pra gente.

J. Pacheco: O Estado não tá nem aí pra vocês, é?

Leonardo: Não tá nem aí porque tá vendo aí o que está acontecendo, né?

J. Pacheco: Uhum...

Leonardo: Quer dizer, é é muito difícil, o o Pacheco.

J. Pacheco: É, é e como é que está a a a situação cê falou aí, eu até entendo agora, é... Muitas pessoas que estão, né, que estão participando deste grande evento.

Leonardo: São cinco mil, cinco mil empresários

J. Pacheco: É.

Leonardo: de todo o mundo.

J. Pacheco: Quer dizer que são todos, que a mairia deles continua no Centro de Convenções, então?

Leonardo: Não consegue sair, né o Pacheco.

J. Pacheco: É muito complicado.

Leonardo: Não conseguem sair.

J. Pacheco: Realmente.

Leonardo: E, por exemplo, tu vê assim, hoje, é... A a Ericson teria um grande jantar pra vários empresários chineses, japoneses. A Anatel o seu presidente pra vários outros empresários, hoje ao meio dia o Governador tev, sabe? São *business*, *business*!

J. Pacheco: Ahã.

Leonardo: É, é estamos aí... né... E aí, quer dizer, as pessoas dizendo: "Olha, cadê a infraestrutura? Pô, estamos aqui!". Sabe? Isso pega muito mal pra gente, né?

J. Pacheco: É verdade. E está registrado aí, realmente, o seu desabafo com o que nós concordamos. Muita coisa precisa ser feita, até do ponto do vista da profissionalização, que fala-se muito somos é as cidades, a primeira cidade com qualidade de vida, em turismo, e a nossa rodoviária, por exemplo, não tem gerador funcionando.

Leonardo: É, e eu tomei a liberdade até de ligar pra você, Pacheco, porque eu o quanto você luta
J. Pacheco: Muito!

Leonardo: pelo turismo,

J. Pacheco: Muito!

Leonardo: pelo evento a a em Florianópolis. Se nós estamos nessa posição, eu digo isso de cadeira, deva-se muito a você também. Então por causa disso eu tomei essa liberdade até desse desabafo...

J. Pacheco: Beleza.

Leonardo: A gente viaja o Brasil todo na busca de eventos daí é bravo.

J. Pacheco: Sei disso, sei disso. Leonardo, eu agradeço imensamente as suas palavras, entendo e corroboro aí com o seu desabafo e quero estar junto nessa luta pra que nós tenhamos dias melhores, pode ter certeza. Um grande abraço, meu irmão!

Leonardo: Um abraço, querido.

J. Pacheco: Um abraço, taí o Leonardo que é um batalhador, não é, do Centro de Convenções, trazendo eventos, é, dinheiro, emprego pra Florianópolis, aí bate no diabo do amadorismo. Quer dizer, então lá os empresários, que vieram, né... Então aí vai, é toda, é todo mundo sofrendo, não é? É na realidade é todo mundo sofrendo. Nosso repórter Guararema, o Rodrigo, é o Rodrigo que está na linha...?

SDR21: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 23h15, apresentador J. Pacheco e participação de César Souza Jr.

J. Pacheco: São exatamente dez horas do acidente, nós estamos a dez horas do acidente e nenhuma decisão foi tomada com relação ao que se fazer. Mais uma vez, é, se nós refletirmos nós vamos chegar à conclusão de que esse problema poderá ser solucionado somente amanhã no final da tarde e olha lá, hein... É complicado. Alô, tem, quem está na linha, alô?

Voz masculina: É... Boa noite.

J. Pacheco: Bom noite.

Voz masculina: É o Carlos Augusto de Amorim Dutra, eu sou Procurador da República em Santa Catarina.

J. Pacheco: Pois não.

Carlos Augusto: Estou acompanhando também aí, o programa está com uma grande audiência, é um programa de utilidade pública, e acompanhando os questionamentos dos...

J. Pacheco: Pois não.

Carlos Augusto: dos ouvintes da Guararema.

J. Pacheco: Pois não, doutor Carlos.

Carlos Augusto: principalmente os ouvintes que estão a perguntar a... Dos prejuízos, né?

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: Que esse entre aspas apagão poderá acarretar aos consumidores de energia elétrica

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos Augusto: Principalmente aqui da Ilha de Santa Catarina.

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos Augusto: O Ministério Público, eu gostaria de passar essa informação, o Ministério Público Federal,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: irá instaurar um inquérito civil público no sentido de apurar as razões desse dessa falta de energia. Estaremos também amanhã, contactando assim que possível, com o procurador, o promotor de justiça do Ministério Público de Santa Catarina, coordenador é da área do consumidor,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: doutor Trajano,

J. Pacheco: Doutor Trajano,

Carlos Augusto: É, justamente pra uma...

J. Pacheco: Uhum...

Carlos Augusto: Atuação conjunta entre o Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado de Santa Catarina, na proteção justamente dos interesses dos consumidores daqui é...

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos Augusto: Florianópolis. Gostaria apenas pra complementar,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: de sugerir,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: que os consumidores que tiverem, por ventura, algum prejuízo, que procurem é materializar esse prejuízo, não é?

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: Pra trazer, né, sei lá, de uma fotografia,

J. Pacheco: Doutor Carlos, né?

Carlos Augusto: Doutor Carlos Augusto de Amorim Dutra.

J. Pacheco: Doutor Carlos, é um simples orçamento, por exemplo, o consumidor fazendo numa oficina especializada, seria o suficiente?

Carlos Augusto: É, o orçamento, uma nota fiscal

J. Pacheco: Do serviço,

Carlos Augusto: Do serviço, é no que diz respeito, essa é a grande preocupação, acabava de conversar até com um amigo, né?

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: Ele dizia, "hoje eu fiz", usando um termo aqui do Sul, "hoje eu fiz um rancho, né"

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: "o meu freezer tá cheio de comida,"

J. Pacheco: Pois é, doutor Carlos,

Carlos Augusto: "que que vai acontecer?"

J. Pacheco: Como é que fica isso?

Carlos Augusto: Essas pessoas, é, nós esperamos, e amanhã estaremos é justamente analisando, eu espero, como já foi dito na rádio,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: os responsáveis pelo apagão se responsabilizem também por esse tipo de prejuízo. Daí a necessidade das pessoas que tiverem é algum prejuízo, de materializarem de alguma forma através da nota fiscal do supermercado,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: através é do orçamento

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: é de algum aparelho danificado,

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: através de algum prejuízo em razão de um evento não realizado ou realizado pela metade,

J. Pacheco: Tudo isso é passível

Carlos Augusto: Isso não só o consumidor residencial, mas o consumidor também

J. Pacheco: Comercial

Carlos Augusto: do comércio,

J. Pacheco: indústria,

Carlos Augusto: e da indústria, da indústria. Porque pra esse fim todos são considerados consumidores.

J . Pacheco: A lei é abrangente, então.

Carlos Augusto: É abrangente neste sentido. E desde já eu coloco o Ministério Público Federal em Santa Catarina, situado à rua Bulcão Vianna, ali ao lado do Tribunal de Contas,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: ou seja, aos fundos

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: do ex-Palácio do Governo, perto do muro ali do Instituto

J. Pacheco: Estadual de Educação.

Carlos Augusto: Estadual de Eduacação.

J. Pacheco: Doutor Carlos, há um telefone disponível que as pessoas possam fazer algum contato ou não?

Carlos Augusto: O... É 2229-2400.

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: E nós temos também o protocolo para as representações, as queixas, para as denúncias a respeito, não é, desses prejuízos é por ventura causados.

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos Augusto: Estaremos também, se for o caso,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: acionando e requisitando à Aneel, que é o órgão, a agência fiscalizadora,

J. Pacheco: Sim.

Carlos Augusto: é da prestação

J. Pacheco: de energia,

Carlos Augusto: do serviço público essencial de energia, né? Acionando a Aneel para que, se for o caso, venha a Florianópolis e faça um trabalho de fiscalização porque, efetivamente,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Carlos Augusto: Esse modo, pelo menos à primeira vista, se mostra, a gente nota que há uma, sem antecipadamente prejulgar,

J. Pacheco: Sim, senhor,

Carlos Augusto: Uma falta de planejamento.

J. Pacheco: É verdade.

Carlos Augusto: Uma falta de planejamento por uma capital que cresce e que vem é através das suas políticas desenvolvimentistas, né, procurando crescer cada vez mais parece que há uma falta...

J. Pacheco: Alguma coisa parece que não acompanha esse ritmo, né, doutor Carlos? O César Júnior gostaria de fazer-lhe uma pergunta, doutor Carlos.

Carlos Augusto: Pois não!

César Jr.: Doutor Carlos, primeiro cumprimentá-lo pela presteza e diligência da sua atuação em tá atento, né, o senhor que é um procurador é, da empresa do gov...

Carlos Augusto: Da República, não é?

César Jr.: Da República que tá atento ao que tá acontecendo no no

Carlos Augusto: na nossa cidade.

César Jr.: no seio da comunidade.

Carlos Augusto: Pois não.

César Jr.: Isso é essencial

Carlos Augusto: Uhum...

César Jr.: E daqui vai os cumprimentos de toda a Rádio Guararema pro senhor. O seguinte, até a preocupação que eu vinha manifestando é a seguinte, porque o que haja até um sugestionamento da Procuradoria, me parece que é isso o que vai ocorrer, que a Celesc resolva os danos que vão advir dessa interrupção, de maneira administrativa.

Carlos Augusto: É, extra judicial...

César Jr.: Sem fazer o consumidor ter que recorrer

Carlos Augusto: Certo.

César Jr.: ao Poder Judiciário

Carlos Augusto: Ahã.

César Jr.: com toda a demora que infelizmente é a realidade do nosso

Carlos Augusto: Claro, claro.

César Jr.: Judiciário, né.

Carlos Augusto: Ahã.

César Jr.: Eu penso que essa a principal coisa que se possa fazer pra agilizar a a

Carlos Augusto: Claro.

César Jr.: o ressarcimento das perdas. Acredito que é por aí, né, Procurador?

Carlos Augusto: É, e nada impede que o próprio Ministério Público convoque os responsáveis pelo evento a um acordo extra judicial. Nós temos hoje essa possibilidade,

J. Pacheco: Certo.

Carlos Augusto: através é desse acordo, de um termo de ajustamento de conduta,

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos Augusto: Extra judicial no que toque aos danos por ventura causados aos consumidores.

César Jr.: Pra agilizar o ressarcimento desses danos que estão, em suma, a ver danos que pequena monta, de pequenos comerciantes e cidadãos comuns que tão tendo grandes transtornos em sua vida com tudo isso que está acontecendo, não é?

Carlos Augusto: É claro, é claro.

J. Pacheco: Complicado. Doutor Carlos,

Carlos Augusto: Mas, então é isso.

J. Pacheco: Eu J. Pacheco juntamente com César Júnior e toda a nossa equipe da Rádio Guararema gostaríamos imensamente de agradecer-lhe, né, e ficamos muito honrados com a sua iniciativa, espontaneidade, uma autoridade do Judiciário Federal, não é, ter essa presteza de vir pra informar a nossa comunidade dos direitos que ela tem. Muitíssimo obrigado!

Carlos Augusto: Está certo, uma boa noite.

J. Pacheco: Boa noite ao senhor.

Carlos Augusto: Boa noite.

J. Pacheco: Obrigado doutor Carlos, está aí Procurador do Ministério Público Federal, quer dizer, quem poderia dar melhor informação em nível de direito e dos seus direitos, meu caro cidadão, se não este que aqui falou ainda há pouco, doutor Carlos, que é Procurador do Ministério Público Federal. Vinte e três horas, vinte e dois minutos, tem ouvinte, alô? Alô?

Voz masculina: Pois não?

J. Pacheco: Alô, quem fala?

Voz masculina: É Afonso...

J. Pacheco: Oi!! Afonso, Afonso dos Santos, tudo bem? Nosso querido presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas!

Afonso: Perfeitamente.

J. Pacheco: Nós, é, Afonso, há uma série de preocupações e questionamentos aqui por parte da comunidade, consumidores e por parte de trabalhadores do comércio, com relação à abertura ou não do comércio amanhã na cidade de Florianópolis. O senhor teria alguma informação pra nos prestar?

Afonso: O Pacheco, é o seguinte. Hoje houveram diversas é informações desencontradas,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Afonso: Até, alô?

J. Pacheco: Oi, estou lhe ouvindo, estamos lhe ouvindo.

Afonso: Tá ok. Falhou. É, bom, durante a tarde, durante a tarde houveram diversas informações desencontradas, né? Ora a Celesc que dizia que o problema seria resolvido durante a noite,

J. Pacheco: Isso.

Afonso: Ora não

J. Pacheco: Isso.

Afonso: ora era amanhã...

J. Pacheco: É.

Afonso: Então agora parece que existe uma definição que é só amanhã no final da tarde.

J. Pacheco: É verdade.

Afonso: Então, como o comércio, é dispensou, começou a dispensar os seus funcionários a partir das quatro horas, mais ou menos,

J. Pacheco: Isso.

Afonso: O shopping já fechou era uma cinco horas,

J. Pacheco: Exato.

Afonso: mais ou menos.

J. Pacheco: Exato.

Afonso: Então, os nossos funcionários eles estão orientados para retornarem ao trabalho amanhã de manhã.

J. Pacheco: Certo.

Afonso: Vejo como muita difi..., vejo que o comércio terá muita dificuldade de funcionar amanhã,

J. Pacheco: Sim.

Afonso: sem energia elétrica, porque você sabe que hoje uma loja é ela tá interligada aos seus computadores.

J. Pacheco: É verdade.

Afonso: Quer na emissão de documento fiscal, quer na nos seus controles de estoque, então, mesmo que os funcionários, é, se dirijam aos seus locais de trabalho, que eles tenham orientação pra isso, vejo muita dificuldade do comércio funcionar amanhã.

J. Pacheco: Certo. Até porque...

Afonso: Agora acredito que os empresários,

J. Pacheco: Sim.

Afonso: Eles deverão funcionar, mesmo precariamente.

J. Pacheco: Alguns...

Afonso: Até porque não tem como o comércio fechar amanhã durante todo o dia.

J. Pacheco: Agora Afonso, você tá sabendo que amanhã a a o Governo do Estado decretou ponto facultativo nas jus-repartições estaduais e a Prefeitura Municipal em nível municipal. Quer dizer, isso aí também é não seria o bom senso não deveria prevalecer aí e o comércio também não funcionar?

Afonso: Não, eu acredito, o Pacheco, eu acredito, eu acredito que o comércio não deva funcionar,

J. Pacheco: É.

Afonso: Até por falta de condições mínimas de funcionarem.

J. Pacheco: É verdade.

Afonso: É...

J. Pacheco: Porque é cartão de crédito, a operação de cartão, de tudo!

Afonso: Certo.

J. Pacheco: Banco!

Afonso: Certo! As consultas ao SPC, a cartão de crédito, é

J. Pacheco: Máquina registradora,

Afonso: É muito difícil funcionar amanhã, tá?

J. Pacheco: Uhum.

Afonso: Alô?

J. Pacheco: Oi, estou lhe ouvindo, pode falar.

Afonso: É, agora evidentemente, né, Pacheco, é... Tem, é, você sabe que existe, o comércio tem uma diversificação muito grande de atividades.

J. Pacheco: Perfeito.

Afonso: Então existem atividades,

J. Pacheco: Sim.

Afonso: Que são essenciais à comunidade.

J. Pacheco: Sim, senhor.

Afonso: Então esse tipo de comércio, evidentemente, ele vai ter que funcionar.

J. Pacheco: Certo.

Afonso: Agora aquele tipo de comércio que não é essencial à comunidade,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Afonso: Com certeza ele deverá fechar as suas portas por falta de condição.

J. Pacheco: Perfeito, então. Afonso, eu agradeço imensamente a sua participação, você tirou a dúvida aí de muitas pessoas que nos ligaram, nosso querido Afonso dos Santos, Presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas é de Florianópolis. Um grande abraço, muito obrigado!

Afonso: Muito obrigado.

J. Pacheco: Um abraço, taí então as informações da CDL, quer dizer, na realidade, pelo o que deixou a entender o Afonso, é, a opção vai ser do empresário na hora, quer dizer, você funcionário, você comerciário, foi orientado pra voltar amanhã ao trabalho. Claro que muitas lojas, que muita, muitas empresas, como bem disse o Afonso, não terão condições é, de funcionar, por razões óbvias. Quer dizer, operações com cartões de crédito, consultas ao SPC, é, enfim, uma série de outros problemas que não poderão acontecer em função, evidentemente, da falta de energia. Tem ouvinte, não?

SDR22: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 21h30min, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Esperar os técnicos de São Paulo! Venham logo! Tem ouvinte? Alô?

Voz feminina: Tem!

J. Pacheco: Boa noite!

Voz feminina: Boa noite!

J. Pacheco: Pois não.

Voz feminina: Meu nome é Selma.

J. Pacheco: Sim...

Selma: E **eu gostaria de perguntar pro Governador**

J. Pacheco: Sim

Selma: O que que **ele** só pensa no funcionalismo público, tá?

J. Pacheco: Uhum...

Selma: E porque que **ele** não pensa na gente?

J. Pacheco: Sim.

Selma: Tá? É uma atitude que **ele** tem que ver que o funcionalismo público só trabalha à tarde, isso quando trabalha.

J. Pacheco: Sim.

Selma: Tá ok?

J. Pacheco: Certo.

Selma: Então quer dizer, ele deu ponto facultativo na 2ª, 3ª e amanhã, por quê? Por que que ele não pensa na gente?

J. Pacheco: Certo.

Selma: Tão pensando que a gente é tratado o que, que nem cachorro?

J. Pacheco:A senhora é comerciária?

Selma: Sou!

J. Pacheco: Perfeito.

Selma: tá, agora uma coisa:

J. Pacheco: É, eu quero dizer para a senhora inclusive que nós estamos tentando contato com o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas pra gente passar essa informação pros nossos queridos comerciários porque, até porque entendemos que o comércio não pode abrir, não há condições de abrir, não é?

Selma: Pois é.

J. Pacheco: Eu acho que cês não tem como, amanhã não tem a mínima, como é que amanhã vai abrir, né? As máquinas não estão funcionando, máquinas registradoras, a iluminação da loja não vai poder ser acesa. Nós vamo passar essa informação pra todos vocês comerciários também.

Selma: Pois é, e por que o governador só pensa neles?

J. Pacheco: Tá bom, querida!

Selma: E nós não?

J. Pacheco: Registrada a sua indignação com razão.

Selma: Tá ok.

J. Pacheco: Beijo no seu coração. Obrigado por ter ligado, voltamos em seguida.

SDR23: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 8h20min, apresentadores Giovane Martinello e Mário Motta (Nona Parte Blecaute 30-10-03)

Mário Motta: Angelo Medeiros, Assessor de Imprensa do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, definido então esta decisão tomada pelo desembargador Alberto Costa, que é o presidente em exercício do TRJ, conseguinando também ponto facultativo nas repartições ligadas a este pode, Poder Executivo. Governador ontem já havia decretado ponto facultativo exclusivamente em Florianópolis e a prefeita Angela Amin, embora não estivesse na cidade, não esteja, e acredito que deva estar já chegando a Florianópolis. Ontem, inclusive na madrugada, as pessoas cobravam a presença da prefeita nesses pontos, ou a presença da autoridade municipal. O fato é que a prefeita não estava na cidade ontem, estava recebendo um, uma outra premiação por Florianópolis em receptividade, isso é importante também de deixar claro. E a própria posição das autoridades municipais com a movimentação do Lírio, do Secretário Francisco de Assis e de outras autoridades ligadas ao município, mantendo evidentemente esta relação, até porque neste momento teoricamente pouco importa quem seja quem, que poder esteja emanado de onde. O fato é que todos os relacionados com a segurança, com a infraestrutura, com trânsito, com saúde, enfim, possam dar a sua parcela de colaboração para que a cidade funcione ou continuasse funcionando da melhor forma possível. Agora são oito horas, vinte e quatro minutos.

Giovane Martinello: E nós estamos em contato com a Córdula Pom, que é diretora da Escola Autonomia. Bom dia.

Córdula Pom: Bom dia.

Giovane Martinello: Bom, que posição oficial se tem sobre a Escola Autonomia nesta quinta-feira, também suspendeu as aulas dessa quinta?

Córdula Pom: Tá, as aulas estarão suspensas nessa quinta e nós só poderemos retornar quando o fornecimento de água e luz estiver normalizado. Se a gente pudesse, **aos pais que estão ouvindo, pudessem avisar os outros pais, também sobre essa questão, nós agradeceríamos muito.**

Giovane Martinello: Nessa quinta-feira não haverá aula então.

Córdula Pom: Não haverá aula nesta quinta-feira.

Giovane Martinello: Mesmo retornando a energia as aulas estão suspensas hoje.

Córdula Pom: Hoje, nessa quinta-feira, não haverá aula. Amanhã, retornando à energia, ai sim retornaremos as aulas normalmente, com água e luz, né.

Giovane Martinello: Onde a Escola Autonomia está localizada?

Córdula Pom: No bairro Itacorubi.

Giovane Martinello: No Itacorubi, e atende quantos alunos?

Córdula Pom: 550 alunos.

Giovane Martinello: 550 alunos, então a informação está sendo passada neste momento. A Escola Autonomia também decidiu suspender as aulas nessa quinta-feira e a partir de que horas toma uma posição oficial em relação a amanhã, sexta-feira?

Córdula Pom: A gente poderia dar alguma notícia somente a partir das sete horas da manhã de amanhã, mesmo. Mas os pais podem entrar em contato com a escola que o vigilante tem como dar as notícias.

Giovane Martinello: Através de que número?

Córdula Pom: No 334

Giovane Martinello: 334

Córdula Pom: 4333

Giovane Martinello: 4333

Córdula Pom: Ou **os pais que sabem os telefones das pessoas aqui da escola, também podem entrar em contato normalmente com a gente.**

Giovane Martinello: Porque só amanhã às sete da manhã?

Córdula Pom: Porque a gente não tem como, se normalizar às seis da tarde hoje, podem começar a ligar às seis da tarde, não tem problema. O vigilante estará lá 24h. Mas, as notícias que nós temos aqui é que não normalizaria tão rápido, é isso?

Giovane Martinello: Exatamente.
Córdula Pom: Então tá.

Mário Motta: Vocês atendem educação infantil, também?

Córdula Pom: Infantil, Fundamental e Médio.

Mário Motta: Se por ventura nós tivermos funcionamento regular amanhã do comércio, enfim, da indústria, da cidade voltar ao normal, é evidente que os pais necessitem que as escolas funcionem para que seus filhos, possam ser recebidos.

Córdula Pom: Aí a escola vai funcionar normalmente.

Mário Motta: Ok, então já é uma boa dica.

Córdula Pom: Todos os professores, funcionários estão aqui, mas não temos como trabalhar pois o fornecimento de água já não tem mais, também, além da luz, né. Certo, mas amanhã funcionando, a escola estará aberta, todos estaremos aqui.

Giovane Martinello: Córdula Pom, obrigado pelas informações.

Córdula Pom: Muito obrigada, eu que agradeço.

Giovane Martinello: Tenha um bom dia. Diretora da Escola Autonomia que decidiu, Mário, oficialmente, suspender as aulas nessa quinta-feira.

Mário Motta: Oito horas, vinte e sete minutos, 20 graus a temperatura. Duas faixas, uma da Pedro Ivo, outra da Colombo Salles, interditadas para o tráfico de veículos sobre as pontes de entrada e saída da ilha.

SDR24: Rádio CBN Diário, 30/10/2003, por volta das 10h45min, apresentadores Mário Motta e Giovane Martinello (Décima Parte Blecaute 30-10-03)

Mário Motta: Reitor Rodolfo Pinto da Luz, novamente na linha conosco. Professor Rodolfo, vamos mais uma vez confirmar, universidade federal paralisada de manhã, até a noite, já antecipando essa confirmação.

Rodolfo Pinto da Luz: Sim, Mário. Nós já suspendemos as aulas durante o dia todo, inclusive a noite, porque nessa incerteza nós não podemos deixar as pessoas também sem saber o que irão fazer. Então as aulas estão suspensas, os trabalhos internos também, chamamos para uma reunião os diretores de centro, os diretores administrativos, pró-reitores, que terminamos há pouco a reunião, para avaliar quais os principais pontos que precisariam de medidas imediatas. Então, **nós estamos pedindo aos professores e servidores** onde existem locais com freezer, geladeiras e com experimentos, pesquisas ou material perecível, q**ue entre em contato com os seus respectivos diretores de centros ou diretores administrativos**, para que nós possamos, se essa falta de energia persistir, porque em princípio, voltando até final da tarde, começo da noite, os freezers tem condições de suportar na maioria dos casos. Se não puder, o que nós estamos fazendo? É transportá-los para o Hospital Universitário, onde há condições de armazená-los e liga-los na energia, já que os geradores estão funcionando, ou então armazenarem em algum freezer do próprio hospital universitário, se for compatível e etc. Então, isso tudo está sendo equacionado, os centros onde há maior problema ou possíveis problemas, são no centro de ciências biológicas, saúde, agrárias, químicas, matemáticas e os diretores estavam presentes e estão agora avaliando com os professores o que precisa ser feito. Mas, em princípio se o retorno acontecer hoje, efetivamente, estaria equacionado. O hospital universitário continua funcionando, inclusive seu gerador, a RBS cedeu um gerador móvel que está dando plena condição de funcionamento do hospital. É claro que com restrições a novas internações, a não ser necessidades especiais, e com isto nós estamos transferindo para o hospital o que for necessário em termos de atender às pesquisas, o material de aula mesmo, muitas aulas práticas precisam ter esse preparo e tem que ser mantido sob refrigeração, mas isso em princípio está equacionado. O problema que nós temos é que a central telefônica não está funcionando, porque a bateria que funcionou até o final da noite hoje ela já não tinha mais condições de suportar, então nós estamos com uma dificuldade de comunicação. De qualquer forma, o Hospital Universitário, para situações que precisem de contato com o hospital, é claro que não é para pedir algumas informações, tudo que não for muito urgente não é bom fazer porque nós estamos com apenas dois números funcionando. Que é o 234-3014 e o 234-5644. São os dois telefones que para uma emergência podem ser utilizados, mas também internamente a rede do hospital não funciona. Por isso, a gente pede que as pessoas só façam comunicações absolutamente urgentes para não sobrecarregar, porque também não há estrutura para atender a tudo isso, né. Mas a prefeitura do câmpus está à disposição com eletricistas, o pessoal todo está aqui disponível para atender como no hospital universitário.

Mário Motta: ok, obrigado Professor Rodolfo Pinto da Luz.

Rodolfo Pinto da Luz: Nada, nós que agradecemos.

SDR25: Rádio CBN Diário, 31/10/2003, por volta das 10h40min, apresentadores Mário Motta e Roberto Alves (CBN Cobertura Apagão 4 – CD 23 - Vigésima Nona Parte Blecaute 31-10-03)

Mário Motta: Nós temos na linha a professora Telma Hoeschel, que é a Secretária Municipal de Educação de Florianópolis. Professora Telma, como vai, boa dia!

Telma Hoeschel: Bom dia!

Mário Motta: Falando pra CBN Diário e pra TV Com, professora.

Telma Hoeschel: Um prazer, hein. Um belo trabalho de vocês aí de informação,

Mário Motta: Muito obrigado.

Telma Hoeschel: que bom que a gente pode contar com vocês.

Mário Motta: Professora, a questão de aulas nós podemos divulgar

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: desde o primeiro momento,

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: a suspensão das aulas da rede municipal.

Telma Hoeschel: Ahã.

Mário Motta: Mas, eu sei que a senhora também está envolvida aí

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: também com a questão da merenda escolar.

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: Pra não perder a merenda, não é isso?

Telma Hoeschel: Exatamente. Porque assim, até onti estivemos em contato com os diretores, né? Alguns que a gente consegue ligação porque os telefones também estão complicados. Então assim, **nós estamos, gostaríamos de avisar, porque todo mundo tá ouvindo a rádio, a CBN, a gente vai passar hoje à tarde com um grupo de nutricionistas e com um pessoal da secretaria pra verificar a questão da merenda.** Pra não correr riscos, sabe? Então nós estamos passando nas escolas hoje de tarde e **gostaríamos que as escolas ficassem com o plantão**, pra gente poder então verificar o estoque dos freezers como está e fazer os procedimentos necessários pra proteção da saúde das crianças.

Mário Motta: Vamo reforçar: a senhora está pedindo a que cada responsável por escolas municipais,

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: esteja hoje à tarde

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: No seu estabelecimento,

Telma Hoeschel: No seu estabelecimento. Exatamente.

Mário Motta: Aguardando a passagem

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: de um veículo, de um caminhão

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: que vai recolher merenda pra guardar num freezer correto.

Telma Hoeschel: Nós estamos verificando as condições, porque tem algumas que talvez nem tenha condições de guardar, né, Roberto? Então a gente vai passando nas escolas, as escolas da Ilha, né? O Continente graças a Deus as escolas estão com luz. Então vamos fazer isso hoje à tarde, a partir da uma hora estamos fazendo já.

Mário Motta: Muito bem. A partir da uma hora da tarde

Telma Hoeschel: Isso.

Mário Motta: a senhora tem mais ou menos uma ideia de roteiro do caminhão, não?

Telma Hoeschel: É, nós vamos fazer, nós vamos fazer várias conduções, entende?

Mário Motta: Ah, sim.

Telma Hoeschel: Então nós vamos pegar, um grupo vai pro norte, outro vai pro sul e assim vamos ver se passamos a Ilha toda com relação às questão das escolas.

Mário Motta: Ok, professora Telma Hoeschel, no mais, dentro das possibilidades, tudo transcorreu...

Telma Hoeschel: Graças a Deus.

Mário Motta: O mais normal possível.

Telma Hoeschel: O mais normal possível, né?

Mário Motta: Ok.

Telma Hoeschel: Vamos contar que a luz volte logo, né?

Mário Motta: Estamos aguardando apenas a chegada

Telma Hoeschel: Tá bom.

Mário Motta: na subestação da Beira Mar

Telma Hoeschel: Ah, que beleza!

Mário Motta: pra ir pros doze alimentadores.

Telma Hoeschel: Então tá ok.

Mário Motta: Obrigado, professora.

Telma Hoeschel: Parabéns, Mário! Um bom dia pra vocês, tá?

Mário Motta: Um abraço à senhora.

SDR26: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 2h, apresentador Nabor Prazeres, com participação de César Souza Jr.

Nabor Prazeres: O telefone no ar. Alô! Alô... Alô...

Voz feminina: Ah, alô.

Nabor Prazeres: Quem fala?

Voz feminina: Ah, meu nome é Maria.

Nabor Prazeres: Fala da onde, Maria?

Maria: Do Centro.

Nabor Prazeres: Do Centro.

Maria: **A minha questão é justamente a questão técnica, tá? É o seguinte: é, estão fazendo entrevistas**

Nabor Prazeres: Maria, dá só uma abaixadinha no seu rádio, é possível?

Maria: Ah, tá. Tudo bem.

Nabor Prazeres: Só um pouquinho porque se não fica dando microfonia.

Maria: Não, tudo bem. Não, é o seguinte, a minha preocupação é que todas as perguntas, tá, são feitas em relação ao problema. **Nós temos que fazer perguntas à Celesc** com relação ao projeto que foi feito pra uma cidade que só tem uma passagem. **Eu acho que a repórter que tá lá tem que perguntar** como pode uma cidade ter só uma fonte, um caminho, pra energia entrar?

Nabor Prazeres: A parte dos cabos, né?

Maria: Exatamente, porque qualquer cidade tem que ter sistemas alternativos, porque pode acontecer um acidente. Imagina se um barco batesse na ponte? Aí a ponte trazia a eletricidade e não tem outro caminho.

Nabor Prazeres: Com relação ao projeto houve

Maria: O projeto inicial, é.

Nabor Prazeres: uma informação,

Maria: Hã?

Nabor Prazeres: de que futuramente, estaria sendo, seria feito

César Souza Jr.: É, mas esse futuramente é desde setenta e nove.

Nabor Prazeres: Só que esse futuramente, esse projeto já existe...

César Souza Jr.: Realmente, esta é a grande questão, você chegou no ponto central.

Nabor Prazeres: E outro ponto ali,

César Souza Jr.: É o fato de uma Capital do Estado ter um único ponto de transmissão de energia, isso é um negócio inadmissível.

Nabor Prazeres: E o pior de tudo, o pior de tudo, é que existem dois cabos que transportam essa energia.

Maria: Todos juntos, né?

Nabor Prazeres: São dois, só que um do lado do outro, uma abraçado com o outro.

Maria: Não, exatamente. Eu estava no Canadá quando houve o apagão lá dentro.

Nabor Prazeres: Sim.

Maria: E lá também é a mesma coisa, eles também tinham a linha alternativa, só que a linha alternativa também congelou, também caiu a torre. Mas, mesmo assim, havia dentro da cidade uma subestação a óleo diesel para casos de emergência.

César Souza Jr.: Pra manter pelo menos o essencial da iluminação,

Maria: Hospitais,

César Souza Jr.: Hospitais,

Maria: Asilos de pessoas idosas, creches... Então, como é que a gente tá: **eu quero saber qual foi o Governo**, quer dizer, quando a Eletrosul veio pra cá, agora separa a Eletrosul, Gerasul, quer dizer, foi uma complicação só, não tem um poder central resolvendo como projetar uma cidade segura. E a gente paga caro. Eu to assim impressionada. Pago caro por energia, o meu serviço não é certo, eu tenho constantemente pequenos apagões. Aí cai, cai o cabo da internet, eles têm que vir aqui ligar de novo, é, aí outra coisa: não tão avisando à população que tem que tirar tudo da tomada, ou então desligar o disjuntor.

Nabor Prazeres: É pra evitar futuros...

Maria: Porque pode a volta,

Nabor Prazeres: Pode voltar com voltagem muito alta. Realmente,

Maria: Exatamente.

Nabor Prazeres: Bom lembrete.

Maria: Era só isso que eu queria perguntar. **Porque aquela repórter parece excelente, mas, vai ela perguntar, de quem é o projeto...**

César Souza Jr.: Claro, mas é o seguinte, pra quem ela tá lá agora, pra quem ela tá lá na ponte,

Maria: Ahã...

César Souza Jr.: Quem tá trabalhando lá é o pessoal de emergência, é um pessoal de bombeiro, de peão, são as pessoas que não têm que responder isso.

Maria: Eu sei...

César Souza Jr.: Nós fizemos esse questionamento, eu fiz esse questionamento pro presidente da Eletrosul aqui,

Maria: Tá maravilhoso.

César Souza Jr.: Mas, ele falou que são governos passados...

Nabor Prazeres: É, são governos passados.

César Souza Jr.: Aqueles questões que a gente já conhece, né?

Maria: Aquela velha história,

César Souza Jr.: Sim.

Nabor Prazeres: Os governos passados,

Maria: Só que os governos passados são as mesmas pessoas de hoje! São todos os mesmos. Tanto é que gerente de não sei que da Eletrosul ou da Gerasul ou da... Um trabalhou ali, outro trabalhou cá... Vem das Minas e Energia, é tudo a mesma gangue! Eles são responsáveis. Porque eles são competentes e não precisa gente de São Paulo não! Nós temos pessoas muito competentes na Universidade Federal. Acontece que, em Florianópolis, o Governo, a Prefeitura, o Governo estadual não usa a Universidade Federal como fonte de conhecimento. Esse é outro problema que **vocês podem investigar, vão atrás, vocês vão descobrir.** Tem gente boa sim. **Era só isso que eu queria dizer pra vocês.**

Nabor Prazeres: Ok, muito obrigado...

César Souza Jr.: Muito obrigado.

Nabor Prazeres: pela sua participação.

César Souza Jr.: Dessa situação, Nabor, gera-se um monte de questionamentos,

Nabor Prazeres: Ah, sim.

César Souza Jr.: Uma série de colocações para a gente indagar aqui. É um momomento, todo momento de uma, de um choque muito grande acaba sendo um momento de um aspecto rico também de indagações

Nabor Prazeres: É verdade.

César Souza Jr.: e de novas ideias, né?

Nabor Prazeres: A Polícia Rodoviária Estadual. Sargento Pacheco está conosco.

SDR27: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 13h15, apresentador Jackson

Jackson: Dois quatro meia, zero nove trinta. É o telefone para você participar é aqui na Rádio Guararema do... Pra que você possa der o seu, colocar a sua informação, não é? O que que está

acontecendo, qual o problema que você está sofrendo na sua região, fazer a sua observação e também tirar as suas dúvidas. Alô, boa tarde!

Voz feminina: Boa tarde!

Jackson: Quem fala?

Voz feminina: Neida...

Jackson: Neida, tá falando daonde?

Neida: Eu to falando da Trindade.

Jackson: Pois, não, Neida?

Neida: Bom, o problema é que **eu quero, eu gostaria de falar pra população, pros ouvintes**, que não deveriam ligar pra rádio,

Jackson: Hum...

Neida: Tá, pra falar sobre gatos e etc.

Jackson: Sei.

Neida: O que **nós temos que exigir das autoridades**, sim, é que as autoridades entrem em contato com a rádio e **expliquem pra população, digam pra população**, o que realmente está acontecendo, quanto tempo nós vamos ficar nessa situação, porque a previsão é a de que venha. Tem uma previsão de que a energia retorne às dezoito horas. Mas, isso não quer dizer, né, que a energia volta, que a água volta às dezoito horas. Então o que nós queremos é que as autoridades entrem em contato com as rádios, né, entrem em contato com a população e diga o que realmente aconteceu, quanto tempo nós vamos ficar nessa situação, né, pra que nós nos preparemos pra encarar que seja três, quatro dias, não é, a situação e pronto. Agora esta questão de comprar gelo. O Angeloni, é claro, tá lucrando, tá servindo à população, está, mas tá lucrando. Agora tem pessoas, por exemplo, que não têm condições de sair lá do Saco dos Limões pra chegar no Angeloni ali da Santa Mônica ou então

Jackson: Sim.

Neida: no Angeloni aqui perto da minha casa.

Jackson: Certo.

Neida: Eu ainda tenho condições de fazer isso.

Jackson: Ahã.

Neida: De ir comprar gelo. E a população carente?

Jackson: Ahã.

Neida: Não tem condições de comprar gelo!

Jackson: Ahã.

Neida: Eu não consigo entender como que as pessoas mais, que têm um QI maior, como alguns telescpectadores que eu to ouvindo que falam.

Jackson: Uhum.

Neida: Têm a capacidade de ligar pra uma rádio pra falar absurdos.

Jackson: Tá certo.

Neida: Eu também to numa posição muito cômoda e hoje, por exemplo, eu to saindo da cidade, como muitas pessoas tão fazendo, né?

Jackson: Certo.

Neida: Só que é um absurdo ouvir tanta barbaridade. Eu não quero ouvir a CBN, né, que eu tava ouvindo, então mudei pra Guararema só que não deu mais força. **Acho que vocês deveriam** até fechar, né, fechar o telefone pras pessoas pararem de falar absurdos, né,

Jackson: Uhum...

Neida: E **o que a gente quer ouvir são explicações mais, mais concretas**, né, do que realmente tá acontecendo!

Jackson: Tá certo. É..

Neida: Entendeu?

Jackson: a sua opinião, tá bom?

Neida: Não, é a minha opinião.

Jackson: Ahã...

Neida: Não quero dizer que eu queira formar opiniões

Jackson: Sei...

Neida: dentro pra outras pessoas não. Mas, eu **acho que tem coisas que são desnecessárias a gente ouvir.**

Jackson: Não, tudo bem. Tá certo, então.

Neida: Tá ok?

Jackson: Um forte abraço pra você, uma boa tarde!

Neida: Tá ok, tchau.

Jackson: Inclusive como ela tava falando a previsão realmente é que parte do sistema volte a funcionar, parte do sistema. Apenas parte do sistema volta a funcionar até o final do dia, por volta de dezoito horas. Eu to aqui com Nabor Prazeres, mais alguma informações, Nabor?

SDR28: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta das 19h45, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Dezenove horas, cinquenta e seis minutos, portanto, nós estamos a quatro minutos da previsão das vinte horas, claro, evidente, evidente, claríssimo que ela não vai se

concretizar. Aliás, parece que há uma outra previsão, nós recebemos agora há pouco uma informação, a ser confirmada, de que há outra previsão é para vinte e três horas, vinte e três horas, para uma parte de Florianópolis. Só a região central. Vinte e três horas é a nova previsão. Tem ouvinte, alô?

Voz feminina: alô...

J. Pacheco: Pois, não...

Voz feminina: Oi, meu nome é Michele, eu sou aqui da Carvoeira, tudo bem?

J. Pacheco: Pois não, Michele.

Michele: É o seguinte, é a respeito da responsabilidade da Celesc,

J. Pacheco: Sim.

Michele: que hoje o advogado estava falando.

J. Pacheco: Sim.

Michele: **Eu só queria fazer uma retificação.**

J. Pacheco: Sim.

Michele: Porque o seguinte, a respeito da responsabilidade,

J. Pacheco: Sim.

Michele: Eles estavam falando a todo tempo de irresponsabilidade, imperícia,

J. Pacheco: Sim.

Michele: **E na verdade não há necessidade disso.**

J. Pacheco: Sim.

Michele: Porque a responsabilidade da Celesc, por ser uma prestadora de serviço público,

J. Pacheco: Perfeito.

Michele: Ela é objetiva.

J. Pacheco: Certo.

Michele: E no caso a única necessidade é de se provar o nexo causal.

J. Pacheco: Perfeito.

Michele: Ou seja, que na verdade o dano que ocorreu dentro da sua casa com a comida ou com a televisão ou o que for,

J. Pacheco: Certo.

Michele: É está relacionado com esta falta de luz.

J. Pacheco: Perfeito.

Michele: Esse é a única necessidade.

J. Pacheco: Certo.

Michele: É a única coisa que se precisa provar.

J. Pacheco: Perfeito.

Michele: Não é necessário se provar culpa do funcionário e tal. Isto na verdade seria pre... É preciso só pra Celesc se a Celesc quiser entrar com uma ação, hã... Um pedido de indenização em relação a esse funcionário.

J. Pacheco: Perfeitamente.

Michele: Mas, em relação aos consumidores não há necessidade.

J. Pacheco: Muito obrigado, Michele!

Michele: Tudo bem, então?

J. Pacheco: Um beijo no seu coração.

Michele: Eu que agradeço.

J. Pacheco: Obrigado pelo carinho da sua audiência. Mais alguma observação, doutor Gerson?

SDR29: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 00h20min, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Dezessete minutos desta sexta-feira, trinta e um de outubro, é a Guararema na cobertura do blecaute na Capital e você pode continuar nos ligando pro dois quatro meia zero nove trinta, tem ouvinte, alô?

Voz masculina: Tem, sim, boa noite senhor Pacheco...

J. Pacheco: Quem está falando?

Voz masculina: Meu nome é Ângei Soletscki,

J. Pacheco: Sim...

Ângei Soletscki: É, moro na Trindade,

J. Pacheco: Sim, senhor...

Ângei Soletscki: É, **novidades não tenho, sofro a mesma coisa que toda a Ilha,**

J. Pacheco: Sim, senhor.

Ângei Soletscki: Tinha três perguntas que talvez o senhor pode me ajudar a esclarecer.

J. Pacheco: Sim, senhor.

Ângei Soletscki: Uma é a pergunta, em várias rádios ouço é vários dignitários muito satisfeitos com o seu trabalho,

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: **A pergunta é o senhor já ouviu em dez últimos anos é Celesc insatisfeita do seu trabalho?**

J. Pacheco: A Celesc?!

Ângei Soletscki: A Celesc.

J. Pacheco: Insatisfeita...?

Ângei Soletscki: **É insatisfeita do seu trabalho, porque os cidadões, eu ouço todo dia.**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Agora a Celesc só confirma que é simplesmente maravilhosa.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Uma das melhores empresas do mundo, talvez do universo.

J. Pacheco: Sim.

Ângei Soletscki: Segunda pergunta... Ouvi falar que dois cidadões, graças a Deus, salvaram-se com a vida

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: pulando é...

J. Pacheco: Na água.

Ângei: Na água.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Fantástico.

J. Pacheco: Perfeito.

Ângei Soletscki: **Vai demorar muito tempo até que eles serem apresentados à imprensa?**

J. Pacheco: É, nós gostaríamos até de conhecê-los e estamos tentando até pra conversar.

Ângei Soletscki: Exatamente. Se eu entendo bem, **cada um deles tem a sua esposa, pertence a sua esposa, mas não pertence à empresa.**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Como é que a empresa tá escondendo eles? Será que tem alguns motivos para não apresentar?

J. Pacheco: Não, não sei, talvez até pelo susto que eles tomaram... E não querendo falar agora...

Ângei Soletscki: Ah, eu adoraria justamente de conferir isso.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: **De eles disserem pros jornalistas: "queridos, estamos tão assustados que não queiramos falar".**

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: **Mas, ouvir deles e não da empresa.**

J. Pacheco: Perfeito.

Ângei Soletscki: A terceira observação não somente Celesc que tá sempre super maravilhada com o seu próprio trabalho. Durante longos anos, eu ouço fantásticas pesquisas de opinião pública,

J. Pacheco: Sim.

Ângei Soletscki: Que tá dizendo que tem uma prefeita melhor do mundo, talvez do universo.

J. Pacheco: Certo.

Ângei Soletscki: Aonde esta senhora sumiu?

J. Pacheco: Como?

Ângei Soletscki: Aonde sumiu essa senhora? Você não sabe?

J. Pacheco: Ela sumiu, como?

Ângei Soletscki: Não ouço ela na televi, é no rádio, não sei nada sobre ela, não tem nenhum pronunciamento.

J. Pacheco: Não, ela tem, ela tem falado! A prefeita tem ido a todas as redes de televisão, tem feito o seu pronunciamento, falou aqui duas vezes aqui ontem e hoje, tentando tranquilizar a comunidade, está em reunião permanente com o seu colegiado.

Ângei Soletscki: Ah, neste caso devolvo a honra, ótimo que não sumiu. Porque, nos primeiros momentos, eu tive a impressão de que simplesmente tá ocupada com outras coisas.

J. Pacheco: Não senhor, não.

Ângei Soletscki: Ainda bem, ainda bem que pelo menos isso.

J. Pacheco: Seu nome, por favor?

Ângei Soletscki: Ângei Soletscki.

J. Pacheco: Ângei Soletscki.

Ângei Soletscki: Uhum.

J. Pacheco: Valeu, obrigado pelo carinho da audiência.

Ângei Soletscki: Tá, muito obrigado, uma boa noite.

J. Pacheco: Boa noite pro senhor.

Ângei Soletscki: Uma boa cobertura ao...

J. Pacheco: Muito obrigado. Um abraço, vinte minutos, vinte minutos desta sexta-feira, sexta-feira trinta e um de outubro do ano de dois mil e três. Nádia Ramide, é com você!

SDR30: Rádio Guararema, 01/11/2003, por volta de 21h20min, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: E não bastasse tudo isso, amanhã é Dia de Finados, gente. Quer dizer, o estoque de velas também praticamente está hãhã! Imaginem o que foi o que compraram de velas prum apagão. Aí, o pessoal se preveniu hoje pra comprar, compraram pro Dia de Finados. Quer dizer, aí vem esse apagão. O negócio complica, realmente complica muito. Tem ouvinte, alô?

Voz feminina: Alô!

J. Pacheco: Boa noite!

Voz feminina: Boa noite!

J. Pacheco: Pois, não!

Voz feminina: **Como é que está o apagão? Quando é que vem a luz?**

J. Pacheco: Olha, nós não temos, a senhora está falando daonde?

Voz feminina: Do Centro!

J. Pacheco: Nós não temos até o momento nenhuma...

Voz feminina: **Lindo!!!!**

J. Pacheco: Bingo!...?

Voz feminina: **Lindo!!**

J. Pacheco: Deu bingo aí? Deu bingo?

Voz feminina: **Seu lindão!!**

J. Pacheco: Ha, ha, ha.... Nós não temos nenhuma previsão e assim que a tivermos nós colocaremos para todos os nossos ouvintes.

Voz feminina: Você está sempre no ar!

J. Pacheco: Tá bom, querida?

Voz feminina: **Meu amor, você está sempre no ar?**

J. Pacheco: Hã...? Nós vamos ficar no ar, sim.

Voz feminina: Sim. **Pode contar com a Guararema?**

J. Pacheco: Pode contar com a Guararema que nós daremos a informação pra senhora, tá?

Voz feminina: Um beijão, meu querido amor!

J. Pacheco: Um beijo, amor! Obrigado por ter ligado! Agora vinte e uma horas, dezenove minutos. É, tem ouvinte?

SDR31: Rádio CBN Diário, 31/10/2003, por volta de 1h, apresentadores Luiz Gonzaga e Fabiano Linhares. (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – vigésima primeira parte).

Luiz Gonzaga: O ouvinte participando aqui da programação da CBN nesse trabalho de prestação de serviço da CBN no blecaute que atingiu a Ilha de Santa Catarina desde o início da tarde da quarta-feira. Alô?

Voz masculina: Sim.

Luiz Gonzaga: Quem fala, por favor?

Voz masculina: É Geraldo.

Luiz Gonzaga: Fala da onde, Geraldo?

Geraldo: Eu falo aqui de Capoeiras.

Luiz Gonzaga: Capoeiras?

Geraldo: Uhum.

Luiz Gonzaga: Capoeiras aí tá tranquilo, né, Geraldo?

Geraldo: Tá, tá tranquilo, mas também me atrapalhou meu trabalho, né?

Luiz Gonzaga: Sim, sim. Cê trabalha na Ilha?

Geraldo: A gente mora aqui, mas trabalha pra lá, né?

Luiz Gonzaga: É verdade. Cê trabalha na Ilha, né?

Geraldo: Exatamente, é.

Luiz Gonzaga: Quer dizer, tá tranquilo entre entre aspas, né?

Geraldo: É, a gente tá tranquilo, mas é uma tranquilidade que não tá acrescentando nada pra vida de ninguém, né?

Luiz Gonzaga: Sim.

Geraldo: Não é verdade?

Luiz Gonzaga: É verdade.

Geraldo: É, eu queria deixar aqui o meu protesto, eu eu to acompanhando pela TV Com, é toda essa, esse pessoal, essas autoridades que têm ido aí, sabe? E eu ouvi o presidente da Eletrosul falar em fatalidade. Na realidade, né? **Fatalidade não é a palavra correta**, não é?

Fatalidade é quando nós temos aí um temporal, quando nós temos aí um fator ligado à natureza e na realidade aquilo ali foi um acidente. E um acidente provocado. Né? **Não houve nada de fatalidade ali. Na realidade, a segurança do trabalho da Celesc falhou, e falhou feio.** Porque num lugar em que vai se lidar com gases tinha que ter um equipamento chamado explosímetro. Antes de se ligar a chama, verificar se tinha gases no ambiente. E com certeza esses operários lá não fizeram esse procedimento porque provavelmente não foram orientados pela segurança do trabalho da Celesc. Né?

Luiz Gonzaga: Sim.

Geraldo: E não sei se tu concorda comigo que isso aí não foi fatalidade.

Luiz Gonzaga: Bom, Geraldo, você trabalha com o que na Ilha?

Geraldo: Hein? Eu sou engenheiro.

Luiz Gonzaga: Engenheiro?

Geraldo: Uhum.

Luiz Gonzaga: Você tá sempre, você não chegou a trabalhar então na quinta, né?

Geraldo: Sim.

Luiz Gonzaga: E tá aguardando o restabelecimento de energia...

Geraldo: Exatamente, né?

Luiz Gonzaga: Neste sexta, né?

Geraldo: Certo. Então, eu quero deixar aqui eu, é...

Luiz Gonzaga: Sim.

Geraldo: Coisa, porque é muito fácil dizer que foi falatalidade, na realidade não foi. **Foi um acidente provocado**, tá? E uma outra coisa: quarenta horas pra restabelecer um sistema é recorde mundial negativo! Nenhum blecaute no mundo, se você pode ler a história, a história dos blecautes, nenhum no mundo levou quarenta hora pra ser é religado o sistema. Quer dizer, tem coisa demais, estão conversando demais e trabalhando de menos. Entendeu? Outra coisa: uma explicação, por quê não se usou toda a o cabeamento depois da ponte pra ligar o sistema? Teve que fazer posteação toda nova dentro da Ilha? Não dá pra entender. **Eu acho que a autoridade da Celesc tem que explicar isso direitinho. Quarenta horas pra religar um sistema é incompetência. Tá bom, querido?**

Luiz Gonzaga: Tá bom, Geraldo. Obrigado pela participação,

Geraldo: Tá bom, um abraço.

Luiz Gonzaga: Viu? Um abraço pra você também. Até o Geraldo participando também conosco, mais um ouvinte participando, ouvindo a CBN e também a informação. O ouvinte acompanha na CBN Diário, estamos também na TV Com com a imagem é da ponte, a ponte Pedro Ivo Campos, é a única que está sendo utilizada pelos veículos, o trânsito normal, a gente é normal, a gente tem a observação aqui no Morro da Cruz é da ponte Pedro Ivo, eu repito, e é bom, ressaltar o ouvinte que também nos acompanha na TV Com, é além da imagem da TV Com temos também o som da CBN pra você, claro, na Ilha não tem condições, né, porque só

através de rádio de pilha você pode acompanhar a programação da CBN que vai continuar fazendo essa prestação de serviço, orientando a população, trazendo as informações nessa cobertura da CBN Diário no blecaute que atingiu a Ilha de Santa Catarina.

SDR32: Rádio CBN Diário, 31/10/2003, por volta das 3h30, apresentadores Luiz Gonzaga e Helton Luiz. (CBN Cobertura Apagão 3 – CD 22 – vigésima terceira parte).

Luiz Gonzaga: Mais um ouvinte na linha depois dos Marcos... Alô?

Voz masculina: Alô?

Luiz Gonzaga: Boa noite!

Voz masculina: Boa noite!

Luiz Gonzaga: Quem fala?

Voz masculina: É Rui.

Luiz Gonzaga: Tudo bom, Rui?

Rui: Tudo bom, Gonzaga.

Luiz Gonzaga: Onde você se encontra?

Rui: Eu tô aqui no Centro.

Luiz Gonzaga: Tá no Centro?

Rui: Ahã.

Luiz Gonzaga: Em que parte do Centro?

Rui: Bem aqui perto da Mauro Ramos, na Urbano Salles.

Luiz Gonzaga: Na Urbano Salles.

Rui: Isto.

Luiz Gonzaga: E aí, e o movimento?

Rui: Gonzaga, olha, é um negócio muito triste, né? Apesar de todo o acidente, de tudo o que aconteceu, é **eu ouvi uma reportagem numa outra rádio, uma coisa muito importante, que tem que ser apurado, tá?** É, apareceu uma pessoa, tipo um engenheiro que analisou inclusive o bico de gás que tava sendo utilizado ele diz que foi o bico de gás errado. **Primeira crítica, tá**? E ele suspeita muito do que aconteceu. Ele disse até que é muito difícil um bujão de gás fazer uma explosão e causar um rompimento de um cabo e não acontecer, não ferir de forma nenhuma os técnicos que tava sendo utilizados. Então ele, analisou, pelo papo que ele tava tendo, me pareceu ser um engenheiro, um especialista no assunto, tá? Dizendo que o bico de gás que foi usado foi errado. Então que quando foi utilizado o bico e gás em cima da tubulação, essa tubulação pegou fogo, rompeu de uma forma errada, ela foi pegando fogo, assustou os técnicos, por isso que houve esse... Se jogaram da ponte, na água, essa coisa toda e não o que tá sendo desconfiado sobre o bujão. Bom, isso é uma coisa que **tem que ser averiaguado** depois mais tarde, né?

Luiz Gonzaga: É que os técnicos...

Rui: Agora não vamo entrar em detalhe sobre isso, porque essa é o culpado ou não é, mas **levantou-se essa hipótese e isso tem que ser levantado, tem que ser mostrado o que que houve**, se realmente houve um erro não técnico, foi indicado um bico de gás errado pra ser utilizado naquele momento, **entendeu?**

Luiz Gonzaga: É, no momento o que a gente pode dizer é que tudo o que está sendo levantado com relação ao que realmente aconteceu, é mera especulação.

Rui: É mera especulação, exatamente.

Luiz Gonzaga: Né? Porque a gente só vai ter certeza a partir do comunicado oficial depois que é,

Rui: Sim, claro.

Luiz Gonzaga: Os gases não existirem mais no túnel, né? No vão,

Rui: Claro, claro.

Luiz Gonzaga: E o pessoal puder entrar lá e de uma vez por todas nos dizer o que aconteceu, né?

Rui: Sim, não, o que, na forma em que aconteceu, que pegou fogo e aquela coisa e tudo ali tem, foi notório, agora o que causou aquilo ali, veja bem, ele falou uma coisa muito que deve ser analisada, né?

Luiz Gonzaga: Sim.

Rui: Uma explosão de um gás em que não feriu nenhum técnico! Cê imagina se numa explosão de um bujão rompe um tubo, uma tubulação daquela e não faz nada nas pessoas, é uma coisa que realmente tem que ser averiguada. Ele apontou e disse que estava sendo utilizado um bico de gás errado pra aquele momento. Bom, mas isso aí são casos, acidente, agora acidente não vamo passar por isso aí. Parabéns a vocês pela cobertura, fantástica, vocês são realmente a obra prima da Grande Florianópolis pela comunicação, tá?

Luiz Gonzaga: Obrigado.

Rui: Agora bola murcha pro pessoal da Casan, cara! Pelo amor de Deus! Como empresa estatal parece que ela não se preocupa com o prejuízo que tá causando ao povo. Custava um motozinho, um gerador? Eu tenho aqui, cê pega o Imperatriz, pega o Angeloni, eles têm motores de caminhão, o serviço, o mercado ligado o tempo todo, quer dizer, a empresa privada preocupado com o prejuízo e uma empresa, um órgão público como a Casan não tá preocupado com o povo? Custava um motor gerador? Pelo amor de Deus, gente! Nós vamos acabar de sair de um problema e entrar num outro que eu acho que é pior do que a luz! É a falta d'água!

Luiz Gonzaga: Hum.

Rui: Isso abala, acaba a moral da população. É a falta de banho, é um negócio terrível, é a higiene, é um negócio assim muito ruim para a população.

Luiz Gonzaga: Tá feito o registro!

Rui: Bola murcha pra Casan, foi nota zero pra eles, não tem nada... O que a Celesc tá fazendo junto com o engenheiro, fantástico, um trabalho assim de piramidal, um negócio muito bonito. É uma coisa que era pra ser feito em trinta dias, eu to acompanhando vocês,

Luiz Gonzaga: Uhum...

Rui: Agora, pelo amor de Deus, a Casan foi muito ineficiente no nisso aí.

Luiz Gonzaga: Obrigado fera pelo pela pela a sua opinião aqui.

Rui: Obrigado vocês todos, pelo apoio, viu?

Luiz Gonzaga: Tá, boa noite!

Rui: Boa noite, hein?

Luiz Gonzaga: Boa noite e um abraço.

Rui: Tchau.

SDR33: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta das 22h, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Pontualmente dez horas, em São José. Tem ouvinte, alô?

Voz masculina: Boa noite, Pacheco!

J. Pacheco: Boa noite!

Voz masculina: Tudo bem?

J. Pacheco: Tudo bem?

Voz masculina: Pacheco,

J. Pacheco: Quem fala?

Voz masculina: É Carlos.

J. Pacheco: Pois, não.

Carlos: Pacheco, é parabéns aí pela cobertura, né?

J. Pacheco: Muito obrigado.

Carlos: Que vocês estão fazendo... É... Mas, assim, eu vou indagar aqui algumas perguntas, né?

J. Pacheco: Sim.

Carlos: E já aproveitando, **por que que não há respostas**

J. Pacheco: Certo.

Carlos: **Daquilo que o ouvinte pergunta, né?**

J. Pacheco: Pois, não, pois, não.

Carlos: A gente tem toda aí, tanto o governo como a prefeitura, enfim,

J. Pacheco: Certo.

Carlos: todo o pessoal do serviço público

J. Pacheco: Certo.

Carlos: e as pessoas não dão um esclarecimento, né?

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos: É... Uma pergunta que eu faço,

J. Pacheco: Sim?

Carlos: Será que se for feito uma auditoria, será que não tem notas fiscais de compra de geradores pro Estado?

J. Pacheco: Bom, taí, é uma questão, é uma pergunta.

Carlos: Eu acredito que deve ter muitas notas fiscais

J. Pacheco: É uma pergunta.

Carlos: de compras, de gerador.

J. Pacheco: Uhum.

Carlos: Só que no momento

J. Pacheco: Eles sumiram.

Carlos: que o Estado precisa,

J. Pacheco: Eles sumiram.

Carlos: Eles sumiram,

J. Pacheco: Ou nunca existiram.

Carlos: Ou nunca existiram,

J. Pacheco: Certo.

Carlos: E o dinheiro público evaporou.

J. Pacheco: É verdade.

Carlos: Né?

J. Pacheco: É verdade.

Carlos: Então, essa é mais uma pergunta, né,

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos: Que fica no ar,

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos: e se tiver alguém da da

J. Pacheco: da área

Carlos: da área pública, né?

J. Pacheco: Que nos responda!

Carlos: Que nos responda. E outra

J. Pacheco: Perfeito.

Carlos: pergunta, também, que

J. Pacheco: Hã?

Carlos: eu acho também que é muito importante,

J. Pacheco: Sim?

Carlos: Que seja avaliado,

J. Pacheco: Sim?

Carlos: a estrutura da ponte, né?

J. Pacheco: É verdade.

Carlos: Será que não foi abalada

J. Pacheco: É isso que nós estamos

Carlos: a estrutura?

J. Pacheco: É isso que nós estamos perguntando e ela com com tranquilidade ela passará por uma, por uma avaliação, não é?

Carlos: Porque eu to vendo os carros passando ali, é claro que precisa os carros passarem e tudo, né?

J. Pacheco: Uhum.

Carlos: Mas, quer dizer, pode acontecer um desastre, né? Com todo aquele peso,

J. Pacheco: Claro.

Carlos: E na verdade a ponte houve a um abalo na estrutura, né?

J. Pacheco: É verdade.

Carlos: É visível isso, né?

J. Pacheco: É verdade.

Carlos: **E ninguém dá uma posição imediata, né?**

J. Pacheco: Vamos, vamos saber. Tudo isso nós vamos buscar respostas. Valeu, meu caro!

Carlos: Um forte abraço.

J. Pacheco: Um abraço, outro pra você. Obrigado por ter ligado, dois quatro meia zero nove trinta, é a Guararema na cobertura deste acidente, não é, que levou a Ilha, a nossa querida Florianópolis à escuridão! Tem ouvinte, alô?

SDR34: Rádio Guararema, 02/11/2003, por volta de 00h15min, apresentador Dino Montez

Dino Montez: Tem gente na linha, né o Rui? Alô? Alô, boa noite!

Voz masculina: É, boa noite!

(parte da apresentação foi perdida porque o diálogo foi arquivado pela rádio em dois arquivos distintos de áudio)

Voz masculina: É porque a gente pede assim, a gente sabe a dificuldade tá muito grande, né? Mas, só que o problema é o seguinte, eu sei que ninguém pode tomar conta é das coisas que vêm acontecendo com todo mundo, né? Mas, só que o meu problema é o seguinte, é porque eu sou assalariado, eu tenho seis filhos pra sustentar, né? O único aparelho que eu consegui adquirir é, nesse período, né, uma televisão. E desse blecaute todo aí, né, as minhas crianças, né, vêm da escola doida pra ver uma televisãozinha, uma coisinha ali, aí apagou, né? Eu gostaria, eu queria até fazer um apelo pela rádio, eu deixei até telefone porque eu moro numa casa alugada.

Dino Montez:Você tem energia aí, Antônio?

Antônio: oi?

Dino Montez: Você tá com energia agora?

Antônio: Eu tô com energia agora, tô.

Dino Montez: Hum.

Antônio: Com a graça de Deus. Né? Mas, só que tem o seguinte, é eu gostaria de fazer um apelo aqui, né, que alguém pudesse, né, pela autoridade, as autoridades que tão me ouvindo, né, que me, sei lá, me ajudassem a minha, minha televisão, né, ou, sei lá, que me arrumassem outra, alguma coisa porque a gente trabalha a vida toda, dá duro na vida pra...

Dino Montez: Quer dizer que o teu aparelho, o teu aparelho foi danificado pela falta de energia, não é isso?

Antônio: Oi?

Dino Montez: Pra simplificar, o teu aparelho foi danificado pela falta de energia.

Antônio: Foi pela falta de energia, com certeza!

Dino Montez: Doutor Francisco, e aí, o caso do Antônio?

Doutor Francisco: É, na verdade, como já se disse aqui, mais de uma vez, na Guararema, é, as pessoas que de alguma forma venham a ser sofrer prejuízos em razão dos problemas que nós estamos hoje passando, né, devem se munirsear de provas, para então pedir o ressarcimento desse prejuízo. Agora no caso do ouvinte, pelo o que ele tá nos colocando, pode ser até a simples queima de um fusível, né, do aparelho de televisão que o concerto não vai demandar um custo muito elevado. Obviamente que algumas pessoas, talvez até, vão querer se aproveitar dessa situação pra cobrar um pouco mais caro do que normalmente é cobrado, né. Porque as lojas de eletroeletrônicos provável vão ter um serviço redobrado, muito provavelmente. Mas, eu acredito que no caso dele, pelo o que ele tá falando, não deve ter sido além de um fusível. A queima de um fusível que uma vez substituído o aparelho de televisão volta a funcionar.

Dino Montez: Tá certo, Antônio?

Antônio: Olha, eu creio, até, e**u agradeço até a palavra do senhor, mas, só que tem um seguinte, não é simplesmente, quer dizer, eu não sou um eletricista pra**... Né? Pra ter um... Né? **Um certo diagnóstico desse assunto, né? Mas, só que é o seguinte, a gente é uma pessoa simples**, né, a gente não tem muito conhecimento desse negócio, né, eu digo assim, a gente... Como adquire as coisa com sacrifício, **a gente queria, né, uma coisa assim mais concreta, uma coisa mais simples, porque, como eu já disse, né, a gente precisa das coisas assim mais diretamente.**

Dino Montez: Ele tem que recorrer, né?

Doutor Francisco: De qualquer forma, como é o seu nome, por favor?

Antônio: É Antônio.

Doutor Francisco: Seu Antônio. De qualquer forma, seu Antônio, pra que seu prejuízo, eventualmente o senhor provar que teve um prejuízo, pra que ele seja recuperado, ele seja ressarcido pela Celesc, o senhor vai ter que encontrar algum meio, algum elemento de prova disso, né?

Antônio: Não, justamente, senhor.

Doutor Francisco: E sem esta prova, a Celesc

Antônio: Uhum...

Doutor Francisco: vai, vai se negar a

Antônio: Justamente!

Doutor Francisco: lhe ressarcir o prejuízo. Entendeu?

Antônio: Não, justamente...

Doutor Francisco: A questão é de direito é também, né?

Antônio: Não, a questão de direitos, **mas, só que é assim, senhor: é porque a gente sempre sabe, quando sempre acontece alguma coisa envolvida, alguma coisa assim, que já aconteceu uma vez comigo**, já tentei fazer contato com Celesc, com tudo, eu tive que correr de provas, né? Nosso atestado essas coisa toda...

Doutor Francisco: O seu Antônio, o seu Antônio,

Antônio: Oi? Sim, senhor.

Doutor Francisco: O Dino vai lhe dar uma notícia em nome aqui da Guararema.

Dino Montez: Tá certo. O seu Antônio, é o seguinte.

Antônio: Oi?

Dino Montez: Esse problema do seu televisor,

Antônio: Hum?

Dino Montez: Nós conseguimos um técnico aqui, inclusive da emissora,

Antônio: Certo.

Dino Montez: O senhor depois entra em contato, deixa o seu telefone,

Antônio: Hum?

Dino Montez: que a gente vai entrar em contato com o senhor e vamos tentar solucionar esse problema aí, tá?

Antônio: Não, mas com certeza.

Dino Montez: O seu aparelho.

Antônio: É então tá legal, eu agradeço,

Dino Montez: Tá, é que nós recebemos uma ligação agora por isso que eu to dando essa boa notícia pro senhor aí.

Antônio: Muito obrigado.

Dino Montez: Obrigado, seu Antônio.

Antônio: Obrigado.

Dino Montez: Olhe se você tem também algum problema no seu bairro em relação à energia, já voltou a energia no seu bairro? Está voltando dentro da normalidade? Ainda não chegou? Você pode ligar pro aqui pra pra Rádio Guararema que a gente quer saber como é que está a situação aí na sua localidade. De repente já está voltando gra-paulatinamente, como disse aqui o diretor técnico da Celesc, o Eduardo Citôneo, lembrando que amanhã, aliás, hoje, né? Hoje, seis horas da manhã, o sistema de energia será cortado em Florianópolis, às seis horas da manhã, provavelmente deve retornar à partir das nove horas, pra que os técnicos da Celesc que estão, inclusive, num batalhão, começando a chegar ali segundo informações que nós recebemos agora ali na ponte começa o trabalho que será feito ali na transmissão alternativa que a Celesc implantou do continente pra Ilha. Inclusive, melhorando a situação de energia e evitar até esse transtorno desse segundo blecaute que atingiu milhares de pessoas, cerca de trezentas mil pessoas por volta de sete e meia da noite de hoje. De ontem, de sábado. Tem gente na linha? Alô, boa noite?

SDR35: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta de 22h50min, apresentador J. Pacheco, com participação de César Souza Jr.

J. Pacheco: Vinte e duas horas, cinca e três minutos, nós estamos desde o início da tarde ao vivo com a transmissão pro nosso querido ouvinte, levando todas as informações a respeito do bleucate na capital. Tem ouvinte, alô?

Voz masculina: Alô?

J. Pacheco: Boa noite.

Voz masculina: Boa noite!

J. Pacheco: Pois, não?

Voz masculina: Meu nome é Ivonésio,

J. Pacheco: Pois, não?

Ivonésio: Eu moro no Ribeirão da Ilha,

J. Pacheco: Sim, senhor.

Ivonésio: É, eu gostaria como vai ficar a situação sobre o pessoal na Comcap?

J. Pacheco: Olha, a informação que nós temos é que é amanhã será ponto facultativo para os funcionários públicos municipais.

Ivonésio: Tá,

J. Pacheco: E a Comcap é, faz parte.

César Souza Jr.: É uma autarquia,

Ivonésio: Isso.

César Souza Jr.: Mas, tá dentro do público, então ponto facultativo na Comcap, podemos afirmar com certeza.

J. Pacheco: Valeu, amigo?

Ivonésio: Tá ok e outra coisa,

J. Pacheco: Pois, não?

Ivonésio: sobre o pessoal que tem carro.

J. Pacheco: Sim?

Ivonésio: Eu gostaria de passar isso aí pras pessoas que tem carro, **não fossem, que não fosse de carro pro Centro amanhã, procurasse mais ir andar de ônibus.**

J. Pacheco: Bem lembrado!

Ivonésio: Né?

J. Pacheco: Aliás, o importante amanhã é não sair de casa também, só sai com, só se foi coisa de muita urgência.

Ivonésio: Urgência.

J. Pacheco: Tá bom, amigo?

Ivonésio: Tá, ok, só isso, boa noite.

J. Pacheco: Boa noite e obrigado ouvinte, vinte e duas horas e cinquenta e quatro minutos na São José, na região metropolitana. É a Guararema na cobertura do blecaute na Capital.

SDR36: Rádio Guararema, 29/10/2003, por volta de 18h, apresentador J. Pacheco

J. Pacheco: Valeu, este o repórter Tony Borges, trazendo a informação pra você com a nossa unidade móvel, ele vai até ao local do acidente, vai andar por toda a Ilha e nós estaremos aqui de plantão, levando a informação pra você até porque a noite está se chegando e é exatamente este o problema. Quando a noite chega, né, as autoridades de segurança têm uma preocupação muito grande, porque cê imagina, é, cê lembra do blecaute em Nova Iorque, não é? Manhattan ficou às escuras, cê viu o que que foi. Aqui, guardadas as devidas proporções, também será a mesma coisa e já está sendo, já está sendo. Tem, tem ouvinte, alô!

Voz masculina: Tem, J.. Eu gostaria de dar a informação pra você...

J. Pacheco: Pois não, quem é?

Voz masculina: É Álvaro.

J. Pacheco: Sim?

Álvaro: É referente o, o túnel, é que quem vem no caso do aeroporto se dirigindo à ponte ali, aquele túnel tá muito perigoso porque a iluminação dele no caso não tem no momento.

J. Pacheco: Certo.

Álvaro: E tá molhado ali dentro, ali já começa a fazer um fluxo de carros parado ali em frente ao Centrosul.

J. Pacheco: Perfeito...

Álvaro: Então pedir às pessoas que dirija ali dentro com o máximo de atenção porque ali dentro tá muito perigoso. Eu passei ali agora há pouco ali de moto,

J. Pacheco: Certo.

Álvaro: E tá uma situação bastante difícil, pessoas que tão vindo de lá pra cá **tome muito cuidado** porque para a fila ali logo em seguida ali do túnel e tá uma situação bastante difícil ali.

J. Pacheco: Ok, Álvaro, muitíssimo obrigado, meu irmão. Um abraço, obrigado. Taí o nosso ouvinte-repórter Guararema trazendo as informações e a preocupação do Álvaro é realmente procede, realmente procede, o túnel, não é, os túneis é é estão sem luz, sem iluminação, as pistas estão molhadas, portanto você deve ter toda a atenção, atenção redobrada, você que está trafi trafegando aí na área do túnel é é próximo ao Saco dos Limões, região da Prainha e Saco dos Limões.

SDR37: Rádio Guararema, 30/10/2003, por volta de 15h15, apresentador Nabor Prazeres

Nabor Prazeres: É a Rádio Guararema e o telefone dois quatro meia zero nove trinta, o ouvinte no ar. Alô?

Voz masculina: Alô, Nabor, boa noite! Boa noite, boa tarde.

Nabor Prazeres: Boa tarde, quem fala?

Voz masculina: Nabor, eu falei contigo esta madrugada, meu nome é Alexandre Mesquita, estou falando aqui do Centro da cidade, mais precisamente do décimo terceiro andar do meu edifício, aqui na Almirante Lamego, tendo uma visão privilegiada da ponte Colombo Salles e da Pedro Ivo Campos.

Nabor Prazeres: É, inclusive, o boa noite aí foi por conta da da do breu, né? Da noite que continua persistindo.

Alexandre Mesquita: Sem dúvida, sem dúvida. Apesar de aqui fora estar claro, as escadas, dentro de casa, realmente tá escuro.

Nabor Prazeres: É verdade.

Alexandre Mesquita: Nabor, eu gostaria de acrescentar aí a todo esse trabalho que a Guararema está fazendo, uma cobertura espetacular, eu imagino que você ainda não venceu o sono de tanta luta aí.

Nabor Prazeres: Tá quase derrubando, mas ainda dá pra aguentar.

Alexandre Mesquita: Nada que um café não resolva.

Nabor Prazeres: É verdade.

Alexandre Mesquita: Bom, eu gostaria de falar que as cabeceiras das pontes, tanto Pedro Ivo quanto Colombo Salles, estão engarrafadas. Então, nós temos que ressaltar à população, evitem sair de carro. Já foi decretado o ponto facultativo.

Nabor Prazeres: Exato.

Alexandre Mesquita: Não estamos tendo aulas, vamos colaborar com as nossas autoridades, para que este problema seja resolvido o mais rápido possível e, principalmente, evitando **de se deslocar** na cidade, pela cidade, só em caso de emergência. Até, Nabor, aproveitando, **se você tiver que sair**, não for uma coisa muito urgente, mas é um compromisso, **evite pegar seu carro**, os ônibus estão nas ruas, é um carro a menos e **aí você tá fazendo uma ação de cidadania** contribuindo com o trânsito.

Nabor Prazeres: E se quer fazer um turismo dentro desta tragédia toda, faça de ônibus, né?

Alexandre Mesquita: Com certeza, não tenha dúvida.

Nabor Prazeres: Tranquilo, sem preocupação de direção, não é?

Alexandre Mesquita: Não tenha dúvida. Nabor, eu só queria acrescentar o seguinte: momento de crise, vamos colaborar com as autoridades, mas, passado esse primeiro momento, temos que apurar as causas do acidente e principalmente a população cobrar, tanto do poder municipal quanto estadual, quanto federal, para que se faça uma segunda ligação de energia na Ilha. É um absurdo contarmos apenas com uma ligação, houve esse problema em uma cidade da importância como Florianópolis, às escuras. Isso é complicado.

Nabor Prazeres: Ok, Alexandre.

Alexandre Mesquita: Pois, não. O Nabor,

Nabor Prazeres: Muito obrigado.

Alexandre Mesquita: Se você me permite,

Nabor Prazeres: Pois, não.

Alexandre Mesquita: Mais cinco segundos, eu posso cantar uma musiquinha em homenagem à Celesc e até para levantanr o astral da população que vive um drama?

Nabor Prazeres: Sim...

Alexandre Mesquita: Cinco segundinhos!

Nabor Prazeres: Tá...

Alexandre Mesquita: Vamo lá!
Lá no morro, quando a luz da Celesc pisca... Nós apela pra vela, que alumeia também... E tem, se não tem não faz mal... A gente samba no escuro... Que é muito mais legal!
Meus amigos, uma boa tarde!

Nabor Prazeres: Os demônios da garoa!

Alexandre Mesquita: Boa tarde!

Nabor Prazeres: Obrigado, Alexandre! Nós estamos também com o diretor da Casan, Afonso Coutinho de Azevedo, e a Casan é está, né, de carona nessa desgraça. É, Doutor Afonso, muito boa tarde!

SDR38: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 4h, apresentador Nabor Prazeres

Nabor Prazeres: Alô?

Voz masculina: Alô...

Nabor Prazeres: Quem fala?

Voz masculina: É Sandro.

Nabor Prazeres: Sandro fala da onde?

Sandro: Saco Grande.

Nabor Prazeres: Do Saco Grande. Pois, não, Sandro.

Sandro: Eu só tenho uma pergunta a fazer. É, eu queria saber se esse apagão fosse na cidade de Joinville, já teria sido resolvido pelo nosso grande Governador. Era essa a pergunta que eu tenho.

Nabor Prazeres: **Vamo esperar que o Governador responda, né? (risos)**

Sandro: Pois é. Eu tenho certeza que ele tá com luxo, na casa dele, porque ele já deve ter viajado de helicóptero pra...

Nabor Prazeres: Jogos abertos.

Sandro: Pra, pra... Jogos abertos, pra outras coisas e tá deixando o pessoal da Ilha aqui a Deus dará! O que dia que nós vamos ter luz? Que a previsão é

Nabor Prazeres: Inclusive o o Sandro, um posicionamento que foi bastante comentado, aqui, é, pelos ouvintes, que criticaram o fato de que o Governador havia marcado uma entrevista coletiva, né, e depois deixou essa entrevista coletiva para os técnicos tanto da Celesc como Eletrosul responderem e ele saiu de helicóptero e foi para os Jogos abertos, em Blumenau.

Sandro: É, é. E é isso é que deixa a gente mais indignado. E eu não votei nele, mas metade da população de Santa Catarina votou nele e hoje ele tá aí viajando de helicóptero, indo pra Jogos abertos, indo pra Joinville, é... Querendo trocar palácio, querendo coisa e o povo aqui da Ilha sempre tomando na cuia, né? Ficando a Deus dará, ninguém dá explicação de nada, previsões e previsões são feitas e hoje mais um dia sem dormir direito, pra ter que acordar no dia seguinte pra ir trabalhar e... Sei lá! Eu já não sei mais o que falar porque é uma indignação total.

Nabor Prazeres: Ok, Sandro. Muito obrigado pela sua participação.

Sandro: Tá bom, obrigado também.

Nabor Prazeres: Uma boa noite. O telefone é o dois quatro meia zero nove trinta pra você ligar e participar conosco, a Rádio Guararema ouve você. São quatro horas e onze minutos, estamos na expectativa da conclusão do cabeamento do segundo e do primeiro poste, né, dos três. Nós temos, estamos no terceiro poste antes da subestação, faltam mais dois postes, feito esse cabeamento haverá a interligação das centrais, né, com a central do Centro e depois a central da Trindade. O telefone no ar. Alô?

SDR39: Rádio Guararema, 31/10/2003, por volta de 7h20min, apresentador Hamilton Reginaldo

Hamilton: Agora são sete horas e vinte e um minutos, o ouvinte Guararema participa ao vivo! Alô, bom dia?

Voz masculina: Boa dia, Hamilton.

Hamilton: Quem fala?

Voz masculina: É Celso, do Centro.

Hamilton: Celso, qual a sua colocação diante deste fato até lamentável para a Ilha de Santa Catarina, vejo a imprensa mostrando a nível nacional uma ilha por tanto tempo sem luz, uma ilha tão famosa a nível nacional e a nível internacional. É um fato lamentável, né?

Celso: É, Hamilton, eu queria é, em primeiro lugar, cumprimentar esse trabalho maravilhoso feito pela Guararema, né, comandada pelo Júnior, aí, é trabalho teu, trabalho do J. Pacheco que passou a noite, né, quer dizer, pessoas que tão realmente dispostas a dar o seu trabalho, né, é, se dispor em função da comunidade, né? Trabalho que foi feito, aquela doação de água ontem à noite, que eu achei maravilhoso! O bombeiro não pode fazer, então precisa ter um órgão de imprensa, né, pra fazer esse trabalho, né? E pra dizer que eu fico assim, admirado, né, pasmo, de morar, de ter o prazer de morar numa capital, que é uma capital de primeiro mundo, né? Que tem prêmios, né? Que ganha prêmios, né, muito bem dirigida pela Prefeita, que ganhou prêmios de, de...

Hamilton: Padrão de vida e reco...

Celso: Padrão de vida, de beleza, a cidade tá linda realmente, né? E ter, infelizmente, um Governo do Estado de última categoria, né? Como se nós vivêssemos na Bolívia, na África, na Índia, né, porque um governador que sai por aí a passear, que não dá satisfação pra pra pra comunidade, né, um Governo, né, que tem empresas desse tipo, né, Casan, por exemplo, né? Tão aí lutando pra manter a Casan pública. Mas, pra que manter uma porcaria dessa pública, né, Hamilton? Não tem estrutura, não tem planejamento, não tem um gerador, uma empresa desse porte, o Hamilton!!

Hamilton: É, a empresa está...

Celso: Quanto custa, Hamilton, quanto custa hã? O pagamento de água mensal pra cada um, né? Nós pagamos a luz o tal seguro apagão! Todo mundo paga, né? Eu pago, você paga, todo mundo paga, né? Pra que que serve esse seguro apagão?

Hamilton: A empresa está...

Celso: Pra manter incompetendes como esses,

Hamilton: O Celso,

Celso: Hamilton?

Hamilton: A empresa está endividada, você sabe que está

Celso: Pois então privatiza, o Hamilton!

Hamilton: Situação complicada.

Celso: O Estado, o Estado não tem dinheiro pra fazer nada, nem pra segurança, nem pra saúde! Aí quer manter uma empresa, que pelo amor de Deus, né, Hamilton? Pegar a água do Cubatão e vender a esse preço? Cobrar o dobro, né, do que tu recebe

Hamilton: A menos, de que nós somos privilegiados

Celso: Dá prejuízo, o Hamilton.

Hamilton: O Celso, nós tamos privilegiados, a Ilha de Santa Catarina hoje tem água fornecida e a menos de trinta quilômetros.

Celso: Hamilton, Hamilton?

Hamilton: Sim.

Celso: E ter prejuízo, Hamilton! Outra coisa,

Hamilton: Mas, o prejuízo é por conta da administração. Mas, administração, o Celso, administração não vem de hoje, dentro da Casan sendo feita do jeito que vem sendo, altos salários, tem motorista lá que ganha mais de três mil reais.

Celso: Pois então, privatiza, vai acabar com isso tudo, Hamilton.

Hamilton: Nada contra o motorista.

Celso: Privatiza que vai acabar com isso... Outra coisa! Defesa Civil. Nós temos Defesa Civil em Florianópolis? Tem um cabide de emprego lá no Palácio pra dar emprego! Nós não temos estrutura nenhuma, meu Deus! Nós não temos preparo nenhum pro pro caos, pra uma necessidade. Pô, nós temos que parar, nós temos que parar realmente pra repensar a cidade, né. Repensar o nosso padrão de vida. Tu imagina se acontece alguma coisa pior!

Hamilton: O Celso, só um momento, nós temos Dino chamando na ponta da linha, com informações direto lá do local. Alô, Dino[64].

[...]

Hamilton: Muito bem. Agora são sete horas e trinta minutos, Celso tá na linha ainda, Celso?

Celso: Sim, Hamilton.

Hamilton: Pra completar, Celso, nós precisamos entrar com bloco de comerciais, só pra encerrar.

Celso: Só pra concluir, eu queria te dizer, quer dizer, parabenizar esse pessoal[65]. Nós temos gente no Estado inteiro pra colaborar, né. E outra coisa, Hamilton. Acontece, né, como já foi dito aí, é é é... É, catástrofes, no mundo inteiro, né, você mesmo ontem colocou o caso do...

Hamilton: Da Torres Gêmeas.

Celso: No seu comentário ontem de manhã, cê, você disse falou em três torres gêmeas, na empolgação, na coisa, né, mas, Hamilton, a diferença é que no caso caiu, no momento seguinte o Rodolfo Giulliani, que na época era o

Hamilton: Prefeito.

Celso: Prefeito de Nova Iorque, tava lá de bota na obra, **porra**!

Hamilton: Isso a empresa mostrou.

Celso: Aqui quando as enchentes, o Espiridião tava lá na nabota. E esse **palhaço aí** de Blumenau, de Joinville, tá passeando por aí de avião!

Hamilton: O Celso,

Celso: Essa é a diferença, rapaz!

Hamilton: Olha, a Rádio é democrática, mas eu

Celso: **Tudo bem, tudo bem.**

Hamilton: Gostaria que você mantivesse

[64] Dino Montez descreve o trânsito, informa sobre o trabalho de posteamento e as previsões para o retorno da energia elétrica. Depois o apresentador retorna a conversa com Celso, que ficou aguardando, em silêncio, na linha. Não fizemos a transcrição deste trecho porque ele não interfere à sequência discursiva sob o ponto de escuta de análise do nosso recorte.

[65] A conversa está gravada em dois arquivos de áudio da Guararema. Alguns segundos de diálogo foram perdidos na transposição do primeiro ao segundo arquivo. A fala inicia-se sem nexo, provavelmente no final de alguma frase. Por isso, continuamos a transcrição a partir da frase seguinte.

Celso: **Tudo bem.**

Hamilton: a ordem e o respeito ao representante máximo

Celso: **Desculpe.**

Hamilton: de Santa Catarina

Celso: **Desculpe.**

Hamilton: que é o Governador do Estado, né?

Celso: **Desculpe, desculpe eu me excedi.**

Hamilton: É...

Celso: Mas, o Hamilton,

Hamilton: Entendemos a

Celso: Isso, isso...

Hamilton: O Celso, nosso tempo terminou, Celso.

Celso: **Isso é indignação, sabe?**

Hamilton: Eu sei, eu entendo

Celso: **O Governador do Estado de marcar a coletiva e não ir?**

Hamilton: Respeitamos a sua par, a sua posição e

Celso: **Entende, Hamilton?**

Hamilton: estamos abertos à democracia.

Celso: **Você entendeu?**

Hamilton: Entendemos.

Celso: Você entendeu, é o descaso rapaz, é o descaso com a gente, com a pessoa. Esse cara que só sabe o que é interior, com essa **palhaçada aí, rapaz.**

Hamilton: O Celso,

Celso: **Tá, e e**

Hamilton: precisamos cortar isso...

Celso: **os culpados somos nós, realmente, né Hamilton? Culpados somos nós, pô!**

O microfone do ouvinte é fechado e é inserida uma vinheta: Rádio Guararema, vinte e quatro horas com você!

Hamilton: Agora são sete horas e trinta minutos, precisamos organizar, disciplinar o tempo de participação de todos os ouvintes porque há muita gente na espera de também participar e trazer o seu desabafo, pedir até esclarecimentos. Em seguida, Nabor traz mais informações, o Claudemar assume aqui a programação, o comando da Guararema.

SDR40: Rádio Guararema, 01/11/2003, por volta de 19h45, apresentador Nabor Prazares

Nabor Prazeres: Nós temos também, já conosco, o engenheiro Gilberto, da Celesc. Engenheiro Gilberto, boa noite!

Eng.º Gilberto: Boa noite!

Nabor Prazeres: Engenheiro Gilberto, nós conversávamos à tarde sobre inclusive o problema da dificuldade, né, inclusive manter afastados barcos, é, os barcos, as lanchas e tudo o mais daquela região ali,

Eng.º Gilberto: Certo.

Nabor Prazeres: Pelo problema que poderia ocorrer.

Eng.º Gilberto: Hã...

Nabor Prazeres: Mas, acho que o vento também atrapalhou um pouco, né engenheiro?

Eng.º Gilberto: Exatamente! Ah... Esse vento forte, né, que não se estima quanto por quilômetro quadrado, por quilômetro, né? Por quilômetro por hora, mas na verdade esse vento forte e essa chuva, ela e também a proximidade que nós temos com o mar, é, às vezes pode levar a algum defeito que seje passageiro ou um defeito até um pra sanar com um pouco mais tempo, certo? Mas, eu posso garantir que na Baía Sul não caiu nenhum poste, nenhum cabo foi rompido, então é um defeito que pode ter ocorrido isso, uma passagem de uma fase pra terra. Normalmente se fala que é um, é uma, é um curto fase-terra e, às vezes, é muito simples. Mas, nós não queremos religar todo o circuito enquanto nós não tivermos certeza o que é que ocorreu, né? Então, se perguntar agora exatamente aonde ocorreu o defeito, não sabemos ainda é porque já toda a equipe da empresa, né, diversas equipes, estão percorrendo o circuito pra ver o que que ocorreu.

Nabor Prazeres: Sim, a a no caso a falta de energia foi geral ou foi em em a

Eng.º Gilberto: Não,

Nabor Prazeres: parcialmente?

Eng.º Gilberto: A Ilha está toda no escuro a esse horário agora. Essa, ou seja, o alimentador que provisório, esse alimentador, essa variante, ele tá com algum problema que nós estamos detectando aonde está, mas o problema, aparentemente, é, nós queremos crer que é simples, mas não podemo afirmar nada, né?

Nabor Prazeres: Correto. Engenheiro,

Eng.º Gilberto: É ó...

Nabor Prazeres: Pois não, pois não.

Eng.º Gilberto: Não, não, eu só quero dizer que a população é... Eu sei, já tá com calma demais, né, mas a população tenha calma, que nós já estamos com controle do sistema, nossas equipes é não, nenhum momento, desde o início do apagão, é saíram do local. Então o pessoal tá revesando, estamo sob, com... Fala.

Nabor Prazeres: É engenheiro Gilberto, o.... Não, a... Houve primeiro, uma primeira informação, até meio desencontrada, de que teria havido uma ruptura nos cabos dessa linha alternativa. Isso não aconteceu?

Eng.º Gilberto: Não, não ocorreu não.

Nabor Prazeres: Então foi...

Eng.º Gilberto: Nem queda de poste também, já houve uma versão, né, de uma quede duma estrutura, mas não.

Nabor Prazeres: Então quer dizer que deve ter acontecido como o senhor diz, alguma falha,

Eng.º Gilberto: Fase, é, passagem pra terra, né?

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: É como você ter, o cabo é nu, ele deve ter passado pruma estrutura que a gente fala que é um curto fase-terra, né?

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: E porque a gente tem, pelos dado técnico agora, foi detectado que foi a fase B que deu, porque são a fase A, B e C.

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: Então tá com problema na fase B. Uma passagem que deu na fase B, Agora é, nós temo que ter certeza, né, pra poder religar a energia, né.

Nabor Prazeres: Ah, sim, os senhores não estão querendo religar nenhuma das fases exatamente pra evitar

Eng.º Gilberto: Isso.

Nabor Prazeres: que ocorra um problema maior.

Eng.º Gilberto: Pode ocorrer um problema maior.

Nabor Prazeres: É, exato.

Eng.º Gilberto: Então a gente quer ter segurança do que tá fazendo, né?

Nabor Prazeres: Ter a certeza. É é

Eng.º Gilberto: Ter a certeza.

Nabor Prazeres: É, é a mesma preocupação, né engenheiro,

Eng.º Gilberto: Certo.

Nabor Prazeres: Que aconteceu quando da instalação desta linha alternativa, aquela, aquele cuidado de fazer o esticamento dos cabos

Eng.º Gilberto: Isso, é.

Nabor Prazeres: Como deve ser, tudo corretamente, demora, mas fica tinha que fazer pra poder ter uma segurança na linha, né?

Eng.º Gilberto: Exatamente.

Nabor Prazeres: Essa é a mesma preocupação que os senhores tão tendo agora?

Eng.º Gilberto: Exatamente. É, nós tamo, só pra população tá sabendo também, nós já tamo com a equipe da Pirelli trabalhando na recuperação dos cabos que foram danificados, certo?

Nabor Prazeres: No original, né? No original.

Eng.º Gilberto: No original. Eles já tão trabalhando desde ontem, tá ok?

Nabor Prazeres: Sim.

Eng.º Gilberto: Estão todos os equipamentos, os cabos, tão tudo já no local, já tem gente trabalhando, serrando a parte danificada, pra recuperar o máximo possível, o mais rápido possível, mas...

Nabor Prazeres: Mas, aquele... Pois, não.

Eng.º Gilberto: Oi?

Nabor Prazeres: Pois, não, pode falar.

Eng.º Gilberto: Mas, essas fatalidade, né, essas coincidência, realmente, ah... Tá havendo coincidência demais ruim, entende? Então, são coisas que acontecem, né, no setor elétrico.

Nabor Prazeres: Esse vento forte, esse vento sul que aconteceu também não, já não era preocupante?

Eng.º Gilberto: Não, nós já tínhamo certeza de que ia ocorrer esse vento, certo?

Nabor Prazeres: Sim.

Eng.º Gilberto: Inclusive amanhã ele vai ocorrer de novo, certo?

Nabor Prazeres: É, até porque o vento sul aqui é contínuo, né?

Eng.º Gilberto: É violento, é. Então toda a estrutura ela foi calculada pra isso. Só que coincidiu vento forte, certo? Chuva... Então são, assim, são variáveis, que realmente elas não coincide, né? E, e você sabe que um cabo, um circuito sobre o mar, ele não tá dentro da água.

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: Sempre tem uma névoa salina, névoa, né? E a névoa salina, essa água salina ela é uma, é um condutor na verdade. É uma solução iônica, uma solução que conduz a eletricidade. Então pode ter havido uma passagem, que eu falei anteriormente, fase B, da B para a estrutura. E deu esse curto, entende?

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: Aí desarmou toda a linha. Então, são probabilidades, mas tá ocorrendo muita probabilidade. Muita mesmo, muita coincidência negativa. O vento forte, a chuva, que limpa também os orador e o sobre o mar que é uma névoa salina, que em algumas condições, na maioria das condições, ela é condutora, né? Porque fica o sal não é condutor, mas quando tem água junto é, né, a água salgada é condutora, né?

Nabor Prazeres: É, é exatamente aquele o motivo daquela preocupação que a Celesc, assim como o Corpo de Bombeiros e a própria Segurança Pública tinham a a no trânsito de embarcações ali por baixo,

Eng.º Gilberto: Isso!

Nabor Prazeres: Como o senhor disse, não precisa nem encostar num fio, a proximidade pode trazer a indução, né?

Eng.º Gilberto: Exatamente.

Nabor Prazeres: Indução elétrica.

Eng.º Gilberto: Fora... Ah... Exatamente, tá correto isso aí. Então, às vezes, é só a proximidade e ela é uma fatalidade porque existe um campo, né, elétrico,

Nabor Prazeres: Exato.

Eng.º Gilberto: Envolta do condutor, né?

Nabor Prazeres: A ali na... Região está havendo inclusive um patrulhamento pela Marinha,

Eng.º Gilberto: Exato.

Nabor Prazeres: por seguranças contratados pela Celesc, exatamente pra evitar a proximidade, né?

Eng.º Gilberto: Olha bem, a Defesa Civil, hoje nós tivemo uma reunião, inclusive com a Marinha, a Capitania dos Porto, nós trouxemos agora da Secre, chegou à tarde agora, diversas boias,

Nabor Prazeres: Ahã...

Eng.º Gilberto: Pra sinalizar toda aquela região, além da que já existe, aumentamo o patrulhamento, aumentamo o efetivo de guarda nas cabeceira. Então, tamo tomando todos os cuidados, nós tamo tratando aquilo ali como se trata um recém nascido quando se tem carinho, né?

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: Então porque pra não dar problema. É... Nós tamo eliminando todos os problema que o ser humano possa, é que o ser humano possa cometer. Então os dado físico, os dado local, né, que realmente é muito agressivo ali o local, né?

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: Então tem coisa, às vezes, que foge o controle, é, do ser humano, imagine foge o controle dos engenheiro por mais especialista que ele seja, né? Então tem coisas da natureza que realmente é

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: A gente fica impotente, às vezes, diante de um fato desses, não é? São coincidências de variáveis,

Voz masculina interrompe: Alô?

Nabor Prazeres: Só, só um minutinho. Engenheiro Gilberto, é, talvez até seja importante para o senhor como engenheiro da Celesc, é, nós temos uma ouvinte que parece que viu o o o como é que se diz, o estouro ou o

Eng.º Gilberto: Foi, isso é importante.

Nabor Prazeres: uma pane em sim.Vamos conversar com ele. Alô?

Voz masculina: Pois, não?

Nabor Prazeres: Quem está falando?

Voz masculina: Aqui é o Luiz.

Nabor Prazeres: Luiz da onde?

Luiz: Coqueiros.

Nabor Prazeres: De Coqueiros.

Luiz: É. Eu...

Nabor Prazeres: Luiz o que que você viu?

Luiz: Eu moro aqui até tenho uma visão privilegiada da minha janela do apartamento, e daqui da janela eu vi um clarão ali embaixo da ponte e ao mesmo tempo faltou luz na Ilha, né?

Nabor Prazeres: Certo.

Luiz: Só que há tempos eu to tentando ligar pra plantão da Celesc e outras rádios, TV, pra avisar até pra indicar pro engenheiro, eu to sintonizado aqui na Guararema também,

Nabor Prazeres: Certo. O engenheiro Gilberto está aqui conosco,

Eng.º Gilberto: Não, não, eu to escutando, to escutando... To em contato.

Nabor Prazeres: Ele está lhe ouvindo, inclusive.

Luiz: E só que há tempos eu to tentando entrar em contato essas emissoras, pra avisar, e inclusive primeiro pro plantão Celesc.

Nabor Prazeres: Certo.

Luiz: Só que eu não estou conseguindo.

Nabor Prazeres: Tá. Não, mas o engenheiro

Luiz: Eu vi todo o que aconteceu aqui, né? Deu um clarão, bem assim, bem ali na é o terceiro ou quarto vão ali. Deu um clarão e ao mesmo tempo paro parou a energia.

Eng.º Gilberto: Tá, então o terceiro ou quarto vão do

Nabor Prazeres: Isso *(quase inaudível, fala junto)*.

Eng.º Gilberto: Do do Continente pra Ilha, é isso?

Luiz: Isso, isso. Eu to aqui, eu estou aqui...

Eng.º Gilberto: Então tá ok.

Luiz: o meu apartamento fica em frente à pista aqui da Ivo Silveira...

Eng.º Gilberto: Não, então foi isso que ocorreu então.

Luiz: de Coqueiros, aqui, né? Daqui eu tive, (suspiro) eu vi tudo o estrago que deu, né? E parece que tem um um desco... Um fio dependurado, a gente visualizou até antes de anoitecer.

Eng.º Gilberto: Então tá bom.

Luiz: Agora não dá pra ver mais.

Nabor Prazeres: Isso já, o Luiz, você está inclusive conversando com o engenheiro Gilberto que é da Celesc, isso já ajuda.

Luiz: Não, eu to escutando ele.

Eng.º Gilberto: Certo, também, justamente.

Nabor Prazeres: inclusive até ter uma definição.

Luiz: Não, não, uma identificação, é. Tá, eu to, a gente tava tentando, porque daqui a gente tá vendo os carros da Celesc, né? Atravessam a Ilha e estão lá posicionados do outro lado lá da Ilha, né? Mas, ali, no ponto, né, não to vendo nenhum carro, né?

Nabor Prazeres: Engenheiro, se o senhor quiser fazer alguma pergunta pra ele, engenheiro, ele está...

Eng.º Gilberto: Não, não

Nabor Prazeres: Estamos interligados.

Eng.º Gilberto: É, eu só queria falar, fazer uma pergunta pra ele, mais pra confirmar,

Luiz: Hum?

Eng.º Gilberto: Porque realmente pode ter sido isso aí, que é a fase que a gente temia que deu passagem pra estrutura.

Luiz: Uhum.

Eng.º Gilberto: Tá ok? Mas, eu só gostaria de... Eu falar, fazer uma pergunta pra esse, no caso ouvinte aí,

Luiz: Uhum...

Eng.º Gilberto: Tá prestando a colaboração muito grande pra nós.

Nabor Prazeres: É o Luiz, é.

Eng.º Gilberto:Luiz?

Luiz: Isso.

Eng.º Gilberto: O o Luiz, engenheiro Gilberto, Celesc,

Luiz: Tudo bem?

Eng.º Gilberto: É, Tudo bem! Esse clarão que você viu, é da... da... Do Continente pra Ilha? Não, mais ou menos...

Luiz: Do Continente pra Ilha, é o terceiro, terceiro vão.

Eng.º Gilberto: Tá ok, então.

Luiz: É o terceiro vão.

Eng.º Gilberto: Então tá ok. Eu vou...

Luiz: Tá?

Eng.º Gilberto: Eu vou entrar em contato agora com o nosso pessoal porque aí o defeito já tá localizado, tá ok? Porque não saiu

Luiz: Isso, pode ir ali porque até tem um fio pendurado ali.

Eng.º Gilberto: Então foi isso aí, deve passou, deu passagem pra pra estrutura,

Luiz: Uhum.

Eng.º Gilberto: Como é deu um curto circuito, aquilo que eu tinha temia,

Luiz: Isso!

Eng.º Gilberto: A água, o problema é o sal, né? Você sabe, né, a água, o sal, né? Então a solução da passagem, né?

Luiz: É. E o vento ali prejudicou, né?

Eng.º Gilberto: É.

Luiz: Com os cabos, né?

Eng.º Gilberto: Exatamente!

Luiz: Deve ter, deve ter encostado um no outro...

Eng.º Gilberto: Tá ok, então.

Luiz: Tá ok?

Eng.º Gilberto: Muito obrigado, aí? Nós já vamos ativar nosso plantão pra lá, tá ok?

Luiz: Uhum.

Nabor Prazeres: Engenheiro,

Eng.º Gilberto: Eu só queria falar um pouco...

Nabor Prazeres: Engenheiro Gilberto.

Eng.º Gilberto: Oi?

Nabor Prazeres: O Luiz, pode ficar na linha, o Luiz. (sinal de linha desligada). Ah, o Luiz já desligou, tá. Engenheiro Gilberto, a... Logicamente que em fase dessa informação, né, o senhor vai querer entrar em contacto com o pessoal até pra passar isso que aconteceu, não é isso?

Eng.º Gilberto: Não, já to, inclusive já estou com cinco telefones aqui na minha frente,

Nabor Prazeres: Certo.

Eng.º Gilberto: É, é até pra ligar pro pessoal de plantão e ver aonde é que tá o defeito, porque...

Nabor Prazeres: Ótimo! Ótimo!

Eng.º Gilberto: com certeza foi esse local aí,

Nabor Prazeres: Nós vamo...

Eng.º Gilberto: Tá ok?

Nabor Prazeres: Nós vamos liberar o senhor, então, é

Eng.º Gilberto: Tá ok!

Nabor Prazeres: Mais tarde, mais tarde a gente conversa mais um pouco.

Eng.º Gilberto: Exatamente! Eu agradeço aí. Tá ok.

Nabor Prazeres: Muito obrigado, engenheiro.

Eng.º Gilberto: Um abraço, obrigado. Tchau, tchau, tchau...

Nabor Prazeres: Taí o engenheiro Gilberto, da Celesc, né, que é, cedeu, ascendeu à nossa solitação para as informações porque, na real, eles estão também sem essa definição do que que aconteceu, né, mas o Luiz, de Coqueiros, já nos ajudou e ajudou muito inclusive a própria Celesc dando uma identificação que seria o terceiro vão do sentido Continente para a Ilha que aconteceu um clarão e a falta de energia na região. Então nós vamos é, inclusive colocar o nosso telefone, nós estamos ainda com dificuldade de acesso às diversas autoridades, para saber é o que está acontecendo, se já existe alguma definição do que aconteceu. O telefone está no ar, alô?

ANEXO B – RÁDIO CBN DIÁRIO

Rádio Diário da Manhã completa 59 anos

Antunes Severo

A história da Rádio Diário da Manhã Ltda está dividida em duas partes bem determinadas. A primeira, uma emissora no estilo tradicional, até 1980; a segunda, duas emissoras segmentadas.

Confraternização de parte do elenco da RDM em 1956: Alda Jacintho, Edgard Bonassis da Silva, Edi Santana, Sílvio (pistom), Álvaro (trombone), Neide Maria, Tereza Maria, Tida (bateria), Aldo Gonzaga, Demaria (contrabaixo), Luiz Flávio, Zequinha (violão), Janine Lúcia, Felix Kleiss e Jairo Silva

A firma constituída para viabilizar a Rádio Diário da Manhã Ltda foi criada em 1952 para implementar canais de comunicação da família Konder-Bornhausen. Mas, a emissora começou modestamente em ondas médias em caráter experimental no ano de 1954. No dia 30

de janeiro de 1955, foi oficialmente inaugurada. Cresceu em seguida com a instalação de um canal de ondas curtas, com alcance nacional e internacional em 1956 e completou-se com o acréscimo da concessão de um canal em frequência modulada na década de 1960.

Antunes, Adolfo Zigelli e Walter Linhares recebem instruções de uso de uma gravadora Revere (fita magnética de rolo) recém adquirida, em 1958

Verdadeira potência radiofônica em tecnologia e programação, as emissoras da Rádio Diário da Manhã Ltda lideraram na preferência dos ouvintes e dos anunciantes desde a inauguração até meados de 1970.

A concorrência antes limitada à Rádio Guarujá – que também acrescentou ao seu poderio de fogo canais em ondas curtas e frequência modulada – foi acrescida pela existência de mais três emissoras em ondas médias na região da Capital: Rádio Anita Garibaldi, Rádio Jornal A Verdade e Rádio Santa Catarina.

Isso ocorreu justo num momento em que a televisão investe na disputa, primeiro com as repetidoras das estações de TV de Porto Alegre e em seguida com a entrada da TV Coligadas de Blumenau e da Rádio e TV Cultura, Canal 6, de Florianópolis. Esta, então, em confronto direto apoiada pela programação nacional dos Diários e Emissoras Associados.

O início dos anos 1960 tiveram papel preponderante na derrocada do rádio em todo o Brasil. Primeiro, permitindo a produção e reprodução de programas pré-gravados e vendidos por preços muito abaixo do que as emissoras gastavam com os elencos próprios da programação ao vivo de radioteatro, música, humorismo

e variedades.

Até o radiojornalismo foi afetado pelos avanços tecnológicos na captação de notícias e de profissionais, agora emergentes em levas maciças saídas dos cursos de jornalismo das universidades. A televisão, por sua vez atacava avassaladora tirando do rádio seus principais talentos e também seus principais anunciantes.

Enquanto uma grande parte do pequeno empresariado do rádio chorava pitangas lamentando “a falta de sorte” e de apoio de suas entidades institucionais, o governo ditatorial acariciava as grandes corporações da mídia nacional com facilidades nas concessões de canais de radiodifusão – rádio e televisão – privilegiando as grandes empresas jornalísticas que forma os conglomerados vigentes.

A Rádio Diário da Manhã que no início fora um das grandes damas, estava reduzida a uma sucata tecnológica sem forças para manter uma programação competitiva. A derrocada começou com o desinteresse da família Bornhausen pelo negócio da comunicação a partir da década de 1970. Vendera o canal de ondas curtas e na sequência os outros dois canais de rádio: ondas médias e frequência modulada.

Galeria de Fotos – clique para ampliar

Segunda parte: mudança de donos e a “rádio que toca notícia”

Segunda parte: A RBS, detentora da concessão do Canal 12, instalou a TV Catarinense (atual RBS TV Florianópolis) em 1979 e comprou as concessões dos canais (AM e FM) da Rádio Diário da Manhã em 1982.

Na onda média utilizou um sistema de programação popularesca que já mantinha na Rádio Farroupilha de Porto Alegre, com grande audiência. E no canal FM implantou a Rádio Itapema, com programação seletiva de música popular internacional, segmentada nas classes socioeconômicas AB e parte superior da C, com resultados positivos em audiência no segmento e faturamento acima da média do setor.

Em 1990, a Rádio Diário da Manhã foi incorporada à rede CBN, passando a se chamar CBN Diário e lançando a primeira rádio

exclusivamente de notícias em Santa Catarina.

Vista parcial da Praça XV: ao centro o prédio do Banco INCO, onde também estava instalada a Rádio Diário da Manhã nos primeiro e segundo andares (atual banco Bradesco)

Primeiros Funcionários e Fundadores da Rádio Diário da Manhã

Fundadores: acionistas “Hercília Luz, do comércio; Paulo Konder Bornhausen, estudante; Eduardo Santos Lins, estudante; Acary Silva, bancário e Antônio Carlos Konder Reis, jornalista”.

Primeiros funcionários:

Diretores: Paulo Konder Bornhausen, Francisco Mascarenhas, Laerte Ramos Vieira, Aldo Silva, Victor Márcio Konder e Euclides Simões de Almeida

Contadores: Hidalgo Homero Araújo e Ênio Selva Gentil

Diretor técnico: Lourival Bruno

Auxiliar técnico: Edwin Scott Balster

Serviços gerais: Geni Vasconcelos e dona Lina

Discotecários: Ourivaldo Goulart (Dadica), Dulcinéia Goulart e Neide Maria Rosa

Operadores de som: Sandro Mascarenhas, Diquinho Damiani, Aristides Santos (Cantinflas), Renato Machado Filho e Otaviano Isidro de Oliveira

Operador de transmissor: Osni

Sonoplastas: Cláudio Alvim Barbosa (Zininho), Augusto Borges de Melo e Manoel Bruno Filho (Nezinho)

Produtores: Osmar Silva, Francisco Mascarenhas, Cláudio Alvim Barbosa, Aldo Silva, Gustavo Neves Filho

Contra-regra: Manoel Bruno Filho

Locutores apresentadores: Francisco Mascarenhas, Souza Miranda, Maria Alice Barreto, Ciro Marques Nunes, Carlos del Rio, Nívea Nunes, Iran Manfredo Nunes, Neide Maria Rosa, Carminatti Júnior, Nivalda Jacques (Maria Helena Ribeiro), Dakir Polidoro, José Valério Medeiros, Humberto Mendonça, Alfredo Silva, Eleazar Nascimento, Lygia Santos, Moraes Fernandes

Radiojornalismo: Adolfo Zigelli, Antunes Severo, Walter Zigelli, José Valério Medeiros, Lauro Soncini, Vidomar Cardoso (radiotelegrafista), Augusto Borges de Mello (sonoplasta), Dino Fúlvio Bortoluzzi (rádio-escuta)

Locutores e comentaristas esportivos: Humberto Fernandes Mendonça, Edgard Bonassis da Silva, Gustavo Neves Filho, Alfredo Silva, Rubens Cunha, Fernando Linhares da Silva, Rozendo Vasconcellos Lima, Lauro Soncini e Murilo José

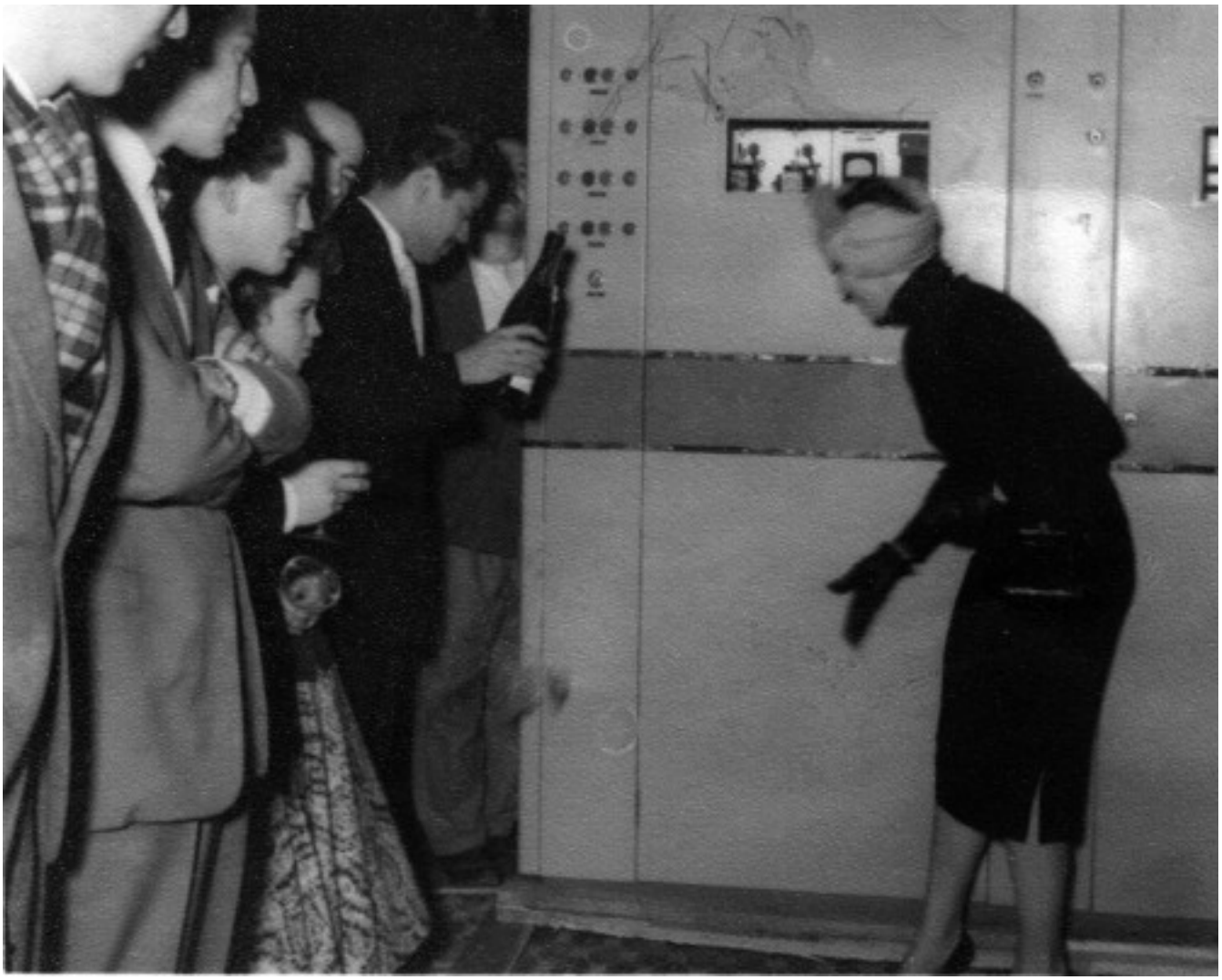
Radioatores: Waldir Brazil, Felix Kleiss, Rozendo Vasconcellos Lima, José Valério Medeiros, Aldo Silva, Gustavo Neves Filho, Edgard Bonassis da Silva, Cláudio Alvim Barbosa (Zininho)

Radioatrizes: Cacilda Nocetti, Alda Jacintho, Tereza Maria, Janine Lúcia, Neide Maria Rosa.

Cantores: Neide Maria, Edy Santana, Claudino Silva, Helinho, Dino Souza, Dário Aguiar, Helena Martins, Luiz Henrique Rosa, Jairo Silva, Luiz Flávio, Dilzo Silveira e Jaime Furlani

Orquestras, conjuntos e regionais: Orquestra Carmelo Prisco (música clássica), Conjunto Melódico Diário da Manhã, Regional do Zequinha, Castelã e Conjunto RDM, Mirandinha e Conjunto

Músicos: Altair Castelã (piano e acordem), Antônio dos Santos Miranda (piano), Aldo Gonzaga (acordeom e piano), Sílvio (Piston), Lucio Cabral (guitarra), Demaria (contrabaixo), Dino Souza (bateria), Álvaro (trombone),Tida (bateria).



"Inauguração" do transmissor Philips de 10.000 Watts de potência em ondas curtas de 31 metros. Carminatti Júnior, Mirandinha, Flores e outros funcionários da rádio assistem a cantora Marlene (rainha do rádio brasileiro) que acaba de quebrar uma garrafa de champanhe no transmissor

Publicado em 28/01/2014.

Endereço eletrônico:
< http://www.carosouvintes.org.br/radio-diario-da-manha-completa-59-anos> . Data de acesso: 03 fev. 2014.

ANEXO C –RÁDIO GUARAREMA

Guararema AM São José, 31 anos

Rádio Guararema Ltda – ZYJ 816 – 1.230 KHz – www.radioguararema.com.br

Parcial do estúdio. Divulgação

A segunda emissora AM de São José teve no esporte um dos seus grandes momentos. Pelos seus microfones desfilaram vozes experientes e famosas como as de Roberto Alves, Paulo Brito, Gastão Dubois, Vicente Luís, Miguel Livramento, Hélio Costa, Polidoro Júnior, Toni Nicolas, Ronaldo Pedrini, bem como os novatos, estudantes de jornalismo ainda, Ricardo Medeiros e Carlos Eduardo, o “Cacau Lino”, hoje comentarista do canal SportTV.

A documentação histórica da Rádio Guararema tem início com o contrato social da constituição da sociedade mercantil Rádio Guararema Ltda, em 1982. São seus fundadores o economista Oadi João Pereira, o advogado João Moura Neto, o funcionário público Constâncio Krummel Maciel, o comerciante Walmor Schmidt, o funcionário público Alberto José da Silva e o engenheiro civil Celso Vietro. O contrato foi registrado na Junta Comercial do Estado de Santa Catarina, em 21 de setembro de 1982.

Do ponto de vista operacional, a Rádio Guararema teve sua primeira licença para atuar com um quilowatt de potência, mas mesmo antes de iniciar as transmissões a licença havia sido ampliada para 10 quilowatts. A autorização para o aumento de potência foi publicado no Diário Oficial da União de 03 de fevereiro de 1984.

Os novos controladores da concessão tiveram de enfrentar sérios problemas técnicos quando tentaram colocar o sistema irradiante na mesma torre em que já operava a TV Cultura de Florianópolis, recentemente adquirida pelo Grupo Freitas. Em seu relatório, a pesquisadora Célia Regina Nocetti assinala que “Após inúmeros problemas técnicos somente em 23/02/1987 a emissora retornou às suas atividades e entrou no ar com apenas 1 KW de potência”.

Ainda em 1987, a Rádio Guararema recebe sua licença com direito ao prefixo ZYJ-861 – e passa a operar comercialmente transmitindo com a potência de 10.000 watts.

Vencida essa etapa, agora sob a direção de Ismael Fabião, a emissora entra decididamente na concorrência do rádio AM da região da Capital. Em abril de 1997 a concessão é transferida oficialmente da RCE para Cesar Antônio de Souza e Mauro César Basílio.

A rádio Guararema oferece uma programação popular e outros ingredientes que chamam a atenção do ouvinte. A grade de programação da emissora dá destaque à música sertaneja, tradicionalista, pagode e samba, além de dedicar espaço para música romântica e canções do passado.

O diferencial da Rádio Guararema é o espaço aberto para a população registrar os problemas da comunidade e reivindicar das autoridades sua solução. A participação de ouvintes é constante em todos os programas da Guararema.

As promoções e eventos realizados pela emissora também chamam a tenção dos ouvintes. Nos eventos e promoções a rádio possibilita, muitas vezes, encontros de fãs com os cantores de grande sucesso, distribui brindes e sorteia prêmios.

Propostas irreverentes também incrementam a Guararema, para isso, programas como “Show da Guararema” já saiu do estúdio e foi apresentado ao vivo diretamente de ruas e festas de municípios. A intenção é aproximar ainda mais o público da realidade de um programa que é acompanhado somente através do aparelho radiofônico.

Desde agosto de 2007, entre as atrações de maior sucesso estão “Bom Dia Guararema” com Hamilton Reginaldo; “Clube do Ouvinte”; “Show da Cidade”; “Super Parada Guararema”; “Recados do Coração” e Hora do Indignado, com apresentação de Jota Pacheco, um programa sem censura que dá ouvidos à comunidade. O programa “Show de Guararema”, de segunda a sexta-feira, das 11h às 12 horas, vai ao ar para toda a rede Guararema, integrando região do Vale do Itajaí, Brusque e Blumenau com toda a grande Forianópolis num só momento no qual os ouvintes têm o seu espaço para mandar aquele alô para quem está em outra cidade.

A Rádio Guararema tem importante atuação comunitária, além da participação constante dos ouvintes e de levar o estúdio para as ruas.

Em 2009 a Guararema lançou a campanha “Amigos em Ação”, com o objetivo de promover a cidadania e a inclusão social da população de Santa Catarina.

Atualmente a rede inclui a Guararema 107,7 FM, Vale do Itajaí e Litoral norte do Estado; e Guararema 103,5 FM, Blumenau.

[Memória da Radiodifusão Catarinense. Antunes Severo e Marco Aurélio Gomes (organizadores). Projeto ACAERT. Florianópolis: Editora Insular, 2009].

Por Antunes Severo

Radialista, jornalista e pesquisador é também Mestre em Administração e professor universitário para as áreas de marketing e comunicação mercadológica. Há 15 anos se dedica à pesquisa do rádio e da televisão em Santa Catarina e há 10 anos é o editor do site do Instituto Caros Ouvintes de Estudo e Pesquisa de Mídia.

Publicado em 21/09/2013.

Endereço eletrônico: <http://www.carosouvintes.org.br/guararema-am-sao-jose-31-anos>. Data de acesso: 10 dez. 2013.

ANEXO D – APAGÕES PELO MUNDO

Relembre os maiores blecautes das últimas décadas pelo mundo

Grandes apagões aconteceram em países como Estados Unidos, Itália e Indonésia

iG São Paulo | 11/11/2009 11:37

Nas últimas décadas, uma série de blecautes no Brasil e no mundo afetou milhões de pessoas. O maior deles, em 2005, aconteceu na Indonésia, afetando mais de 100 milhões de pessoas. Mas foi em 2003, nos Estados Unidos, que um apagão com duração de dois dias causou os maiores transtornos à população.

Foto: Getty Images
Imagem da linha do horizonte de Nova York durante o blecaute de 2003

Em 14 de agosto de 2003, a região nordeste dos Estados Unidos e a região leste do Canadá entraram em colapso após um apagão que atingiu cerca de 55 milhões de pessoas.

O blecaute de 2003 afetou uma das regiões mais densamente

povoadas dos EUA e causou transtornos no trânsito, nos sistemas de comunicação, nos aeroportos e hospitais.

Segundo reportagem do "The New York Times", o apagão de 2003 nos EUA deixou prejuízos de até US$ 6 bilhões.

Em fevereiro de 2004, uma força-tarefa dos EUA e do Canadá concluiu que o apagão histórico de 2003 foi causado por uma falha em linhas de transmissão em uma área rural do Estado de Ohio, o que gerou sobrecarga do sistema e paralisou a geração de energia em mais de cem usinas.

Indonésia às escuras

O blecaute de 2005 na Indonésia, em 18 de agosto, atingiu as ilhas de Java e Bali e durou cerca de sete horas. Cerca de 100 milhões de pessoas foram afetadas pela falta de energia.

O apagão causou engarrafamentos em Jacarta, forçou o cancelamento de vários vôos internacionais e domésticos, comprometeu o serviço de transporte público e interrompeu as operações do hospital.

Segundo investigação das autoridades, a falta de manutenção e a falta de investimentos por parte da empresa estatal de energia resultaram na sobrecarga das linhas de transmissão da Indonésia.

Blecaute na Itália

Também em 2003, em 28 de setembro, um apagão atingiu praticamente toda a Itália e algumas regiões da Suíça. Cerca de 60 milhões de pessoas foram afetadas durante as nove horas em que a energia elétrica estava em colapso.

Foto: Getty Images
Americanos deixam a ilha de Manhattan a pé em direção aos subúrbios de Nova York durante blecaute de 2003

O blecaute italiano foi causado por uma forte tempestade que atingiu a linha de transmissão que enviava energia elétrica da Suíça para a Itália. A falha sobrecarregou o sitema de geração de energia e causou um efeito cascata, derrubando o fornecimento em todas as áreas do país.

Crise energética na Califórnia

Entre 2000 e 2001, o Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, sofreu com uma série de pequenos blecautes causados pela crise no sistema de energia da região.

Em 14 de junho de 2000, o primeiro de uma série de blecautes

acontece na região de São Francisco durante uma onda de calor e afeta cerca de 100 mil pessoas. Com a chegada do inverno e o aumento no consumo de energia para aquecimento de imóveis, uma série de pequenos blecautes acontece em diversas regiões do Estado, afetando milhares de pessoas, no dia 17 de janeiro.

O maior blecaute da Califórnia durante a crise energética aconteceu em 19 de março de 2001, quando o apagão afetou mais de 1,5 milhão de pessoas no Estado.

Segundo estudo do governo após a crise, o rápido crescimento da população californiana na década de 90%, a manutenção artificial dos preços de energia em patamares baixos e a falta de regulação das empresas geradoras de energia causaram a sobrecarga do sistema.

Primeiro grande apagão brasileiro

O primeiro grande blecaute no Brasil aconteceu em 11 de março de 1999. Durante quase quatro horas, 70% do território brasileiro ficou sem energia elétrica.

O blecaute, que ficou conhecido como "apagão" e marcou os últimos anos do governo FHC, teve início às 22h16 na subestação de Bauru, interior de São Paulo. A falta de energia elétrica afetou dez Estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Assim como o apagão desta terça-feira, o blecaute de 1999 também afetou partes do Paraguai.

"Noite do Terror" de 1977

Um blecaute na cidade de Nova York em 1977 é lembrado ainda hoje como uma das noites mais violentas da cidade. A "noite do terror", como definiu a revista "Time", começou com um apagão em diversas áreas de Nova York às 20h37, após a queda de um raio em uma subestação no Rio Hudson.

Foto: AP Images
Centenas de lojas foram saqueadas no apagão de 1977 em Nova York

Com a cidade enfrentando problemas financeiros, uma onda de vandalismo e violência tomou conta das ruas de Nova York, especialmente nos bairros predominantemente latinos e afro-americanos.

Cerca de 75 lojas foram saqueadas na região de Crown Heights e 25 estabelecimentos foram incendiados em Bushwick. Uma concessionária da Buick no Bronx foi invadida e os ladrões levaram 50 carros 0 km.

O balanço final da "noite do terror" de Nova York apontou para 1.616 lojas danificadas, 1.037 focos de incêndio, 3.776 pessoas presas e 550 policiais feridos. Os danos estimados, segundo um estudo da prefeitura nova-iorquina, chegou a US$ 300 milhões.

O primeiro grande apagão

Um dos primeiros grandes blecautes que afetou a vida das grandes cidades aconteceu na região nordeste dos EUA em novembro de 1965, mesmo local do apagão de 2003.

À época, cerca de 25 milhões de pessoas foram afetadas nos Estados de Connecticut, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island, Vermont, Nova York e Nova Jersey, além de Ontário, no Canadá.

Segundo a investigação da época, o blecaute foi causado por um pico de consumo de energia que sobrecarregou as linhas de transmissão. O inverno no mês de novembro na região afetada era muito forte e a energia usada para aquecimento de casas e escritórios causou um colapso no sistema.

O apagão de 1965 nos EUA derrubou a transmissão de emissoras de rádio e TV sediadas em Nova York e interrompeu o serviço de trens na região.

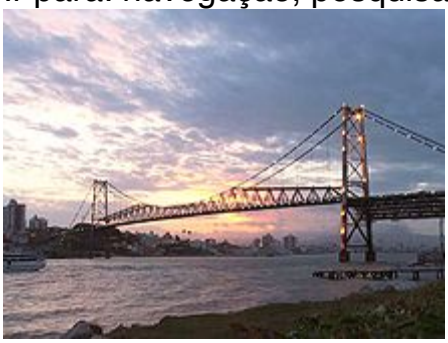
Endereço eletrônico: <http://ultimosegundo.ig.com.br/apagao/relembre+os+maiores+blecautes+das+ultimas+decadas+pelo+mundo/n1237786435371.html>. Data de acesso: 12 fev. 2014.

ANEXO E – APAGÃO EM FLORIANÓPOLIS

Blecaute na Ilha de Santa Catarina em 2003

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ir para: navegação, pesquisa



A maior parte de Florianópolis ficou sem luz por quase três dias em 2003.

Um blecaute (português brasileiro) ou apagão (português europeu) atingiu a parte insular de Florianópolis por cerca de 55 horas no final de outubro de 2003[1] , após um acidente nos cabos de transmissão de energia que passam dentro de uma das pontes de ligação com o continente. Por quase três dias, a Ilha ficou às escuras, causando diversos transtornos a população.

O acidente

No dia 29 de outubro de 2003, uma equipe da Celesc estava fazendo um reparo de rotina nos cabos condutores de média tensão da Ponte Colombo Salles, umas das três pontes de Florianópolis, quando uma explosão ocorreu num botijão de gás que ajudava na iluminação da galeria, as 13h16. A explosão atingiu cerca de 80 metros da laje superior da ponte, incluindo os cabos de alta tensão que faziam a transmissão de energia da ilha: que só passava por ali. Dois dos funcionários que faziam o reparo se jogaram no mar e outros três conseguiram escapar às pressas. Todos sobreviveram. Essa explosão acabou danificando até mesmo o asfalto da ponte. Algumas horas depois, por precaução, duas faixas das quatro foram fechadas. [2]

Primeiro dia

O que era uma tarde comum de quarta em pouco tempo se tornou um

caos: sem ter como fazer suas atividades ou para evitar os transtornos, serviços públicos como as escolas e o comércio foram sendo fechados e desativados. A água também começou a faltar devido as bombas movidas por eletricidade, enquanto que hospitais continuaram funcionando com geradores.3 A comunicação entre os ilhéus ficou restrita: além da falta de luz, algumas operadoras de telefonia também tiveram problemas com os cabos da ponte. Com os semáforos desligados, acidentes de trânsito começaram a acontecer, e os congestionamentos tomaram conta da cidade, resultando com a Polícia Militar sendo chamada para ajudar em alguns cruzamentos. No túnel Antonieta de Barros, no Saco dos Limões, algumas pessoas passaram mal porque sem energia o sistema de circulação de ar não deu conta da vazão do gás carbônico dos automóveis. Ele acabou sendo interditado.2 Com duas faixas da Ponte Colombo Salles fechadas, duas faixas da Ponte Pedro Ivo Campos foram liberadas no sentido inverso, para a saída da ilha. A noite, a imagem mais famosa do apagão surgiu pela primeira vez: a Ponte Hercílio Luz, cartão-postal da cidade, iluminada pela metade [1]. O efeito aconteceu por que parte da ponte era abastecida pelo Estreito, que ainda tinha luz, e parte pela Ilha.

A operação de emergência

No final da tarde do dia 29, a Celesc iniciou uma operação para colocar cabos provisórios aéreos entre os guard-rails da Ponte Colombo Salles. Eles seriam pendurados a partir da subestação de Coqueiros, no continente, até a ilha para restabelecer a energia. Perto das 23 horas ficou claro que essa seria a solução de curto prazo e os reparos na ponte não seriam feitos em pouco tempo. Técnicos da Eletrosul, na ponte, e Celesc, em terra, além de pessoal da Copel, trabalharam nos reparos desde então, que também envolviam levar a energia a mais duas subestações, no Centro e na Trindade.4

Segundo dia

A Prefeitura de Florianópolis, o governo de Santa Catarina e a Assembleia Legislativa decretaram ponto facultativo para o dia 30. O objetivo era evitar as filas que assolaram a cidade no dia anterior. A prefeitura declarou estado de emergência para evitar a burocracia e acelerar o trabalho da operação de emergência. O Exército e a Marinha ficaram de prontidão, com a última cuidando para que barcos não passassem pelas pontes e batessem nos cabos provisórios. A Ponte Colombo Salles foi completamente fechada a meia-noite, e as 10h03 da

manhã o incêndio resultante da explosão na galeria da Ponte Colombo Salles, onde passam os cabos de média e alta tensão, foi finalmente controlado. No fim da tarde o cabeamento emergêncial na ponte foi concluído. Ao contrário do que se achava, a criminalidade diminuiu nesse dia, porém a falta de água passou a afetar cada vez mais bairros.4

Terceiro dia

Às 11h07 da manhã do dia 31, o sistema emergêncial passou a funcionar após 45 horas e 47 minutos sem luz na Ilha de Santa Catarina. O Centro foi a primeira região a receber energia, sendo que os bairros mais distantes só tiveram luz de novo no fim da tarde. A água, porém, ainda demorou algumas horas para ter seu atendimento normalizado. 5

Quarto dia: Novo apagão

Às 19h10 do dia 01, um novo apagão atingiu a ilha. Desta vez, a culpa parece ter sido do vento forte, que passou dos 100 km/h e pode ter danificado os cabos. Na contagem, o tempo total da ilha sem luz foi de quase 55 horas.6

Prejuízos e consequências

Durante o blecaute, Florianópolis estava recebendo dois importantes eventos: A feira de comunicações Futurecom e a etapa brasileira do Circuito Mundial de Surf (WCT). O festival de música que acompanharia as competições acabou sendo adiado7 , enquanto que o Futerecom continuou com geradores. Entretanto, os hotéis estavam preparados para receber um grande público, e tiveram prejuízo com alimentos e bebidas estocadas. O comércio da capital calculou em cerca de R$ 30 milhões o prejuízo causado pelos dias sem luz e movimento. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) abriu uma investigação que acabou por multar a Celesc em R$ 7,9 milhões pelo descaso na manutenção que ocasionou o incidente. Uma ação dos ministérios públicos Estadual e Federal também multou a Celesc, que teve que pagar R$ 10 milhões, que foram revertidos em obras e serviços. 1 8

Prevenção

Para evitar um novo blecaute, uma série de obras orçada em R$ 178 milhões foi realizada. Foram construídas duas subestações, em Biguaçu e Florianópolis, e duas linhas de transmissão, entre Biguaçu e Palhoça, e entre Palhoça e Florianópolis, incluindo mais de 4 km quilômetros de cabos subaquaticos na Baía Sul, que, junto com os cabos consertados da ponte, devem atender a demanda pelos próximos anos. Quando a obra foi terminada, os cabos de emergência do apagão foram desligados e desativados.9

Referências

↑ ***Ir para: a b*** Há seis anos, Florianópolis teve seu próprio apagão — *Diário Catarinense, 11/11/2009. Página visitada em 08/08/2012.*.

↑ ***Ir para: a b*** Cabos se rompem, provocam blecaute e caos na Capital — *A Notícia, 30/10/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ Blecaute deixa 300 mil sem luz em Florianópolis — *Terra Notícias, 29/10/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

↑ ***Ir para: a b*** Moradores da Capital ainda sentem os transtornos provocados pela falta de energia — *A Notícia, 31/10/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ Capital começa a retomar a vida normal — *A Notícia, 01/11/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ Novo apagão atinge Florianópolis — *Folha de São Paulo, Cotidiano, 01/11/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ WCT do Brasil sofre adiamento — *Em Sergipe, Esportes, 02/11/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ Aneel e Ministério Público iniciam investigações — *A Notícia, 02/11/2003. Página visitada em 08/08/2012.*.

Ir para cima ↑ Lula inaugura subestação que livra Florianópolis de um novo apagão — *ABC Notícias. Página visitada em 08/08/2012.*.

Endereço eletrônico:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blecaute_na_Ilha_de_Santa_Catarina_em_2003>.
Data de acesso: 12 fev. 2014.